

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

INÊS SKREPETZ

***A RESISTÊNCIA*** DE ERNESTO SABATO

CURITIBA – PR

2011

INÊS SKREPETZ

***A RESISTÊNCIA*** DE ERNESTO SABATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos literários – UFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Professor Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado

CURITIBA – PR

MARÇO/2011

Ao Senhor K.



## PARECER

Defesa de dissertação da mestranda INÊS SKREPETZ para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados RODRIGO VASCONCELOS MACHADO, RITA DE CÁSSIA MIRANDA DIOGO e PAULO CÉSAR VENTURELLI arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“A RESISTÊNCIA DE ERNESTO SABATO”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
RODRIGO VASCONCELOS MACHADO		Aprovada
RITA DE CÁSSIA MIRANDA DIOGO		Aprovada
PAULO CÉSAR VENTURELLI		Aprovada

Curitiba, 16 de março de 2011

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran  
Coordenadora



## AGRADECIMENTOS

Ao meu grande companheiro, André da Silva Bueno, sempre muito compreensivo, atencioso, incentivando-me carinhosamente durante esse percurso dos meus estudos.

Aos meus pais, que com sua sabedoria, sempre me apoiaram.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado, por suas orientações e pelas contribuições de leituras.

Aos professores Dr. Paulo Venturelli, Dra. Marilene Weinhardt e Dra. Rita Diogo, pelas contribuições ao meu trabalho e por terem aceitado fazer parte da banca.

À Elvira Gonzáles Fraga, esposa de Ernesto Sabato e presidenta da *Fundación Ernesto Sabato*, que gentilmente me recebeu na *Fundação*, em Buenos Aires, concedendo a entrevista que contribuiu com as minhas reflexões.

À Janer Cristaldo, tradutor e pesquisador de Ernesto Sabato no Brasil, pela entrevista concedida.

Aos meus amigos e colegas da pós-graduação que me levaram a refletir muitas questões suscitadas dentro e fora da sala de aula.

*A batalha espiritual é mais violenta do que a  
batalha entre os homens.*

Arthur Rimbaud

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar a proposta de resistência e as estratégias que se configuram na obra *A Resistência* de Ernesto Sabato, questão essa que se encontra de maneira latente em outras obras que a precederam, sobretudo, nas ficcionais. Desse modo, podemos afirmar que a resistência sugerida pelo autor se encontra ficcionalizada em seus romances, com ênfase em *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadon o exterminador* (1974). Essa análise nos permite refletir a questão do intelectual na contemporaneidade, tendo em foco o autor argentino e seu posicionamento diante de poderes e sistemas desumanizadores.

**Palavras-chave:** Ernesto Sabato; Intelectual; Resistência.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to analyze the proposal and the strategies of resistance that emerge in the work of Ernesto Sabato's *La Resistencia*, an issue that is so latent in other works that preceded it, especially in fiction. Thus, we can say that resistance is suggested by the author in his fictionalized novels, with emphasis in *Sobre Héroes y Tumbas* (1961) and *Abaddón, el exterminador* (1974). This analysis allows us to reflect the issue of the intellectual in contemporary, focusing on the Argentine author and their attitudes towards power and dehumanizing systems.

**KEYWORDS:** Ernesto Sabato; Intellectual; Resistance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
Por que Sabato? .....	13
A trajetória intelectual e artística de Sabato.....	15
Por que a obra <i>A Resistência</i> ?.....	24
Distribuição dos capítulos.....	28
<b>1. CAMINHOS DE REFLEXÃO</b> .....	30
1.1 Reflexões em torno do escritor-intelectual na contemporaneidade..	34
1.1.2 Intelectual e Humanismo: Aproximações entre Sabato e Said.....	41
1.1.3 A arte na liquidez contemporânea.....	47
1.2 A posição de Sabato frente à CONADEP.....	57
1.2.1 A posição de Sabato no século XXI.....	67
1.3 A questão da resistência.....	74
1.3.1 Relação entre ensaio e ficção.....	77
1.4 Pensamentos e reflexões que confluem para a questão da resistência.....	82
1.4.1 Conversão mútua entre ética e estética.....	89
1.5 Ideologia sabatiana.....	98
<b>2. ANÁLISE DA OBRA A RESISTÊNCIA</b> .....	104
2.1 Primeira carta: <i>O pequeno e o grande</i> .....	110
2.2 Segunda carta: <i>Os antigos valores</i> .....	125
2.3 Terceira carta: <i>Entre o bem e o mal</i> .....	137
2.4 Quarta carta: <i>Os valores comunitários</i> .....	150
2.5 Quinta carta: <i>A resistência</i> .....	165
2.6 Epílogo: <i>A decisão e a morte</i> .....	187
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	192
<b>ANEXOS</b> .....	198
Entrevista realizada com Elvira Gonzáles Fraga.....	199
Fragmento da entrevista realizada com Janer Cristaldo.....	208
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	213

## INTRODUÇÃO

*Se apesar do medo que nos paralisa recuperássemos a fé no homem, tenho certeza de que poderíamos vencer o medo que nos paralisa como a covardes.*

(Ernesto Sabato<sup>1</sup> **A Resistência**, 2008, p. 88).

O início do novo milênio foi um momento em que o papel da intelectualidade começou a ser novamente questionado, ora por seus silêncios, ora por seus compromissos com o poder, ou mesmo por um processo de inação (questão esta devidamente discutida no seminário o *Silêncio dos Intelectuais*, organizado por NOVAES, 2006). Frente a essas discussões, podemos dizer que Ernesto Sabato (nascido em 1911), posicionou-se ativamente no sentido de continuar discutindo a política, as ideologias e a sociedade contemporâneas como vinha fazendo, em sintonia com sua análise preocupada no que se refere à concepção do ser e do mundo em crise, desde a sua primeira obra *Uno y el Universo* (1945). Nesse contexto polêmico é que Sabato envia para seus leitores e ao mundo cinco cartas que portam o título de sua mensagem: *A Resistência* (2000)<sup>2</sup>. Uma obra que abarca o conhecimento de um escritor de extensa trajetória intelectual e artística e que escolhemos como o *corpus* principal de nossa análise e reflexão.

Em uma de suas obras anteriores, *O escritor e seus fantasmas* (1963), Sabato já havia atentado que, tanto para o bem quanto para o mal “o verdadeiro escritor escreve sobre a realidade que sofreu e de que se alimentou.” (SABATO, 1985, p. 57). Nesse sentido, *A Resistência*<sup>3</sup>, obra traduzida no Brasil somente em 2008, rompe fronteiras, questionando a nossa época e também a realidade cotidiana, justamente pelo crivo crítico em relação ao sistema globalizado, mercadológico e de pensamento uniformizado em que, muitas vezes, vivemos hoje.

---

<sup>1</sup> Conforme Sauter (2005, p. 8), como preferência do próprio autor, manteremos o seu nome sem acentuação ortográfica: SABATO.

<sup>2</sup> Para essa análise e reflexão estamos utilizando a obra *A Resistência* traduzida em 2008, no Brasil, em cotejo com a obra original *La Resistencia*, publicada em 2000, na Argentina.

<sup>3</sup> Obra traduzida, no Brasil, por Sérgio Molina. Companhia das Letras, *primeira reimpressão*.

Enquanto um intelectual comprometido, ele denuncia a falta de humanização nas relações e interações humanas, e que caracteriza o sentimento de abandono e desamparo que assola a humanidade. Chama-nos a atenção para os problemas causados pela degradação do meio ambiente, as contradições no sistema educacional, a mercantilização da arte, entre outros temas. Esse é o pensamento inquieto de Ernesto Sabato, envolvido e desencantado no decorrer de sua carreira com a Ciência, bem como com tantos “ismos”: comunismo/marxismo, surrealismo, humanismo - fazendo sobre este último uma reflexão crítica na obra *A Resistência*. Atitude esta que não o leva a arrefecer sua crença e esperança na capacidade e poder humano de transformar a si, bem como a sua realidade: “Por este motivo sou atacado dos dois lados, não apenas pela direita, mas também por estes intelectuais que clamam contra os crimes da ditadura reacionária, mas que se calam conseqüentemente diante dos crimes do totalitarismo comunista.” (SABATO, 04/10/1981).<sup>4</sup>

Vivenciando sua maturidade e um pouco mais sereno, o autor não perdeu a agudez de espírito, transformando-se em um escritor e intelectual que não apenas reproduz acontecimentos, mas que os critica, reinventa e aponta caminhos para que a resistência, diante dos poderes desumanizadores, possa ser realmente concretizada. Essa resistência permite que sua voz, por meio das cartas, que partem das reflexões retiradas de seus romances, não se determine apenas em expor a crueldade que violenta a condição humana cotidianamente, tampouco se refere a uma descrença absurda e um niilismo obscuro. De maneira inversa, poeticamente, inicia sua obra, na primeira carta, com uma confiança de quem acredita na humanização do “ser” e da vida. Volta-se, assim, ao espaço da arte, juntamente com o resgate dos valores humanos e espirituais, como um meio de resistir às banalizações.

Essa resistência humana, sem atos violentos, faz com que o autor insista no compromisso crítico e humanizado para que a vida não se torne prisioneira das estruturas alienantes dos vários sistemas e poderes. A atitude de resistência possibilita que ele não caia na metafórica armadilha kafkiana do personagem Gregor Samsa, em *A metamorfose*: “Ao acordar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa deu

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao *Estado de S. Paulo*, 04 de outubro de 1981.

por si mesmo como transformado num gigantesco inseto.” (1992, p. 9). Mesmo transformado, metamorfoseado num inseto, o personagem conserva a capacidade de se emocionar e sofrer, porém, não consegue resistir às pressões de seu meio e em um dia qualquer “apenas morre” – sendo, como um inseto morto, simplesmente “jogado fora”.

O fragmento utilizado da obra de Kafka, *a priori*, nos leva a pensar que as pessoas com sensibilidade mais aguçada para detectar e sentir as contradições, e repugnâncias, dos poderes estabelecidos e alienantes não possuem um espaço na sociedade. Assim sendo, a maneira mais fácil de se “livrar” delas é subtrair toda e qualquer relação humana, como aconteceu com Samsa – seu isolamento não foi opcional; na realidade, ele se viu obrigado a esconder-se dos outros por causa de sua condição e estado repulsivos. Gradativamente, a rejeição e sua anulação como ser produtivo apresentam-se como formas de aniquilação do indivíduo, em um sistema que, muitas vezes, não reconhece e nem aceita a diferença.

O trecho de *A Metamorfose* nos incita à reflexão, ainda mais quando identificamos que Sabato, ao iniciar sua primeira carta, escreve como se acabasse de acordar de “sonhos inquietantes” e, ao dar-se por si, vê-se transformado em alguém que ainda acredita numa vida mais humana e que não se deixa aniquilar pelo meio: “Há certos dias em que acordo com uma esperança demencial, momentos em que sinto que as possibilidades de uma vida mais humana estão ao alcance de nossas mãos. Hoje é um desses dias.” (2008, p. 13). Portanto, a diferença entre Sabato e o personagem de Kafka está no ato de resistir. Mas como?

Frente a esse questionamento, podemos dizer que na obra em foco se inscreve e se apresenta uma proposta de resistência frente às banalizações dos valores que constituem o ser e a vida, e que são geradas e advindas de várias esferas como: a mídia, os poderes estabelecidos, as ideologias dominantes e a própria cultura. Essas esferas que, muitas vezes, colaboram e/ou provocam a desumanização. Assim, o objetivo central desta dissertação é analisar, por meio de uma reflexão teórica e crítica, como se dá a *Proposta de Resistência* na obra de “virada de milênio” do autor. Ela possui seu germe no livro *Antes del fin* (1998) e também se encontra, de uma forma latente, em suas obras anteriores, sobretudo ficcionais. Assim, partindo dos pressupostos discutidos pelos autores, nas obras

escolhidas, construiremos nossa base reflexiva para que possamos compreender, analisar e refletir melhor a questão da resistência, na obra em foco, bem como ela se encontra ficcionalizada em seus romances.

A resistência, pensada pelo autor, é cotidiana, diária, transpassada pela consciência crítica e humana. A não-conformação, diante dos sistemas e poderes desumanizadores, a que Sabato sempre recorre em suas obras, permite-nos aprofundar um pouco mais essa questão, instigando o que entendemos por: O que é ser crítico? Como sê-lo? Tal condição nos leva a investigar que concepção podemos construir acerca do *intelectual*, enquanto um agente crítico da sociedade e da cultura. Qual o seu papel? Qual a sua função perante o poder estabelecido? Ou, nas palavras de Edward Said, quais são as *representações* do intelectual? A questão é atual, polêmica e envolve um amplo debate acadêmico, o que exige certas reflexões mais pontuais, que serão aprofundadas no decorrer do nosso trabalho.

Nas palavras de Paulo Freire, em sua obra *Medo e ousadia*, pensar o mundo é julgá-lo, é expressar juízos. Não é apenas se dar conta do que está acontecendo, mas também se posicionar nele e perante ele com criticidade, porque: “[...] o ser humano é um projeto aberto, é um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, com seu permanente movimento *de ser mais*.” (1987, p. 72). Nessa perspectiva, perceberemos melhor, no decorrer desta dissertação, que a resistência não se restringe apenas à consciência crítica e ativa dos escritores-intelectuais. Ela pode ser incorporada ao cotidiano, à vida em sociedade de cada ser humano, enquanto projeto aberto, disposto a contínuas transformações de si e de sua realidade, no intuito do permanente movimento de recriação da própria existência. Desse modo, não se trata de separar o individual do coletivo, porém de evidenciar que toda e qualquer ação consciente possui uma responsabilidade social e que ambas se encontram intimamente interligadas. Conforme Said (2003), o entendimento humano só poderá ser realizado numa escala coletiva a partir da ocorrência no individual. Essa reflexão nos possibilitará compreender melhor a postura de Sabato, enquanto escritor, artista e intelectual contemporâneo que, com seu comprometimento, se preocupa em como resistir a uma realidade tantas vezes forjada por ações desumanizadoras, sugerindo, ao mesmo tempo, estratégias para que a resistência possa ser concretizada.

Dentro desse enfoque, sendo ativo e crítico, o autor parte de que uma das atitudes fundamentais para resistir é não se conformar com a opressão exercida pelas culturas dominantes. Ele também critica as massificações do pensamento, escapando de filiações político-partidárias, e a alienação midiática, que atrofia o ser humano e o impede de existir plenamente, *práxis* essa que não o deixa se metamorfosear pelas miragens alienantes provindas de alguns meios de comunicação, da cultura massificada, entre outras problemáticas, que afetam a consciência crítica e as relações humanas.

Cabe esclarecer que a obra *A Resistência*, escrita no gênero epistolar, abarca uma confluência de textos, mantendo relações intertextuais, diálogo com outros conjuntos textuais, e intratextuais, de maneira mais evidente, com o próprio conjunto textual do autor, sobretudo, com suas ficções. Desse modo, além de apresentar fragmentos praticamente na íntegra, ela condensa temas já tratados por Sabato em suas obras anteriores<sup>5</sup>, tanto no plano ficcional<sup>6</sup>, quanto ensaístico<sup>7</sup>. Entre eles: a condição humana, bem como a integração e reintegração do ser e da vida; a concepção do ser e do mundo em crise; a questão do Mal; os perigos do racionalismo exacerbado que constitui o pensamento ocidental. Esses são apenas alguns exemplos de temas e questões abordados pelo autor em seus diversos escritos, como enfatiza Angela Dellepiane: “No hay duda de que la obra de Sabato es la de un pensador, en permanente interrogación de sí mismo y de la realidad.” (2005, p. 109). Assim, após a apresentação dos caminhos de reflexão, iremos

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Sauter: No es necesario examinar toda la vida contradictoria y problemática de Sabato, “entre la luz y las tinieblas” (“Confesiones” 93) para analizar su creación que habla por sí misma; sin embargo, la incidencia entre vida y obra es característica del artista visionario, quien como Sabato la discierne en su ensayística y la vuelca en su ficción. (SAUTER, 2005, p. 09).

<sup>6</sup> Para Dellepiane: Sabato empieza por expresar sus ideas en *Uno y el Universo* (1945) pero siente que esa exposición no es suficiente. Y entonces, como Sartre y Camus, comienza a encarnar ficcionalmente esas ideas que lo acucian de modo incesante y dolorosísimo. Miradas desde esta perspectiva de la década de 1990, esas ficciones revisten un carácter ‘visionario’ el cual hay que relacionar con la biografía de este autor y pensar que él vio el peligro “from the belly of the beast”, ‘desde el vientre de la bestia’, desde el mundo mismo de la ciencia y de la tecnología. (DELLEPIANE, 2005, p. 109).

<sup>7</sup> Na análise de Franco: Pero sin la lectura de sus ensayos- *Hombres y engranajes, Heterodoxia, Uno y el Universo, El otro rostro del peronismo y Escritor y sus fantasmas*- no se terminaría de comprender la personalidad histórica de este hombre cuyas preocupaciones éticas y civiles le llevarán a presidir la comisión investigadora del destino de los desaparecidos en la guerra sucia que asoló la Argentina de la última década, cuyos hallazgos se reunieron en el libro *Nunca más*. (FRANCO, 2006, p. 357).

analisar minuciosamente cada carta que compõe a obra *A Resistência*, que, como já mencionamos, é composta por cinco cartas e um epílogo, ou seja, uma recapitulação das reflexões do autor, dando o desfecho da obra.

### Por que Sabato?

*É você se olhar no espelho e se sentir um grandessíssimo idiota, saber que é humano, ridículo, limitado, que só usa 10% de sua cabeça animal E ainda acredita que é um doutor, padre ou policial que está contribuindo com sua parte para o nosso belo quadro social.*

(Raul Seixas, *Ouro de Tolo*, 2010).

Vivemos em uma contemporaneidade tão orgulhosa de sua “liberdade de pensamento”, mas que, contraditoriamente, dissemina o famoso clichê: “religião, política e ideologias não se discutem”, isto é, cada um possui a sua opinião e esse pensamento basta. Diante desse panorama, a nossa reflexão é instigada se essa postura “reservada” em discutir certas questões é realmente fruto de uma consciência crítica ou apenas vítima de um discurso conformista que transforma a consciência em um mero receptáculo, com uma formatação constituída por um pensamento único, pré-moldado, que se encaixa de maneira certa e cômoda na mente de cada pessoa, para melhor ser manipulada. Esta manipulação não aparece apenas no poder dominante, no sentido político-partidário, mas surge de várias esferas sutis como a mídia, a educação, a cultura, entre outras. Nesse contexto, conforme Bauman (2001), vivemos a *modernidade líquida*, em que se prega intensamente ser um período pós-político, pós-ideológico, cujos conflitos e problemas (desta realidade) são tratados apenas como culturais. Atualmente, não apenas se cria o “produto e o desejo de consumo”, como pensava Adorno, mas também os problemas são ficcionalizados juntamente com as suas soluções. São estratégias para mascarar os verdadeiros problemas para que não se tenha que pensá-los, isto é, preocupar-se, incomodar-se com buscas de alternativas para que as soluções possam ser realmente concretizadas.

Os jogos de interesses e poderes se tornam, muitas vezes, o lado *lúdico*<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Conforme Johann Huizinga (*homo ludens*) o “lúdico” com o passar do tempo foi sofrendo transformações culturais. Atualmente, se encontra, muitas vezes, próximo ao sentido de mera

dessa sociedade, distanciando cada vez mais o ser humano das questões, como nas palavras de Sabato (2008), a própria condição humana é tratada como pertencente a outro *corpus*, menos o social. Neste sentido, se olharmos a contemporaneidade somente pela ótica de como ela se apresenta, sem vislumbrarmos outros e novos horizontes, com certeza cairemos numa inércia, restando-nos apenas divagar submersos nessa morbidez.

A partir dessa reflexão sobre a realidade é que evidenciamos os motivos de termos eleito um autor tão polêmico, contraditório e complexo como o autor Ernesto Sabato. Um homem que viveu intensamente seu século e vivencia a contemporaneidade, transformando a sua experiência existencial em matéria-prima para toda a sua obra, tanto para os seus romances, quanto para os seus ensaios. Se, nessa contemporaneidade, percebemos, muitas vezes, o retraimento e o comodismo em discutir muitos pensamentos, que ao longo dos séculos foram constituindo as várias crenças, ideologias, temos, por assim dizer, em Ernesto Sabato, uma espécie de *franco-atirador*, como ele próprio se denomina. Um escritor envolvido e desencantado com o seu tempo, por isso multifacetado, porém, lido, às vezes, apenas pelo estereótipo de contraditório. Mas, justamente, são essas várias faces de Sabato que o tornam instigante, pois percebemos nele um escritor-artista-intelectual que busca em seu caos interior desvendar o caos externo e *vice-versa*; numa contínua tensão com o mundo e consigo mesmo, ele transforma as suas várias facetas numa única face: a face resistente.

### **A trajetória intelectual e artística de Sabato**

Para pensar a literatura argentina a partir do século XX em seus diversos contextos históricos, sociais e culturais, bem como essas formações simbólicas são concebidas e manifestadas em um meio literário tão complexo, exige-se uma análise mais minuciosa. Nesse sentido, buscaremos apresentar aqui, de forma breve, a

---

*competitividade*, perdendo parte do seu caráter de interação social: [...] Regra Geral: o elemento lúdico vai gradualmente passando para o segundo plano, sendo sua maior parte absorvida pela esfera do sagrado. O restante cristaliza-se sob a forma de saber: folclore, poesia, filosofia, e as diversas formas da vida jurídica e política. Fica assim, completamente oculto por trás dos fenômenos culturais, o elemento lúdico original. (HUIZINGA, 2003, p. 54).

trajetória intelectual-artística de Ernesto Sabato e algumas circunstâncias culturais que perpassam os diversos contextos histórico-sociais vividos por ele – já que estamos falando de um autor ainda vivo, com quase um século de existência<sup>9</sup>. Assim, este breve percurso, nos possibilitará analisar mais cuidadosamente, e com maior segurança, o contexto histórico-social e cultural em que a obra em foco, *A Resistência*<sup>10</sup> (2000) foi escrita.

Se pensarmos na matéria prima do artista-escritor, a própria linguagem, que, segundo Bakhtin (2000), é constituída em uma realidade e é capaz de constituir outras. Nesse pensamento, percebemos que o escritor é criador de vários mundos e realidades, enquanto intelectual inquieto e artista inconformado diante do “suposto real”, não se definindo enquanto um objeto passivo, mas, sendo um ser dialético, nas palavras de Sabato, longe de espelhá-los: “[...] resiste a eles e os contradiz.” (1982, p. 38). Podemos considerar, então, que as obras de Ernesto Sabato se localizam nessa contínua tensão crítica entre ele e o mundo e consigo mesmo, sendo vividas esteticamente, também, por seus personagens.

As reflexões do autor partem de sua preocupação com a concepção do ser e do mundo em crise, que serão constantes no decorrer de suas obras posteriores, desdobrando-se também para outras instigações, angústias e buscas do autor, as quais oscilam entre os planos ético e estético. Assim, acreditamos que, mesmo brevemente, seja interessante percorrermos rapidamente a trajetória intelectual e literária de Sabato no século XX, para então procurarmos entender melhor o contexto histórico-social e cultural da “virada do século”. Esse momento que, nas palavras de Bauman (2001), caracteriza a “modernidade líquida”, uma circunstância do tempo em que tudo se dissolve e o ser humano busca a sua “liberdade leve”, perdendo aos poucos a consciência de responsabilidade, justamente um dos temas que Sabato tratará em sua obra *A Resistência* (2008). São

---

<sup>9</sup> Sabato nasceu em 24/06/1911 na cidade de Rojas, Província de Buenos Aires. Atualmente reside em Santos Lugares/ Argentina. No mês de junho de 2010, completou 99 anos. Isso nos permite constatar, juntamente com suas obras, que sua vida acompanhou grande parte dos acontecimentos sociais, políticos e culturais importantes da Argentina, bem como de certa parte da humanidade ao longo do século XX e início do XXI.

<sup>10</sup> Conforme Elvira Gonzáles Fraga, esposa de Sabato, esta foi a penúltima obra produzida pelo autor, a última foi *España en los diarios de mi vejez* (2004). Considerado um dos maiores escritores ainda vivos, na atualidade, não pode mais escrever ou pintar (suas paixões preferidas), em função de um processo adiantado de perda de visão. (Entrevista concedida à autora desta dissertação).

dois intelectuais inquietos pensando a mesma contemporaneidade. Ambos permanecem em um rico e profundo plano de pensar essa realidade que Bauman considera como uma mistura de “real e fantasia”, transformando a reflexão crítica e a inconformação diante dela, em uma espécie de antídoto para combater as toxinas e os venenos dessa liquidez. Assim, sem restringir-se ao contexto argentino, Sabato sugere algumas alternativas e atitudes de *resistência* crítica e humanizada, em um momento histórico, social e cultural em que, parafraseando Milan Kundera (1983), a leveza do ser torna-se insustentável. Conforme Hobsbawm (2002, p. 537), em sua obra *Era dos Extremos*<sup>11</sup>, “o breve século XX”: “[...] acabou em problemas para os quais ninguém tinha, nem dizia ter soluções. Enquanto tateavam o caminho para o terceiro milênio em meio ao nevoeiro global que os cercava, os cidadãos do *fin-de-siècle* só sabiam [...] que acabara uma era da história.” O historiador, a partir de sua análise crítica, enfatiza que chegamos a um ponto de crise histórica, humana e social, em que a humanidade, se quiser ter um futuro diferente, não poderá prolongar o passado e o presente, até porque, se o terceiro milênio for construído nessas bases corroídas pela erosão do passado humano, iremos ao fracasso. Segue o pensador: “E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade é a escuridão. [...] Tem de mudar.” (HOBSBAWM, 2002, p. 562).

A condição humana sempre é o foco das obras do autor, tanto ensaísticas<sup>12</sup> quanto ficcionais, seu desencanto com a Ciência provocou sua profunda metamorfose: de cientista para escritor. Ao retornar da França para a Argentina em meados dos anos 40 (Sabato era um Doutor em Física que foi realizar pesquisas nos prestigiados Laboratórios Curie, em Paris), começou a escrever para a revista *Sur*, criada (entre 1930 e 1931) por Victoria Ocampo, escritora e editora. Da mesma forma que o Brasil recebia influências das vanguardas europeias como o expressionismo, futurismo, dadaísmo e o próprio surrealismo, entre outros movimentos, por causa dos intelectuais e artistas que buscavam na Europa uma forma de descobrir o próprio país e a América Latina, na Argentina não foi muito diferente. Ramos, escritor “nacionalista”, acusou os melhores escritores argentinos, dentre eles também Sabato, de serem influenciados pelos europeus, de olharem a

---

<sup>11</sup> Capítulo *Rumo ao Milênio*.

<sup>12</sup> No terceiro tópico do primeiro capítulo, aprofundaremos a questão do gênero ensaio, frequentemente utilizado pelo autor para escrever suas obras, bem como a interação, quase que contínua, que se estabelece entre seus ensaios e suas ficções.

América Latina a partir da cultura literária dos judeus como Kafka, franceses como Sartre e Camus ou de alemães como Nietzsche. Perante esse pensamento de Ramos, podemos enfatizar a reflexão realizada pelo crítico Nestor Garcia Canclini: “Não se trata de um transplante, sobretudo nos principais artistas plásticos e escritores, mas de reelaborações desejosas de contribuir com a transformação social.” (1989, p. 78).<sup>13</sup> Um modo de se pensar e repensar o próprio país e o continente.

Enfim, é nesse contexto de intensas produções literárias e conflitos ideológicos que Sabato encontra o seu *destino*. Seduzido pelo surrealismo na França, sem segui-lo fielmente e, entusiasmado com o contexto cultural da época, ele abandona o racionalismo exacerbado. Nesse complexo contexto é que Sabato arrisca a sua primeira obra, um conjunto de ensaios que ele denomina *Uno y el Universo* (1945). Entre as suas várias produções, o autor escreveu muito mais obras ensaísticas do que romances, sendo estes apenas três: *O Túnel* (1948), *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadón o exterminador* (1974), com diferença de treze anos entre cada publicação.

*O Túnel* (1948), o seu primeiro breve e intenso romance, possui características do gênero policial psicológico e é fruto da denominada “Literatura existencial”. Enquanto muitos autores desta época estavam voltados para a estética da Literatura Fantástica, do Realismo Mágico e Maravilhoso, Sabato, conforme Cristaldo (1983) foi um “desvio de caminho”, pois as suas convicções já estavam se metamorfoseando novamente. Seus desencantos fizeram com que ele mudasse as suas leituras: passou da obra *O Capital* de Marx para o *Existencialismo* apregoado por Sartre e discutido por Camus. O romance *O Túnel* está penetrado por essa desolação do ser. Segundo Jacques Colette (2009), a chamada *literatura existencialista*<sup>14</sup>, surgida na França, teve como precursores os próprios pensadores

---

<sup>13</sup> *Citação na íntegra*: Não foi tanto a influência direta transplantada, das vanguardas europeias o que suscitou a veia modernizadora nas artes plásticas no continente, mas as perguntas dos próprios latino-americanos sobre como tornar compatível sua experiência internacional com as tarefas que lhe apresentavam sociedades em desenvolvimento [...]. Não se trata de um transplante, sobretudo nos principais artistas e escritores, mas de reelaborações desejosas de contribuir com a transformação social. (CANCLINI, 1989, p. 78).

<sup>14</sup> A experiência de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara teria exigido dos artistas, dos escritores e dos filósofos novas

dessa vertente: Sartre, com seu romance *A Náusea* (1938) e Camus, com o romance *O Estrangeiro* (1957). Essa vertente literária não ficaria encerrada somente nos círculos franceses, tendo seduzido escritores de diversas partes do mundo, tais como Clarice Lispector, no Brasil e Sabato, na Argentina. Vale ressaltar que a obra *O Túnel* foi publicada em 1949 em Paris, após ter sido na Argentina em 1948, com o apoio de Albert Camus<sup>15</sup>. A passagem de Sabato pela *literatura existencialista*, conforme Cristaldo (1983), fez com que, muitas vezes, o escritor passasse despercebido pela crítica literária hispano-americana, que pouca menção fez a sua primeira obra na época. *O Túnel* era quase um “desvio de caminho” quando foi escrito, como o autor ressalta em uma entrevista:

Que posso fazer? Este é meu destino. Há tempos me resignei a este destino de solidão, ao qual me condenei por minha independência política e por minha resistência a apoiar movimentos de moda, tanto no plano político como no literário. Se reler a “Carta a um distante jovem”, entenderá. (SABATO *apud* CRISTALDO, 1983, p. 29).

A independência estética de Sabato fez com que ele demorasse cerca de treze anos para escrever o seu segundo romance, *Sobre Heróis e Tumbas* (1961), aproveitando esse espaço de tempo para se dedicar ao gênero ensaio. Sempre preocupado com o automatismo humano que se tornou reflexo da conturbada *Revolução Industrial*, transformando as pessoas em meras engrenagens de um sistema, em 1951, lança *Hombres y engranajes*. Enquanto um intelectual, inquieto e inconformado, a sua escrita não adormece por muito tempo e em 1953 lança a obra *Heterodoxia*<sup>16</sup>, voltando-se mais intensamente para um dos seus projetos mais ambiciosos: a obra *Sobre Heróis e Tumbas*, publicada somente em 1961 e que

---

reflexões, capazes de repor em questão o exercício de uma liberdade ainda a conquistar. (COLETTE, 2009, p. 7).

<sup>15</sup> *París, 13 de junio de 1949: Le agradezco su carta y su novela. Caillois me la hizo leer y me ha gustado mucho la sequedad y la intensidad. He aconsejado a Gallimard que la editen, y espero que “El túnel” encuentre en Francia el éxito que merece. Hubiera deseado poder decirle todo esto de viva voz, pero la prohibición de una de mis piezas en Buenos Aires me impide dar allí las conferencias previstas. Si, no obstante, llegara a ir a Brasil, trataría de acercarme a título personal a Buenos Aires y me alegraría entonces conocerlo. De aquí a entonces, cuente con toda mi simpatía fraternal. (CAMUS *in* SABATO, 1998, p. 80).*

<sup>16</sup> Considerando a observação de Sauter (2005), citada na p. 06, em que do mesmo modo que o autor discerne alguns conflitos e questões em seus ensaios como: a condição humana, o bem e o mal, razão e irracionalidade, “luzes e trevas”, também os retoma em seus romances, e *vice versa*. Um exemplo de que essas fronteiras, entre o ensaio e ficção, são tênues é que seus dois últimos romances se encontram delineados em seus ensaios anteriores, principalmente em *Heterodoxia*.

recebeu o prêmio de melhor romance argentino em sua época. Nessa obra percebemos uma profunda *transposição poética*<sup>17</sup> da realidade para a ficção, do onírico para a instigação existencial, ou seja, a multiplicidade de vozes e faces que constituem o ser humano, entre o racional e o irracional, *entre las luces y las tinieblas*, como o autor sempre coloca.

O terceiro capítulo da obra *Sobre Heróis e Tumbas*, denominado *Informe sobre Cegos*, tornou-se um dos capítulos mais polêmicos de todos os seus escritos, chegando a ser lançado como um romance autônomo em relação à obra original. Nesse romance autônomo *Informe sobre Cegos*, carregado de vestígios do Surrealismo, podemos identificar alguns elementos fantásticos, maravilhosos ou mágicos, porém, isso não nos permite qualificá-lo como uma obra representante da *Literatura Fantástica, Mágica ou Maravilhosa* produzida na época por autores como Borges, Casares ou Cortázar (citando os mais expressivos dessas categorias).

Passa-se mais de uma década e no romance *Abaddon o exterminador* (1974), Sabato continuará com a sua angústia, por meio do personagem principal, que leva o seu próprio nome, em investigar esse “Mal” que rege o mundo. O Mal representado pelo Poder e também gerado em várias esferas humanas e sociais é mantido pela *Seita Secreta dos Cegos*, cuja cegueira não é física, mas existencial, tanto de quem o pratica, quanto de quem compactua com a “maldade”.<sup>18</sup>

Como Sabato teve um espaço de treze anos entre cada um de seus romances, enquanto engendrava *Abaddon o exterminador*, escreveu outras obras ensaísticas, como *O escritor e seus fantasmas* (1963). Lançou seu terceiro e último

---

<sup>17</sup> Conforme Octavio Paz: A concepção de poesia como magia implica em uma estética ativa: quero dizer, a arte deixa de ser exclusivamente representação e contemplação: é também intervenção sobre a realidade. Se a arte é um espelho do mundo, esse espelho é mágico: transforma-o. (PAZ, 1984, p. 85-86).

<sup>18</sup> Essa questão da cegueira abordada por Sabato no *Informe sobre cegos* dialoga com a obra *Ensaio sobre a cegueira* de seu amigo escritor, José Saramago. Da mesma forma que Vidal se vê obrigado a investigar o Mal, a Seita secreta dos cegos no romance de Sabato, a mulher do médico, na obra de Saramago, também lamenta o horror da lucidez, pois ela é a única que consegue enxergar entre os cegos: “[...] é que vocês não sabem, não podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o”. (SARAMAGO, 1995, p. 262). Ambos os autores abordam a questão da cegueira existencial e o mal como supressão da dignidade humana e banalização do senso crítico, como escreve Saramago: “[...] Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos”. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem”. ( SARAMAGO, 1995, p. 310).

romance em 1974, *Abadon o exterminador*, que foi premiado como o melhor romance estrangeiro na França, em 1975. Torna-se importante ressaltarmos que só poderemos entender mais profundamente este romance se já tivermos a leitura sequencial de *O Túnel* e *Sobre Heróis e Tumbas*, pois Sabato irá utilizar-se de muitos dos principais personagens dos romances anteriores para compor esse último.

Dellepiane ressalta e a maioria dos críticos concorda, particularmente no que se refere às técnicas estéticas literárias, que existem importantes continuidades entre o modernismo e o pós-modernismo<sup>19</sup>. Muitos críticos tendem a concordar que a Literatura, neste caso a da Argentina, vive, desde a década de 1960, o seu processo de “experimentação” de várias estéticas e outras correntes ideológicas. Assim, torna-se delicado encaixar Sabato no emblemático “leito de Procusto” de alguma vanguarda, movimento ou tendência estética, pois segundo Dellepiane, talvez, nem no modernismo Sabato fosse modernista, ou melhor, nesse período, como um escritor visionário, já estivesse envolvido com a problematização da pós-modernidade. Talvez oscilasse sempre nestes dois momentos, consciente, segundo ele mesmo, de que os contextos e modas mudam, mas as questões que envolvem a condição humana continuam as mesmas.

Conforme a análise de Dellepiane (2005) sobre a chamada pós-modernidade, constatamos essa ausência de centros, de linguagens privilegiadas, em que os discursos são descentralizados. Assim, embasada em Kristeva e Todorov, a pesquisadora identifica, principalmente em *Abadón* (1974), essa extraordinária confluência de diversos textos, a referência a um texto preciso ou a um conjunto anônimo de propriedades discursivas. Portanto, há uma interação contínua, entre os textos ensaísticos e os textos ficcionais, penetrada nas sucessivas obras de Sabato. Como também podemos observar na obra ensaística *Apologías y Rechazos* (1979), na qual ele reflete sobre o papel da cultura em um momento crítico, principalmente se pensarmos o contexto dessa época na Argentina, em que o país sofria a cruel

---

<sup>19</sup> Para a crítica argentina Ângela Dellepiane (2005), a utilização desses conceitos modernismo e pós-modernismo se referem à divisão que ela fez, na citação acima, entre os dois momentos do vanguardismo: clássico (nas três primeiras décadas) e tardio, entre outras denominações (na década de 60). Assim sendo, não se referem ao Modernismo Hispano-americano de Rubén Darío, por exemplo.

opressão da ditadura, iniciada com o Golpe Militar de 1976<sup>20</sup>.

A ditadura na Argentina, nas palavras de Novaro e Palermo (2007), é considerada uma das mais macabras da América Latina. Por isso, terminado o momento de massacre e opressão, a “cultura del miedo”, muitos escritores exilados retornaram ao país e junto com outros que ficaram, como no caso de Sabato, buscaram retratar essa angústia. No ano de 1982, Ernesto Sabato foi convocado pelo presidente Raul Alfonsín e eleito unanimemente por uma comissão, para presidir a CONADEP (Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina), a qual apresentou, em 1984, o saldo da repressão militar na Argentina: 30 mil mortos, 340 campos de concentração e um incontável número de desaparecidos. Este *Informe* está registrado em sua obra *Nunca Más* (1984), conhecida também como *Informe Sabato*.

Nessa perspectiva, profundamente dolorosa para a Argentina, após a Guerra das Malvinas, o país passa por uma transição com crises financeiras e grandes mudanças no panorama econômico-político. Dentro desse conflituoso contexto, a representação literária e intelectual busca se reconstruir, por meio da memória, tentando redefinir a identidade da cultura argentina e da própria nação.

Para Toscano (2003, p. 4): “[...] a década dos noventa assinala o reencontro dos sobreviventes das diferentes gerações, numa coligação intelectual de revisão de valores e textos, perante um enigmático começo do século XXI.” Nesse momento, busca-se redefinir a *argentinidade*, que não se limita apenas a uma identidade estereotipada, mas que é pensada em seu sentido plural e diverso. A “argentinidade”, na reflexão do cientista social Luis Fanlo é muito mais complexa do que uma simples identidade estática, pois: “[...] no es como una vestimenta que porta el cuerpo sino el cuerpo mismo de los argentinos que puede revestirse, como vestimenta, todo un sin fin de “identidades” [...] no es una “identidad” sino una forma cuyo contenido adopta identidades.” (FANLO, 2009). A partir de Fanlo, em que a argentinidade é todo um “sem fim de identidades”, podemos pensar melhor sobre o olhar crítico de Toscano (2003), mais precisamente a partir dos anos 90, fase em

---

<sup>20</sup> NOVARO, M.; PALERMO, V. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983. Do golpe à Restauração Democrática**. São Paulo: Edusp, 2007.

que a Argentina e sua produção literária passam por uma reavaliação e revisão de valores e textos, em busca de uma redefinição das várias faces que constituem o povo e sua literatura.

Percebemos, então, por meio da crítica, que a Argentina como um todo, em seu aspecto político, econômico, cultural, etc., passa por um processo de “reinvenção”, desamordaçando intelectuais e artistas que, nesse momento, começam a questionar, além do contexto argentino, o próprio estado e rumo literário. Pensam sobre os contornos complexos, variáveis e caóticos que delineiam o sujeito argentino e como ele é representado e explorado esteticamente, sem cristalizar estereótipos emblemáticos, como escreve Sabato, algum tempo antes, em sua obra *A Cultura na encruzilhada nacional*: “[...] se necesitarán muchas novelas y muchos escritores para dar un cuadro completo y profundo de esta realidad enmarañada y contradictoria.” (1982, p. 31).

Dentro desse processo de autoconhecimento e autocrítica, entre ataques e combates, é que se gera a última obra de Sabato no século XX, escrita em forma de memórias, dentro do gênero autobiográfico: *Antes del fin* (1998), que narra a retrospectiva existencial de um escritor com quase um século de vida. Nessa obra percebemos a agudeza de um espírito continuamente inconformado, numa postura de permanente *compromisso* com a realidade e a vida humana.

Como toda padronização é limitada e insuficiente, os modelos dificilmente dão conta de toda a complexidade do ser, dessa forma, não podemos limitar a postura intelectual de Sabato apenas em seu aspecto de engajamento, no sentido sartreano do termo. Porém, podemos constatar, com segurança, que os seus princípios partem do compromisso do escritor-intelectual, enquanto agente crítico e ativo, com o que se passa na sociedade. Se para Sartre (2003) somente a consciência sem amarras é liberdade pura, então somente essa liberdade dá sentido ao engajamento, ao compromisso consciente. No sentido sartreano, a existência deve ser percorrida pelos dois trilhos: liberdade e responsabilidade. O engajamento para o filósofo não se resume a um ingênuo pacto com o sistema político vigente ou contraditório a esse. Seria, sobretudo, uma postura consciente e crítica, em que há liberdade de pensamento e ações, contudo, há também responsabilidade pela palavra e seus atos. Para Marilena Chauí, Sartre concebe o intelectual engajado como: “[...] o

escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns ao outros. É um estado de vigília permanente.” (CHAUÍ *in* NOVAES, 2006, p. 25). Ao analisarmos a obra de Sabato percebemos que seu discurso parte dos princípios de liberdade e responsabilidade, bem como do permanente estado de vigília em que o pensador consciente de sua realidade deve permanecer. Assim estando, poderá se pronunciar e interferir quando for necessário, na concepção do autor (1998), inspirada em Camus, o escritor deve ser uma testemunha insubornável do seu tempo, tendo coragem para dizer a verdade e resistir diante de sistemas ideológicos e oficialismos que corrompem e banalizam a sacralidade da pessoa humana. Nessa concepção de compromisso do escritor e intelectual, Sabato prefere o termo *comprometido*<sup>21</sup> em lugar de “engajado”, o escritor não se torna apenas reproduzidor dos discursos vigentes, mas o seu inverso, em um contínuo exercício ético e também de resistência. Nas palavras de José Guilherme Melquior:

Embora nada seja capaz de profetizar seu curso concreto, uma certeza já é possível: da situação atual do escritor latino-americano, de seu *status*, inseparável da evolução que tomou a elite do *corpus* literário enquanto sistema de valores, deduz-se uma ética, a que ordena ao escritor buscar a autenticidade crítica de sua visão *na própria fidelidade à literatura*. Os compromissos ideológicos do escritor só alcançarão sua verdadeira eficácia cultural se se harmonizarem com o desenvolvimento autônomo do campo intelectual em sua dimensão propriamente literária. Não se trata de isolar a literatura, mas de cumprir o asceticismo que ela requer para falar sem falsas retóricas em nome da salvação da cultura. A literatura deve continuar sendo crítica até mesmo onde a crítica social se converte em cântico de esperanças. (MELQUIOR, 1972, p. 399.)

Contudo, se Sabato parte dos princípios sartreanos para embasar a sua postura intelectual, ele também não permanece somente nesse estágio. Assim, utilizando a imagem poética de Rimbaud (2003), ele faz uma “alquimia do verbo”, em que o compromisso não permanece somente no plano político, como foi acentuado por Sartre, mas evidencia, principalmente, o compromisso ético do escritor, assim como difundido por Albert Camus, mais explicitamente, a partir de sua obra *O Homem Revoltado* (1951): “[...] o que fora a princípio uma resistência irreduzível do homem converte-se no homem integral que com essa resistência se identifica e nela se resume. A consciência nasce com a revolta.” (CAMUS, 1996, p. 27). Dentro dessa alquimia dos pensamentos de Sartre e Camus é que se concebe a concepção

---

<sup>21</sup> Conforme Constenla (2000), essa preferência do autor pode ser constatada em algumas de suas obras, como *O escritor e seus fantasmas*, e entre seus diversos pronunciamentos.

do escritor-intelectual comprometido de Ernesto Sabato. Afastado de partidanismos políticos, mas se mantendo vigilante, o seu compromisso crítico e humano resulta em liberdade, responsabilidade e revolta ou inconformismo, como o próprio autor define, diante das diversas realidades que constituem o sistema social, histórico e cultural. Para o autor (1985), refletindo novamente Camus, é o comprometimento, acima de tudo, com o ser humano. Essa análise pode ser constatada em sua obra *O escritor e seus fantasmas*, por meio de suas próprias palavras: “O escritor de ficções profundas é no fundo um anti-social, um rebelde, e por isso amiúde, é companheiro de caminhada dos movimentos revolucionários. Mas quando as revoluções triunfam, não é estranho que volte a ser rebelde.” (1985, p. 72).

### **Por que a obra *A Resistência*?**

*Eles tiveram que forjar para si uma arte de viver em tempos de catástrofe para nascer uma segunda vez e em seguida lutar, com o rosto descoberto, contra o instinto de morte que está ativo em nossa história.*

(Albert Camus)<sup>22</sup>

Pensando na capacidade e liberdade humana de se repensar, redefinir-se e reinventar-se, questões essas que abrangem uma reflexão profunda sobre a humanidade, não se limitando apenas ao contexto argentino, é que Sabato escreve a sua obra *A Resistência* (2000). Por meio de suas cartas ensaísticas, ele provoca o leitor para a não-conformação diante das diversas realidades que subtraem e banalizam os valores humanos e espirituais. Com sua postura comprometida, enfatiza a responsabilidade que cada um deve ter com a vida e o mundo em que vive. Por isso sua proposta de resistência penetra o cotidiano.

Nossa intenção, neste momento, não visa a um maior aprofundamento do gênero escolhido por Sabato para compor essa obra. Exporemos quais os motivos que nos levaram a escolher a obra escrita no início do século XXI, considerando que, até então, não há nenhum estudo acadêmico, tese/dissertação, voltado especificamente a ela. Dessa forma, pensando esse momento em que se vive a

---

<sup>22</sup> Discurso proferido no dia 10 de dezembro de 1957. Disponível no site da Fundação Nobel. (PETIT, 2009).

“modernidade líquida”, metáfora criada por Bauman (2001) para a chamada pós-modernidade, em que tudo parece fluir e se dissolver e, os tecidos, que formam a humanidade, parecem estar “esgarçados”, tornando o ser “livre, leve e solto”, o qual acaba sendo incapaz de sustentar a própria existência, acreditamos ser de fundamental importância analisar a *questão da resistência*. Bauman aponta as principais características da modernidade líquida: desapego, provisoriedade e acelerado processo de individualização e consumismo; um tempo de liberdade e insegurança, em que as instituições sociais perdem a solidez e se *liquificam*. Nesse contexto, o relacionamento humano (eu-outro) é mercantilizado e os frágeis laços, até mesmo os afetivos, podem ser desfeitos, perante qualquer desagradado de ambas as partes. Essa crise que assola não somente a realidade argentina, mas grande parte da humanidade, é que instigou Sabato a pensar, também, em estratégias para que as pessoas possam resistir, diante desta “liquidez contemporânea”, entre elas está a *Arte* e a *Serenidade* como alternativas para que as relações se tornem mais humanizadas. Nessa perspectiva, podemos verificar, na obra em foco, que a *resistência* proposta pelo autor está no âmbito do individual e do coletivo, que se encontram intimamente interligados.

Segundo Bauman (2001), esse momento, justamente, além de impossibilitar as interações humanas e afetivas, também dificulta o exercício da reflexão, tanto das ações individuais quanto coletivas - não há “tempo a ser perdido”. Nessa Era, os seres humanos se transformaram em “coisas”, demonstrando que a humanidade passa por um processo de reificação. Frente a essa vertigem, Sabato aponta o caminho da *serenidade*, que aprofundaremos melhor, posteriormente, como uma das estratégias de resistência diante dessa vertiginosa contemporaneidade, para que a *arte* possa ser incorporada à vida cotidiana, tornando-se mais uma alternativa para se resistir.

Assim, percebemos na obra de passagem de milênio *A Resistência*, um objeto de grandes possibilidades para realizarmos uma análise e reflexão sobre os principais problemas da atualidade, bem como os caminhos apontados pelo autor para que a resistência possa ser incorporada, principalmente, por constatarmos que o autor passa em revista as modificações que foram acontecendo na mentalidade humana, bem como as mudanças processadas no cotidiano. Essa revisão realizada

por Sabato permite ao autor manifestar mais intensamente a “urgência”, como ele mesmo coloca, e a necessidade de se resistir frente à “ordenação caótica” gerada por essa contemporaneidade.

Nesse sentido, podemos verificar na obra *A Resistência* certa “confluência de textos e temas” que o autor já vem tratando há muito tempo em suas obras anteriores, como enfatiza Antonio Melis ao afirmar que as obras de Sabato são uma: “[...] profundización progresiva de uma obsesión primera.” (*apud* MARTÍN, 2007, p. 692). Isso nos leva a inferir que a *questão da resistência* se encontra de forma latente, em suas outras produções, desde *Uno y el Universo* (1945), perpassando tanto os seus ensaios, quanto os seus romances. Desse modo, a obra em foco, mantém relações intertextuais e intratextuais, isto é, dialoga com conjuntos textuais de outros autores, mas, sobretudo, com o conjunto textual do próprio autor. Como veremos em nossa análise, no segundo capítulo, além de ela dialogar com suas produções anteriores, também está composta por fragmentos retirados, praticamente na íntegra, de suas ficções, com ênfase de *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadón o Exterminador* (1974). Essa constatação, a partir de leituras das outras obras do autor, torna ainda mais instigante a nossa análise e reflexão, pois além de analisarmos a intratextualidade que ocorre n’*A Resistência*, é possível perceber que o autor transforma as vozes dos seus personagens, retirados da ficção, em sua própria voz.

Assim, *A Resistência*, escrita de maneira ensaística dentro do gênero literário *epistolar*, podendo ser denominada também de carta-ensaio, condensa a experiência do autor por meio de assuntos e questões já discutidos nas obras que a precederam, sobretudo, nas ficcionais. Nesse sentido, nossa abordagem também pousa no aprofundamento da análise do gênero escolhido pelo autor para compor a sua obra, gênero *epistolar*, e de como acontece a relação intratextual aí presente. Toda essa análise, das relações e diálogos existentes dentro do seu conjunto de textualidade, e com os demais textos que se apresentam na obra escolhida, está intimamente interligada ao propósito principal, que é de pensar, refletir e analisar como se dá e se desenvolve a *questão da resistência*, que se encontra de maneira latente em obras anteriores do autor, emergindo mais explicitamente dentro de uma proposta n’*A Resistência*.

Dessa forma, elegemos a obra *A Resistência* por acreditarmos ser de fundamental importância realizar uma análise e reflexão dela, justamente em um momento histórico, social e cultural em que, nas palavras de Bauman (2001), entra em cena a fluidez das águas correntes da globalização, do mercado, etc., que geram, entre vários outros problemas, individualismo, consumismo, desumanização. Nesse sentido, ademais de Sabato ter sido criticado por alguns escritores, como Borges<sup>23</sup> e Casares, entre outros intelectuais<sup>24</sup>, por ter presidido as investigações da CONADEP, a qual influenciou projetos no Brasil, tais como *Tortura nunca mais*, torna-se indispensável conhecer mais profundamente a obra desse escritor e intelectual, de modo a compreender melhor e amplamente a conjuntura da contemporaneidade, principalmente a latino-americana. Sua proposta de *resistência* e, as alternativas para lidar com os problemas advindos da *Modernidade Líquida*, são nossos objetivos norteadores.

## Distribuição dos capítulos

“Caminante no hay camino,  
se hace camino al andar”.  
(Antonio Machado)

A introdução partiu de uma reflexão sobre a contemporaneidade, esse encontro de tempos e experiências, juntamente com os motivos que nos levaram a escolher a obra de Ernesto Sabato. Esse percurso nos possibilitou destacar um pouco do seu pensamento enquanto intelectual comprometido diante das diversas realidades vividas por ele.

No primeiro capítulo, apresentaremos os nossos *Caminhos de Reflexão*, e de que maneira o pensamento de cada autor conflui para a questão da *resistência*. Como primeiro tópico desse capítulo, analisaremos a posição do escritor-intelectual

---

<sup>23</sup> Vide crítica no segundo tópico do próximo capítulo.

<sup>24</sup> Os conselheiros, adidos culturais e secretários das embaixadas argentinas [...] receberam, há algumas semanas, uma instrução precisa: contribuir, com descrição e esmero, para promover o nome do escritor Ernesto Sabato como candidato ao Prêmio Nobel de Literatura deste ano. [...] Este esforço oficial em torno do nome de Sabato tem despertado polêmicas. Suas raízes estão no fato de Sabato ter presidido a CONADEP (Comissão Nacional pelas Pessoas Desaparecidas), que investigou o desaparecimento de 30 mil pessoas durante a ditadura militar e que deu origem ao livro *Nunca Mais*. (*Leia Livros*, número: 95, setembro de 1986).

no mundo de hoje que, para manter sua postura de sentinela, deve estar afastado do poder. Ao estar à margem do poder, como também ressalta Said, poderá criticá-lo, alertando, assim, o seu meio social sobre a perda de humanidade quando o ser se torna apenas passivo diante dos acontecimentos, consumista, individualista, etc., sendo vítima e gerador das várias patologias da liquidez contemporânea.

Na obra *A Resistência*, Sabato propõe que a *arte*, em suas várias formas e manifestações, com enfoque na *literatura*, é uma das principais estratégias para se resistir. Partindo das reflexões de Benjamin e Adorno, aproveitaremos para aprofundar um pouco mais a nossa investigação, no sentido de como a literatura, na função de arte, é capaz de ser instigadora e propulsora da consciência crítica e humana, já que se debruça sobre a experiência humana. Essa reflexão nos permitirá compreender e discutir melhor sobre como a arte, em suas várias manifestações, como apresenta Sabato, se torna um nicho de resistência frente à *avalanche* de informações das mais diversas mídias e meios culturais que muitas vezes só informam, mas não formam.

Ainda como tópico deste primeiro capítulo, daremos continuidade a nossa reflexão sobre a importância do posicionamento crítico. Pensaremos sobre a posição de Ernesto Sabato frente à CONADEP (Comisión Nacional de las Personas Desaparecidas) que ele presidiu. Essa discussão também nos permitirá refletir o posicionamento do autor no século XXI.

No terceiro tópico do primeiro capítulo, buscaremos tratar da questão da resistência: o que é? como se dá? como se apresenta a proposta de resistência na obra de Sabato, e o que nós podemos entender e refletir sobre ela? O autor nos apresenta como sendo algo singelo, nada muito formidável. Percebemos, então, que a proposta de *resistência* de Sabato não se refere a uma *Revolução*, no aspecto político-partidário, mas o que cada um pode fazer para transformar a si e a realidade que o cerca. Dentro dessa perspectiva, também não se trata de separar o individual do coletivo, pois ambos se encontram profundamente interligados. Dessa maneira, para desenvolvermos melhor a nossa análise, buscaremos outros autores que também pensaram a questão da resistência, para assim embasarmos as nossas reflexões, partindo da aguçada análise de Said, em sua obra *Cultura e Resistência* (2006). O pensamento de Said nos possibilita compreender, também, a preocupação

de Bosi (1994, p. 372), que utilizaremos para compor a base das nossas reflexões, desde a sua obra *Dialética da colonização*, na qual ele reflete que “toda crise política é uma crise cultural”, e vê a oportunidade e a necessidade de se aprofundar o “significado ético das formações de resistência”.

O encontro dos autores e obras eleitos nos possibilitará desenvolver melhor a nossa reflexão de como se dá a proposta de *resistência* de Sabato, bem como o que nós podemos entender sobre a questão em si. Cabe considerar que, tanto para Sabato, quanto para Bosi e Said, a resistência parte de um princípio ético. Essa discussão nos permitirá ainda desenvolver as relações, bem como se dá a conversão mútua entre o ético e estético, considerando, juntamente, o pensamento de Jacques Rancière (2009) em sua discussão sobre arte, estética e política.

Assim, após apresentarmos os caminhos escolhidos para nossa reflexão, buscaremos elucidar a nossa análise por meio desses trajetos. A *questão da resistência* latente em seus outros textos, sobretudo, nos ficcionais, será apresentada e desenvolvida de maneira mais explícita n’*A Resistência* (2008), tendo sido citada, de forma prévia, somente em *Antes del fin* (1998). Dentro dessa perspectiva, procuraremos realizar as principais correlações que podemos identificar e analisar, dentro d’*A Resistência*, com as outras produções do autor, principalmente, abordaremos de que maneira a questão aparece ficcionalizada.

Tendo em vista as relações, os diálogos, buscaremos compreender melhor como se configura a *proposta de resistência* na obra escolhida e suas estratégias para que ela possa ser incorporada à vida cotidiana. Dentre as várias alternativas sugeridas pela obra daremos relevância à *arte* e à *serenidade*, para a nossa análise e reflexão, posto serem as mais enfatizadas dentro da mesma.

## 1. CAMINHOS DE REFLEXÃO

Antes de percorrermos mais profundamente os caminhos escolhidos para embasar a nossa reflexão, pretendemos, neste momento, apresentar de forma breve os principais autores eleitos e o que na obra deles conflui para a *questão da resistência*.

Ao refletirmos sobre a importância de se analisar e mergulhar na obra *A Resistência*, de Sabato, percebemos a importância de se conhecer melhor a contemporaneidade em que vivemos. Por isso, o pensamento de Bauman se torna relevante para entendermos a necessidade do posicionamento nesse contexto da *Modernidade Líquida*, pois não há como reverter e transformar a realidade sendo “atores sem papéis”, na concepção do sociólogo. Para Bauman, o pensamento do escritor-intelectual consciente desta dissolução moderna deve ser um *antídoto*, combatendo as “toxinas” e os “venenos” da liquidez.

A maioria dos autores que escolhemos também realizará certo “balanço sombrio” da modernidade, assim como fez Sabato em sua obra em foco. Em outras palavras, eles fazem um diagnóstico da contemporaneidade, evitando sucumbir em um puro ceticismo e niilismo, apontam caminhos, saídas, alternativas para que outros horizontes sejam vislumbrados, e que servirão de alicerce para a *questão da resistência*. Assim, ao pensarmos sobre o intelectual na contemporaneidade, acreditamos ser de grande valia o estudo realizado por Bobbio (1996) que defende um trabalho cuidadoso na definição *do que é ser intelectual*, pois para o pensador, acreditar que os intelectuais fazem parte de uma categoria homogênea é uma insensatez. Essa reflexão de Bobbio nos permitirá compreender melhor a proposta de Novaes (2006), ao refletir Blanchot, ressaltando não ser a habilidade (de escritor, artista, etc.) que define o intelectual, mas sim o sentido que ele dá ao que realiza. Novaes também resgata o pensamento de Benjamin, quando o pensador coloca que o problema de parte dos intelectuais é a “preguiça no coração”; ao olharem o passado, eles se sentem impotentes perante tantos acontecimentos. A sensação de melancolia coloca-os em um processo letárgico, impossibilitando-os a refletirem o presente, por meio do passado, e a projetarem saídas para o futuro, bem como se

distanciarem da realidade para colocá-la em crise e em seguida se inserir para transformá-la, ou, ao menos, desvendá-la, propondo-lhe alternativas.

Essa discussão, incorporada à obra *O silêncio dos intelectuais*, servir-nos-á para, juntamente com Said, em suas obras *Representações do intelectual* (1994), *Humanismo e Crítica democrática* (2007), entre outras, podermos compreender a importância e a necessidade do escritor-intelectual também ser um agente ativo em sua comunidade. Nesse enfoque, vale ressaltar que Said, pensador palestino que era radicado nos Estados Unidos, ofereceu uma reflexão densa e crítica, principalmente por ter discutido mais especificamente o tema: *O papel público dos escritores e intelectuais*. A posição ativa de Said, que não foi apenas teorizada, mas vivenciada por ele, mantinha uma contínua preocupação com o compromisso intelectual, “livre pensador”, mas também com uma consciência da história. Isso nos leva a refletir que é a partir da rememoração do passado, em busca de ressignificar o presente, que nos tornamos capazes de nos inconformar perante as realidades desumanizadoras e nos comprometermos, sermos responsáveis com - e pela - transformação das mesmas. Por isso, Said apresenta que o “lugar provisório” do intelectual é o domínio de uma arte exigente, resistente. Dentro dessa reflexão, podemos realizar algumas aproximações, principalmente entre Sabato e Said. O estabelecimento de relações entre os pensamentos de ambos se torna mais evidente ao discutirmos a questão do intelectual e do humanismo. Da mesma forma que Bobbio critica a falsa generalização, frequentemente realizada sobre o intelectual, Said critica os determinismos que desvirtuam a concepção do humanista. Assim, a concepção de humanista apresentada por Said, corresponde, em parte, a do intelectual defendida por Sartre, e, de certa forma, por Camus, que tratamos na introdução deste trabalho. Nesse sentido, o intelectual humanista é alguém que se vale do seu prestígio, e posição, em qualquer área do saber, para influir no debate público, com sua crítica, acima de envolvimento partidários, uma voz incômoda e, por isso, necessária, sem poupar os silêncios, nem as exclusões, geradas até mesmo nos meios acadêmicos.

A partir dessa reflexão, percebemos que o pensamento e as obras dos autores ressaltados permitem compreendermos melhor a posição do escritor-intelectual na contemporaneidade, enquanto agente crítico e em sentinela que

procura alertar a comunidade sobre os perigos causados por este contexto de liquidez. Os perigos como o consumismo, o individualismo, a competitividade, a omissão diante dos direitos humanos, entre outros, provocam a perda de humanidade, bem como impedem a dignidade humana e a interação solidária entre as pessoas.

Nessa perspectiva, ao incorporarmos o pensamento de Adorno, em relação à sua crítica à *Indústria cultural*, podemos perceber o seu realismo ácido quando o autor afirma que, na medida em que ainda existir essa relação de poder e esse sistema de mercado, na modernidade, a *Indústria cultural* jamais permitirá que as pessoas se libertem. Por isso, mesmo tendo consciência “dessas amarras”, de que forma ainda pode haver resistência? Este aprofundamento nos permitirá pensar como a arte, com ênfase a literatura, pode fazer frente à *Indústria cultural*. Assim, entendemos ser importante discutirmos um pouco sobre essa questão, que também é abordada por Sabato, na *quarta carta*, da obra *A Resistência*.

Para Todorov, em sua obra *Literatura em perigo* (2009), citando apenas como exemplo, a literatura deve ser pensada enquanto corporificação da experiência humana e não tratada apenas como objeto de autópsia das ferramentas da crítica literária, que ele também ajudou a propagar. Contudo, vale enfatizar que Said (2003), que utilizaremos para pensar esta questão, vai além das reflexões do pensador, refletindo que a literatura e a crítica interagem mutuamente, em que a última também pode se tornar resistência frente à industrialização da cultura, às leituras superficiais e os clichês do senso comum, bem como acadêmicos. A crítica, dentro da concepção humanista, nas palavras de Said (2007), é uma *resistência às idées reçues* (ideias recebidas), oposição a todo tipo de clichê e linguagem sem reflexão, é um processo contínuo de recepção e resistência, consciente de que ambas se encontram debruçadas na experiência humana, sobretudo, na linguagem.

Acreditamos ser importante analisar, também, como Bosi trata da *questão da resistência* desde a sua obra *Dialética da colonização* (1994), intensificando-a em *Literatura e Resistência* (2002) e sendo retomada em sua recente obra *Ideologia e Contraideologia* (2010). Bosi, primeiramente, analisa como ela se dá dentro das narrativas, destacando a posição do indivíduo, enquanto parte do tecido social e que coloca em crise esses “nós apertados” que atam o sujeito ao seu contexto

existencial. Bosi discute a *questão da resistência* como sendo uma conversão mútua entre o ético e o estético. Por isso, em *Ideologia e Contraideologia*, ele irá refletir sobre a contraideologia como sendo também uma manifestação de resistência. A partir dessa reflexão, retomaremos as questões que se voltam à ética e estética, com o pensamento do filósofo Jacques Rancière (2009) sobre a relação existente entre arte, estética e política.

Assim, partindo dos pressupostos discutidos pelos autores, nas obras escolhidas, construiremos nossa base reflexiva para que possamos compreender e analisar melhor a proposta e as estratégias de resistência dentro da obra *A Resistência* de Ernesto Sabato. Desse modo, perceberemos no decorrer desta dissertação, que a resistência não se restringe apenas à consciência crítica e ativa dos escritores-intelectuais. Mas, pode ser incorporada ao cotidiano, à vida em sociedade e de cada ser humano, enquanto projeto aberto, disposto a contínuas transformações de si e sua realidade. Como já enfatizamos, anteriormente, não se trata de separar o individual do coletivo, porém de evidenciar que toda e qualquer ação consciente possui uma responsabilidade social e que ambas se encontram intimamente interligadas. Nesse enfoque, complementando esse pensamento, nas palavras de Bauman: “A mente moderna nasceu juntamente com a ideia de que o mundo pode ser transformado. [...]. O desejo de se fazer diferente do que se é, de se refazer, e de continuar se refazendo. A condição moderna é estar em movimento.” (2005, p. 33-34). O movimento destacado por Bauman evidencia o contínuo anseio humano em querer modificar e melhorar a si e ao seu meio, e as opções que prevalecem são: reinventar-se, recriar-se, transformar-se ou perecer, para a maioria dos autores eleitos a insatisfação e a inconformação são partes essenciais da condição humana.

### **1.1 Reflexões em torno do escritor-intelectual na contemporaneidade**

Sabato, em sua obra, parte de que uma das atitudes fundamentais para se resistir é não se conformar com a opressão exercida pelas culturas dominantes. Ele também critica as massificações do pensamento, escapando de filiações político-partidárias, e da alienação midiática que atrofia o ser humano e o impede de existir

plenamente. A resistência, pensada pelo autor, é cotidiana, diária, transpassada pela consciência crítica e humana, como ele já havia refletido, anteriormente, em *Antes del fin*: “Pero antes habremos de aceptar que hemos fracasado. De lo contrario volveremos a ser arrastrados por los profetas de la televisión.” (SABATO, 2006, p. 164). Sua proposta apresenta não somente o que se *deve* mudar, mas também, *como* mudar. Por isso o autor, n’*A Resistência* (2008), chama a atenção para o não-conformismo diante da banalização do ser no curso da existência humana. Ao dizermos, na introdução deste trabalho, que o autor se posiciona de maneira comprometida desde sua primeira obra, referimo-nos ao seu contínuo posicionamento<sup>25</sup> crítico e humano, diante das diversas realidades sociais, históricas e culturais que subtraem os autênticos valores que constituem o ser e a vida. Como podemos verificar no fragmento de *Uno y el Universo* (1945), em que já se encontra enfatizado seu posicionamento crítico e inconformismo perante a própria cultura formadora:

La libertad de pensamiento y de crítica, la ciencia y la filosofía en libre expansión son revolucionarias por esencia, porque para ellas no hay una concepción del mundo sagrada e inalterable, y menos una concepción basada en la mentira y el sofisma. ¿Y cómo ha de extrañar que el nazismo impusiera a sangre y fuego un sistema sagrado e indiscutible? [...] El mariscal Goering dijo alguna vez esta frase que pasará a la historia: “Cuando oigo la palabra *cultura*, saco el revólver”. Se podrá decir lo que se quisiera contra este aforismo, pero no se le puede negar una concisión clásica y una notable consecuencia. Cuánto más repugnante nos resultan aquellos que justificaron esa abominación de la cultura mediante productos culturales. (2006, p. 84).

A não-conformação, a que Sabato sempre recorre em suas obras, nos permite aprofundar um pouco mais essa questão, instigando o que entendemos por: O que é ser crítico? Como sê-lo? Tal condição nos leva a investigar que concepção podemos construir acerca do *intelectual*, enquanto um agente crítico da sociedade e da cultura. Qual o seu papel? Qual a sua função perante o poder estabelecido? Ou, nas palavras de Said, quais são as *representações* do intelectual?

A questão é atual, polêmica e envolve um amplo debate acadêmico, o que nos exige certas reflexões mais pontuais. Primeiramente, Norberto Bobbio (1996) é

---

<sup>25</sup> Também podemos observar na obra *Hombres y Engranajes* (1951): Así es nuestro tiempo. El mundo cruje amenaza derrumbarse, ese mundo que, para mayor ironía, es el producto de nuestra voluntad, de nuestro prometeico intento de dominación. Es una quiebra total. Dos guerras mundiales, las dictaduras totalitarias y los campos de concentración nos han abierto por fin los ojos, para revelarnos con crudeza la clase de monstruo que habíamos engendrado y criado orgullosamente. (2006, p. 15).

um dos autores que defende um trabalho cuidadoso na definição do que é ser *intelectual*, a fim de evitar generalizações irresponsáveis e superficiais:

A maior parte desses discursos está viciada por um erro lógico bastante conhecido, do qual um intelectual deveria prevenir-se à falsa generalização [...]. Falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez [...]. (BOBBIO, 1996, p. 09).

O perigo da homogeneização do conceito de intelectual o tem levado ou a uma indefinição ou a uma partidarização do mesmo. Por conta disso, a análise da intelectualidade tem variado, alternando-se entre acusações de traição, deserção, compromisso com o poder estabelecido, etc. Uma delimitação é necessária, ainda que pareça arbitrária; afinal, a própria concepção de intelectual é, de um modo ou de outro, dada pelos próprios intelectuais: “Uma das razões pelas quais os escritos sobre intelectuais, sobre sua função, seu nascimento e seu destino, sobre sua vida, morte e milagres, são tão numerosos que apenas conseguem ser inteiramente catalogados pela memória potente de um computador.” (BOBBIO, 1996, p. 67).

A ressalva de Bobbio é extremamente importante: entre as várias definições possíveis de *intelectual*, é necessário buscar uma definição coerente, dada a impossibilidade que toda e qualquer concepção tem de abranger por completo o tema, bem como o próprio problema acaba envolvendo uma justaposição de conceituações que são inevitáveis em qualquer análise. Nesse ponto, entendemos, também, ser interessante o questionamento feito pelo estudioso Aduino Novaes (2005), que julgamos ser totalmente pertinente ao caso. Novaes reformulou a questão de um modo singular, inquirindo “*quem é um intelectual?*”. Ou seja, toda e qualquer conceituação de intelectual envolve, antes de tudo, a constatação de seus agentes moldadores.

Assim sendo, um intelectual não é essencialmente um homem de letras, um artista, um historiador, um escultor, um sábio, etc. O que o define não seria sua habilidade, mas sim o sentido dado por ele ao que realiza; remetendo-se a Blanchot, o intelectual é: “[...] uma parte de nós mesmos que não apenas nos desvia momentaneamente de nossa tarefa, mas que nos conduz ao que se faz no mundo para julgar e apreciar o que se faz.” (*apud* NOVAES, 2005, p. 12). O intelectual não se fecha em seu universo de conhecimento, mas, a partir dele, faz uma reflexão

sobre a realidade, não se detendo na contemplação, e sim se remetendo a algum tipo de ação que se caracteriza, conforme Novaes, por um desvio de todo o determinismo existente para lidar com potências indeterminadas: “Ele não é teórico, muito menos o homem da vida prática e do saber objetivo: pode-se dizer, mais precisamente, que ele encarna o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro.” (NOVAES, 2005, p. 13).

Ao encarnar o espírito crítico, o intelectual deixa de ser apenas um “homem de cultura” (como muitos ironizam, segundo Bobbio), para reconstruir a sua memória, redefinir sua consciência histórica e social que lhe permite então agir sobre o presente e o futuro. Novaes (2005, p. 11) chama a atenção para os vários grupos ditos “intelectuais” que tomam a palavra em nome dos esquecidos, dos marginalizados, mas que possuem um “déficit de compreensão” em relação à realidade: “A vida intelectual concebe-se sempre como se ela fosse definida pela função da resistência [...], mas ela esquece de que seu verdadeiro trabalho é o trabalho de análise, de compreensão da realidade.” A dualidade entre resistir e compreender fica bem clara aqui, porém, Bosi<sup>26</sup> desenvolve um pouco mais esse problema, contrapondo-o e ao mesmo tempo unificando-o: “Não nos cabe senão compreender resistindo e resistir compreendendo.” (2002, p. 254).

Da mesma forma que a resistência pode ser multifacetada, como veremos melhor no decorrer desta dissertação, o intelectual também pode representar o seu papel de diversas formas. Nesse sentido, cabe a ele pensar cuidadosamente as alternativas, conforme Said (2003), discernir a que lhe parece mais eficaz e, então, representá-la de uma maneira coerente, para que o seu ideal e objetivo surtam efeito. Não basta apenas a crítica, mas é necessário, também, apontar alguns

---

<sup>26</sup> Retomaremos essa questão no terceiro tópico deste capítulo, pois Bosi também pensa a questão do escritor-intelectual enquanto artista da palavra em sua concepção de escritor resistente. *Citação na íntegra*: Não nos cabe senão compreender resistindo e resistir compreendendo. [...] o perfeito conhecimento, diz platonicamente Shopenhauer, começa pela reminiscência. Lembrar não só tudo quanto a humanidade vem pensando e sentindo e escrevendo desde Homero; mas reviver as formas libertadoras e contraditórias da modernidade, de que ainda somos feitos e sem as quais este nosso discurso seria oco ou mesmo inviável. Formas diversas, mas pregnantas que lemos em Thomas Mann e em Brecht, em Dostoiévski e em Maiakovski, em Baudelaire e em Valéry, [...] em Sartre e Camus, em Benjamin e Adorno, em Machado de Assis e em Guimarães Rosa, [...]. São nomes, entre tantos outros, que representaram aquela tensão fecunda entre a criação e a tradição, sem a qual o imediato é sempre violento. (BOSI, 2002, p. 254).

caminhos para a sua incorporação. Assim sendo, percebemos em Sabato<sup>27</sup> a caracterização de um escritor e intelectual envolvido em um contínuo posicionamento crítico e ativo, que em certos momentos ressalta a importância dos valores gerados dentro da cultura formadora e, em outras vezes, faz da crítica uma prática de resistência a essa mesma cultura. Nas palavras do autor, mais frequentemente do que imaginamos, ela age como um invólucro hermético ao ser humano, impondo-lhe a realidade conformista: “[...] o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida.” (BOSI, 2002, p. 130).

Prosseguindo a nossa reflexão em torno do *intelectual* na contemporaneidade, podemos dizer que as palavras, muitas vezes, vêm carregadas de uma semântica, tanto iluminadora quanto pejorativa. Nesse sentido, debater sobre o *intelectual* sempre é uma abertura para a polêmica ou para o silêncio. Contudo, partindo da controvérsia desse conceito, é interessante continuarmos a discussão, principalmente quando percebemos que a liquidez contemporânea carece de posicionamentos críticos, humanos e comprometidos.

Ao resgatarmos o pensamento de Bobbio (1996), percebemos que sua reflexão também procede de uma perspectiva próxima de Said. O pensador defende que o intelectual, mesmo que não possa ser definido em linhas gerais, necessita, antes de tudo, de alguma espécie de concretude, para ser entendido como tal. Se etimologicamente a palavra significa “pensador livre”, o intelectual está, de qualquer modo, inserido em uma sociedade e suas ações destacam-se no quadro geral da mesma. Daí sua função primordial em agir contra os condicionamentos, de possuir uma postura humana e digna, de resistir, buscando sempre discernir se os mecanismos pelos quais uma sociedade opera são apenas de ordem social e costumeira ou se provém de uma fonte política ou ideológica mais perversa, totalitária, cujo interesse básico do discurso é a exclusão da diversidade de conceitos e opiniões. Portanto, na visão de Bobbio, o intelectual toma partido – não

---

<sup>27</sup> Nas palavras de Sabato, em sua obra *O escritor e seus fantasmas*: O homem não é um objeto passivo e, portanto, não pode se limitar a refletir o mundo; é um ser dialético e (como seus sonhos provam), longe de apenas refleti-lo, lhe faz resistência e o contradiz. E este atributo geral do homem se dá com mais histórica intensidade no artista, indivíduo em geral anárquico e anti-social, sonhador e inadaptado. (SABATO, 1985, p. 79-80). Essa ênfase inicial de Sabato dialoga com a colocação de Bosi: “Não nos cabe senão compreender resistindo e resistir compreendendo”. (2002, p. 254). Vale ressaltar que retomaremos essa questão no terceiro tópico deste capítulo.

no sentido do partidário político, como já citado – mas, conforme a sua consciência crítica, que perpassa então o foco e a estruturação de seu discurso.

Assim, o escritor-intelectual não se define apenas como um *voyeur* da realidade, mas “abraça e transcende a vida real.” (BOSI, 2002). Por isso, na introdução deste trabalho, buscamos pensar a postura comprometida de Sabato, por meio de reflexões de Sartre e Camus. Porém, queremos deixar claro que qualquer “rótulo” se torna reducionista, isto é, são escritores-intelectuais diferentes em contextos histórico-sociais e culturais diversos; mesmo assim, podemos refletir como estes agentes moldadores, por meio de fluxos de pensamentos sobre a questão (do intelectual) nos permitem realizar paralelos e aproximações. Pois, nas palavras de Sabato, em sua obra *O Escritor e seus Fantasmas*, pensando em corajosos escritores como Sartre, Camus, Dostoiévski, entre outros, escreve sob o título *Compromisso*:

Não há outra forma de se alcançar a eternidade senão afundando no instante, nem outras formas de chegar à universalidade senão através da própria circunstância: o aqui e agora. A tarefa do escritor seria a de entrever os valores eternos que estão implícitos no drama social e político de seu tempo e lugar. (1985, p. 51).<sup>28</sup>

No decorrer dessa obra, Sabato irá refletir, em outros momentos, sobre a importância do escritor consciente, enquanto *voz do seu tempo*, pois nas palavras do autor, se o escritor-intelectual não se pronunciar diante das barbáries e não denunciar as forças que violentam a condição humana, quem irá fazê-lo? Dentro da provocação, o autor cita Balzac: “[...] o escritor substituiu o padre, revestiu a clâmide dos mártires, sofre mil males, apanha a luz sobre o altar e a difunde no seio dos povos; ele é príncipe, ele é mendigo; ele consola, ele mal-diz, ele ora, ele profetiza.” (*apud* SABATO, 1985, p. 32).

Por meio da profunda reflexão de Balzac, apresentada por Sabato, percebemos o teor de espírito que é reivindicado ao escritor-intelectual, diante da sociedade, em relação às questões que perpassam os conflitos da existência humana. Assim, ainda permeando esse pensamento sobre o compromisso, Sabato conclui: “[...] o escritor consciente (dos inconscientes não me ocupo nesta obra) é

---

<sup>28</sup> Sabato retomará essa questão na primeira carta da obra *A Resistência*, sendo que as primeiras linhas da citação acima se encontram na íntegra dentro da carta citada.

um *ser integral* que atua com a plenitude de suas faculdades para dar testemunho da realidade humana.” (1985, p. 150). A partir dessa colocação, bem como dos autores escolhidos para essa análise reflexiva sobre o escritor-intelectual na contemporaneidade, percebemos a preocupação basicamente de todos em discutir o papel do mesmo enquanto agente crítico e comprometido, com sua palavra, perante as diversas realidades eleitas por esse *porta voz do seu tempo*. Isto nos possibilita evidenciar a pertinência da nossa escolha em refletir essa questão, principalmente, nessa fase histórica-social e cultural, parafraseando as palavras de Bauman (2001), quando atuam muitos “atores sem papéis”, tornando-a, diversas vezes, carente de posicionamentos críticos e humanos.

Na obra *Humanismo e crítica democrática* e no ensaio *O papel público dos escritores e intelectuais*, Said (2007), em sintonia com suas obras anteriores que refletem a mesma questão, discute a necessidade urgente do comprometimento na atualidade. A presente fase requer histórias desintoxicadas e sóbrias que tornem evidentes a multiplicidade e a complexidade da história e esse é um trabalho para escritores-intelectuais conscientes, pois, segue Said, não há como permitir a conclusão de que a história avança impessoalmente, de acordo com leis determinadas pelo “ser divino” e “todo poderoso”. Por isso, a função do porta-voz é interferir nesse percurso, mas sempre estando à margem do poder para melhor colocá-lo em causa sob sua ótica crítica, assim como também propõe Blanchot: “Afastado da política, não sai dela, mas tenta manter este espaço de afastamento [...] como um guardião que está lá apenas para velar, manter-se alerta [...]” (*apud* NOVAES, 2006, p. 13). Blanchot prossegue seu pensamento, argumentando que o escritor-intelectual deve estar em *vigília*, com “uma atenção ativa em que se exprime menos o cuidado de si do que o cuidado dos outros”. Dessa maneira, ele não apenas “contempla” as múltiplas realidades, mas, por estar em estado vigilante, preocupa-se com o “cuidado dos outros”, procurando alertá-los sobre os vacilos do poder, como a corrupção, as barbáries desumanas, entre outros desatinos cometidos pelo mesmo sistema. Assim como Said também expõe, ao prosseguir sua reflexão, que o papel do escritor-intelectual: “[...] é apresentar narrativas alternativas e outras perspectivas da história que não aquelas fornecidas pelos combatentes em nome da história oficial, da identidade nacional e da missão.” (2007, p. 170). Em outras palavras, usar o próprio conhecimento da cultura enquanto resistência a

histórias intoxicadas, as quais são utilizadas para legitimar poderes que buscam manipular e entorpecer a consciência crítica. Dessa forma, o escritor-intelectual: “[...] é talvez um tipo de contramemória, com seu próprio contradiscurso que não permitirá que a consciência (sua e do outro) desvie o olhar e caia no sono.” (2007, p. 172).

Por meio da reflexão de Blanchot e Said, nos fica claro que esse *estado vigilante* deve partir do escritor-intelectual, mas que não permanece sendo uma função somente sua, isto é, se o seu cuidado recai mais em relação aos outros do que consigo mesmo, assim sendo, o seu trabalho de alertá-los não se restringe a uma “super proteção”, mas possui a característica provocativa para que eles não adormeçam nos “embalos” de suas palavras. Pretende-se que todas as pessoas também desenvolvam a sua autonomia crítica, portanto, a liberdade, a responsabilidade, ou seja, a transformação coletiva, exterior, parte da ação consciente individual, sendo ou não intelectuais. Em sua obra *Cultura e Resistência*, Said, ao ser questionado se o papel do intelectual é, por definição, de oposição aos diversos poderes e sistemas desumanizadores, no intuito de sempre alertar a comunidade sobre a perda da humanidade, o pensador responde:

Acho que nesta sociedade ele tem que ser. Acredito muito na consciência individual. Essa é a base de todo trabalho humano. O entendimento humano não pode ser realizado numa escala coletiva a menos que antes ocorra numa escala individual. A consciência individual no nosso tempo é bombardeada, se ela também não é reprimida, por uma enorme quantidade de informações empacotadas e organizadas. [...] Em tal contexto, é papel do intelectual se opor, e eu consideraria um papel completamente, talvez até desesperadamente, necessário. (SAID, 2003, p. 105).

Dentro dessa perspectiva, conforme Sabato (1985), o conhecimento e o esclarecimento fazem com que as pessoas “incomodem umas às outras”, pois da mesma forma que o escritor-intelectual provocará as consciências individuais, essas, ao incorporarem a criticidade, ficarão mais exigentes, inconformadas e desejarão mudanças e transformações, também no âmbito coletivo. Como o intelectual em vigília, os seres humanos despertos permanecerão em sentinela, corporificando a resistência. A partir dessas reflexões, podemos ressaltar a importância de prosseguirmos essa discussão, até porque se a *modernidade líquida* carece de posicionamentos, acreditamos que eles devem partir, também, da própria academia, para que possamos saber, conforme Said (2007), *com o quê e com quem* estamos

comprometidos enquanto eruditos, intelectuais.

### 1.1.2 Intelectual e Humanismo: Aproximações entre Sabato e Said

Sabato buscou atuar diretamente em sua sociedade, como no caso da CONADEP (Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas), entidade que organizou as investigações sobre os desaparecidos durante o regime militar argentino (1976-1983), a qual ele presidiu. O resultado de seus trabalhos junto a CONADEP<sup>29</sup> foi publicado no livro *Nunca más* e serviu de base para o julgamento de militares envolvidos em crimes durante a ditadura. Em *Antes del fin*, Sabato comenta que foi por diversas vezes questionado e criticado (por outros escritores e “intelectuais” em geral) sobre as razões pelas quais teria se envolvido numa investigação tão séria e perigosa, posto que suas atividades inquiriam justamente uma elite poderosa e violenta.

A *resistência* contra as coações do cotidiano, das ideologias desumanizadoras que emperram a vivência humana, só pode ser encontrada numa ação consciente. O intelectual deve, conforme Said (2003), portanto, posicionar-se em defesa dos valores e direitos humanos, bem como da preservação da vida. Em sua busca crítica deve esclarecer as pessoas sem impor-lhes seu discurso de modo abrupto e violento, resistir por meio do conhecimento e da atitude consciente a favor dos valores e direitos humanos. Para Said, em sua obra *Representações do Intelectual*: “Falar a verdade ao poder não é idealismo panglossiano: é pesar cuidadosamente as alternativas, escolher a certa e então representá-la de maneira inteligente, onde possa fazer o maior bem e causar a mudança correta.” (2003, p. 104).

Antes de prosseguirmos com as nossas reflexões em torno do escritor-intelectual e suas representações, é pertinente que deixemos claro que não estamos comparando Sabato com Said, ou melhor, no sentido de igualar ambos os posicionamentos. Contudo, procuramos evidenciar as aproximações entre os dois

---

<sup>29</sup> Aprofundaremos melhor essa questão no segundo tópico deste capítulo.

intelectuais envolvidos e comprometidos com a realidade da qual fizeram e, no caso de Sabato, ainda faz parte. São duas vozes, entre dois extremos, ocidente e oriente (apesar de Said, palestino, ter sido radicado nos EUA), mas com a mesma preocupação com os caminhos do intelectual e da humanidade na sociedade contemporânea. O encontro de duas vozes, que não dialogaram pessoalmente, mas dialogam entre suas obras, nos permite perceber o compromisso com as diversas realidades e suas transformações, de ambas as partes.

Os pronunciamentos de Sabato<sup>30</sup> nos remetem às leituras que realizamos de outras obras do autor, como a obra *Heterodoxia* (1953), *Apologías y Rechazos* (1979) e a já citada *O Escritor e seus Fantasmas* (1985). Em suas discussões e análises, ele sempre enfatiza que a responsabilidade surge a partir de uma experiência desse mundo que lhe dói, sendo de maneira tão intensa e “perturbadora”, como ele mesmo define, impossibilitando-o de ser indiferente.<sup>31</sup> O compromisso com a vida, com a palavra e a realidade humana não se torna apenas uma confissão declarada pelo autor, isto é, outros autores também reconhecem a sua postura. Assim como destaca Mario Benedetti, ao dizer que da mesma forma que não se pode duvidar do sentido de responsabilidade de Sabato, tampouco se pode duvidar de sua “aguda sinceridade”: “Sabato parece ser igualmente sincero y comprometido en su actitud pública y en su quehacer literario.” (*apud* SAUTER, 2005, p. 10). A visão de Benedetti também é percebida por outro escritor de nossa época, José Saramago, durante uma homenagem a Sabato realizada na *Universidad Carlos III* e que está registrada na obra *España en los diarios de mi vejez* (2004). Na ocasião Saramago faz uma ressalva, dizendo que a obra de Sabato:

[...] no es una obra para tranquilizar a nadie. Que nadie, entonces, se acerque a Sabato queriendo que lo confirme en su necesidad de tranquilidad. No, si hay alguien, si hay un escritor en el mundo, hoy mismo, cuya obra sirva para inquietar, para decir “no te fíes de lo que estás pensando, porque quizá no sea más que un espejismo que alimentas contigo mismo, para ti mismo, para encerrarte detrás de una moral que te protege”, ése es Sabato. Él tira la muralla y nos enfrenta a la realidad, esa terrible realidad que por un lado es el hombre y por otro la sociedad

<sup>30</sup> Em entrevista Sabato disse que: A Argentina está vivendo felizmente o fim de um pesadelo tenebroso. Em outubro teremos eleições gerais, que mostrarão que o povo está contra a ditadura e seus abomináveis crimes. Claro que a cultura sofreu por obra da censura, da repressão e até da morte de escritores, como, por exemplo, Haroldo Conti. (*Folha de São Paulo*, 07 de junho de 1983).

<sup>31</sup> **Ernesto Sabato chega amanhã em São Paulo.** *Folha de São Paulo*, 13 de outubro de 1986.

humana. Ése es, a mi juicio, el sentido difícil, el sentido profundo de la obra de Sabato. (SARAMAGO, 2004, p. 234).

Por meio da colocação de Saramago, percebemos justamente o que havíamos discutido sobre o escritor-intelectual, como Sabato, que não reserva apenas a ele a responsabilidade de vigília nessa “noite em que passamos”, nas palavras do próprio autor. Porém, por estar desperto, em sentinela, provoca as outras consciências, dos seres humanos, para que não caiam no sono. Dentro do pensamento de Sabato não há como ter cuidado com sonâmbulos porque nunca sabemos para onde se dirigem, é necessário acordá-los, mesmo que se sintam incomodados. É por isso que Saramago, ao escrever sobre Sabato e sua obra, coloca que a leitura do autor causa certa angústia, gerando uma reflexão inquieta e perturbadora, pois ele faz com que as muralhas caiam e que tenhamos que enfrentar a terrível realidade: “[...] que por un lado es el hombre y por otro la sociedad humana.” (SARAMAGO, 2004, p. 234).

Dessa forma, o autor conclui que essa é a função do escritor-intelectual em todas as sociedades e épocas, mas, principalmente, na contemporaneidade, quando a cegueira existencial não permite mais reconhecer a si mesmo e o outro. Assim, Saramago acrescenta, ao prosseguir sobre as inquietações provocadas por Sabato:

Y eso está bien. Porque necesitamos que nos quiten este respaldo. Rodeados de complicaciones como estamos, si algo no nos afecta directamente, decimos que no tiene nada que ver con nosotros, que es una cosa que no nos pertenece. Pero todo lo que ocurre lleva una parte de responsabilidad nuestra. Y esto es algo profundamente provocador que hay en la obra de Sabato, que en el fondo consiste en decir al lector: tú eres responsable. (2004, p. 234).

Saramago<sup>32</sup> esclarece que não se pode confundir *responsabilidade* com

---

<sup>32</sup> Como já comentamos, existe um diálogo entre os escritos de Sabato que se referem à cegueira existencial e o *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago: O governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um susto epidérmico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio, supondo que de contágio se trata, supondo que não estamos perante uma série de coincidências por enquanto inexplicáveis. A decisão de reunir num mesmo local as pessoas afetadas, e, em local próximo, mas separado, as que com ela tiveram algum tipo de contacto, não foi tomada sem séria ponderação. O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam, como cumpridores cidadãos que devem ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um ato de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. (SARAMAGO, 1995, p. 194).

*culpa*, questão que ele também abordou em sua obra *Ensaio sobre a Cegueira* (1995); nas palavras do escritor, muitos se perguntariam: por que sou responsável? Que culpa eu tenho? A essas perguntas, o próprio autor dá a resposta: “[...] quizá nada, no lo sé, quizás no has hecho nada, pero aunque no hayas hecho nada, tienes una parte de responsabilidad.” (SARAMAGO, 2004, p. 234). Nesse sentido, vai se configurando a posição do escritor-intelectual no mundo de hoje, o qual procura alertar a comunidade, as pessoas, sobre a perda de humanidade, os desatinos do poder e das ideologias dominantes, entre outras barbáries. Tal postura também exige, dessas mesmas pessoas, uma posição desperta, consciente e vigilante para que a dignidade e a solidariedade humana possam ser restabelecidas. Nessa perspectiva, a partir da leitura da obra sabatiana, tanto ensaística quanto ficcional, pode-se dizer que o autor se apresenta, de maneira comprometida, a discutir as várias questões que se referem à condição humana em suas múltiplas esferas: histórico-sociais, culturais, existenciais, espirituais, políticas, etc. Suas obras dialogam com sua postura crítica e envolvida em seu meio social, para além das fronteiras de cada especialidade e políticas partidárias, arrisca fazer do espaço da literatura um campo aberto para o qual confluem as diversas questões voltadas à humanidade. Essa observação, ao conhecermos a trajetória do autor, encontra-se de maneira evidente em suas ficções, principalmente em *Sobre Heróis e Tumbas* e *Abadon o exterminador*.

Prosseguindo esse pensamento, para que a posição do escritor-intelectual possa ser melhor definida, possibilitando a devida *liberdade* para sua palavra, conforme Said (2005), ele deve atuar às margens do poder. Desse modo, procurando evitar ser um especialista confinado em sua área de atuação e pesquisa, ou, mais grave ainda, limitando-se a um silêncio oportuno ou a dizer meias verdades, quando não mentiras, sobre questões políticas, guerras e massacres. Usando essa perspectiva, Walter Benjamin (*apud* NOVAES, 2006, P. 18), também reflete sobre o silêncio dos intelectuais, questionando se, muitas vezes, essa postura de medo e inação perante a realidade não seria uma “preguiça no coração”. O “homem de cultura” acaba se tornando prisioneiro, atado a nós inextrincáveis de seu contexto, reproduzindo mecanicamente o esquema de interações ao qual está inserido, impossibilitando-o de resistir. Nesse sentido, Sabato, como escritor e intelectual, procura colocar em crise, nas palavras de Bosi (2002), os “laços

apertados” que aprisionam o ser humano a um contexto que não reconhece, muitas vezes, sequer os valores que o constituem. Assim, na obra *A Resistência*, o autor realiza uma reflexão sombria, porém equilibrada de nossa época e revisa as mudanças processadas no cotidiano e no imaginário dos indivíduos e das sociedades: “Do terrorismo à internet, da degradação do meio ambiente à mercantilização da arte, tudo passa pelo crivo do humanismo crítico do autor argentino.” (MOLINA *in* SABATO, 2008).

A reflexão de Sabato sobre a realidade faz com que ele questione a postura do intelectual humanista, mas sem negá-lo. Da mesma forma que Bobbio (1996) coloca que é uma insensatez a falsa generalização do que é ser intelectual, conseqüentemente, para Said (2006), deve-se ter cuidado, também, para não generalizar o conceito de humanismo<sup>33</sup> e humanista. Vale esclarecer que estamos refletindo essa concepção a partir de Said, assim não nos cabe resgatar, para este trabalho, a visão pautada no *antropocentrismo*, ligado ao *Renascimento*, em que “o homem é o centro da terra”, até porque essa perspectiva se torna redutiva a nossa análise: “[...] as humanidades e o humanismo precisam em essência de revisão, reconsideração, e revitalização. Uma vez mumificados na tradição, deixam de ser o que realmente são e tornam-se instrumentos de veneração e repressão.” (SAID, 2007, p. 53). Mais adiante, o próprio Said nos auxiliará para que possamos compreender melhor a nova concepção que se propõe na atualidade.

Da mesma forma que Bobbio (1996) chama a atenção para a falsa generalização que, frequentemente, é entendida por “intelectualidade”, Said, com uma profunda perspicácia, adverte sobre a concepção de “humanismo”, que vem sofrendo deturpações, atualmente, por parte de leigos e estudiosos, isso é, do mesmo modo que os intelectuais acabam sendo classificados, de forma geral, de desertores, traidores, coniventes com o poder, etc., o humanista acaba, também, recebendo o epíteto de arrogante, cientificista, idealista, utópico, etc. Por isso, Said ressalta que sempre vale à pena insistir, nesse como em outros casos, que criticar, atacar ou apontar os abusos de algo não significa o mesmo que desconsiderá-lo ou destruí-lo: “Assim, na minha opinião, é o abuso do humanismo que desacredita alguns dos praticantes do humanismo, sem desacreditar o próprio humanismo.”

---

<sup>33</sup> Para que deixemos de maneira clara, é importante ressaltarmos novamente que a concepção de humanismo adotada nesta dissertação se refere à concepção de Edward Said.

(SAID, 2007, p. 32).

Muitos, por comodismo, preferem optar por uma vida passiva, mas esquecem de sua atitude diante da mesma, enquanto seres humanos e cidadãos que constituem e constroem a vida em sociedade. Nesse sentido, o escritor-intelectual, também dentro da perspectiva da cultura humanista, busca criar espaços de coexistência e partilha, dando abertura para a diversidade, oferecendo alternativas para se pensar e recriar as múltiplas realidades a partir de vivências e convivências com várias culturas, etnias, histórias. Como afirma Said (2007, p. 145): “[...] são os homens e as mulheres que criam a história, e não Deus - caso contrário, estaríamos presos a um fatalismo do destino e a uma teologia do terror, colocando na divindade a culpa de todas as catástrofes e atos desumanos que acontecem.” Assim, o intelectual livre, responsável, inconformado, também faz do seu compromisso crítico uma abertura para o encontro e a solidariedade. Essa *práxis* parte sempre do individual, como já ressaltamos em reflexões anteriores, para então ser concretizada coletivamente e que Said aprofunda na explanação a seguir:

O humanismo diz respeito à leitura, diz respeito à perspectiva e, em nosso trabalho como humanistas, diz respeito às **transições de um domínio, uma área da experiência humana para outra**. [...] Tudo o que disse sobre humanidades e o humanismo é baseado numa convicção obstinada que deve, **que só pode começar no individual**, sem a qual não pode haver verdadeira literatura, expressão digna de ser declarada e apreciada, história e ação humana em condições de proteger e encorajar. (SAID, 2007, p. 105, grifo nosso).

Said (2007) também questiona a postura dos intelectuais, enquanto agentes inseridos na sociedade, pois se existe uma “crise”, ela não está ligada apenas a um “grupo dominante”; mas cabe a cada um repensar o seu papel dentro do contexto, distanciando-se para refletir, mas também se conectando para transformar. Por essa razão, Said não ignora a trajetória do humanismo, mas parte em busca de uma concepção mais objetiva, envolvida na atualidade e em sua aplicação prática, por parte dos intelectuais comprometidos e conscientes que refletem e agem sobre seu contexto existencial, histórico e cultural:

Devo enfatizar mais uma vez que não estou tratando este tema para produzir uma história do humanismo, nem uma exploração de todos os significados possíveis, e certamente nenhum exame consumado de sua relação metafísica com um ser anterior, à maneira da “carta sobre o humanismo” de Heidegger. O que me interessa é o humanismo como uma *práxis* utilizável para intelectuais e acadêmicos que desejam saber o que

estão fazendo, com o que estão comprometidos como eruditos, e que também desejam conectar esses princípios ao mundo em que vivemos como cidadãos. Isso implica necessariamente [...], acima de tudo, uma consciência aguçada das razões pelas quais o humanismo é importante para esta sociedade neste tempo [...]. (SAID, 2007, p. 25).

Portanto, para Said (2007), a *práxis*, a prática do humanismo vem acompanhada pelo suplemento da autocrítica e do autoconhecimento e, por meio dessa reflexão, o autor cita Miyoshi, em que: “Se não respeitarmos a nós mesmos [...] por que um outro nos respeitaria, e assim definhamos despercebidos e não pranteados.” (MIYOSHI, *apud* SAID, 2007, p. 33). Essa atitude de autoconhecimento para chegar até a autocrítica permite que o ser humano “se conheça” profundamente para então procurar “conhecer” e “reconhecer” o outro.

### 1.1.3 A arte na liquidez contemporânea

A reflexão sobre os perigos gerados pela passividade humana, e pela catadupa de informações das mais diversas mídias, também se encontra nas discussões de Adorno (2009) em *Indústria Cultural e Sociedade*. O pensador enfatiza que os autodesignados censores dessa indústria velam para que a duração do delito prolongado seja um espetáculo divertido, em que muitos programas televisivos: “[...] tem outro efeito além de habituar os sentidos a um novo ritmo, que é o de martelar em todos os cérebros a antiga verdade de que o mau trato contínuo, o esfacelamento de toda resistência individual, é a condição da vida nesta sociedade.” (ADORNO, 2009, p. 33).

Adorno prossegue essa discussão provocadora sobre o esfacelamento da resistência individual causado pelos “golpes” midiáticos nos sentidos, os quais entorpecem o senso crítico. Os espectadores se tornam *voyeurs* anestesiados, pois o bombardeio midiático e a tecnologia atingem e invadem violentamente a vida humana, condicionando o modo de pensar, sentir, raciocinar e relacionar das pessoas. Como ainda destaca Adorno: “A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, bem como os costumes bárbaros. A cultura industrializada dá algo mais. Ela ensina e infunde a condição em que a vida desumana pode ser

tolerada.” (2009, p. 53). Por isso, Sabato vê na educação<sup>34</sup> o princípio alternativo para que esse episódio desumanizador, ou, como denomina Adorno, “delito prolongado”, possa ser revertido.

Em sua obra *Cultura e Resistência*, Said (2003) deixa claro que não existe cultura sem resistência e *vice-versa*, a própria cultura necessita da permanente *tensão* crítica para continuar viva e em movimento, é isso que o autor também chama de recepção e resistência/crítica, pois o ser humano é, sobretudo, um ser dialético e não passivo. Ainda para Said, o ser humano “é construído” pela própria cultura que ele ajuda a construir; nesse enfoque, a seguir, ao ser questionado por David Barsamian sobre o que ele tenta comunicar aos seus alunos, já que ministra aulas por mais de trinta anos, e como ele infunde neles um senso crítico de pensar, ele reflete e responde:

É difícil. Vivemos numa era de informação empacotada e comercializada, o modelo do qual é a mídia, e devo dizer também a internet. Você pode trazer para a discussão artigos impressos que tenham ar de um certo tipo de autoridade e finalidade que **me parece que a mente crítica é obrigada a questionar**. Antes de mais nada, existe o dever do professor de dar informação e conhecimento, de revelar aos alunos coisas que eles não conheciam antes. Ensino principalmente literatura e filosofia. Um grande número de livros e autores merecem ser conhecidos, por isso tento instigar as pessoas a lerem. Também tento instruir as pessoas a como ler. [...]. O ponto que quero que meus alunos alcancem é que **o conhecimento e a leitura são sempre intermináveis. Eles sempre continuam. Eles requerem um questionamento, descoberta e desafio infinitos**. (SAID, 2003, p. 103-104, grifo nosso).

Muitas pessoas estão, conforme Sabato, condicionadas a acreditar que a violência está aumentando cada vez mais e que se torna impossível atingir a criticidade e a força de vontade, da juventude e dos demais seres humanos em desenvolver o senso crítico e transformar a si e o seu meio. Por isso, o autor aponta uma das relevantes estratégias para resistir à “cultura do medo”, que é a Arte, em suas diversas manifestações, com ênfase a literatura. Essa perspectiva não só se configura na obra *A Resistência* como esta “saída” já está pensada numa de suas obras anteriores, por exemplo, *Querido y remoto muchacho*, que ele também escreve dentro do gênero epistolar/carta, e se dirige ao público jovem. Nessa obra,

<sup>34</sup> Saramago ressalta: [...] quiero señalar, al mismo tiempo, el trabajo ensayístico de Sabato, con obras fundamentales como *El escritor y sus fantasmas*, *Hombres y engranajes*, o *Apologías y rechazos*. Los ensayos de Sabato son de una lucidez, de una claridad y de una pertinencia verdaderamente impecables. Yo recomendaría, por ejemplo, a los que tienen la responsabilidad de la educación de jóvenes, la lectura de los ensayos sobre la educación. (SARAMAGO, 2004, p. 232).

instiga-os para uma reflexão existencial, incorporando, gradativamente, uma avaliação crítica da literatura, na função de arte, dentro do contexto histórico-social e cultural em que se vive:

En esta sociedad que exalta y preconiza la banalidad, la competencia y el éxito, también el arte está contaminado... Es necesario recuperarlo, devolverle su lugar sagrado, alentar la lectura de los grandes escritores, de aquellos que tanto en prosa como en verso merecen el nombre de poetas porque han llegado a tener la capacidad de crear, de suscitar el mundo poético, ese mundo sin el cual no podremos sobrevivir... (SABATO, 1998, p. 13-14).

A partir da reflexão do autor, podemos entrar um pouco nos *Estudios Culturais*, que preconizam a experiência da arte dentro da sociedade. Frequentemente, a arte se torna vítima da Indústria Cultural, conceito criado pelos pensadores da Escola de Frankfurt. Esses pensadores, filósofos e cientistas sociais se dedicaram aos estudos de diversos temas que compreendem desde a política, a arte e o cotidiano até os processos civilizadores modernos e o destino do homem na era da técnica (ou tecnologia). Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), esmiuçaram o conceito sobre a industrialização da arte, em que ela perde o intuito de provocadora crítica e se torna apenas uma via em serviço da dominação ideológica. Por meio dessa constatação, é importante ressaltar que o conceito *Indústria Cultural* foi criado em oposição ao termo *Cultura de Massa*, que transmitia a ideia de uma cultura surgida espontaneamente na própria massa. Para Adorno, há um equívoco muito grande ao se estabelecer a concepção de que os produtos da *Indústria Cultural* vêm necessariamente do povo, até porque essa indústria não adapta apenas seus produtos ao consumo das massas, como também, tiranicamente, determina seu consumo. Na *Indústria Cultural*, tudo se transforma em produto de mercado, inclusive o ser humano, gerando mecanismos de massificação da opinião, dos gostos e da necessidade consumista. A mais profunda preocupação não é transmitir informações ou conhecimentos que agucem a criticidade e o deleite estético, enfim, a formação do indivíduo, mas sim, vender, cada dia mais, produtos e ideias homogeneizados.

Ao massificar e homogeneizar certos gostos e necessidades de consumo, o mercado da *Indústria Cultural* aprofunda a alienação, desdobrando-se em passividade e conformismo. A relação humana que deveria acontecer entre as pessoas, acaba acontecendo com os produtos tecnológicos. Nesse sentido, para a

*Indústria Cultural*, na *modernidade líquida*, não interessa muito o ser humano ou o cidadão; o que existe é o público alvo que se torna, conforme Mattelart e Neveu (2006), um meio fértil para a continuidade das reproduções, impossibilitando a reflexão e o ato de:

[...] questionar tanto os modos em que a cultura funciona na época da globalização como os riscos de uma sociedade reduzida a um caleidoscópio de fluxos culturais que leve a esquecer que nossas sociedades também são regidas por relações econômicas, políticas, uma armadura social que não se reduz nem às séries de televisão de grande sucesso nem ao impacto dos “realities shows”. (MATTELART & NEVEU, 2006, p. 17).

Dos vários desdobramentos da *Indústria Cultural*, a arte se transforma em um bem de consumo rápido e a *Indústria* é a sua reprodutora em série, como criticava Benjamin (1934). A arte perde seu caráter único, a sua singularidade, conforme Freitag (1993, p. 72), ela “deixa de ser uma expressão da genialidade, do sofrimento, da angústia de um produtor (artista, poeta, escritor) para ser um bem de consumo coletivo.” Dessa forma, coisificando o ser humano (artista) e a própria arte, enquanto produto reificado por esse sistema, o qual: “[...] é destinado desde o início a sua venda, sendo avaliado segundo sua lucratividade ou aceitação de mercado e não pelo seu valor estético, filosófico, literário intrínseco.” (FREITAG, 1993, p. 72).

Assim, podemos dizer que Benjamin, ao acreditar na democratização da cultura por meio do controle das massas sobre a mesma, estava profundamente certo, pois possibilitaria a todos um maior enriquecimento e acesso à arte. Sem sermos céticos ou niilistas, podemos considerar que Adorno, com seu realismo ácido, estava um pouco mais consciente, em contraponto a Benjamin, sobre as “relações de poder” que engendram a sociedade. Enquanto existirem essas relações e esse sistema de mercado, conforme Adorno, as grandes potências ideológicas e mercadológicas jamais permitirão que as massas se libertem totalmente desses “nós inextrincáveis” que submetem as pessoas ao controle da *Indústria Cultural*.

Ao realizarmos um contraponto entre Benjamin e Adorno, podemos perceber que, na maioria das obras ensaísticas de Sabato, a sua crítica não está voltada somente aos sistemas desumanizadores, porém, juntamente, a toda uma concepção do ser e do mundo em crise, que está fundamentada, conforme o autor, em um racionalismo exacerbado e na idolatria à técnica, não abarcando a plenitude

da condição humana. Desse modo, se para Ortega y Gasset (1998), a prova da desumanização da arte está, a princípio, no divórcio entre o artista e o público, para Sabato é o inverso, como ele coloca em *Hombres y engranajes* (1951):

Ignoro por qué razón al filósofo español no se le ocurrió que las cosas podían ser exactamente al revés: que fuera el público el que está deshumanizado. [...] Tal vez descartó esta alternativa porque parece lógico suponer que el público es “la humanidad”. Pero éste el gran sofisma de nuestro tiempo, porque una cosa es la humanidad y otra cosa la masa, es decir, ese conjunto de seres que han dejado de ser criaturas humanas para convertirse o para ser convertidos en objetos numerados, fabricados en serie, moldeados por una educación estandarizada, [...] sacudidos diariamente al unísono por las noticias lanzadas desde una Central Desconocida. (SABATO, 2006, p. 111)<sup>35</sup>.

Para o autor são as próprias pessoas que acabam sendo as maiores vítimas e reprodutoras dessa desumanização ao aceitarem tudo passivamente. Por isso, em *O escritor e seus fantasmas*, ao refletir a mesma questão, ele cita o pensamento de Paul Gauguin: “[...] Se nossa vida está doente, também há de estar a nossa arte; só podemos devolver-lhe a saúde começando de novo, como crianças, ou como selvagens... Nossa civilização é nossa enfermidade.” (*apud* SABATO, 1985, p. 29). Por meio dessa perspectiva, podemos constatar que a arte e a condição humana são questões sempre abordadas pelo autor, ou seja, a integração e a reintegração do ser e da vida, o ético e o estético em sintonia, em conversão mútua. Conforme o autor desde *Hombres y engranajes*:

El arte de cada época trasunta una visión del mundo, la visión de mundo que tienen los hombres de esa época y, en particular, el concepto que esa época tiene de lo que es *la realidad*. La civilización burguesa tiene también su concepto: es el de una realidad *externa y racional*. Esto sí que significa una deshumanización, porque la genuina realidad incluye al hombre, ¿y desde cuándo el ser humano está desprovisto de interioridad y cómo es posible suponer que el hombre sea solamente racional? (SABATO, 2006, p. 103).<sup>36</sup>

A partir das meditações de Sabato, nessa obra dos anos 50, percebemos o seu balanço crítico da realidade desde aquela época, que se estenderá a suas obras posteriores, sendo retomadas em sua obra de “virada de milênio”. A sua inconformação não permanece em um plano estéril, tomado pelo pessimismo que

<sup>35</sup> Esta colocação de Sabato pode ser encontrada também, praticamente na íntegra, em sua obra *O escritor e seus fantasmas* (1963).

<sup>36</sup> Parte dessa citação de Sabato é retomada, praticamente na íntegra, em sua obra *A Resistência* (2008).

paralisa as ações e obscurece outras perspectivas. Assim, o autor sempre está pedindo a volta do ser humano à arte, como podemos ver na entrevista concedida por ele ao jornal *Clarín*: “La literatura es un arte, y todo arte es salvador, un exorcismo que nos hace sobrevivir.” (SABATO, 11/08/1981). Nessa perspectiva, percebemos que é por meio da verdadeira arte,<sup>37</sup> conforme Sabato, que o ser humano poderá encontrar algumas “brechas” possíveis, dentro desse caos, para que a resistência possa ser encarnada no cotidiano. Nesse enfoque, a arte, em suas várias manifestações é entendida como instigadora e propulsora da consciência crítica e humana.

Na maioria de seus ensaios, o autor reflete sobre os conflitos que perpassam a existência como sendo, unicamente, uma angústia do ser humano. Essa busca angustiante e insaciável do ser humano é que o torna capaz de ver também na arte a sua humanização, pois não se satisfaz apenas como *criatura*, mas também deseja ser *criador*, interagir com a criação, porque o mundo, como lhe é apresentado apenas, não basta.

Dentro dessa reflexão, queremos deixar claro que Sabato não está sugerindo que a saída para os *conflitos existenciais* esteja na intenção de todos se tornarem escritores de literatura, contudo, voltar-se a ela, à arte, em um sentido consciente de que apenas “sobreviver” nessa vida não basta. Assim, resistir por meio da arte é torná-la parte da vida cotidiana, para que o ser humano possa aguçar a sua percepção de mundo, de existência. A partir daí, penetrado na *fruição*, também possa criar e recriar as diversas realidades que o envolvem, tanto no sentido estético, por meio da produção artística, quanto no sentido ético, sua reflexão crítica e humana sobre o universo cultural que o abriga, e que gera transformações. Da mesma forma, poderá também penetrar em uma conversão mútua entre o ético e o estético, perpassando aí, mais profundamente, a sua consciência resistente, como reflete Camus, em sua obra *O Homem revoltado*: “Este mundo, tal como está feito, não é suportável. Tenho então necessidade da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa que talvez seja demente, mas que não seja deste

---

<sup>37</sup> Vale ressaltar que a verdadeira arte, em suas várias manifestações, e a verdadeira literatura, que o autor frequentemente se refere, trata-se de ambas enquanto provocadoras da reflexão crítica. Por isso, ele coloca em causa os “produtos artísticos” comercializados no grande supermercado de arte e que estão esvaziados de valores humanos e de reflexões provocadoras.

mundo.” (2008, p. 104). Assim, segue Camus, “o revoltado não exige a vida, mas as razões da vida”, pois nas palavras do poeta Fernando Pessoa, apenas viver não é necessário, ou, ainda no sentido camusiano: essa vida não basta. Por isso, junto a esse pensamento, cabem as palavras de Bataille (1989, p. 67) de que “a arte nasce com a insatisfação”, tanto para quem a cria, quanto para os dilacerados em seu desespero ou no intuito da fruição que a procuram, como salienta Sabato (1985). Ao prosseguirmos nessa reflexão instigante, cabem aqui alguns questionamentos provocativos realizados por Camus:

Mas do que se procura fugir pelo romance, pela arte? De uma realidade julgada por demais esmagadora? As pessoas felizes também lêem romances, e é um fato constatado que o extremo sofrimento tira o gosto pela leitura. [...]. A contradição é a seguinte: o homem recusa o mundo como ele é sem desejar fugir dele. (CAMUS, 1996, p. 298 - 299).

Nesse oscilar, os seres humanos, tanto em suas profundas angústias e conflitos existenciais, quanto em seus desejos de fruição, procuram dar sentido à própria existência. Camus (1996)<sup>38</sup> segue esclarecendo, que a arte não é apenas uma fuga da realidade e sim, sobretudo, uma forma de resistência à mesma. Por isso, a verdadeira arte, conforme Sabato, debruçada sobre a experiência humana, é capaz de ser um nicho de resistência e conhecimento frente à avalanche de informações das mais diversas mídias e sistemas culturais, que só informam, mas não formam. Enfatizamos aqui a *verdadeira arte*, pois na visão do autor, não podemos confundir as grandes obras criadas a partir de profundas dores, reflexões e experiências da vida humana com os *Best-sellers*, “simplesmente lixo”. Na entrevista concedida à revista *Veja*, ele critica mais enfaticamente:

Os Best-sellers são apenas lixo. Nessas condições, prefiro os *Worst-sellers*, os livros que vendem menos. Isso não significa que grandes escritores tenham de ter um público pequeno. *Dom Quixote*, de Cervantes, e *Guerra e Paz*, de Tolstói, por exemplo, tiveram uma enorme difusão. Penso que os Best-sellers estão para a literatura assim como a prostituição está para o amor. (SABATO, 22/07/1987).

Podemos perceber que, na maioria das entrevistas dadas por Sabato, o autor está sempre enfatizando a *verdadeira arte*, com ênfase a *literatura*, aquela que

---

<sup>38</sup> Ainda, para Camus: O homem pode permitir-se a denúncia da injustiça total do mundo e reivindicar uma justiça total do mundo. Para criar a beleza, ele deve ao mesmo tempo recusar o real e exaltar alguns dos seus aspectos. A arte contesta o real, mas não se esquivava dele. (CAMUS, 1996, p. 296-297).

se preocupa com o contínuo conflito entre o ser e o mundo e consigo mesmo. Por isso, Todorov (2009), em sua recente obra *Literatura em perigo*, irá criticar a maneira de como a literatura é tratada atualmente, sendo utilizada, frequentemente, apenas como um objeto de autópsia pelos estudos literários com seus vários “ismos”, os quais ele próprio ajudou a propagar e que: “[...] afastaram os jovens da leitura de obras originais – dando lugar ao culto estéril da teoria.” (TODOROV, 05/2010).<sup>39</sup> Contudo, Said (2007), dentro de sua concepção humanista, vai além do pensamento de Todorov, refletindo que se deve evitar extremismos, algumas vezes até reacionários, em relação à literatura, às teorias, enfim à própria crítica. Em sua obra *Humanismo e crítica democrática*, que já tratamos no tópico sobre humanismo, Said aprofunda ainda mais a questão, enfatizando que:

Ainda assim, argumento aqui que a marca da erudição, leitura e interpretação humanistas é ser capaz de desemaranhar o habitual do não habitual e o ordinário do extraordinário nas obras estéticas, bem como nas afirmações feitas pelos filósofos, intelectuais e figuras públicas. O humanismo é, em alguma medida, uma resistência às *idées reçues* (ideias recebidas), e oferece oposição a todo tipo de clichê e linguagem sem reflexão. (SAID, 2007, p. 65, grifo/tradução nossos).

Para o pensador, o humanista é estudioso e crítico da literatura, tendo como partida a própria linguagem e encontra nas humanidades o espaço mais fértil e oportuno para desenvolver o humanismo, que é o emprego das faculdades linguísticas de um indivíduo para: “[...] compreender, reinterpretar e lutar corpo a corpo com os produtos da linguagem na literatura, na história, em outras línguas e outras histórias.” (2007, p. 48). Nesse sentido, a literatura, na função de arte torna-se uma via fértil para se encarnar a resistência, pois além de proporcionar a fruição e o deleite, ela também provoca uma reflexão crítica e humana contínua, permitindo aos seres humanos manterem um diálogo profundo entre suas experiências de vidas, individuais e coletivas, e as experiências de outras vidas, fornecidas pela obra literária, por meio de seus personagens. Então, o trabalho da crítica humanista não é distanciar a obra do leitor e de sua experiência vivida durante e fora do processo da leitura, mas questionar, desafiar as *idées reçues* (idéias recebidas), é uma investigação crítica dos valores que envolvem autoconhecimento e autocrítica, permanecendo no esforço contínuo de recepção e resistência, como Said aborda dentro do seguinte pensamento:

<sup>39</sup> Entrevista concedida por ele à revista *Bravo*, maio de 2010.

Na minha compreensão de sua relevância atual, o humanismo não é um meio de consolidar e afirmar o que “nós” sempre conhecemos e sentimos, mas antes um meio de questionar, agitar e reformular muito do que nos é apresentado como certezas transformadas em produtos do mercado, empacotadas, incontroversas e codificadas de modo acrítico, inclusive aquelas contidas nas obras-primas agrupadas sob a rubrica de “os clássicos”. O nosso mundo intelectual e cultural não é hoje uma coletânea simples e evidente de discursos eruditos: é antes uma discordância em ebulição de notações não resolvidas, para usar a bela expressão de Raymond Williams para as articulações interminavelmente ramificadas e elaboradas da cultura. E, no entanto, como humanistas, é da linguagem que partimos. Mas, embora ágil e flexível, a linguagem nos propicia “o nosso destino social e cultural”, sendo essa a razão, aponta Poirier, pela qual “devemos vê-la primeiro pelo que ela é, e sua forma, em última análise, é a linguagem que usamos na cultura”, e eu acrescentaria, no humanismo, para o conhecimento de nós mesmos. (SAID, 2007, p. 48-49).

A arte, principalmente a literatura, enquanto ser de linguagem, quase sempre foi vista, pelo senso comum, apenas como ficcionalização da vida, da realidade, por isso, em vários momentos, leva o epíteto de mera fantasia, sendo analisada apenas em seu aspecto estrutural. Em outras palavras, ela trabalha com elementos e situações um tanto distantes do “mundo real”. Frente a esse pensamento, Bosi reflete que: “A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.” (2002, p. 135). Partindo dessa reflexão, se a literatura “pode ser o lugar da verdade mais exigente”, então é essa mesma literatura que permite, conforme Said, que ampliemos o conhecimento de nós mesmos e dos múltiplos mundos que coexistem ou estão em *tensão*, dentro e fora do texto literário, em um contínuo processo interacional de reavivar e modular a consciência crítica, já que a literatura se debruça sobre a própria experiência humana, como o pensador complementa em sua conclusão:

Sim precisamos sempre voltar às palavras e às estruturas nos livros que lemos, mas assim como essas palavras foram elas próprias tiradas do mundo pelo poeta/escritor, e evocadas do silêncio por meio de maneiras substanciais sem as quais nenhuma criação é possível, os leitores também devem estender as suas leituras para os vários mundos em que cada um de nós reside. (SAID, 2007, p. 101).

A literatura, na função de arte, enquanto provocadora do espírito, extensão de múltiplos mundos, bem como debruçada na experiência humana, isto é, todos esses fatores interpenetrados numa estética desafiadora e questionante, tornam-se um nicho de resistência: “É característico de um bom romance que nos arraste a seu mundo, que nele submirjamos, que nos isolemos a ponto de esquecer a realidade.

E, no entanto, é uma revelação sobre essa mesma realidade que nos rodeia.” (SABATO, 1985, p. 130). Por mais que a resistência possa ser multifacetada, ela sempre partirá do plano individual para então atingir o coletivo. Assim sendo, não se trata de separar em duas escalas, porém de evidenciar que: “O entendimento humano não pode ser realizado numa escala coletiva a menos que antes ocorra numa escala individual.” (SAID, 2003, p. 104).

Pensando a literatura, a obra artística, debruçada na experiência humana<sup>40</sup> e instigadora, propulsora da consciência crítica e humana, e não apenas um mero exercício estético, pode-se compreender a sua potencialidade, enquanto uma das principais alternativas de resistência apontada na obra em foco. Até porque, como já esclarecemos anteriormente, o autor não menciona que essa possibilidade somente pode ser *incorporada* por quem pretende ser escritor, pintor, etc. Contudo, dentro de seu convite para resistir, ele apresenta a arte, em suas diversas manifestações, com ênfase na literatura, como *fortalezas* perante essa catadupa de informações das diversas mídias: “A consciência individual [...] é bombardeada, [...] reprimida, por uma enorme quantidade de informações empacotadas e organizadas. Seu principal objetivo é criar um tipo de passividade coletiva de não questionamento e aceitação.” (SAID, 2007, p. 104). Assim como Sabato, Said também acredita na literatura, juntamente com a crítica democrática, dentro da concepção humanista: *recepção* e *resistência*, como sendo um nicho de resistência frente à avalanche de informações das diversas mídias que só informam, mas não formam; diante do consumismo, da competitividade e do individualismo exacerbados, entre outros tóxicos e envenenados “ismos”, como ressalta Bauman (2001). Enfim, frente toda a *tiranía sedutora* da *indústria cultural*, bem como às dissoluções de valores dessa *modernidade*. Se a realidade e o mundo que vivemos não bastam, como refletiu Camus (1996), então necessitamos de experiências de outras realidades, que somente a arte nos pode oferecer, para que, então, ao retornarmos desses “outros mundos”, inconformados com o presente mundo, possamos assumir o compromisso e a responsabilidade de transformá-lo.

---

<sup>40</sup> Para a antropóloga francesa Michèle Petit: “[...] a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia, a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção”. (PETIT, 2009, p. 292).

A verdadeira obra artística, à qual Sabato tanto se refere, instiga, inquieta, angustia, leva o ser humano a refletir em suas diversas complexidades e realidades, em seus múltiplos mundos, como se refere Said (2007). Uma obra, conforme o autor, em *O escritor e seus fantasmas*, que deixe tal como era o escritor/artista e o leitor é uma obra inútil: “Quando acabamos de ler *O Processo*, não somos as mesmas pessoas que antes (e certamente muito menos Kafka após escrevê-lo).” (SABATO, 1985, p. 25).

Nessa perspectiva, para que deixemos claro, a concepção de arte que estamos pensando parte justamente das reflexões da obra escolhida, *A Resistência*, até porque a estratégia é oferecida por ela, esse aprofundamento nos permite expandir nosso entendimento ao buscarmos as concepções pensadas por Camus e Said. Assim, para esse trabalho, entendemos que arte é criação, ela é instigadora e propulsora da consciência crítica e humana. Por isso, essa *arte resistente* se diferencia dos produtos “criados” para serem apenas mercantilizados pela *Indústria Cultural* e que, muitas vezes, se encontram esvaziados de conteúdo estético, filosófico, literário, etc. A arte criada apenas para o consumo, sem o propósito de ser instigadora e questionadora, torna-se mero “produto consolador”, que nas palavras de Bauman (2001), tenta preencher um vazio impreenchível. Por isso, a verdadeira arte, sugerida por Sabato, bem como expandida nas reflexões de Camus e Said, é uma atividade criadora e crítica aos valores vigentes. No sentido de colocá-los em crise para serem pensados, negados/interrogados e/ou ressignificados, no intuito de resgatar a própria condição humana, o ser humano concreto. Desse modo, a *arte resistente* não é mercadoria, ela é uma importante via humanizadora.

## 1.2 A posição de Sabato frente à CONADEP<sup>41</sup>

Assim como a identidade está em permanente construção, a face do intelectual não é diferente. Conforme Said, a primeira luta do escritor-intelectual é a apresentação de outras narrativas e perspectivas da história que não sejam aquelas: “[...] fornecidas pelos combatentes em nome da memória oficial, da identidade

---

<sup>41</sup> Comisión Nacional de Personas Desaparecidas.

nacional e da missão.” (2007, p. 170). A sua luta inicial é redescobrir a História, pensar desde outra perspectiva, como coloca Eduardo Galeano (2009), desde outro sentimento, reivindicar a história mal contada pelo outro, pois os discursos são elásticos, dialéticos e históricos. O intelectual não pode entender o hoje se não olhar para trás. Primeiramente, sua busca é pela reconstrução e o resgate da memória, a qual não terminará nunca, pois ela sempre tem a necessidade de ser falada. Nesse sentido, a desconstrução, a construção e a reconstrução da memória é um trabalho eterno, como destaca Galeano em sua obra *A memória de fogo*. Dentro dessa perspectiva, que também dialoga com Said (2007), o intelectual se faz pela língua, assim como reflete Bakhtin (2000) a linguagem é constituída em uma realidade e é capaz de constituir outras. A linguagem fornece ao escritor-intelectual e humanista, seu material básico, como ressalta Said, bem como na literatura e na história, sua oportunidade mais fecunda. O humanismo é a investigação crítica dos valores da história e da liberdade: “[...] o intelectual humanista acredita no poder da mente humana, em investigar a mente humana.” (SPITZER, *apud* SAID, 2004, p. 91).<sup>42</sup>

Conforme Said (2007), o sistema, por mais acirrado que seja, tanto político como cultural, não pode controlar tudo, há sempre uma brecha para o intelectual atuar. Nesta perspectiva, Sabato, ao se pronunciar sempre perante os conflitos sociais, não silenciou também diante da ditadura em seu país (1976-1982), que culminou com a Guerra das Malvinas (1982), como podemos ver nesta entrevista concedida por ele ao *Jornal do Brasil*, no período em que a Argentina ainda estava saindo da barbárie ocorrida nas Malvinas:

O mais terrível que acontece conosco, os argentinos, é que nunca pedimos as contas, os presidentes e ministros argentinos falaram: “que dios y la patria nos demanden”. Precisamos pedir as contas, desde as mais insignificantes até as que se referem aos direitos humanos e à guerra. [...] chegou a hora de os militares compreenderem que o país não vai tolerar outra manobra para a permanência das Forças Armadas no Poder. (SABATO, 04/07/1982).

Como observa também a pesquisadora Julia Constenla:

[...] la recuperación de las entrevistas que el escritor sembró en todo el mundo durante cinco décadas permite confirmar la unidad entre su vida y su obra. Sabato respondió siempre, aún en los peores momentos de la

<sup>42</sup> O autor enfatiza ainda que: “O modo mais direto e concreto de começar a compreender o alcance do humanismo é, em meu ver, por meio de uma experiência pessoal”. (SAID, 2007, p. 27).

Argentina, y despreció la habitual advertencia de que los hombres son dueños de sus silencios y prisioneros de sus palabras [...]. Sabato no titubeó en correr ese riesgo. (2000, p. 11).

A partir da análise da pesquisadora, constatamos os inúmeros pronunciamentos realizados por Sabato, seus encantos e desencantos com o comunismo, o marxismo, entre outros. Isso levou alguns críticos a considerá-lo, também, contraditório, principalmente por ele se posicionar criticamente diante de ideologias, as citadas anteriormente, que ele próprio havia defendido. Contudo, na entrevista a seguir, ao jornal da Argentina *El Clarín*, numa conversa com Vargas Llosa, em que o escritor peruano questiona sobre os seus ataques tanto às ditaduras de esquerda quanto de direita, Sabato acentua:

Es un deber combatir por la verdad. Ninguna dictadura, sea de derechas o de izquierdas, está hecha a la medida de la dignidad humana. [...] La tortura no suprime la tortura. No es con una dictadura feroz, como la de Stalin o Galtieri y otros, acá en la Argentina, que se va a lograr una sociedad ideal. [...] La justicia social es la libertad y solo muerto abandonaré esa posición. (SABATO, 11/08/1981).

Inspirado em Albert Camus, que diz que o escritor deve ser uma testemunha insubornável do seu tempo, Sabato, em seus pronunciamentos, principalmente durante e depois da ditadura e da Guerra das Malvinas, estaria sempre enfatizando a exigência que faz consigo mesmo, que é o compromisso com a palavra e a liberdade. Conforme o autor, são seres humanos que estão no “campo de batalha”<sup>43</sup> e são seus direitos e valores que estão sendo violados. Assim, ao ser convidado pelo então presidente Raul Alfonsín para presidir a CONADEP, criada em 15 de agosto de 1983, Sabato se comprometeu com um árduo trabalho, como ele mesmo diria mais tarde em entrevistas.

Seu trabalho junto à CONADEP, nas palavras do autor, dentro da obra *Nunca Más* (1984), não foi para julgar. A investigação foi realizada para contribuir com o esclarecimento dos terríveis fatos ocorridos, bem como denunciá-los publicamente para que os responsáveis pelas crueldades perpetradas, respondessem por seus delitos. Como o autor, junto à comissão, destaca no início da obra *Nunca Más*:

---

<sup>43</sup> SABATO, E. **Ernesto Sabato: Escrevo para não explodir de angústia.** *O Estado de S. Paulo*, 04/10/1981.

A nossa Comissão não foi instalada para julgar, pois isso é incumbência dos juízes constitucionais, e sim para indagar sob a sorte dos desaparecidos no decorrer destes anos infelizes da vida nacional. Mas, depois de ter recebido vários milhares de depoimentos e testemunhos; de haver verificado ou confirmado a existência de centenas de locais clandestinos de detenção; depois de juntar mais de cinquenta mil páginas de documentação, temos a certeza de que a ditadura militar gerou a maior tragédia de nossa história, e a mais selvagem. (SABATO, 1984, p. 01).

Em entrevista a vários jornais do mundo, como *El País*, *Le Monde*, *O Estado de S. Paulo*, entre outros, após a entrega do *Informe*, Sabato sempre declarou que por muito tempo foi atormentado<sup>44</sup> pela memória dos relatos, levando-o a ter pesadelos terríveis. Do mesmo modo, também confessou que foi diversas vezes criticado por muitas pessoas que ignoravam os crimes ocorridos durante o denominado *Processo de Reorganização Nacional*.

Perante essas colocações, vale à pena ressaltar, dentro da reflexão da filósofa Hannah Arendt (1989), que não se trata de rememorar e intensificar ressentimentos, mas se remeter ao passado como forma de elucidar o presente; impedir que o esquecimento se torne conivente com o poder estabelecido, ocultando a responsabilidade humana na sua dimensão histórica, cultural e social. A memória, arma contra a dissolução da história, torna-se, também, um instrumento criativo de análise, ressignificação e reconstrução da própria realidade. Um exemplo da memória resistente, que não se limita ao espaço do ressentimento e vingança, cabe a Nelson Mandela, que derrotou a Apartheid na África do Sul e, ao ser eleito presidente, foi questionado se o povo negro se rebelaria contra os algozes. Em seu discurso de posse declarou que desenvolveria a “política do perdão” aos opressores e torturadores, porém, esclareceu: “Não posso esquecer, mas posso perdoar.” (MANDELA, 2010, p. 53). Reforçando o pensamento de Mandela sobre a importância de não se esquecer os desatinos do autoritarismo e de toda e qualquer atitude que subtraia a dignidade e os valores humanos, retomamos o pensamento de Ricoeur (2007), de que a memória é uma defesa contra o esquecimento. Dessa forma, ao refletirmos sobre o posicionamento de Sabato junto à CONADEP, ao denunciar os militares e genocidas da Ditadura Argentina, bem como os valores humanos violados, a sua memória deste período de tensão, ressignifica o presente

---

<sup>44</sup> *Antes del fin*: Como tantas veces comentamos con Magdalena Ruiz Guiñazú, el horror que día a día íbamos descubriendo, dejó a todos los que integramos la CONADEP, la oscura sensación de que ninguno volvería a ser el mismo, como suele ocurrir cuando se desciende a los infiernos. (SABATO, 2006, p. 105).

e, ao mesmo tempo, assegura que acontecimentos trágicos não sejam propagados e nem repetidos.<sup>45</sup>

A postura de Sabato, enquanto um escritor não só de romances, mas também um intelectual que se vale de sua obra ensaística para criticar o sistema e as ideologias dominantes – chegando ao ponto de se envolver literalmente com a CONADEP – fez com que se tornasse alvo de inúmeras críticas por parte de outros escritores argentinos. Eles desaprovaram a sua conduta, argumentando que a postura de Sabato, em denunciar as torturas, as contradições do poder, incriminando, assim, os seus “algozes”, não passava de uma intenção para exercer o seu *status* de “politicamente correto”. Assim, ele buscaria com isso galgar uma posição privilegiada na sociedade, ou seja, uma estratégia de ascender socialmente, tanto durante o governo autocrático Peronista, quanto durante a Ditadura Militar, que culminou com a Guerra das Malvinas. As críticas realizadas por outros escritores a Ernesto Sabato encontram-se bastante explícitas, como esta realizada por Adolfo Bioy Casares, em diálogo com Jorge Luis Borges, em 1956, ao se referir à posição de Sabato em defesa da liberdade de imprensa e sua crítica às torturas cometidas durante o primeiro governo Peronista: “Ya verás: va a quedar como el hombre que protestó por las torturas. Va a quedar en la Historia como un Negro Falucho”<sup>46</sup>. (2006, p. 195). Mais tarde, Borges em entrevista à *La Gaceta de Hoy*, após a publicação da obra *Nunca más* (1984), questiona a postura do autor envolvido com a CONADEP e faz uma ressalva:

Não sei por que se meteu nisso (CONADEP). Eu não gostaria de ser um inquisidor, nem um juiz, nem um verdugo. Não sei por que aceitou tamanha responsabilidade. As acusações são espantosas. É muito estranho. Escolheu esse melancólico destino de inquisidor. Eu preferiria o esquecimento embora fosse um pouco de cumplicidade. Já existe tanta gente morta. [...]. Eu não sei por que Sabato se ofereceu para esta tarefa tão horrível, de examinar acusações. Não é advogado, nada entende de leis. Talvez o tenha feito porque lhe agrada o patético, o horrível. (BORGES, 20/12/1984 in STORTINI, 1990, p. 187).

Nas duas críticas em relação à Ernesto Sabato realizadas por Adolfo Bioy

---

<sup>45</sup> Em entrevista ao jornal *Clarín*, da Argentina, Sabato declara: Tanto los de sangre como los de dinero deben ser juzgados, porque sino la Argentina no podrá restaurar esa fe que urgentemente necesitamos. Necesitamos verdad y justicia. No venganza. Nunca. (SABATO in CONSTENLA, 1983, p. 316).

<sup>46</sup> Vide página 36.

Casares (durante o Primeiro Peronismo) e por Jorge Luis Borges (após a ditadura e a Guerra das Malvinas), percebemos que ambos se utilizam de fortes imagens argumentativas para criticá-lo. De um lado, Casares retoma um personagem histórico, o “Negro Falucho”, um soldado que pressionava seus pares a não reverenciarem o colonizador e que acabou se tornando uma figura pouco reconhecida na História da Argentina; de outro, Borges compara Sabato a um “inquisidor”, um juiz que condena em nome de certo moralismo. Sabato deveria ter conhecimento dessas críticas, pois na obra *A Resistência* (2008, p. 89), ele dá ênfase às razões de seu posicionamento frente à CONADEP, na quinta carta. Assim como em *Antes del fin*, na qual ele lamenta alguns percalços ocorridos e motivados pelo poder de maneira arbitrária, porém, continua confiante de que a luta ética da Comissão parecia não ter sido apenas uma luta vã. O desejo de justiça e esclarecimento dos fatos ocorridos, por parte da Comissão, na época, quanto de grande parte do povo que aguardava a investigação, principalmente, pelas *madres y abuelas de la Plaza de Mayo*, até os dias atuais, é uma resistência com a face da esperança. Conforme o historiador Luis Alberto Romero:

O grosso da sociedade, que, no início, condenou os militares por seu fracasso na guerra, descobriu de uma forma avassaladora aquilo que, até então, preferira ignorar: as atrocidades da repressão, expostas por uma torrente de denúncias judiciais, pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo relatório cuidadoso preparado pela Comissão Nacional de pessoas desaparecidas (CONADEP). O texto final desse grupo, constituído pelo governo e presidido pelo escritor Ernesto Sabato, foi amplamente divulgado com o título de *Nunca más*. Era absolutamente certo, mesmo para os que queriam justificar os militares. Manifestaram-se na sociedade algumas confusões e ambiguidades. Eles eram culpados por terem feito a Guerra das Malvinas, ou apenas por terem-na perdido? Eram culpados por ter torturado, ou apenas quando torturaram inocentes? Mas a grande maioria os repudiou em massa, se mobilizou e exigiu justiça ampla e irrestrita, talvez como em Nuremberg. (ROMERO, 2006, p. 235).<sup>47</sup>

Após essa experiência, profundamente dolorosa para a Argentina, após a ditadura e a Guerra das Malvinas, o país passa por uma transição com crises financeiras e grandes mudanças no panorama econômico-político. Dentro desse conflituoso contexto, a representação literária e intelectual busca se reconstruir, por meio da memória, tentando redefinir a identidade cultural argentina, e a da própria

<sup>47</sup> Conforme Gonzáles: Borges [...] quando pressionado pelas *Madres de la Plaza de Mayo* decidiu condenar o governo que antes tinha considerado como “de cavalheiros”. (GONZÁLES, *Folhetim*, 06/01/1985).

nação.

Ao pensarmos a arte, enquanto provocadora e questionadora da realidade, bem como suas faces resistentes de denúncia, guardadora da memória, podemos resgatar, brevemente, o romance *Informe sobre Cegos* (1961), de Sabato, no qual o protagonista, Fernando Vidal Olmos, torna-se um *Investigador do Mal* e da *Seita Secreta dos Cegos*. Esse resgate nos possibilita compreender melhor a postura do autor, sua investigação e denúncia, junto à CONADEP. O *Mal* a que Sabato se refere tanto no romance quanto na obra *Nunca Mais*, entre outras, não se restringe a “forças ocultas”, mas ao *Mal* que prevalece quando as pessoas de *Bem* não fazem nada. A observação não resulta de um mero pensamento maniqueísta, é uma questão muito mais profunda.

Para Sabato, o *Mal* advém de uma cegueira existencial<sup>48</sup> que impossibilita uma visão mais aguçada sobre a realidade, bem como a análise crítica da mesma. Assim, dentro da reflexão de Hannah Arendt<sup>49</sup> (1990), a qual parte das leituras de Santo Agostinho (séc IV d.C), o *Mal* não surge de “potências malévolas”, mas sim de um aglomerado de fraquezas humanas. Arendt especula que o *Mal* é uma força humana, assim como o *Bem*, mas, posteriormente, ela expande suas investigações filosóficas e começa a pensar que o *Mal* surge a partir das circunstâncias como: ignorância, educação, cultura, enfim, o ser humano cria e constrói o mesmo. Ainda nas palavras da pensadora, por muito tempo o *Mal* recebeu várias interpretações ditas como lógicas ao extremo ou místicas e dogmáticas. Mas agora, com análises e investigações mais profundas, surgiria uma abordagem inédita, cujo caráter singular veio acompanhado de uma importante denúncia ética, social, política e histórica. Na visão da filósofa, o ser humano até poderia possuir o “potencial da maldade”, mas essa não é uma tendência latente e nem ao menos prioritária. O *Mal* em si, enfatiza Arendt, é a supressão da dignidade humana em todos os sentidos (interno - para quem o pratica e externo - para quem o sofre), o que gera o “esvaziamento moral”

---

<sup>48</sup> Como já citamos, anteriormente, a cegueira existencial analisada por Sabato juntamente com o *Mal*, dialoga com a obra *Ensaio sobre a Cegueira* de Saramago. Em entrevista, o autor declara: [...] Este é um livro terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso. (SARAMAGO, 2008).

<sup>49</sup> Essa reflexão da filósofa surgiu a partir dos seus estudos sobre *As origens do totalitarismo*.

que marca a mentalidade daqueles que o fundamentam e o executam. Não é, por conseguinte, uma potência absoluta no sentido kantiano, mas uma banalizada e enfraquecida noção do senso crítico dos seres humanos.

A filósofa considera que o *Mal*, enquanto supressão da dignidade humana gera o “esvaziamento moral”- a alienação - em que o senso crítico humano enfraquece e se banaliza, permitindo que as “potências malévolas” possam agir naturalmente na sociedade. Os vários “poderes”, órgãos públicos, ideologias dominantes, etc., que cegamente administram o país, em que tantos enclausurados na “cegueira existencial” fingem ou realmente não veem a situação que se estabelece, em um sentido drástico, cotidianamente, são os mantenedores do *Mal*.

Por meio dessa reflexão aprofundada por Arendt, podemos compreender melhor a preocupação do escritor, tanto em seus ensaios quanto em seus romances, em discutir a questão do *Mal*. Ele não se restringe apenas à conotação de “forças ocultas”, mas, sobretudo, é abordado em suas obras como sendo uma cegueira existencial, justamente próximo à abordagem discutida pela filósofa, pois a partir do esvaziamento moral e do enfraquecimento crítico não há como resistir.

Ademais de sua postura enquanto escritor-intelectual ter sido criticada e questionada frente à CONADEP, Sabato não titubeou em “correr este risco”, como ele mesmo declarou em entrevistas. Saramago, no discurso a seguir, também reflete sobre o contínuo posicionamento comprometido do autor:

Sabato ha sido el presidente de la Comisión que investigó los crímenes de la dictadura en Argentina. Ha escrito y publicado ese informe titulado *Nunca Más*. Pero pensemos: ¿podremos alguna vez decir “nunca más? Lo hemos dicho a propósito de esto y de aquello, incluso en nuestra vida privada: nunca más, nunca más; y luego, estuvimos equivocados. Porque primero uno dice “nunca más” con toda la sinceridad del mundo, pero luego no puede cumplirlo. [...] Sabato habla del pueblo de los argentinos. Éste no es como el pueblo portugués, como el pueblo español, dotados de una identidad inalterable que se mantiene. En la Argentina, el pueblo son las sucesivas generaciones de un pueblo con el que Sabato está profundamente comprometido. (SARAMAGO, 2004, p. 236).

Os reclames e reivindicações das *Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo*, as trágicas recordações das vítimas sobreviventes, os familiares dos desaparecidos, entre tantos outros cidadãos inconformados, não permitiram que a memória fosse dissolvida no esquecimento. Dessa forma, fazem da memória, nas palavras do poeta

León Gieco, uma arma da história, que desperta para ferir os povos adormecidos. Esse resgate da experiência vivida pela Argentina, e discutidas por Sabato em algumas de suas obras e pronunciamentos, possibilita-nos refletir as novas máscaras ditatoriais na contemporaneidade, que estão disfarçadas pelo pensamento único, pela desumanização do ser, pelas contradições dos sistemas atuais, pelo enorme conforto de não se posicionar, pelas imposições mercadológicas e que se encontram interpenetrados nas atuais conjunturas.

Como bem enfatizou Saramago, não basta apenas dizer “*nunca más*”, como se fosse um *mantra* capaz de impedir as barbáries e dissimulações provocadas pelo sistema, poderes estabelecidos e ideologias dominantes. Assim, do mesmo modo que a face do intelectual se encontra em permanente construção, o seu comprometimento também passa por reavaliações e ressignificações contínuas. Como esclarece Said (2007), o escritor-intelectual deve se perguntar continuamente *com quem, por quem e com o quê* ele está comprometido, até porque o seu silêncio, de certa forma, também não deixa de ser um pacto com a realidade a qual observa e vive, principalmente quando se trata da América Latina, um continente, como acentua Ana Pizarro (2009), em que vivemos um curso histórico que exige pronunciamentos, sejamos ou não intelectuais. Ao ser questionada se a posição do intelectual na contemporaneidade reflete a mesma dos anos 60-70 (épocas de ditaduras no continente), a pesquisadora ressalta:

[...] yo creo que no se trata de la misma respuesta que en los años sesenta, setenta, sabemos las transformaciones que ha habido, hoy tenemos otras formas de poder, una perspectiva más compleja de América Latina. Pero me siento parte de un continente que exige permanente atención y de una historia internacional movida por diferentes formas de poder. Siento responsabilidad frente a mi familia, mis amigos y frente mis estudiantes, en fin, mi gente. Esta me ayuda a entender el mundo, hasta donde lo entiendo, y le da un sentido a mi quehacer. (2009, p. 17).

A partir da colocação refletida por Pizarro, em que há exigência de posicionamento diante da complexa realidade da América Latina, bem como o compromisso e a responsabilidade com ela e a vida, percebemos, então, que essa postura não “aprisiona” o *pensador livre*, no sentido etimológico do termo *intelectual*, e a própria comunidade em que está inserido, mas, ao contrário, dá sentido ao que cada um faz e realiza.

Assim como discute Pierre Bourdieu: “Tornar-se consciente dos mecanismos

que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las.” (*apud* BAUMAN, 2001, p. 245). Nesse sentido, o posicionamento não exige apenas consciência da realidade, mas, como deixa claro Said (2007) e Bobbio (1998), é necessário uma espécie de concretude. Assim, sendo intelectual ou não, retomando o pensamento de Pizarro, torna-se essencial o comprometimento e a criticidade que geram transformações. Por isso, a obra *A Resistência* não condensa apenas constatações analíticas da modernidade atual, mas, por ser escrita de maneira ensaística, provoca o leitor para a inconformação e o compromisso, sugerindo alternativas críticas e humanas, questões essas que já se encontram de maneira latente nas obras anteriores do autor, sobretudo, nas ficcionais.

Todos esses pronunciamentos, bem como refletidos e discutidos nas obras do autor e *vice-versa*<sup>50</sup>, renderam a ele algumas acusações e estereótipos, dentre os quais já destacamos que é de ser um escritor contraditório. Por isso, ao analisarmos muitas das entrevistas concedidas pelo autor, percebemos que sempre há uma pergunta relacionada a esse enfoque. Como podemos perceber a seguinte autodefesa do escritor à crítica realizada pelo entrevistador de *La Maga*, em 1995: “[...] todos los seres humanos nos equivocamos infinidad de veces. El principio de no contradicción es apto únicamente para la razón pura, como es el universo para el matemático. No para el corazón de los pobres mortales.” (SABATO *in* CONSTENLA, 2000, p. 365).

Nesse percurso de reflexão, acreditamos ser pertinente retomarmos o pensamento de Said (2007, p. 171), em que, se a primeira luta do intelectual é apresentar narrativas alternativas da história e outras perspectivas, que não sejam as mesmas fornecidas pelos discursos oficiais em nome da memória oficial, da identidade nacional e da missão. A segunda é “a luta pela construção de campos de coexistência, em lugar de campos de batalha”, sendo os campos de “convívio com o

---

<sup>50</sup> Debates **Folha**: A rádio USP-FM (93,7 MHz) transmite hoje, 11/11/1986, às 22h, a mesa-redonda promovida no último dia 29, no auditório da **Folha**, com o escritor argentino Ernesto Sabato, 75 [...]. A mesa-redonda, mediada por Nelson Ascher, crítico da **Folha**, contou com a participação dos professores Celso Lafer, da Faculdade de Direito da USP, e Jorge Schwartz, da Faculdade de Letras. A conversa com Sabato foi, sem dúvida, um marco no estreitamento das relações culturais entre o Brasil e os outros países da América Latina. Ele falou bastante e quem quer que conheça seus livros poderia ter previsto perfeitamente as respostas que daria às perguntas formuladas, tanto pelos debatedores, quanto pelo público. (*Folha de São Paulo*, 11 de novembro de 1986).

outro”, o resultado do trabalho intelectual. Identificamos essa preocupação do autor, dentro da obra *A Resistência*, pois ao reconfigurar o passado, reler a história, desconstruir, construir e reconstruir a memória, ele busca entender o presente e a si mesmo no trabalho de ressignificar a existência humana. Para isso, consciente de que o presente é um produto direto do passado, acredita na capacidade humana de repensar, recriar e interferir na realidade com o olhar voltado também ao horizonte do futuro, sem sucumbir somente ao ceticismo e à letargia das fracassadas experiências vividas. Por isso, busca criar campos de coexistência, que estão sempre permeados pela sua proposta de resistir. Nesse sentido, *A Resistência* carrega toda a criticidade e a inconformação do autor, perante as diversas realidades. Mesmo consciente que a Ditadura Argentina e a Guerra das Malvinas acabaram, o autor se preocupa em continuar discutindo as ideologias, os poderes estabelecidos, enfim, a *Modernidade Líquida* e os seus problemas.

### 1.2.1 A posição de Sabato no século XXI

Ao pensarmos a questão do intelectual, devemos considerar os diversos contextos histórico-sociais, culturais, em que cada um está representando o seu papel, por isso, há que se levar em conta, o *locus* de enunciação do intelectual abordado. Nessa pesquisa, ao se tratar do autor Ernesto Sabato, é importante deixarmos claro que, por mais que ele parta dos princípios sartreanos de liberdade e responsabilidade para compor seu posicionamento comprometido, isso não designa que sua postura intelectual esteja “espelhada” na conduta de Sartre. Como aprofundaremos adiante, os contextos mudam, assim, não há como transplantar um conceito de uma realidade para outra; o que podemos constatar são os diálogos e as aproximações existentes, bem como: o que permaneceu, o que mudou e o que deve ser transformado.

Ao realizarmos uma reflexão em torno do escritor-intelectual na contemporaneidade, percebemos, de maneira significativa, a preocupação incômoda por parte de vários estudiosos sobre a questão. Se por um lado, esses *escribas*, como Said (2007) denomina, têm como função primordial o trabalho de lutar contra o desaparecimento do passado, da memória; por outro, acabam sendo seduzidos pela

inação porque lhes faltam discernimentos para resistir à própria cultura. Desse modo, essa situação problemática em vez de servir para o início de sua luta, com seu contradiscurso e contramemória, torna-se desistência diante do que se vê. Assim, como enfatizou Benjamin, ao se olhar o passado, muitos pensadores se entregam a sua “preguiça no coração”, de forma que essa letargia parece ser mais estimulante e prazerosa, pois é cômoda, do que os verdadeiros valores e ideais que incendeiam o espírito humano.

Nos meandros do capítulo *O papel público dos escritores e intelectuais*, da obra *Humanismo e crítica democrática* (2007), Said reflete sobre a necessidade da autocrítica e do autoconhecimento, principalmente por parte dos escritores, pois eles trabalham mais intensamente com o olhar também voltado ao passado. Dentro desse olhar, é que iniciarão a sua luta para que, compreendendo o tempo de outrora, possam entender e planejar o presente que aqui se faz e o futuro que está sendo delineado. Nessa reflexão, o pensador enfatiza a responsabilidade e o compromisso que deve ou deveria ter cada escritor. Nessa perspectiva, sendo a sua primeira luta o impedimento para que o passado não desapareça, terá que apresentar, também, outras alternativas de narrativas e outros horizontes da história, da memória do passado, que não sejam aquelas: “[...] fornecidas pelos combatentes em nome da memória oficial, da identidade nacional e da missão.” (SAID, 2007, p. 170-172). Nesse sentido, sendo essa a sua primeira luta; a segunda: “[...] é pela construção de campos de coexistência, em lugar de campos de batalha”, como resultado do trabalho intelectual, que permitirá que a memória não só se proteja do *esquecimento*, mas também do *ressentimento*.

Essa postura só pode ser concretizada por meio da reavivação da memória que, conforme Ricoeur (2007, p. 40), deve estar desvencilhada do mero significado de imaginação – no sentido de fictício, falacioso, fantasioso, irreal. Contudo, deve ser tomada, principalmente, como capacidade de poder ser remetida ou “se fazer remeter” ao passado, por determinadas experiências, informações que estão “guardadas” na mente humana: “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela.” A memória, então, torna-se uma ressignificação do presente, engendrando perspectivas futuras e não somente uma ferramenta para guardar

dados mnemônicos e sim, sobretudo, como uma capacidade de (re)significação das coisas e de si mesmo. O ser humano, ao ter sua memória despertada, exercita a sua capacidade de rememoração, a qual exige do autor um trabalho cuidadoso para que situações, experiências, vivenciadas e aprendidas, não caiam em esquecimento. Assim sendo, ela também se torna, nas palavras de Said, um poderoso instrumento para a preservação da identidade de um povo, bem como de cada indivíduo inserido na comunidade: “[...] é algo que pode ser transmitido não só por meio de livros e narrativas oficiais, mas também por meio da memória informal. É uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência.” (2003, p. 184).

Na reflexão de Said, podemos perceber que a memória, quando ativada, torna-se uma alternativa de resistência, pois dentro de uma cultura, muitas vezes massificadora, não há como resistir sem conhecimento, sem buscar desvendar seus mecanismos. Por meio desse enfoque, assim como os escritores, todas as pessoas devem procurar se reconhecer no presente para construir o percurso que se pretende para o futuro. Essa capacidade só é efetivada por meio do conhecimento do passado, porque o tempo atual é constituído por confluências de outras vidas e histórias interpenetradas no decorrer da existência humana, porque o presente é um produto direto do passado. Nada, por mais que se queira, pode ser literalmente apagado, pois de uma forma ou de outra, elas percorrem os fios subterrâneos que tecem a vida humana. Dessa perspectiva, fazem parte da condição humana, esses conflitos e lutas, que são, muitas vezes, contidos pelo poder, pela massificação ideológica, pelos medos que acovardam. Mesmo assim, nas palavras de Sabato (2008), não se pode acreditar que não exista, no ser humano, a vontade, o desejo de se debater entre seus tormentos sobre os fios que o teceram para não se transformar em um mero emaranhado de linhas de vidas, histórias e experiências inconscientes. Por isso, voltar ao passado, à mais profunda memória coletiva e individual, é buscar subsídios de resistência, pois em todos os momentos da história houve pessoas que ficaram presas nas teias do poder, contudo, também existiram seres humanos que souberam encontrar nas crises a oportunidade, “a brecha”, para que a resistência penetrasse. A resistência, que além de estar permeada pela consciência crítica, também está carregada de tenacidade e coragem.

Ao retomarmos o pensamento de Said, em que a memória é uma das

principais defesas contra o esquecimento da própria trajetória da existência humana, percebemos que Sabato, enquanto escritor-intelectual, também se utiliza desse meio para dar início a sua luta na obra *A Resistência* e que aprofundaremos melhor em nossa análise. Desse modo, como enfatizamos anteriormente, nas palavras de Said (2003), a memória não é somente transmitida por livros, narrativas oficiais, mas também pela memória informal. Assim, é dessa forma que Sabato procura, em sua obra em foco, trazer para o leitor, além de grandes exemplos históricos, literários, também relatos sobre experiências cotidianas de pessoas que trabalham nas *villas-miseria*<sup>51</sup>, em orfanatos, etc., junto ao povo que sofre. As pessoas, conhecedoras do quanto de sagrado há no ser humano, não se conformam com a banalização do ser, dos verdadeiros valores do mundo e da própria vida e por isso encarnam a resistência.

Dentro desse resgate do passado para ressignificar o presente e dar sentido a si mesmo e à vida, nas palavras de Saramago (2004), Sabato lança um *olhar apaixonado* para o futuro. Acredita que apesar da crise, utilizando a metáfora de Bauman (2001), na *Modernidade Líquida*, existem pessoas que incorporam a resistência, por isso, a sua posição, enquanto escritor da obra *A Resistência*, não está, nas palavras de Said, na retórica opulenta de ficar vociferando verdades absolutas ou tentando impor seu discurso de maneira abrupta. Compenetrado em sua meditação e reflexão existencial, alicerçada em sua maturidade de espírito, Sabato procura provocar o leitor para que ouse avaliar a vida de outra maneira. Por meio de sua memória, ele combate o esquecimento, não somente da história, mas também dos valores humanos e espirituais que se encontram banalizados ou, nas palavras de Said (2006), sumidos no *buraco da memória*.

Assim como Said, outros escritores que aprofundamos, reclamam pelo posicionamento crítico e humano das pessoas na contemporaneidade, principalmente dos escritores e intelectuais a favor dos direitos humanos; constatamos, também, a preocupação, de forma especial, de alguns pensadores, à América Latina, um continente extremamente marcado por opressões, de colonizadores para com colonizados e sangrentas ditaduras como forma de manter o poder estabelecido. Perante esse painel de desatinos e disparates, a pesquisadora

---

<sup>51</sup> Termo utilizado na Argentina para denominar favelas.

sobre a América Latina, Ana Pizarro, em entrevista sobre o intelectual na pós-modernidade, discute sobre a exigência que se estabelece, em nosso continente, do contínuo comprometimento humano e crítico, dando ênfase à seguinte questão:

En este continente no se puede no tener una dimensión política (y comprometida) de la vida. Seamos o no intelectuales. Seamos tradicionales o no. Pero de la política en el gran sentido de la palabra, no en la partidista, que respeto pero no es el caso. Vivimos un curso histórico que exige pronunciamientos. No siempre se dan en el mismo orden de respuesta, pero la exigencia está. (2009, p. 17).

Na colocação acima, Ana Pizarro é categórica ao afirmar que o nosso continente, América Latina, exige uma dimensão política e comprometida da vida. A pensadora ainda enfatiza que essa posição, que deve ser tomada, não se restringe apenas para os intelectuais, mas para todas as pessoas, ainda mais por ser um continente permeado de grandes valores, mas também extremamente ferido nos mesmos, os quais ou são postos em dimensões “míticas e místicas”, ou seja, “irreais” ou rebaixados por se tratarem de valores constituídos por um subcontinente. Assim, a política, a cultura, a economia, etc., buscam implantar “modelos” dos mais desenvolvidos, sem ter consciência que, muitas vezes, esses “transplantes” são rejeitados pelo próprio organismo social, cultural e histórico que constituem a nação. Nesse aspecto, Pizarro reflete que “vivemos um curso histórico que exige pronunciamientos” não no sentido de tentar calar a “voz do outro”, bem como seu pensamento ou simplesmente atacá-lo, mas de perceber que os tempos mudaram e não há como silenciar frente ao que está acontecendo.

Ao refletirmos, mais profundamente, as palavras de Pizarro, sobre a exigência de posicionamento que se interpela dentro da América Latina, podemos compreender melhor a postura de Sabato. Um autor que se demonstra comprometido com o povo argentino, seu país e também, em suas palavras, com a própria humanidade. Assim, ao investigarmos e analisarmos suas várias obras, tanto os romances quanto os ensaios, identificamos seu compromisso em discutir as diversas questões que tangem o ser e o mundo no qual está inserido. Como observa Silvia Sauter: “Sabato es uno de los escritores cuya vida y escritura se entrecruzan e influyen mutuamente, así es como lo reconoce gran parte de su crítica.” (2005, p. 08). A consciência comprometida, em uma perspectiva de auto-exigência, também é confessada pelo próprio escritor em entrevista concedida à revista *Bravo*:

Não me agradam os escritores que traem em sua vida diária o que sustentam em sua obra. Detesto este tipo de contradição. Um escritor deve dizer o que considera sua verdade e defendê-la sem se importar com os riscos que se veja comprometido. (SABATO, 11/1999).

A partir do pronunciamento do autor, percebemos a relevância de se refletir mais profundamente o pensamento de Said, no qual ele enfatiza a responsabilidade do escritor-intelectual frente às diversas realidades, bem como o seu compromisso com a palavra. Da mesma forma, reconhecemos a reivindicação de Pizarro, ao se referir mais precisamente à América Latina, um continente que reclama posicionamento crítico e humano. Vale esclarecer novamente, que não se trata de engajamento político no aspecto partidarista, mas, sobretudo, compromisso ético. Por isso, prosseguindo nesse enfoque, consideramos pertinente destacarmos a conclusão do pronunciamento de Sabato, na mesma entrevista concedida por ele, à revista *Bravo*, sobre o escritor e seu compromisso com a palavra e a vida, tanto em sua obra, quanto em sua vivência cotidiana:

Essa é uma postura ante si mesmo, ante a vida e ante os demais. Essa é sua política – nada menos – e não se deve confundir com particularismos políticos. Sempre me considerei um franco-atirador solitário. Ao longo da vida, essa atitude me foi conquistando uma quantidade de inimigos. O escritor não pode defender nenhuma ideologia que esteja acima da dignidade da criatura humana e, se o fizer, a história o julgará por esse crime. A meu ver o mais aberrante. (SABATO, 11/1999).

Conforme Maria Angélica Correa (1980), estudiosa das obras de Sabato na Argentina, a figura do escritor de *Sobre Heróis e Tumbas* quase sempre é polêmica, pois se, por um lado, o consideram como uma *voz moral* do país, por outro, dentro de determinados grupos, ele é considerado um escritor contraditório. Por isso, alguns estudiosos procuram “separar” o autor, como se sofresse de dupla personalidade, de suas obras e vida pública. Como o fato, por exemplo, de ele ter sido de esquerda e depois tê-la criticado ferozmente, bem como o seu posicionamento investigativo ao presidir a CONADEP. Porém, perante as críticas, o autor, em entrevista à *Bravo*, se posiciona da seguinte maneira:

Ao longo da vida, essa atitude me foi conquistando uma quantidade de inimigos. Como esses comunistas de salão que me acusaram quando critiquei os crimes stalinistas. Será possível, por acaso, distinguir entre torturas más e torturas que trazem benefícios? (SABATO, 11/1999).

Consciente das críticas lançadas ao seu trabalho e posicionamento, o autor não se preocupou em deixar de ser polêmico, nem tampouco se intimidou em

permanecer provocativo em suas obras. Dessa forma, por mais que a obra *A Resistência*, escrita na virada do século, também suporte uma confluência de textos e temas tratados pelo autor, em suas obras anteriores, ela permanece com o estilo instigativo de Sabato. Ele, como um *franco-atirador solitário*, instiga, provoca e inquieta o pensamento moldado no contexto da *Modernidade Líquida*, em uma luta resistente para resgatar os verdadeiros valores humanos e do espírito, impedindo que a memória se dissolva na liquidez. Escreve, assim, a sua proposta de resistência, desde a sua velhice, ou melhor, de sua maturidade existencial. Tal como um Homero em seu estado de cegueira, considerando que o autor se encontra em um estágio em que sua visão está fragilizada, possuindo apenas a memória, que é evocada como uma musa, sua única arma contra o tempo.

Para compreendermos de maneira mais profunda, sem cairmos em extremismos, o posicionamento de Sabato enquanto escritor que pensa a *questão da resistência* de forma mais explícita no século XXI, torna-se fundamental conhecermos sua trajetória intelectual<sup>52</sup>. Caso contrário, exaltá-lo-íamos como um revolucionário das letras e da sociedade, ou, cairíamos no reducionismo de acharmos que suas obras e pronunciamentos não passam de complexas contradições. Como observa o crítico Nicasio Urbina:

Sabato es un creador que despierta en sus lectores reacciones apasionadas y tajantes. Por un lado están aquellos a quienes deslumbra, convencidos de que es uno de los grandes escritores del siglo XX, y por otro aquellos que lo atacan y detestan". (2005, p. 33).

Urbina segue a sua análise destacando a seguinte observação: "Lo extraordinario es que nadie que lo lea queda indiferente a su obra." (2005, p. 33). Perante os ataques em relação a sua obra e posicionamentos críticos, o autor se defende em entrevista ao jornal de Madrid, *El País*: "Como todo lo que se refiere a los seres humanos, la literatura y la actividad literaria es intensa y contradictoria." (SABATO, 10/1995).

Nas palavras de Urbina (2005) e Sauter (2005), em discussão sobre a vida e a obra de Sabato, ambos destacam que não há como desvencilhar o *autor* do *cidadão* Ernesto Sabato. Suas obras e pronunciamentos compactuam, pois da

---

<sup>52</sup> Essa que já foi desenvolvida e analisada, brevemente, na introdução desse trabalho.

mesma maneira que ele procura desvendar seu caos interior no cotidiano, também sobressaem em seus textos as complexas contradições do ser. Elas se referem mais à condição humana em permanente conflito do que necessariamente às “contradições lógicas”. Como veremos adiante, por mais que muitos escritores critiquem seus envolvimento, o autor faz de suas obras um campo de batalha, como ele discute na obra *O escritor e seus fantasmas*. A batalha que ele menciona está voltada ao ser que se encontra em crise e por isso entra em tensão consigo mesmo e o mundo, *Uno y el Universo*, assim, como o poeta Rimbaud confessa em sua obra *Uma estadia no inferno*: “A batalha espiritual, é mais violenta do que a batalha entre os homens.” (2003, p. 92).

Podemos dizer que Sabato, ao pensar a questão da *resistência*, deixa transparecer um pouco deste ser, como diria Maria Angélica Correa (1980), inconformado, “puro nervios”, mas com certa serenidade, conquistada por meio de uma profunda reflexão existencial. Por isso, a obra em foco carrega o estigma do seu autor combatente, pois aos 89 anos, em 2000, ainda insiste em propor, de maneira mais explícita, alternativas críticas e humanas frente à banalização do ser e da vida, cuja proposta é: *A Resistência*.

### **1.3 A questão da resistência**

Para compreendermos melhor a proposta de *resistência* pensada por Ernesto Sabato, em sua obra *A Resistência* (2000), consideramos pertinente ressaltar a observação de Sauter (2005, p. 08) sobre a produção ensaística e literária do autor: “Su creación habla por si misma; sin embargo, la incidencia entre la vida y obra es característica del artista visionário, quien como Sabato, la discierne en su ensayística y la vuelca em su ficción” e *vice versa*. Por isso, como já enfatizamos, podemos constatar, ademais de certa confluência de temas e assuntos já tratados pelo autor; também é evidente a relação *intertextual* presente na obra, com destaque à relação *intratextual* entre o conjunto de textos, tanto ensaísticos quanto ficcionais, do próprio autor. Desse modo, *A Resistência*, condensa a experiência do autor distribuída nas obras que a antecederam. Assim sendo, ao analisar o percurso de intensas produções do autor, percebemos seu comprometimento com as diversas

realidades vividas por ele, sendo, muitas vezes, criticado por determinadas posturas diante dos acontecimentos sociais e, ao mesmo tempo, tido como uma voz ativa em prol dos direitos humanos.

A polêmica e complexidade, que envolvem Sabato transformam-no em um pensador consciente de seus limites, fraquezas, porém, confiante nas pequenas atitudes de mudanças e transformações que cada um, incluindo ele, pode realizar no seu cotidiano, na vida e no mundo ao seu redor. Desse modo, Sabato não propõe uma *Revolução*, em seu aspecto político-partidário, nem tampouco atitudes violentas para que a *resistência* possa ser concretizada; ele sugere alternativas, estratégias, como alguém em sentinela, que se mantém vigilante, alertando a si e aos outros para que não se deixem desumanizar diante dos conflitos e contradições contemporâneas.

Essa preocupação com o trilhar cotidiano da vida humana entre os seus diversos conflitos - históricos, sociais, culturais, existenciais e espirituais é que Sabato desenvolve mais profundamente a sua proposta de resistência na obra de “início do novo milênio”, explicitada brevemente em *Antes del fin* (1998). Essa ressalva é fundamental, pois ao aprofundarmos as nossas leituras e análises, em algumas das suas outras produções<sup>53</sup>, constatamos que a *questão da resistência* já está penetrada, em estado latente, em muitos dos seus escritos anteriores. Mas, somente nas obras supracitadas, é que podemos verificar uma menção mais explícita da *resistência*. Nessa perspectiva, consideramos ser importante investigarmos como essas obras, de “fim e início”<sup>54</sup> de milênio, se manifestam e como a proposta de *resistência* vai se incorporando nas mesmas. Por isso, buscaremos analisar, brevemente, de quais gêneros e estilos<sup>55</sup> o autor se utiliza para acomodar o pensamento que ele propõe do que é resistir, para, então, desenvolvermos com maior profundidade como a proposta se apresenta, como ela se dá, o que podemos entender por resistir, juntamente com as reflexões realizadas

---

<sup>53</sup> Na obra, em foco, o autor se utiliza de fragmentos de ensaios e romances, produzidos anteriormente. Por isso, é comum vermos muitas partes, utilizadas dentro d'*A Resistência* e que se encontram em seus romances nas vozes dos seus personagens. Isso confirma a observação de Sauter (2005), na página anterior, que aprofundaremos em nossa análise, no segundo capítulo.

<sup>54</sup> *Antes del fin* (1998) e *La Resistencia*, publicada na Argentina em 2000.

<sup>55</sup> Aqui enfatizaremos o gênero autobiográfico de *Antes del fin* e o gênero epistolar: carta-ensaio de *A Resistência*.

por outros autores que também pensaram essa questão.

A resistência é um conceito multifacetado, isso é, ela possui várias faces e existem várias maneiras de se resistir. Assim, torna-se um conceito rico e inesgotável e seu sentido só é revelado dependendo de para onde os olhares das faces estão voltados, direcionados. Nesse sentido, acreditamos ser relevante pensarmos um pouco como as obras, *Antes del fin* e, mais precisamente, *A Resistência* se manifestam para, então, buscarmos entender as direções desses “olhares” da *resistência* proposta pelo autor.

A obra *Antes del fin* está escrita em forma de memórias, dentro do gênero autobiográfico, que Sabato se vale para realizar uma retrospectiva existencial. Conforme Ricoeur a memória torna-se uma (re)significação do presente, é a capacidade humana de ressignificar as coisas e a si mesmo. Em outras palavras, o ser humano ao ter sua memória despertada, exercita a sua capacidade de rememoração e, nesse processo, ele oscilará entre lembranças e esquecimentos. Conforme Philippe Lejeune (2008):

Na tríade o Belo, o Bem, o Verdadeiro, só o primeiro termo diz respeito ao escritor atual que pensa não ter obrigação de ser, em sua obra, nem moral, nem “verídico”, ou antes, ser tudo isso automaticamente pelo simples fato de ser belo. Ora, a autobiografia levanta fatalmente problemas éticos; e na medida em que é literária, visa ao mesmo tempo o Belo, e o verdadeiro. Pode-se ver, nessa dupla restrição, não uma aliança contranatura que aviltaria a arte, mas uma alta exigência que a levaria a um de seus ápices [...]. (2009, p. 109).

A partir dessa reflexão de Lejeune, percebemos que, em seu exercício de rememoração, Sabato irá recordar as experiências mais importantes que vivenciou, que tiveram e ainda possuem algum significado profundo e decisivo em sua vida, numa conversão mútua entre o ético e o estético. Todavia, além da memória ser ressignificadora, nas palavras de Le Goff (1984), ela também é a consciência crítica social e histórica do indivíduo, que permitirá o resgate do passado para compreender o presente e delinear, projetar o futuro, bem como a atuação consciente do mesmo na realidade. No percurso de resgatar suas memórias, o autor vai buscando, tentando delinear esteticamente e eticamente a sua autobiografia, reconstituindo a sua experiência vivida. Segundo Alberti (1991, p. 66): “[...] no caso da autobiografia - não implica uma posição “monolítica” e “linear” do sujeito da criação, uma vez que o escritor, no processo de produção da narrativa, se move

continuamente entre “o que é” e “o que poderia ser”. Assim, o gênero autobiográfico, que “acomoda” as memórias ao falar do sujeito em sua dimensão íntima, difunde e exemplifica a experiência do autor, ou seja: “[...] a partir de seu ponto de vista singular, e, nesse sentido, tal qual a narração, informa, aconselha e ensina o ouvinte/leitor.” (ALBERTI, 1991, p. 72).

Nesse sentido, partindo de sua autobiografia, isto é, de suas memórias, Sabato faz um repasse de sua vida e seus fantasmas. A partir das inconformações frente às barbáries cotidianas e o desejo absoluto de um mundo mais humano é que a sua proposta de resistência, pensada de modo mais explícito, desde *Antes del fin*<sup>56</sup>, irá se desenvolver mais profundamente na obra *A Resistência*, que é escrita de maneira ensaística dentro do gênero epistolar, ou seja, manifesta-se como carta-ensaio.

### 1.3.1 Relação entre ensaio e ficção

Para que possamos realizar a nossa análise e reflexão sobre o que poderia vir a ser a proposta de *resistência* de Ernesto Sabato, torna-se necessário que pensemos melhor nos gênero e estilo, que Sabato se valeu para criar, manifestar a sua obra *A Resistência* (2008). Nosso ponto de partida é trazer para esta análise como se caracteriza o gênero epistolar, que abarca a dimensão ficcional e funcional, envolvendo tanto uma dialética, quanto uma dicotomia:

Compreender as diferentes interações entre ficcionalidade e funcionalidade no gênero epistolar obedece a um esforço de equilibrar a norma e a sua flexibilização características a todos os gêneros literários. [...] julgamos ser o gênero epistolar um gênero autônomo que se impõe por si mesmo como sistema aberto, dinâmico e heterogêneo. (VALVERDE, 2001, p. 7).

O gênero epistolar busca uma justa medida para equilibrar a norma e a flexibilização. Assim, ao realizarmos uma análise mais reflexiva da obra em foco, constatamos que Sabato se preocupa em criar uma proximidade com o leitor, deixando ressoar certa intimidade. Ela permite, ao autor, compartilhar com seus leitores o seu balanço, um tanto sombrio, da nossa época.

---

<sup>56</sup> Sabato acreditava que essa seria a sua última obra, devido a sua idade avançada.

Conforme Valverde (2001), o gênero epistolar ou carta é um sistema aberto, permitindo que haja uma confluência de outros gêneros e estilos condensados de forma dinâmica em seu corpo. Então, podemos perceber que Sabato se valeu dessa flexibilidade autorizada pelo gênero, escrevendo sua obra de maneira ensaística. Assim, cabe-nos, agora, pensar como se constrói a concepção de ensaio que, para Adorno (1985), tende mais para a maneira, o jeito do autor escrever do que redutivamente a uma forma ou um molde. Para ele, o que determina o ensaio é certa falta de “forma”, por isso, ele concluiu o seu estudo sobre ensaios colocando que: “Por eso la más íntima ley formal del ensayo es la herejía.” (ADORNO, 1985, p. 36). Adorno salienta que no ensaio cabem todos os gêneros, ele é todo maleável e flexível, da mesma maneira que o gênero epistolar. Por isso, além de incorporar outros gêneros, ele também “se incorpora” em outros corpos textuais, gerando outras caracterizações e estilos como a carta-ensaio ou carta ensaística. Na percepção de Adorno (1985), a lei formal mais íntima do ensaio é a heresia, desobedecendo às normas rígidas, ele é livre e flexível.

A partir da reflexão de Adorno, percebemos a pertinência de ressaltar a intenção de Sabato em se valer de suas cartas ensaísticas para apresentar o que ele entende por *resistência*, bem como os seus desdobramentos. Pois se a carta é, em certo ponto, o veículo, o ensaio, por sua vez, incorporado ao gênero epistolar, torna-se o condutor das ideias, o jeito que o escritor elege para problematizar a sua proposta. Assim, a voz do ensaísta, no caso de Sabato, constrói-se a partir de concepções pré-formadas, as quais ele coloca em crise e, em seu exercício de tentativas e provocações, denuncia o ideal de certeza, da verdade absoluta livre de dúvidas, sobre o que ele se propõe a criticar e apresentar. Por isso, o ensaio é uma abertura para múltiplas maneiras de se pensar, isto é, ele não apresenta conclusões. O ensaísta, em seu labor crítico, leva o leitor a pensar e refletir, sendo o ensaio uma projeção do pensamento do autor, ele se torna uma especulação, com a qual o leitor está convidado a concordar ou não.

Partindo do pressuposto de Adorno (1985), o ensaio não é, de certa maneira, legitimamente original no sentido de assuntos, porém, sua originalidade se encontra na maneira em que o autor aborda as questões que ele está ensaiando. Ao falar do que já existe ou do que se encontra pré-formado, o ensaio permite que o

autor/ensaísta salte com certa fluidez de um tema ao outro. Portanto, é possível observar na obra em foco de Sabato, os apontamentos realizados por Adorno, pois *A Resistência* traz, para a arena de conflitos, não somente questões atuais como a globalização, o consumismo, o individualismo, etc., ela também é composta por uma confluência de textos e temas que Sabato vem tratando há muito tempo em suas obras anteriores. Nessa perspectiva, visualizamos melhor a relevância de nosso percurso, além dos diversos contextos histórico-sociais e culturais, por entre as obras de Sabato, pois ao realizarmos essa trajetória, confirmamos a observação do próprio autor, na obra *Uno y el Universo* (1945): “[...] las obras sucesivas de un escritor son como las ciudades que se construyen sobre las ruinas de las anteriores.” (2006, p.20).

Cabe esclarecer que não estamos limitando a obra *A Resistência* a um mero resumo das obras anteriores de Sabato. Contudo, a partir de leituras aprofundadas, constatamos que muitos assuntos que ele aborda nessa já foram discutidos e refletidos em suas outras produções, tanto ensaísticas quanto literárias.<sup>57</sup> Além de resgatar algumas questões e assuntos já discutidos, o autor também se utiliza de fragmentos, praticamente na íntegra, de seus outros escritos, para incorporá-los a sua proposta, sobretudo os ficcionais, isto é, muitas vezes, as vozes dos personagens dentro dos romances são incorporadas como a voz do próprio autor nas cartas da obra em foco.

Para Adorno: “El ensayo piensa discontinuamente, como la realidad es discontinua, y encuentra su unidad a través de las rupturas, no intentando tajarlas.” (1985, p. 27). O ensaio possui uma noção do provisório, não oferecendo uma ideia de verdade pronta e fechada, por isso, ao pensarmos sobre a proposta de *resistência* de Sabato, não queremos taxonomizá-la dentro de uma postura emblemática. Queremos analisar como ela é apresentada em sua obra *A Resistência*, considerando que estamos focando, juntamente, como ela se estrutura, manifesta-se e opera, para que possamos entender um pouco melhor o desenvolvimento da proposta do autor. Por meio desse enfoque, a carta-ensaio, ou

---

<sup>57</sup> Por exemplo: A questão do Mal, discutida na quarta carta da obra *A Resistência*, também se encontra em suas obras ensaísticas como *O escritor e seus fantasmas* (1985, p. 137-138) e em seus três romances, sendo mais profundamente abordada no breve romance autônomo: *Informe sobre cegos*.

melhor, a carta ensaística, está longe de ser um tratado filosófico, sociológico ou histórico, entre outros, pois existem argumentos, mas sua postura é mais provocativa, crítica e especulativa para que a condição humana, em sua complexidade, possa ser melhor captada.

Contudo, outra problematização se apresenta: considerando, também, que o gênero epistolar envolve tanto uma dialética, quanto uma dicotomia no plano funcional e ficcional, como podemos identificar o modo que isso se dá nas cartas ensaísticas de Sabato? No momento que procuramos entender como se constrói a voz do autor, entendemos que as cartas foram escritas pelo próprio Sabato e não por um personagem criado por ele. Conforme Valverde (2001, p. 9), no momento em que as cartas são “assinadas”, ou seja, identificamos quem as escreve, então “se anula a *ficcionalidade* do texto que assume a sua *funcionalidade*.” Mas, ela ainda acrescenta: “[...] a carta-ensaio ultrapassa, no entanto, os trâmites de um texto funcional, tocando a perenidade da escrita que vai além da espacialidade e da temporalidade que lhe são características.” Assim, surge outra questão: Quando a carta-ensaística pode ser literatura e não uma mera “carta aberta”? Ainda nas palavras de Valverde: “[...] quando toca o plano literário, pelo estilo poético, perenidade, e pela própria construção literária.” (2001, p. 9). Como interpela Adorno (1985): Se a literatura é experimentação, então por que o ensaio não pode ser literatura? Justamente por percebermos que *A Resistência*, ademais de sua construção literária, o gênero epistolar, isto é, as cartas-ensaísticas que compõem a obra, estão permeadas de fragmentos das ficções do autor e que tocam a perenidade da escrita, ultrapassando a espacialidade e a temporalidade características de um texto funcional, é que podemos constatar que ela toca o plano literário.

Nesse sentido, como o ensaio se constrói a partir de concepções pré-formadas, pode-se verificar que o autor constrói *A Resistência*, a partir de assuntos e temas pré-formados culturalmente e de alguns já tratados e trabalhados, tanto nos planos éticos, quanto estéticos, em suas obras anteriores. Por isso, a obra mantém relações intratextuais, com o próprio conjunto textual do autor, e relações intertextuais, com conjuntos textuais de outros autores.

A partir das reflexões do autor, e retomadas de sua ficção, a sua proposta de

resistência vai se dando a conhecer, mais explicitamente, pois na concepção de Adorno (1985), o ensaísta não apresenta ideias conclusivas, mas no seu exercício de experimentação, também sugere, propõe alternativas<sup>58</sup> e outras maneiras de se pensar certas questões, por ele abordadas. Entre tentativas, especulações e provocações, permeadas pelo seu crivo crítico, ele reflete os diversos temas que procura abordar, pois: “[...] o ensaio, é, no entanto o novo enquanto novo, aquilo que não pode ser traduzido de volta ao antigo das formas vigentes.” (ADORNO, p. 30, 1985, tradução nossa).

Sabato parte de alternativas que podem ser concretizadas no cotidiano, no âmbito individual para o coletivo, na perspectiva de que ambos estão intimamente interligados. Sabato propõe a personificação da *resistência*, sugerindo o percurso da *Serenidade* como uma via que permite a permanência da *Arte*<sup>59</sup>, e da literatura, na vida cotidiana, como mais uma das estratégias para se resistir aos conflitos humanos gerados dentro e fora do indivíduo, isso é, elas também se apresentam como moduladoras da consciência crítica e humana.

Assim, para que possamos analisar mais a fundo como se desenvolve a proposta e as estratégias de Sabato dentro d’A *Resistência*, torna-se fundamental refletir o que entendemos sobre a *questão da resistência*, dialogando sempre com os recursos estéticos que ele se utilizou para compor sua obra. Para isso, buscaremos analisar como ela se dá na obra em foco, como podemos entendê-la por meio do pensamento de outros autores que também refletiram a questão, bem como o que na obra deles conflui para a compreensão da mesma.

---

<sup>58</sup> Las mociones del autor se borran con el contenido objetivo que aferran. Y en cambio, para desvelarse la plétora objetiva de significaciones que se encuentran encapsuladas en cualquier fenómeno espiritual exige de su interlocutor precisamente esa espontaneidad subjetiva que se condena en nombre de la disciplina objetiva. (ADORNO, 1985, p. 13).

<sup>59</sup> Vale ressaltar, novamente, que para a nossa análise, no segundo capítulo, elegemos a **Arte e, a literatura, e a Serenidade como as estratégias e alternativas mais relevantes para que a resistência** seja incorporada, conforme o autor, encarnada no cotidiano, até por serem as estratégias melhor enfatizadas dentro da obra.

#### 1.4 Pensamentos e reflexões que confluem para a questão da resistência

Ao resgatarmos o pensamento de Said (2005) em sua obra *Representações do intelectual*, em que o intelectual pode representar seu papel de diversas maneiras, da mesma forma, podemos dizer que a *resistência*, conceito multifacetado, também pode ser expressada, incorporada, nas palavras de Sabato, encarnada de modos diferentes. Nesse sentido, é importante enfatizar novamente, nesse primeiro capítulo, como já ressaltamos na introdução, que as obras escolhidas para se pensar esta questão confluem no sentido de que a resistência parte de um princípio ético. Por exemplo, tanto Said, principalmente em sua obra *Cultura e Resistência* (2003), quanto Bosi desde *Dialética da Colonização* (1992) até sua recente obra *Ideologia e Contraideologia* (2010), destacando os autores mais relevantes, nesse momento, discutem a questão da resistência partindo do princípio ético e que irá de encontro ao estético, assim, como veremos mais à frente, podendo haver, também, a conversão mútua entre ambos.

Cabe aqui esclarecer que não podemos confundir ética com moral, pois conforme o filósofo André Lalande (1999, p. 349): “Sem dúvida acontece que, de fato, as questões de *Moral* e as de *Ética*, sejam frequentemente misturadas, mas isso não exclui uma distinção muito nítida das suas definições.” Assim, segue o filósofo, que, com efeito, qualquer hipótese que se adote sobre a natureza e a origem dos princípios da moral, é evidente que os juízos de valor que tratam da conduta são fatos, cujas características cabe determinar. Dessa forma, o estudo da conduta não pode ser substituído pelo estudo direto das características: “[...] porque a conduta dos homens nem sempre é conforme com os seus próprios juízos sobre o valor dos atos”, por isso, muitas vezes, a ética é confundida com a moral, ou ainda, com o falso moralismo. É necessário deixarmos claro que ao afirmarmos que a *resistência* parte de um princípio ético, estamos diferenciando-a da moral.

A moral é um conjunto de hábitos, condutas, crenças, valores culturais de ação e convivência, entre outros. Assim, podemos perceber a diferença nítida entre ambas, pois a ética é a ciência que estuda a moral: como ela surge? como se transforma? como é aplicada? Dentro desse enfoque, a pergunta que se faz é: a ética pode propor fórmulas para atuar na moral? Nesse sentido, ao analisarmos mais precisamente a obra *A Resistência*, de Sabato, percebemos sua postura

crítica, enquanto intelectual, em pensar, justamente, as crenças, os valores, entre outros elementos, gerados na cultura. Desse ponto de vista, o trabalho ético, não se resume em negar completamente a realidade em prol de uma utopia, como coloca Bosi (2010), um não-lugar, que remete a um ideal extremo e que seria o oposto do lugar onde estamos. Por isso, a *resistência*, pensada a partir de um princípio ético, torna-se uma fórmula alternativa para atuar na moral e na cultura. Vale ressaltar que ética e moral se alimentam mutuamente, elas dependem uma da outra para continuarem existindo, porém é uma coexistência permeada de *tensões*. Lalande (1999) enfatiza a nítida diferença entre elas, pois só a partir de certa clareza, pode-se pensar que a própria ética também é uma forma de resistência, porque coloca em crise os valores, costumes, crenças construídos culturalmente, ao mesmo tempo que evidencia, preserva e protege os verdadeiros valores e a relevância que possam conter. Tomando esse pensamento, o trabalho da crítica, nas palavras de Bosi (2002), também pode ser uma atitude de resistência. Assim como reflete Said (2007), a capacidade de diferenciar o que é diretamente dado e o que pode ser sonhado, dentro da crítica, se constitui em recepção e resistência.

Em suas obras, Bosi ressalta que é possível ética e estética se converterem mutuamente, por isso, sua análise está sempre voltada ao exercício de detectar as contradições nos autores e em suas obras. Ele busca mostrar que a literatura, as obras ensaísticas não são apenas espelhos da sociedade, elas são, às vezes, resistências à mesma. Por isso, em *Literatura e Resistência*, Bosi esclarece, primeiramente, que:

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu apelo mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*, o antônimo familiar é *de/sistir*. (2002, p. 118).

Bosi discute que a *resistência*, ao se originar de um princípio ético, possui a característica de ser interna ao sujeito, ao contrário da moral que lhe é externa. Dessa forma, a *resistência* enquanto princípio ético, parte do inconformismo perante as diversas realidades que constituem a moral e a cultura, é uma força de vontade que não desiste perante a outra força. Por meio da insistência, permeada pela *tensão*, o sujeito se opõe com vigor, mantendo-se firme para a sua resistência. Ela não se restringe à conotação de violência física, sobretudo, está além, é a partida

para a tomada de consciência, como apresenta Camus em sua obra *O Homem revoltado*: “[...] a consciência nasce com a revolta. [...] a revolta é o ato do homem inconformado, que tem consciência de seus direitos.” (1996, p. 33). O escritor ainda enfatiza que esses direitos não tratam apenas do indivíduo: “[...] trata de uma consciência cada vez mais ampla que a espécie humana toma de si mesma ao longo de sua aventura.”

Na obra *Literatura e Resistência*, Bosi dedica um capítulo para analisar o pensamento do escritor Albert Camus, ao perpassar por algumas de suas obras, qualifica-o como escritor resistente. Porém, o que seria um escritor resistente? Em entrevista ao *Jornal da USP* (2003), o crítico esclarece: “É o autor que não apenas reproduz as ideologias dominantes, reduzindo a sua obra em um simples espelho da sociedade.” Bosi, ainda acrescenta que podemos detectar em certos autores, uma dialética, uma contradição: “[...] eles resistem ao sistema, e ao mesmo tempo, aderem ao sistema”, ou seja, existe o *Conformismo* e a *Resistência*, os quais, sintetizando os termos, são opostos significativos, pois, por um lado, o primeiro se restringe à reprodução das ideologias dominantes, o espelho; por outro, o segundo, apresenta uma resposta negativa à mesma, uma interrogação. Desse modo, existem diferentes graus de tensão entre o autor e o seu universo, isto é, pode-se dizer que a *resistência*, por partir de um princípio ético, interno ao indivíduo, parte, também, da inconformação do mesmo perante às diversas realidades. A reflexão aproxima-se com o pensamento de Camus em que “a consciência nasce com a revolta”, pois o ato de resistir parte, juntamente, da *tensão* entre o ser e o mundo e o fruto dessa tensão é a sua consciência crítica, a qual o possibilita incorporar a resistência. Contudo, o que é um ser inconformado, ou nas palavras de Camus, um *homem revoltado*? O próprio escritor responde:

Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Qual é o significado deste “não”?- Significa, por exemplo, “as coisas já duraram demais”, “até aí sim; a partir daí, não”; “assim já é demais” e, ainda, “há um limite que você não vai ultrapassar”. [...] A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão. (CAMUS, 1996, p. 25).

Camus prossegue o seu pensamento colocando a questão, que deve ser levada em conta, de que a revolta não parte apenas do oprimido, mas também de quem percebe a opressão. Assim, é nesse sentido que o autor enfatiza que a

consciência que nasce com a revolta está além da reivindicação individual do sujeito por seus direitos. Ao se embasar na solidariedade, trata-se de uma consciência mais ampla e humana. Existe, nesse caso, uma *identificação* com o outro, aquele que sofre, a vítima. O pensamento de Camus se aproxima muito da reflexão de Blanchot em que o intelectual, em estado de vigília, preocupa-se menos com o cuidado de si, mas volta a sua atenção, mais precisamente, ao cuidado dos outros, em sua permanente posição de sentinela.

Assim, retomando o pensamento de Bosi, em que a resistência é uma resposta negativa, uma interrogação às ideologias dominantes, pode-se constatar que dentro de sua obra *Ideologia e Contraideologia* (2010), a sua reflexão prossegue nesse viés. Assim, próximo também à reflexão de Camus, Bosi destaca que a contraideologia é uma forma de resistência. Enquanto “a ideologia generaliza interesses particulares e os dá como se fossem universais”, o escritor contraideológico, resistente, combate essa ideologia, ele: “[...] procura demonstrar que ao lado do que seria o instinto competitivo existe uma tendência solidária. O discurso contraideológico visa ao bem-comum, não particulariza interesses.” (BOSI, 01/06/2010).

Nessa perspectiva, a partir das reflexões de Sabato, na obra em foco, que se unem ao pensamento dos outros autores, percebemos que o inconformismo deve estar acompanhado da solidariedade, caso contrário, como ressalta Camus, será um ato estéril. Dentro desse pensamento, acreditamos ser pertinente aprofundarmos um pouco o conceito de *solidariedade*. Conforme Lalande (1999), o termo designa a relação do indivíduo com a sociedade, é a consciência do “outro”. A sua característica principal é a consciência de que os seres e as coisas estão interligados de tal maneira que o que acontece a cada um deles repercute no outro ou nos outros. Essa consciência, que etimologicamente também quer dizer cumplicidade, busca alternativas para que a cadeia de relações humanas possa continuar conectada. Desse modo, inspirado em Camus, Sabato reflete como se dá a encarnação da resistência, que não se resume apenas à constatação dos problemas sociais e humanos, mas exige um encontro com o outro.

Em nossa provação diária, segundo Camus, a revolta possui o mesmo papel

que o *cogito*<sup>60</sup> na ordem do pensamento: “[...] ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos.” (CAMUS, 1996, p. 35). Dessa forma, a revolta é a consciência de si e do outro, da própria condição humana, pois como já observamos anteriormente: “[...] existir é ter consciência de si e do outro, levantar-se, realizar uma ação, ir ao encontro de.” (LALANDE, 1999, p. 343). Desse modo, essa ação/atitude só pode ser realizada a partir do entendimento humano individual: “O entendimento humano não pode ser realizado numa escala coletiva a menos que antes ocorra numa escala individual.” (SAID, 2003, p.104).

Camus dá ênfase, ainda, ao aspecto de que o *ser revoltado* não pode privar-se da memória, pois ele é uma tensão contínua. A memória é o fogo que o alimenta, tanto no sentido de conservar sua nobreza de espírito e sua crença nos valores que dignificam a humanidade, quanto na atenção desperta que ela proporciona, evitando a sua “embriaguez existencial” do suposto presente e, assim, fazendo-o esquecer dos motivos, os quais provocaram a sua inconformação. Desse modo, o enfraquecimento da memória, ocasiona, utilizando o termo de Adorno, o esfacelamento da resistência. Como enfatizou Saramago, em nossas reflexões anteriores, não há como dizer apenas “*nunca más*”, como se o passado estivesse totalmente resolvido ou pudesse ser esquecido, porque o compromisso resistente é contínuo. Pois: “O que fora a princípio uma resistência irreduzível do homem, converte-se no homem integral que com essa resistência se identifica e nela se resume.” (CAMUS, 1996, p. 27).

Se a consciência surge do inconformismo, ela se encontra atravessada pela memória. Por meio desse olhar, como já viemos discutindo durante a nossa caminhada reflexiva, a memória é um poderoso instrumento de resistência, como define Said: “[...] é uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência.” (2003, p. 184), desde que não seja manipulada por ideologias reducionistas e tirânicas. As memórias, tanto individuais quanto coletivas, interagem mutuamente, até porque, se o indivíduo é um ser social, a sua experiência está profundamente mergulhada no convívio social que ele se encontra inserido. Nesse caso, nas palavras de Said (2003, p. 157), em sua obra *Cultura e*

<sup>60</sup> Da conhecida máxima de Descartes (séc.XVI): *Cogito, ergo sun* ( Penso, logo existo /ou cogito, duvido, logo sou), a qual Camus transforma em: *Eu me revolto, logo existimos*.

*Resistência*, assim como a cultura, a memória pode ser uma forma de resistência à própria memória: “[...] a cultura é uma forma de memória contra a aniquilação”, que subtrai a dignidade e a solidariedade humana, enfim, todos os seus autênticos valores, por isso a resistência é um processo contínuo.

Para o pensador, só é possível resistir por meio do conhecimento, caso contrário, não se sabe *como*, *a quem* e *a quê* se está resistindo. Cultura e resistência são inseparáveis, assim, o escritor-intelectual, o inconformado, com sua contramemória e contradiscurso, como diria Bosi, também, com sua contraideologia, não permitirá que a consciência caia no sono. Resgatando o pensamento de Blanchot, ele se mantém em vigília, alertando a si e aos outros sobre a perda da humanidade. Por meio do estado vigilante, o escritor-intelectual resistente não estará apenas “constatando” os problemas da realidade e as dissimulações desumanizadoras do sistema social, contudo, como diria Bauman (2001), estará transformando o seu pensamento em uma espécie de *antídoto* contra: “[...] as ideologias que envenenam, a indiferença e o silêncio que é cúmplice desta realidade.” (SABATO, 03/1987).

Nesse sentido, se a resistência parte de um princípio ético, o qual discute os valores, as crenças geradas em determinadas culturas, ela também, por sua vez, se opõe às mesmas. Por isso, Said (2003) prosseguirá seu pensamento destacando que cultura e resistência são indissociáveis no sentido de que, juntamente, e em contínua *tensão*, mantêm vivos os movimentos e transformações da própria cultura. Portanto, o conformismo não apenas reproduz intolerâncias, barbáries, entre outros desatinos, mas também não impulsiona como a resistência, enquanto força de vontade contra a “preguiça no coração”, como diria Benjamin, o desenvolvimento da consciência crítica e humana.

Assim, resgatando o pensamento de Bosi, perpassado pelas suas três obras supracitadas, percebemos que sua análise sobre a *questão da resistência* sempre se voltou para a possibilidade da conversão mútua entre o ético e o estético. Sua busca percorre um vasto campo de pesquisa ao identificar muitos textos literários como “uma formação simbólica grávida de sentimentos e valores de resistência.” (2002, p. 132). Desse modo, os instrumentos de análise fornecidos, nesse caso, por Bosi, voltam-se, a princípio, às narrativas literárias. Contudo, eles nos permitem

comprovar a discussão que viemos realizando no decorrer desta pesquisa, de que a *questão da resistência* já está presente, de maneira latente, em escritos anteriores do autor, principalmente em seus romances, isto é, a resistência também se encontra ficcionalizada em: *Sobre Heróis e Tumbas* e *Abaddon o exterminador*. Consideramos importante enfatizar, novamente, que ao dizermos que a resistência já se encontra em forma latente em outras obras do autor, queremos esclarecer que só em *Antes del fin* (1998) de forma breve e, mais precisamente n' *A Resistência* (2000), o autor explicita o termo, bem como a sua proposta, a partir de uma profunda relação intratextual, bem como a partir de alguns diálogos intertextuais.

Em sua obra *Literatura e Resistência* (2002, p. 120), Bosi esclarece que a translação de sentido da esfera ética para a estética se dá quando o narrador se coloca a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade, em outras palavras, os seus valores: “[...] à força desse imã não podem subtrair-se os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo de qualquer cultura.” Por isso, a escrita resistente “abraça e transcende a vida real”, pois “é atravessada pela tensão crítica.” (2002, p. 130). Por isso, Sabato, ao compor sua proposta, retira fragmentos na íntegra de sua ficção, nos quais, de maneira latente, já se encontra a questão da resistência. Nesse sentido, a arte resiste à mentira, ou seja, ela deixa de ser mera fantasia e se torna um espaço em que se apresenta uma verdade exigente, pois a ficção se torna uma problematizadora das questões abordadas pelo autor e se encontra atravessada por sua utopia, que não se define a um não-lugar, mas no desejo de começar a mudança transformadora no “aqui e agora”.

Assim, como veremos mais profundamente, no *segundo capítulo*, durante a nossa análise da obra *A Resistência*, a proposta de resistência que se encontra nela não se pauta somente na concepção do inconformismo. Mais precisamente, ela parte dessa não-conformação e se direciona para a sua incorporação ao cotidiano, por isso ela está permeada por uma *práxis contemporânea*, atitudes e modos alternativos de se proceder, isso é, se a consciência nasce da revolta, a resistência é a incorporação consciente da insatisfação, discernindo perante *o quê* e *como* encarná-la. Como nas palavras de Bataille: “[...] a criação nasce da insatisfação.” (1989, p. 37). Se a realidade, como se apresenta, da mesma maneira que reflete Camus, não basta, então, a força de vontade que impulsiona a resistência, anseia

por mudança e transformação. Dentro dessa perspectiva, ao mergulharmos mais profundamente na obra *A Resistência* e é o que intensificaremos no *segundo capítulo*, podemos perceber que a *resistência* aí proposta possui uma *práxis contemporânea*. Sabato faz um convite para encarnar a resistência “aqui e agora”, com urgência, sem deixá-la para o porvir.

Nas palavras do poeta galiciano Uxío Novoneyra, sonhar é criar, sonhando se cria o amanhã, mas também dá sentido ao hoje e o recria, pois como reflete Bauman (2005), na *modernidade líquida*, temos que cuidar para que as vidas não se tornem desperdiçadas. Dessa forma, se as palavras lúcidas, o pensamento crítico são antídotos e formas de resistência às adversidades da liquidez contemporânea, essa mesma resistência cria espaços de solidariedade que dignificam o ser humano, com sua força de vontade contra as banalizações desumanizadoras. Assim, ela exige a criação e a recriação de outras formas de vida e proceder, contudo, as cartas de Sabato carregam:

A palavra que diz, a palavra que convoca. A palavra crítica, a palavra também como entusiasmo e festa, a palavra como queira. Literatura como missão, guardadora do passado, como veladora e adiantadora do porvir, ainda que só se adianta o que já está em nós. (NOVONEYRA, 2010).

Nesse sentido, a resistência, ao partir de um princípio ético, coloca em crise os valores constituídos dentro da cultura, assim: negação/interrogação, resgate/ressignificação e criação/recriação, fazem parte da dialética resistente, isto é, da *práxis contemporânea* que perpassa a proposta do autor. Por isso, apesar das adversidades constatadas na *Modernidade Líquida*, por meio do “balanço sombrio” realizado por Sabato, a sua obra de *virada de milênio*, como diria Bosi (2002), está grávida de sentimentos e valores de resistência, pois: “O mundo nada pode contra um homem que canta na miséria.” (SABATO, 2008, p. 91).

#### **1.4.1 Conversão mútua entre o ético e o estético**

Durante a nossa reflexão, no tópico anterior, ao dizermos, conforme Bosi (2002), que a resistência parte de um princípio ético e não estético, não estamos afirmando que existem fronteiras radicalmente delimitadas entre ambos. Como toda

partida anseia por um encontro, cabe-nos aprofundar um pouco mais como se dá esta união tensa, a conversão mútua entre eles, não apenas na narrativa, porém, juntamente, na vida cotidiana, em nossa convivência dentro da sociedade.

Na análise de Bosi (2002), em sua obra *Literatura e Resistência*, o autor apresenta como acontece a translação de sentido da esfera ética para a estética e vice-versa dentro das narrativas, que ele define como sendo o momento em que o narrador coloca em crise os “nós inextrincáveis” que atam o sujeito ao seu contexto existencial, social e histórico. Assim sendo, a vida em sociedade, os valores que estão constituídos nessa realidade, coloca Bosi que isso não subtrai os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo da cultura na qual estão inseridos. Nesse sentido, no corpo da arte, da literatura que resiste está presente, também, a *tensão* crítica do próprio autor.

Desse modo, como toda questão, a resistência possui um ponto de partida, o qual procede de um princípio ético, interno ao sujeito, para ir de encontro ao estético, externo ao mesmo, porém, essa ponte não é lançada de maneira tão simples assim, até porque ela é uma via de conflitos que constituem o próprio ser e o mundo no qual ele vive. Existe uma interação contínua entre ambos, os quais se interligam e se relacionam intimamente. A reflexão nos permite pensar, de acordo com Rancière (2009), que há uma relação entre estética e política e que pode transitar no reducionismo partidarista e totalitário, bem como no aspecto socialmente participativo, com outros tipos de pensar e modos de perceber o mundo. Para o filósofo, existe uma dimensão política na arte e uma estética na política, como o autor define a seguir:

A partir daí pode-se pensar as intervenções políticas dos artistas, desde as formas literárias românticas do deciframento da sociedade até os modos contemporâneos da performance e da instalação, passando pela poética simbolista do sonho ou a supressão dadaísta ou construtivista da arte. A partir daí podem ser colocadas em questão diversas histórias imaginárias da “modernidade” artística e dos vãos debates sobre a autonomia da arte ou sua submissão política. As artes nunca dão às manobras de dominação ou de emancipação mais do que lhes podem emprestar, ou seja, muito simplesmente, o que têm em comum com elas: posições e movimentos dos corpos, funções da palavra, repartições do visível e do invisível. E a autonomia de que podem gozar ou a subversão que podem se atribuir repousam sobre a mesma base. (RANCIÈRE, 2009, p. 26).

Na visão de Rancière, assim como a arte, a política dá visibilidade ao modo

de ser, pensar, agir e fazer de uma determinada comunidade. Por isso, ao se referir a essa constituição estética existente no plano público e político, ele a entende como a *Partilha do sensível*. Ela nem sempre é igualitária, por isso é tensa e conflituosa. Com isso, o autor esclarece que não se trata de entender a estética como uma apreensão perversa da política, em seu intuito de reter o pensamento do povo como obra de arte. Mais precisamente: “É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e dos ruídos que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência.” (RANCIÈRE, 2009, p. 16). Esse recorte dos tempos e dos espaços, nas palavras do pensador, é que vai determinar o lugar de cada um, porém, silenciando muitas vozes e tornando muitos rostos invisíveis, os excluídos ou, como diria Bauman (2005), as vidas desperdiçadas. Desse modo, Rancière define o seu conceito de *Partilha do sensível*, da seguinte maneira:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a *partilha do sensível* que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. (2009, p. 7).

Para Rancière, a estética não se designa como a ciência ou a disciplina que estuda a arte, ela indica: “[...] um modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte e que procura dizer em que elas consistem enquanto pensamento”, (2009, p. 11-12), refere-se a um regime histórico específico de pensamento da arte, em que os elementos, as coisas da arte são coisas de pensamento. Isso não implica dizer que as obras artísticas são meros espelhos sociais de uma época, porém de constatar que elas carregam certa visão de mundo de determinados tempos em que foram produzidas, mesmo que seja, segundo Bosi (2002), o seu avesso, até porque a arte resistente também está penetrada, sutilmente ou explicitamente, pela face a qual ela resiste.

Da mesma maneira que a estética se torna um modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte, até porque elas são manifestações do pensamento, a ética não é muito diferente. Ademais de ser também uma ciência (como a estética) que estuda a moral, podemos dizer que, dentro do enfoque abordado, ela se coloca como um pensamento que se desenvolve sobre os

princípios que orientam o comportamento humano, pois o ser humano é quem produz a arte e pensa seu convívio em sociedade. Assim, ética e estética, as quais não representam apenas a visão de mundo de uma época, por meio de uma conversão mútua se tornam em potencialidades críticas e desafiadoras da cultura, dos valores morais, enfim, da própria realidade que se encontra estabelecida.

Se, conforme Camus (1996), a consciência nasce da revolta, a arte que resiste também nasce dessa inconformação ou, como diria Bataille (1989), da insatisfação. Caso contrário, de onde viria a angústia humana em continuar criando, recriando? Nesse caso, é importante esclarecermos, como Rancière (2009) já pontuou em nossas reflexões anteriores, que não se trata de confundir todo e qualquer pensamento do povo com obra de arte, porém, de refletir como a arte se encontra intensamente debruçada na experiência humana. A consciência, como ressalta Rancière, de levar a vida para a arte, bem como de trazer a arte para a vida é que vai ampliando os tempos e os espaços, reduzidos pelos recortes realizados por aqueles que estão bem posicionados na esfera do sensível, impedindo, muitas vezes, a visibilidade dos que se encontram excluídos, “invisíveis”. Esse (re)conhecimento permitirá trazê-los para o espaço do dizível, para que suas vozes não permaneçam apenas como murmúrios, meros ruídos.

A questão, porém, possui duas faces: de um lado estão os bem posicionados na esfera do sensível; do outro, os que se encontram à margem. Desse modo, a partilha não é justa e nem igualitária, por isso, como discute o autor, para que a política, tanto quanto a arte, possam permanecer em contínuo movimento, deve haver dissenso para que nessa permanente *tensão*, ambas permaneçam vivas. Podemos dizer, então, que é nesse conflito tenso que perpassa a resistência. Conforme Rancière, essa tensão favorece os dois lados, permitindo existir uma *política da arte* e uma *poética da política*, as quais desafiarão o pensamento hegemônico, tornando-se fontes criativas de discurso para que diversos modos de pensar, agir, ver e sentir encontrem e criem o seu espaço.

Do mesmo modo que Said (2003) enfatiza que não há resistência sem conhecimento, também não há, conforme Rancière, resistência sem arte e sem política. Em seu artigo *Será que a arte resiste a alguma coisa?* - o pensador reflete que não seria apenas uma questão de uni-las, muito menos de, simplesmente,

separá-las e sim de deixá-las em permanente conflito, numa tensão crítica e criativa. Como ele mesmo coloca a seguir:

O tema “resistência” da arte, portanto, não é de forma alguma um equívoco de linguagem do qual poderíamos nos livrar mandando a consistência da arte e o protesto político cada qual para o seu lado. Ele designa bem a ligação íntima e paradoxal entre uma idéia da arte e uma idéia da política. Há dois séculos que a arte vive da tensão que a faz existir, ao mesmo tempo, em si mesma, e além de si mesma e prometer um futuro fadado a permanecer inacabado. O problema não é mandar cada qual para o seu canto, mas de manter a tensão que faz tender, uma para a outra, uma *política da arte* e uma *poética da política* que não podem se unir sem se auto-suprimirem. Manter essa tensão, hoje em dia, significa sem dúvida opor-se à confusão ética que tende a se impor em nome da resistência, com o nome de resistência. O movimento do monumento ao enlace e do enlace ao monumento só termina ao preço de sua anulação. Para que a resistência da arte não esvaneça no seu contrário, ela deve permanecer a tensão irresolvida entre duas resistências. (RANCIÈRE, 2010).

Em diversas entrevistas concedidas por Sabato, o autor sempre buscou discutir a relação da arte com a política, a responsabilidade e a liberdade do escritor. Esse deve estar, segundo ele, afastado de partidarismos políticos, dentro de sua arte, para que sua obra não seja contaminada, manipulada, por uma visão de mundo restrita e conserve toda a liberdade, doada pelo fazer, ser, ver e sentir artístico, para que as questões que se referem à condição humana e sua vida em sociedade sejam amplamente discutidas e trabalhadas em suas dimensões éticas e estéticas. As reflexões do autor também se encontram bem evidentes em algumas de suas obras como *O escritor e seus fantasmas* (1963) e *Heterodoxia* (1953). Para evidenciar o seu posicionamento perante a “arte política” escolhemos um fragmento de uma entrevista concedida por ele à revista *Veja*:

No sentido amplo e clássico da palavra, todos fazemos política, de uma maneira ou de outra. Por exemplo, os que ficaram calados diante de delitos tão graves como os que se cometeram na Argentina estavam tendo uma posição política. No sentido restrito, porém, não convém que um escritor ou artista plástico faça política. E muito menos que faça política com a sua arte, já que as obras de arte que se fazem para defender um partido ou uma igreja são sempre superficiais, quando não decididamente abomináveis. Um conhecido revolucionário, chamado Karl Marx, riu, em uma carta, da obra “comprometida” de Jules Vallès, romance sobre a Comuna de Paris, O mesmo Marx recitava de memória Shakespeare e poetas líricos ingleses e alemães que, muitas vezes, eram politicamente reacionários. Como cidadão, no entanto, o escritor tem o dever ético, precisamente por ocupar um lugar decisivo na sociedade, de denunciar e protestar quando se cometem atrocidades contra a liberdade e a dignidade do ser humano. (SABATO, 22/07/1987).

Por meio da colocação de Sabato, podemos confirmar as suas reflexões

sobre arte em suas outras obras ensaísticas, que já citamos, nas quais o autor sempre se voltará à arte, para discutir e refletir o que ele entende por verdadeiro nela e seus valores. A sua concepção parte de que as obras que resistem e que serão sempre atuais, em qualquer contexto histórico, social e cultural, são aquelas que tratam da condição e interação humana, isso é: “[...] progride-se na ciência, mas não se pode progredir no coração humano. O coração humano tem sempre os grandes problemas da existência: a vida, a morte, a solidão, o infortúnio, a amizade, as relações; esses são os grandes valores.” (SABATO, 2005, p. 42).<sup>61</sup> Nesse sentido, a arte resistente é instigadora e propulsora da consciência crítica e humana, uma atividade criadora e crítica aos valores vigentes, no sentido de colocá-los em crise para serem pensados, interrogados/negados e ressignificados, no intuito de resgatar a própria condição humana, como enfatiza o autor, o ser humano concreto. Desse modo, a *arte resistente* não é mercadoria, ela é uma importante via humanizadora.

Desse modo, se existe um recorte de tempos e espaços, conforme Rancière (2009), do visível e do invisível, da palavra e do ruído, as quais definem, ao mesmo tempo, o lugar de cada um, de cada coisa e o que está em jogo na estética política, então, a pergunta que se faz é: Como a arte, as narrativas diversas, a literatura não só podem fazer frente à indústria cultural, contudo, também serem a via emancipadora do ser humano, para que ele possa resistir e ocupar seu lugar, exigindo uma melhor redistribuição na *Partilha do sensível*?

A resistência não se define no retraimento do indivíduo, porém, o impele para buscar a sua própria liberdade. Por isso, como veremos em nossa análise, a *práxis contemporânea*, bem como a poética da política do autor, que permeiam a sua proposta, não se inicia pela alternativa de o ser humano apenas “criticar a sociedade”. Porém, sobretudo, realizar um percurso em si mesmo, de autoconhecimento e autocrítica, um processo que parte primeiro da conquista da liberdade interior para então alcançar a exterior, reconhecer a si mesmo para então buscar reconhecer o outro.

Basicamente, é nesse enfoque que perpassa a importância da arte em suas

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida pelo autor ao programa *Roda Viva* da TV Cultura em 12/09/1994.

várias manifestações, com ênfase da literatura, bem como de outras narrativas formais e informais da história e da memória para que cada ser humano se reconheça como parte desta história que vivemos e ajudamos a construir. Assim, ele pode se inconformar com a realidade que se apresenta para que não se torne, conforme Bauman (2000), apenas mais um da classe dos “atores sem papéis”, mas capaz de atuar, comprometer-se de maneira crítica e humana, criando e recriando outros modos de ver, fazer, agir, sentir a existência e o mundo, bem como a vida em sociedade. Desse modo, a *Partilha do Sensível* será melhor *compartilhada* entre os seres humanos, tendo a consciência-cúmplice, entre eu e o outro, da maneira que ressalta Camus: “Eu me revolto, logo existimos.” (1996, p. 35). Por isso, a autocrítica e o autoconhecimento, como também enfatizou Said (2007) no segundo tópico, nos permitirá a solidariedade, devolvendo ao ser humano a sua dignidade.

Dentro dessa perspectiva, como já colocamos em tópicos anteriores e nessa reflexão, Sabato sempre enfatizará a verdadeira arte, a *arte resistente*, como estratégia para se resistir, a qual se debruça na experiência humana e também permite, muitas vezes, utilizando os termos de Rancière (2009), *visibilidade*, aos invisíveis e trazem os “ruídos”, os “sem voz” para o espaço do dizível. Por meio dessa concepção, a arte resistente deixa de ser, nas palavras de Bosi (2002), apenas ficção, enquanto mentira, tornando-se um espaço em que se coloca uma verdade exigente que questiona se a realidade em que vivemos e acreditamos ser verdadeira, é, de fato, verídica ou ficcional. Como ressalta Rancière, tanto a arte quanto a política e os saberes constroem ficções:

A soberania estética da literatura não é, portanto, o reino da ficção. É, ao contrário, um regime de indistinção tendencial entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção e as ordenações da descrição e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social. [...] A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ficções, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. (2009, p. 55-59).

A arte por ser também interpretação dos fenômenos históricos e sociais, dá *visibilidade* ao que acontece, às vezes, de maneira muito mais aguçada do que, conforme Said (2007), as histórias ditas “oficiais”, “em nome da missão.” Rancière (2010), ao escrever seu artigo *Será que a arte resiste...*, retoma algumas reflexões de Deleuze realizadas a partir das obras de Kafka, para pensar essa conversão mútua entre o ético e o estético, colocando que a obra de arte não é um simples

documento, contudo, pode ser uma incógnita para algumas narrativas históricas ditas oficiais. Assim, não se trata de uma poder anular a outra e sim, conforme Benjamin, as narrativas podem aprimorar nossa “faculdade de intercambiar experiências”, (1985, p. 198), sendo elas ficcionais ou não.

A reflexão que aqui se faz não recai somente para o jogo discursivo do que é realidade ou ficção, pois esse é um tema amplo que não analisaremos aqui. Porém, cabe-nos esclarecer que a arte, enquanto fruição e também experiências de outras vidas, nos permitem compreender a importância e a interligação do ético e do estético, bem como sua conversão mútua para que a resistência possa ser incorporada, também, ao cotidiano, à vida em sociedade, pois o ser humano é um sujeito social. Como podemos compreender melhor a partir da profunda reflexão de Said ao pensar a íntima relação da literatura, na função de arte, com o processo de humanização e resistência:

É necessário discutir o universo ético combativo encarnado num drama ou romance, e ver nessa experiência estética uma encarnação marcante do conflito e da escolha. Mas é, creio eu, uma revogação dessa leitura deixar-se cegar para o drama similar na batalha em nosso entorno por justiça, emancipação e diminuição do sofrimento humano. [...] Tudo o que disse sobre humanidades e humanismo é baseado numa convicção obstinada que só pode começar do individual (para então atingir a escala coletiva), sem a qual não pode haver verdadeira literatura, expressão digna de ser declarada e apreciada, história e ação humana em condições de proteger e encorajar. (SAID, 2007, p. 103-105).

Said ainda acrescenta que é uma compreensão errônea acreditar que a política, entre outras humanidades, é uma província apenas de especialistas, até porque elas também se encontram encarnadas no discurso estético do artista da palavra: “[...] até mesmo, como Adorno diz, no caso do poema lírico, a forma mais privada de todas, há uma implícita relação ao político, mesmo na mais política de todas as formas, a relação da negatividade.” (SAID, 2003, p. 165). Nessa perspectiva, a incorporação da arte ao cotidiano, na vida em sociedade, permite-nos compreender melhor o comportamento humano, o seu agir na sociedade, suas crenças e maneiras de conviver, assim, aguçando e desenvolvendo o nosso próprio autoconhecimento, a autocrítica, enriqueceremos nossas capacidades para melhor interagirmos e convivermos. Conscientes, também, nas palavras de Said, para realizarmos aquele tipo de análise finalmente *antinômica* e *opositiva*:

[...] entre o espaço das palavras e suas várias origens e desenvolvimento

no espaço físico e social, do texto para o local efetivo da apropriação ou da resistência, para a transmissão, para a leitura e interpretação, do privado para o público, do silêncio para a explicação e declaração, e de volta mais uma vez, quando encontramos nosso próprio silêncio e mortalidade; tudo ocorrendo no mundo, no campo da vida diária, da história e das esperanças, da busca de conhecimento e justiça, e talvez também de libertação. (SAID, 2007, p. 109).

Portanto, se a arte resiste, conforme Rancière (2010), na tensão irresolvida entre duas resistências, o ético/político e o estético, podemos dizer que o mesmo acontece com o ser humano e a vida em sociedade. Em outras palavras, a resistência não se encontra separada em individual e coletiva, ambas estão intimamente interligadas, porém, o entendimento humano só pode ser realizado na segunda escala (coletiva), quando começar a ser compreendido e realizado na primeira (individual), isso é, o processo interacional da resistência é contínuo. Assim sendo, partindo do pensamento de Rancière (2010), a obra de Sabato possui uma dimensão política, por envolver questões que se referem à condição humana e sua vida em sociedade, bem como a sua proposta está penetrada pela poética de sua política, como já enfatizamos, por uma *Práxis Contemporânea*.

Dessa forma, a arte não possui o “dever moral” de educar as pessoas, no sentido restrito da palavra, mas de transformá-las e torná-las melhor, é um meio de emancipação humana que se estenderá à vida em sociedade. Não há, pois, como separar a política da estética: “[...] a tentativa de forçar esse indecível para definir uma boa política da arte conduz, em todos os casos, à supressão conjunta da política e da arte nessa indistinção que leva hoje o nome de ética.” (2007, p. 16).

Para que possa acontecer uma nova *Partilha do sensível*, numa redistribuição melhor compartilhada, é fundamental também a incorporação da *arte resistente* na vida cotidiana, que aguçar a consciência crítica e humana dos indivíduos, enquanto via emancipadora, e possibilitará o ingresso dos seres humanos na causa por uma vida mais justa, digna e solidária em sociedade. Nesse enfoque, somente partindo do entendimento humano na escala individual é que se poderá abranger a escala coletiva, em um contínuo processo de incorporação da resistência, dentro de uma conversão mútua entre o ético e o estético. Se para Aristóteles o homem é um animal político, na concepção de Rancière (2009) o ser humano é um ser político e literário que pensa, planeja, cria, recria e transforma o seu convívio em sociedade.

## 1.5 Ideologia *sabatiana*

Meu partido / é um coração partido  
 E as ilusões estão todas perdidas  
 Os meus sonhos foram todos vendidos  
 Tão barato que eu nem acredito...  
 Eu nem acredito.  
 Ideologia / eu quero uma pra viver  
 Ideologia... pra viver!

(Cazuza, 2010).

Ao discutirmos, na introdução deste trabalho, sobre a concepção de intelectual comprometido em Sabato, procuramos deixar claro que toda padronização é limitada e insuficiente, isso é, os modelos dificilmente dão conta de toda a complexidade do ser. Da mesma forma, percebemos que essa reflexão, um pouco mais cuidadosa, também recai sobre a análise da ideologia sabatiana, principalmente por se tratar de uma visão de mundo, dentro da concepção bakhtiniana, um ponto de vista de um intelectual-artista que viveu intensamente o século XX e que vivencia a contemporaneidade.

O autor entregou-se diversas vezes, em suas palavras, a várias paixões suscitadas no intenso e contraditório século XX, sendo a primeira, em sua juventude, o socialismo marxista, fazendo parte do partido comunista. Alguns anos depois, ao ter conhecimento do sistema ditatorial stalinista, bem como dos crimes e atrocidades cometidos pelo regime, decide abandonar tal ideologia (1930-1935), na qual permaneceu apenas por cinco anos.<sup>62</sup> Seu envolvimento com os comunistas, na época estudantil, foi justamente no início da ditadura de Uriburo (1930) na Argentina, bem como durante a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa. Mais tarde, em sua obra *Apologías e Rechazos* (1979), Sabato, refletindo sobre essa época de

---

<sup>62</sup> Conforme Cristaldo: Sabato rompe com o Partido, que abandona lá por 35 ou 36, por ocasião das primeiras purgas de Stalin. Foi quando desceram do barco Camus, Koestler, Gide, Ignazio Silone, Louis Fischer, Stephen Spender, Richard Wright. **Desde então, Sabato tem sido um crítico feroz dos regimes totalitários socialistas e outros. Foi um homem que viveu as contradições do século que percorreu desde o início.** Foi honesto quando passou a militar no Partido e mais ainda quando o abandonou. Sua ruptura: "Enojado com a escravidão moral, intelectual e física que o stalinismo impunha, consciente do divórcio que provocava entre a realidade de nosso país e o regime soviético e, enfim, tendo tomado consciência de que muito pouco restava da teoria marxista na escolástica que se injetava na Rússia, inclusive com tortura e morte, acabei por deixar o movimento pelo qual havia abandonado família, estudos e segurança. Nos quase quarenta anos então transcorridos, jamais reneguei os ideais de justiça social e de liberação nacional, como creio ter provado através de minhas atitudes públicas". (CRISTALDO, 2010 - Entrevista concedida à autora desta dissertação, São Paulo, 19/02/2010).

“levantes ideológicos”, autoquestiona-se: “[...] que homem generoso, que jovem idealista não se inclinaria a julgar como uma grande esperança aqueles acontecimentos históricos (dentro do ideal comunista)?” (2006, p.85). Para os jovens da época, relata o autor, era uma oportunidade de encarnarem os ideais de justiça e de liberdade diante de tanta barbárie e desumanização. Contudo, esse conjunto de crenças e visão sobre o mundo não foram suficientes para que ele permanecesse dentro do comunismo e, em 1935, como já enfatizamos, rompe definitivamente com o *Partido*.

Nessa perspectiva, é importante que deixemos claro, para evitar possíveis confusões, que o autor não escreveu nenhuma obra política no sentido restrito da palavra, como enfatizamos anteriormente a partir das reflexões de Rancière (2009). Na concepção de Sabato, toda obra, sobretudo literária, que se preocupa em defender uma “Igreja”, nas palavras do autor, não é digna de crédito, como podemos constatar na entrevista concedida por ele ao *Programa Roda Viva* da TV Cultura:

Não acredito na literatura política. Quer dizer, creio que pode haver literatura política, mas não acredito que possa ser uma grande literatura. A grande literatura não se ocupa da política, no sentido restrito, que é tão transitória. A grande literatura ocupa-se do coração do homem, ocupa-se dos grandes problemas existenciais, com perdão dessa grandiosa palavra. Ou seja, o bem, o mal, a morte, a solidão, isso é a grande literatura. Não sei se a alcancei, mas foi o que pretendi fazer. A literatura política é inferior, sem falar da literatura apologética. Ou seja, um sujeito que escreve livros como fazem as Igrejas, esses livros edificantes. Não acredito na literatura edificante como havia na União Soviética. Para quê? Para isso existe a política. Pode-se ser um grande escritor importante e fazer política, ser do partido A, B ou C. A isso eu não me aponho. Sempre participei da vida política na medida em que podia ser útil. [...] O escritor não pode defender nenhuma ideologia que esteja acima da dignidade da criatura humana, e se o fizer, a história o julgará por esse crime. A meu ver o mais aberrante. (SABATO, 12/09/1994).

Em suas obras, sobretudo nas ficcionais, o foco que prevalece é a condição humana e seus desdobramentos na esfera ética e estética. Por isso, podemos dizer que a ideologia de Sabato é a própria *Resistência*, que parte de seu humanismo crítico e que encontra na literatura, na função de arte, bem como nas demais humanidades, os subsídios para resistir. Conforme Said, não existe conhecimento sem resistência, nem tampouco resistência sem conhecimento; é necessário conhecer a aventura da trajetória existencial humana, que se encontra inscrita, principalmente, na *verdadeira literatura*, sendo essa, “história e ação humana em

condições de proteger e encorajar.” (SAID, 2007, p.105).

Se a *Resistência* de Sabato também está pautada na concepção humanista, enquanto escritor-intelectual, ela carrega vestígios da formação anarquista do autor, no sentido camusiano do termo, de que o escritor de profundas ficções deve sempre dizer a verdade, mesmo entre sutilezas, até porque é na literatura que se revela a condição humana, a sociedade e é nela que se encontra a verdade mais exigente.<sup>63</sup> Como o autor evidencia em suas *memórias*, na obra *Antes del fin*:

Quizá, por mi formación anarquista, he sido siempre una especie de francotirador solitario, perteneciendo a esa clase de escritores, que como señaló Camus: “Uno no puede ponerse del lado de quienes hacen la historia, sino al servicio de quienes la padecen”. El escritor debe ser un testigo insobornable de su tiempo, con coraje para decir la verdad, y levantarse contra todo oficialismo que, engeguedado por sus intereses, pierde de vista la sacralidad de la persona humana. Debe prepararse para asumir lo que la etimología de la palabra testigo le advierte: para el martirologio. Es arduo el camino que le espera: los poderosos lo calificarán de comunista por reclamar justicia para los desvalidos y los tildarán de reaccionario por exigir libertad y respeto por la persona. En esta tremenda dualidad vivirá desgarrado y lastimado, pero deberá sostenerse con uñas y dientes. De no ser así, la historia de los tiempos venideros tendrá toda la razón de acusarlo por haber traicionado lo máspreciado de la condición humana. (SABATO, 1998, p. 57).

Ao analisarmos o conjunto de pronunciamentos e entrevistas concedidas pelo autor no decorrer de sua trajetória, e organizado por Constenla (2000) constatamos seu contínuo comprometimento com a realidade humana. Embasado sempre nos princípios de liberdade, responsabilidade e inconformismo, que caracterizam o seu compromisso, defende que o escritor-intelectual tem o direito de se posicionar, de lutar pela liberdade e contra a opressão, bem como “atacar” sua nação quando os valores e direitos humanos são violados. Por isso, a sua ideologia é a *Resistência*, que não pretende apenas “transformar o mundo”, no sentido utópico da expressão, porém, sobretudo, dentro da visão camusiana do *homem revoltado*, propõe-se a transformar a realidade, a vida do ser humano, devolvendo-lhe a dignidade para que ele lute pela sua emancipação, autonomia e pela criação de novos espaços em que prevaleça a solidariedade, a consciência-cúmplice. Desse modo, a sua preocupação é com o homem concreto, isso é, a *resistência* que o autor propõe não é utópica, no sentido de um não-lugar, mas é um convite para que se realize no “aqui e agora”,

---

<sup>63</sup> Para Sabato, no sentido de que apresenta o ser, a condição humana e a vida em sociedade, as suas interações, de maneira total, ou seja, é a revelação da realidade humana.

em suas próprias palavras.

Por meio desse enfoque, ao dizermos que a *questão da resistência* já se encontra de maneira latente em suas obras anteriores, queremos enfatizar, novamente, que ela está presente, sobretudo, nas ficcionais. Amante e grande leitor de Dostoiévski e Cervantes, Sabato criou personagens em permanentes conflitos, consigo mesmo e com o mundo, bem como figuras quixotescas, na visão do crítico Alejandro Roop Martín. A maioria dos seus personagens são seres que se encontram continuamente em conflitos, como dos romances do escritor russo, e também, alguns deles, envolvendo-se sempre na angustiante luta contra os “moinhos de vento”, que caracterizam o sistema, o poder, porém salvaguardados pela nobreza dos ideais de justiça e liberdade, por isso que, muitas vezes, existem algumas confusões resultadas de leituras superficiais em relação às obras do autor com a ideologia comunista, que ele viveu e abandonou na juventude.

Um exemplo bastante polêmico é o caso de ele ter transformado o revolucionário Che Guevara em personagem do seu romance *Abadon o exterminador* (1974). Alguns criticam o autor por ter “prestado homenagem” a um assassino sanguinário e frio, outros o acusam de tê-lo comparado com um mártir. Contudo, em entrevistas (CONSTENLA, 2000), Sabato declara que buscou preconizar em Che Guevara a sua humanidade, enquanto inconformado com a opressão dos menos favorecidos, bem como seu espírito idealista, seus sonhos por uma vida mais justa, igualitária e liberta e que são tão raros na sociedade. Nesse sentido, o personagem Che Guevara representa, dentro de *Abadón*, uma das figuras quixotescas que o crítico Alejandro Roop Martín analisa nas ficções sabatianas.

Nessa perspectiva, quem conhece a trajetória do autor, bem como suas obras, não vê como uma contradição o fato de ele ter lançado, em 2000, uma obra que condensa sua experiência ética e estética: *A Resistência*. Pode-se dizer que, ao contrário da opinião de certa parte de alguns leitores, *A Resistência* não é uma recaída do autor à ideologia comunista e sim a retomada de muitos assuntos e temas já discutidos e refletidos nas outras obras que a antecederam (lembrando que o autor lançou sua primeira obra em 1945, quase dez anos depois do seu rompimento com o partido. Sua proposta e estratégias que se encontram nessa, são resultados de ideias e ideais que há muito tempo vêm sendo desenvolvidos e

refinados pelo autor nos planos ético e estético. Desse modo, ela é a decantação de sua experiência e pensamento, que sempre se volta à complexa condição humana, ao ser humano concreto, que oscila entre “las luces y las tinieblas”.

No século XXI, são raras as entrevistas concedidas pelo autor, devido a sua idade avançada, que o deixa mais fragilizado, dificilmente discute suas obras e posicionamentos. Diante do assédio dos jornalistas e pesquisadores argumenta que “não tem muito mais o que para falar” e se alguém quiser saber alguma coisa sobre sua vida, ideologia, feitos e pensamentos que leia as suas obras. Nesse aspecto, as entrevistas organizadas por Constenla (2000) são as que possuem algumas das declarações mais recentes do autor, nos finais do século XX.

Ao diário *El Tiempo*, de Bogotá, em 1997, Sabato disse que abandonou o marxismo porque deixou de acreditar “en cualquier idea que repugne a los problemas sobrenaturales” e decidiu afiliar-se à causa do ser humano real, concreto, da justiça social e da dignidade humana. Nos últimos tempos ele se declara “un anarquista cristiano”, como podemos constatar em suas próprias palavras:

Yo empecé a luchar por la justicia social a los 16 años en el colegio y nunca he dejado de hacerlo. Creo que es un deber. No me gusta que los chiquitos se mueran de hambre. Eso me ha llevado muchas veces a cuestionar incluso la existencia de Dios, a pesar de que me considero un espíritu religioso, aunque anárquico. Como también lo era Cristo. Cristo insultaba a los fariseos y andaba con los pobres, con prostitutas... Ese es el verdadero Cristo. Lo demás son cuentos. ¡ yo soy un anarquista ! Un anarquista en el sentido mejor de la palabra. La gente cree que anarquista es el que pone bombas, pero anarquistas han sido los grandes espíritus como, por ejemplo, León Tolstoi. (SABATO, 22/06/1997).<sup>64</sup>

A ideologia sabatiana, tecida de outros vários fios ideológicos, caracteriza-se na sua própria resistência em pertencer a uma “Igreja”, como Sabato sempre se refere, ou a uma “massa amorfa”, que pode ser facilmente taxada e rotulada. Como também podemos ver na entrevista concedida por ele à revista *La Maga*, na qual deixa transparecer seu inconformismo com as rotulações que lhe são dadas, esclarecendo que ao sair do Partido Comunista, ainda na juventude:

<sup>64</sup> Em 1992, Sabato também declara ao jornal *El País* da Espanha sua ideologia “anarcocristiana”: “Aunque fui comunista activista, el anarquismo siempre me ha parecido una vía de conseguir justicia con libertad plena. Y valoro el cristianismo del Evangelio. Este siglo es atroz y va a terminar atrocemente. Lo único que puede salvarlo es volver al pensamiento poético, y ese anarquismo social, y al arte. (SABATO, 09/04/1992).

Escribí a mi madre para que pudiera volver a La Plata y retomar mis estudios de físico-matemática, que era como volver del infierno al mundo platónico. Desde ese momento comenzó esa campaña de difamación que dura hasta hoy por parte de los stalinistas. E hice un negocio redondo: los reaccionarios me siguieron llamando comunista y los comunistas, reaccionario y traidor. Desde entonces retomé mi ideal anarquista, que, en mi caso, es una especie de anarco-cristianismo, como había sido de Tolstoi, el de Emerson y el de tantos idealistas de nuestro tiempo, como Read e Camus. Ya al mismo tiempo que hacía el doctorado retomé lo que había hecho desde mi adolescencia: escribir. (SABATO *in* CONSTENLA, 2000, p. 372).

Como já destacamos, a ideologia sabatiana é tecida por vários fios ideológicos, ela está pautada na concepção humanista que encontra na literatura, enquanto história e ação humana em condições de proteger e encorajar, sua maior oportunidade para chegar à *práxis*, bem como entre “las luces y las tinieblas”, a configuração do ser humano concreto. Ela se embasa, também, nos princípios de liberdade, responsabilidade e inconformismo, enfim, essa síntese dos vários fios ideológicos é que o leva a se afiliar à causa da dignidade humana, do ser humano concreto que oscila entre o bem e o mal, a carne e o espírito, as luzes e as trevas; da justiça social para que o poder adquira a forma da solidariedade, sobretudo, da libertação. Essa é a sua ideologia “*anárquica*” que se funde com a sua *resistência*.

## 2. ANÁLISE DA OBRA *A RESISTÊNCIA*

Ao mergulharmos mais profundamente na obra *A Resistência* (2008) de Ernesto Sabato, podemos analisar, mais minuciosamente, como se configura a sua proposta e as estratégias para que a resistência possa ser incorporada ao cotidiano, à vida em sociedade. No decorrer da nossa caminhada reflexiva ressaltamos alguns autores e pensamentos, que confluem para a *questão da resistência* e podem *iluminar* melhor o que pretendemos destacar como mais relevante para a nossa análise. Nesse sentido, considerando que *A Resistência*, a princípio, ainda não possui recepção crítica acadêmica no Brasil, buscamos trilhar o nosso próprio caminho, de certa maneira, como *desbravadores*. Essa condição, algumas vezes, nos posiciona numa permanente tensão, pois, ao mesmo tempo, em que nos carece certos paradigmas de outros pesquisadores, também nos impulsiona a arriscarmos e ousarmos, com base reflexiva, uma leitura crítica da obra.

Como Sabato foi considerado, por vezes, um autor contraditório e complexo, pela academia argentina, da mesma forma, outras vezes, as suas obras, juntamente com o autor, foram criticadas por quase sempre “falarem da mesma coisa”. Desse modo, ao nos dedicarmos a leituras mais aprofundadas de suas obras anteriores, desde *Uno y el Universo* (1945), podemos perceber que além de parecer que o autor está quase que “insistentemente” se repetindo em algumas de suas obras sucessivas, também realiza uma *colcha de retalhos* para compor determinadas obras. Utiliza-se de fragmentos, praticamente na íntegra, reflexões e personagens de suas obras anteriores para construir e compor as posteriores, ou seja, as mais atuais. Essa característica pode ser constatada, por exemplo, de maneira bem evidente, entre seus três romances: *O Túnel* (1948), *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadon o exterminador* (1974), pois, para se compreender melhor o segundo, é necessária a leitura do primeiro. Essa exigência se torna ainda maior ao se ler *Abadon*, porque nele confluem alguns pensamentos e personagens desenvolvidos e criados nos dois anteriores.

O processo de retomada de pensamentos, reflexões, fragmentos de outras obras do próprio autor não permanece somente entre os romances, nem tampouco entre os ensaios. Há uma interação contínua entre alguns conteúdos, temas

assuntos corporificados nos gêneros, que, às vezes, se encontram discernidos no labor ensaístico das obras de Sabato; outras, são esteticamente elaborados e encontrados nas vozes dos seus personagens. Dessa forma, como a nossa intenção não é analisar como se dá a interação em cada uma de suas obras, pois esta pesquisa não possui este objetivo, então nos deteremos mais precisamente n'A *Resistência*, que comporta uma confluência de alguns assuntos e temas já tratados pelo autor, em obras anteriores, bem como é composta, também, por alguns fragmentos retirados na íntegra de seus outros romances e ensaios.

A intertextualidade<sup>65</sup> nasce de um diálogo entre vozes, entre consciências e discursos; a ocorrência intertextual se dá por meio de três processos básicos: o da *citação*, o da *alusão*, e o da *estilização*. Na obra em foco, identificamos apenas os processos de *citação* e *alusão*, isto é, o estilo prossegue sendo sabatiano. Assim, se a intertextualidade tem a ver com a leitura e o conhecimento de mundo do autor, ela exige também o conhecimento de mundo do leitor para que ele possa reconhecer as relações e diálogos existentes na obra. Nessa perspectiva, podemos dizer que a intratextualidade se apresenta de maneira parecida, ou seja, sem a leitura e o conhecimento profundo das outras obras do autor, que antecederam essa de “virada de milênio”, é impossível constatar os diálogos, as relações intratextuais que também a compõe. Por meio desse enfoque, as relações, tanto intratextuais quanto intertextuais que sobressaem n'A *Resistência*, longe de serem um mero resumo de outros discursos e obras, confirmam o pensamento de Adorno de que o ensaísta trabalha com ideias pré-formadas pelo autor e culturalmente, questionando-as e, partindo do “EU”, primeira pessoa, também funde sua visão de mundo e sua experiência de vida, principalmente, enquanto leitor. Por isso, ela apresenta uma boa parte, de modo sintético, de assuntos e questões já tratados e refletidos nas obras que a antecederam, pois condensa a experiência do autor, em uma síntese do escritor enquanto ser humano, artista e intelectual.

A observação e a análise de como a obra é construída e se manifesta não geram reducionismos, até porque essas não são nossas únicas preocupações, ao contrário, elas nos auxiliam a entender melhor como se dá e se desenvolve a

---

<sup>65</sup> De acordo com Fiorin (1999). Assim, é importante enfatizarmos que a intertextualidade fica reservada apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos, isso é, quando um texto se relaciona dialogicamente com outro texto já constituído.

*proposta de resistência* na obra em foco. Escrita de maneira ensaística, incorporada no gênero epistolar, isso é, carta-ensaio, permite que o autor discuta, instigue, provoque o pensamento do leitor, a partir de ideias pré-formadas por ele e culturalmente, bem como lhe possibilita que salte, com certo dinamismo e fluidez, de um tema ao outro. A única lei formal do ensaio é a *heresia*, isto é, o ensaio “nunca é o novo enquanto novo”<sup>66</sup>, mas isso não impossibilita que possa ser original. Então, por mais que possamos constatar a confluência de textos e temas presente n’*A Resistência*, que já foram tratados pelo autor em obras que a precederam, ela não diminui ou ofusca a *novidade* de sua *proposta* e estratégias de resistência. Até porque algumas dessas ideias e reflexões se encontram *decantadas e refinadas*<sup>67</sup> na obra de “virada de milênio”, bem como de maneira mais explícita. Vale a pena lembrar, como já enfatizamos outras vezes, que a questão da resistência está de forma latente em suas outras obras, mas ela somente emerge à superfície do texto, em forma de proposta, brevemente em *Antes del fin* (1998) e se materializa naquela que porta o título de sua profunda intenção: *A Resistência* (2008). Essa constatação se torna evidente ao analisarmos as relações intratextuais que ocorrem a partir dessa obra com as outras que a precederam.

Diante das críticas, que qualificam o autor de sempre “escrever e falar a mesma coisa”, ele investe com os seguintes argumentos que veremos adiante, que se encontram, curiosamente, quase na íntegra, em *Uno y el Universo* (1945) e no vigésimo sétimo capítulo de *Abadon o exterminador* (1974): *Querido y remoto muchacho*, que, posteriormente, foi lançado como obra autônoma. Na presente análise, optamos pelo fragmento encontrado em *Abadon*, na voz do personagem Sabato em sua carta para Bruno, em que o autor se transforma em ficção de sua própria ficção:

E não te preocupes com o que possam te dizer os astutos, os que passam por inteligentes: que sempre escreves sobre a mesma coisa. Claro que sim! É o que fizeram Van Gogh e Kafka e todos os que devem te importar, os severos (mas carinhosos) pais que cuidam de tua alma. As obras sucessivas são como as cidades que se erguem sobre as ruínas das anteriores: embora novas, materializam certa imortalidade, assegurada por antigas lendas, por homens da mesma raça, por crepúsculos e amanheceres semelhantes por olhos e rostos que retornam, ancestralmente. (1981, p. 68).

---

<sup>66</sup> Cf. Adorno (1985).

<sup>67</sup> Como na visão de Molina (2008) e Sauter (2005).

No fragmento da carta enviada ao personagem Bruno, que aspira ser escritor, o personagem/autor recorda as palavras de Proust (1981, p. 68), em que: “[...] a obra de arte é um amor infeliz que fatalmente pressagia outros.” Por isso, segue o personagem Sabato, as obras sucessivas de um autor sempre vão materializando certa imortalidade, dando formas e contornos mais apurados ao que se dispõe a construir. Dessa forma, os olhos, os rostos, que retornam, de maneira ancestral, os fantasmas que emergem dos recônditos subterrâneos do ser, no momento devido ou em qualquer outro, apresentar-se-ão novamente, encontrando um trabalho mais adequado a sua condição, pois: “[...] os planos abandonados, os esboços abortados, voltam para encarnar-se menos defeituosamente.” (SABATO, 1981, p. 68).

Nesse enfoque, antes de cairmos numa análise simplista, caracterizando a obra *A Resistência* como um mero resumo das que a precederam, podemos considerar que ela já estava esboçada nas obras anteriores do autor.<sup>68</sup> Por isso, a nossa ênfase em sempre destacar que a *questão da resistência* já se encontra de forma latente em suas outras produções e que, na obra em foco, se materializou, se corporificou como sendo o principal objetivo de sua mensagem e proposta dentro de suas cartas.

Assim, nos cabe, agora, por meio de nossa análise, apresentar cada carta que compõe a obra que elegemos. Nosso propósito é pensar como se apresenta a proposta de resistência do autor, bem como ela se encontra esboçada nas obras que vieram antes, sobretudo nas ficcionais. Sua voz, com seu contradiscurso e contramemória, provoca as consciências dos leitores. Por meio dessa prática, realiza o seu balanço-sombrio da atualidade, contudo, oferece estratégias para que a resistência possa ser corporificada no cotidiano, na vida em sociedade, partindo assim do individual para o coletivo, na perspectiva de ambos estarem intimamente interligados. Dentre as várias estratégias sugeridas pelo autor e que traremos à luz durante a nossa análise, elegemos a *arte* e a *serenidade* como as mais relevantes neste momento, elas se encontram de maneira mais evidente na quarta e na quinta

---

<sup>68</sup> Como também observa o crítico Alejandro Roop Martín: La reflexión sabatiana no se circunscribe a esos años de transición sino que, primero, continúa a lo largo de toda su vida y, segundo, sigue siendo la misma hasta hoy. En efecto, uno de los primeros rasgos que destacan en la lectura de esos textos es la repetición, con variantes, de los mismos temas, de las mismas tesis, incluso de las mismas referencias y anécdotas. Antonio Méis, gran conocedor del autor, ha definido esta fidelidad primordial afirmando que se trata de una “profundización progresiva de una obsesión primera”. (MARTÍN, 2007, p. 692).

carta. Deste modo, buscaremos dar-lhes um aprofundamento maior, até por serem as mais enfatizadas pelo próprio autor em sua obra.

Se Ortega y Gasset discorreu, em seu famoso ensaio sobre *La deshumanización del Arte*; Sabato, por sua vez, acredita que não é a *arte* que está desumanizada, mas sim as próprias pessoas é que estão passando pelo processo de desumanização e, somente uma volta profunda à verdadeira *arte*, propulsora da consciência crítica e humana, debruçada na experiência humana e não em “ornamentos da sociedade burguesa”, utilizando a expressão de Paul Gauguin, é que resgatará o ser humano, protegendo-o do *tirânico destino* de ser apenas uma engrenagem, um mero autômato. Nesse sentido, a *arte*, em suas várias manifestações, está intimamente interligada à *serenidade*, pois, se a velocidade vertiginosa da *Modernidade Líquida* não reserva muitos espaços para a reflexão, até porque “não há tempo a ser perdido”, nas palavras de Bauman, então, na proposta do autor d’ *A Resistência*, é urgente certa *moderação* para que a vida torne a florescer, para que a existência possa ser recriada, reinventada. Assim, as interações entre os seres, a vida e suas criações se tornarão, efetivamente, mais humanizadas e resistentes.

Ao aprofundarmos as nossas leituras nas primeiras obras do autor Ernesto Sabato, bem como nos depararmos com seus pronunciamentos realizados no decorrer de sua trajetória intelectual, constatamos de maneira mais vívida as palavras de Maria Angélica Correa: “[...] um autor puro nervios, impaciente.” (1971, p. 09). Seus romances carregam, mais explicitamente, seu pensamento eufórico, inundado em conflitos existenciais, buscando compreender o caos exterior por meio do interior. Da mesma forma, os seus ensaios, que buscam revelar suas angústias e inquietações perante às diversas realidades vividas e que estão penetradas de criticidade. Por isso, em *O escritor e seus fantasmas* (1985), o autor escreve que o ensaio é diurno e o romance é noturno, o primeiro se refere ao que o autor, ser humano, pretende ser, enquanto o segundo revela o que ele realmente é. Nesse sentido, por constatarmos que a obra *A Resistência* se manifesta de maneira ensaística, podemos dizer, a princípio, que dentro dela está o pensamento de um autor diurno, que assume algumas vozes de seus personagens ficcionais, noturno; assim, diurno e noturno se entrecruzam, ocasionando o “crepúsculo sabatiano”; que

revela o que ele pretende ser, bem como desnuda um pouco do que ele realmente é. Assim, se suas cartas são atravessadas pela memória, ou seja, há muito de sua vivência e sua experiência existencial, então ele escreve a partir do *Eu*, mas a pergunta é: Essa é a verdade de Sabato? Pois, como o próprio autor bem coloca em uma de suas obras: “[...] é só com máscaras, no carnaval ou na arte, que os homens se atrevem a dizer suas (tremendas) verdades últimas. *Persona* significa máscara e, como tal, entrou na linguagem do romance e do teatro.” (1985, p. 43). Se os seres humanos só conseguem dizer suas verdades últimas, por meio das máscaras, percebemos que Sabato, na obra de virada de milênio, assume para si mesmo as verdades ditas pelos seus personagens em seus romances.

Essa fase existencial, vivida por ele, permite-o que desça de sua solidão, sem que se sinta preocupado se está ou não com “alguma máscara”, por isso assume as palavras de seus próprios personagens como parte do seu discurso para materializar e compor a sua *proposta de resistência*. O ensaio<sup>69</sup> é o corpo textual em que se reconhece a voz do autor, assim, por mais que verifiquemos, na obra em foco, fragmentos praticamente na íntegra retirados de suas ficções, podemos constatar que a voz do ensaísta que se constrói é a do próprio autor Ernesto Sabato e não de um personagem ficcional. Assim sendo, Sabato valeu-se do gênero epistolar para escrever *A Resistência* que, por ser um gênero autônomo, apresenta-se como um sistema aberto, dinâmico e heterogêneo, em outras palavras, ele permite que outros gêneros e estilos se incorporem em seu corpo textual. Nesse sentido, a obra se manifesta por meio de cartas-ensaísticas, em que, fazendo uso da liberdade oferecida pelo gênero epistolar e estilo ensaístico, mantém relações profundamente intratextuais com o conjunto textual do próprio autor e diálogos intertextuais com outros textos de outros autores.

Como o nosso principal objetivo é pensar e analisar a *questão da resistência*, as relações e diálogos intratextuais e intertextuais serão identificados durante o desenvolvimento da análise, para que possamos compreender como se configura e se apresenta a proposta e as estratégias de resistência dentro da obra, e como elas se encontram em estado latente nas obras que a precederam, sobretudo ficcionais. Por isso, todos os fragmentos incorporados nela e que Sabato retirou, sobretudo, de

---

<sup>69</sup> Vide discussão p. 78 a partir de Adorno (1985).

suas ficções, não se encontram aí por acaso, eles possuem uma razão de ser, que é o direcionamento ao seu propósito. Em outras palavras, os pensamentos, apresentados antes por meio de seus personagens e, em seus outros ensaios, encontram-se incorporados na voz do próprio autor ensaísta que também se vale de citações e alusões de outras obras e autores, relação intertextual, isto é, convoca outras vozes, consciências e discursos para desenvolver sua proposta de resistência.

Nesse sentido, com as relações (e diálogos), intertextuais e intratextuais o autor desenvolve sua proposta e estratégias de resistência. A partir de ideias e pensamentos pré-formados em suas obras anteriores, e culturalmente, em um contínuo questionamento e reflexão, bem como em tom de íntima proximidade, por meio das cartas-ensaísticas, o autor apresenta aos leitores o seu propósito, que se inicia por um convite.

## 2.1 Primeira carta: *O pequeno e o grande*

O belo consolo de encontrar em uma alma o meu mundo, de  
abraçar em uma imagem amiga toda a minha espécie.

F. Hölderlin

Na primeira carta, por meio de um olhar admirado, o autor realiza uma meditação emocionada sobre a vida. Consciente da proximidade da morte busca se aferrar à memória como resistência ao tempo. Longe de ser um absurdo kafkiano, passado por Gregor Samsa após acordar de sonhos inquietantes, ele inicia, poeticamente, confessando o porquê de sua proposta, para que a resistência possa ser encarnada: “Há certos dias em que acordo com uma esperança demencial, momentos em que sinto que as possibilidades de uma vida mais humana estão ao alcance de nossas mãos. Hoje é um dia desses.” (2008, p. 13).

Dentro de sua fragilidade e limitações físicas, devidas à idade e o estado de cegueira avançadas, porém penetrado de tenacidade de espírito, o autor revela que ao despertar na madrugada se põe a escrever com toques trêmulos e delicados das mãos, oscilando entre dúvidas e hesitações, quase às apalpadelas, a um só tempo, em *frenesi*, dentro de um desespero lúcido: “[...] com urgência, como alguém que

saísse para a rua pedindo ajuda diante de uma ameaça de incêndio.” (SABATO, 2008, p. 13). Aflito em meio às torrentes caudalosas, da *Modernidade Líquida*, ocasionadas pelo consumismo, individualismo, a globalização que aproxima as culturas, contudo também gera massificações, provocando o enfraquecimento da resistência, a desumanização, entre outros problemas. Nesse cataclismo contemporâneo, em sua percepção, ele usa a imagem de “como um navio que, a ponto de afundar, mandasse um último e fervoroso sinal para um porto que sabe próximo, mas ensurdecido pelo barulho da cidade e pela infinidade de letrados.” (SABATO, 2008, p. 13).

Dessa forma, após iniciar a sua *primeira carta*, confessando a sua “esperança demencial” numa vida mais humana, o autor, envolvido em uma reflexão existencial, escreve com urgência. Em seu contínuo estado vigilante, ao constatar a dissolução da modernidade e da memória, realiza o seu primeiro alerta sobre os perigos gerados na liquidez, bem como o seu primeiro apelo:

Peço a vocês que paremos para pensar na grandeza que ainda podemos pretender se ousarmos avaliar a vida de outra maneira. Peço a nós essa coragem que nos situa na verdadeira dimensão do homem. Todos, repetidas vezes, fraquejamos. Mas há uma coisa que não falha, e é a convicção de que - unicamente - os valores do espírito podem nos resgatar deste terremoto que ameaça a condição humana. (2008, p. 13).

A carta permite certa intimidade e aproximação entre o autor e o leitor, assim, a sua primeira carta-ensaio já instiga a coragem das pessoas e faz um convite para que ousem avaliar a vida de outra maneira. Nesse enfoque, sendo o papel fundamental da ensaística, a discussão reflexiva de determinados temas e assuntos, ideias pré-formadas culturalmente, bem como a provocação crítica do ensaísta para com o leitor, identificamos que a obra, em foco, não inicia revelando de imediato a proposta de resistência do autor. Pela razão do ensaio não conter uma verdade absoluta, indiscutível e pronta, ou seja, é sempre uma tentativa, um experimento colocado à prova, é que, gradativamente, a proposta vai emergindo à superfície do texto.

A primeira carta, como toda a obra, está permeada pela *força de vontade* e pelo desejo de transformação. Por isso, a proposta de resistência não se restringe a uma utopia, a um não-lugar (BOSI, 2010, p. 81), um ideal irrealizável, é uma exigência que se faz no “aqui e agora”. Como o próprio autor destaca na carta, por

essa razão ela possui este tema *O pequeno e o grande*, em outras palavras, são os pequenos valores que geram as grandes mudanças. Como podemos perceber neste fragmento, que mantém diálogo intratextual com *O Escritor e seus fantasmas*<sup>70</sup> (1963):

Não há outro modo de atingir a eternidade a não ser aprofundando-se no instante, nem outra forma de chegar à universalidade que não através da própria circunstância: o aqui e o agora. Mas como? Revalorizando o pequeno lugar e o breve tempo em que vivemos, que nada têm a ver com as maravilhosas paisagens que podemos ver na televisão, mas que estão sagradamente impregnados da humanidade das pessoas que neles vivem. (SABATO, 2008, p. 16-17).

Como veremos no decorrer da análise, as relações intertextuais e, de maneira mais acentuada, as intratextuais, tornam-se o princípio da textualidade que se materializa n'*A Resistência*. Ao partir do "já escrito", o autor constrói como um mosaico a sua proposta, em que as citações referidas, de outros conjuntos textuais, e a incorporação de fragmentos de seus outros textos, tanto ensaísticos quanto ficcionais, são absorvidos e transformados em outro texto, materializado na obra em foco. Contudo, essa estratégia criativa não impede que sua abordagem seja de forma nova, pois ele se utiliza de ideias pré-formadas culturalmente e de fragmentos de suas outras produções para elucidar a sua proposta e o que ele entende de modo mais explícito sobre o que se propõe a construir e refletir. Nesse sentido, cada fragmento utilizado pelo autor, de seus outros escritos, e que se encontram ocultos no decorrer do seu texto, isso é, só é possível reconhecer a partir de leituras e do conhecimento aprofundado de suas outras obras, tornam-se partes constituintes do seu propósito, que é a questão da resistência. Por isso, é dessa forma que ao longo da análise estética, sobretudo, iremos confirmando a latência de sua proposta nas obras anteriores.

Após realizar o seu convite para que as pessoas ousem avaliar a vida por meio de outra perspectiva, bem como pedir a coragem que as situam na autêntica dimensão humana, questão essa discutida em seus ensaios, enfatiza os valores do espírito como sendo os únicos capazes de resgatar a humanidade do "terremoto",

---

<sup>70</sup> *O escritor e seus fantasmas*: Não há outra forma de se alcançar a eternidade senão afundando no instante, nem outra forma de chegar à universalidade senão através da própria circunstância: o aqui e agora. A tarefa do escritor seria a de entrever os valores eternos que estão implícitos no drama social e político de seu tempo. (SABATO, 1985, p.51).

em suas palavras, causado pela dissolução dos princípios que sustentam a vida humana. Assim, podemos perceber em Sabato um escritor-intelectual que se posiciona de maneira crítica e vigilante, que busca permanecer como um *guardião*<sup>71</sup> dos valores humanos e espirituais, por isso o autor acredita na dimensão e potencial do ser humano como principal agente transformador de sua própria realidade. Dessa forma, se esse frágil *ser* sofre as calamidades e catástrofes da crise que, em partes, ajudou a erigir, somente ele é capaz de revertê-las, nas palavras de Camus (1996), essa é a responsabilidade histórica de todos, que vai de encontro à reflexão de Said (2007).

A primeira carta da obra *A Resistência, O pequeno e o grande*, procura pensar como se estabelece a realidade cotidiana, aprofundando-se no “aqui e agora”. Da mesma maneira que a transformação e a liberdade exterior somente são possíveis a partir da interior, para o autor, nessa carta, o mesmo acontece com a realidade que nos cerca, na qual os seres humanos precisam estar atentos aos vestígios de vida deixados por outras presenças humanas: “O contato com qualquer obra humana evoca em nós a vida do outro, deixa rastros que nos inclinam a reconhecê-lo e a encontrá-lo.” (SABATO, 2008, p. 17). A resistência começa a ser encarnada desde as pequenas atitudes do cotidiano, a partir da revalorização dos pequenos lugares, das mais simples obras humanas, bem como dos breves momentos em que vivemos, como podemos perceber no fragmento, em que, novamente, em diálogo intratextual, o autor assume a voz do personagem-escritor Bruno<sup>72</sup> de *Sobre Heróis*: “Os homens, à sua passagem vão deixando os seus vestígios; do mesmo modo, ao voltar para casa depois de um dia de trabalho [...], uma mesinha qualquer, um par de sapatos gastos, uma simples luz são comoventes símbolos de uma costa que ansiamos alcançar [...]” (SABATO, 2008, p. 18). A visão dos pequenos valores e manifestações da vida, que geram grandes mudanças humanizadas, nas palavras do autor, deve ser aguçada para que então se possa redescobrir, reconhecer e revalorizar “o mundo que nos coube nascer”, enfim, a

---

<sup>71</sup> No sentido de que conserva e protege algo, nesse caso, os valores (SAID, 2007).

<sup>72</sup> Essa reflexão de Sabato se encontra na voz de Bruno de *Sobre Heróis e Tumbas*, no final do romance, ao meditar sobre sua vida transcorrida: Do mesmo modo, quando retornamos daquele universo do sono, uma mesinha qualquer, um par de sapatos usados, uma simples lâmpada familiar, são comovedoras luzes da costa que ansiamos alcançar, a segurança. (SABATO, 1980, p. 468).

própria vida.

Nesse sentido, o que Sabato pretende, por meio dessa carta, não é necessariamente “tocar o real”, dentro de uma discussão filosófica, mas, sobretudo, provocar, despertar os que “dormem o sono encantado do cotidiano”. Até porque, os valores, os princípios que constituem e regem o ser e a vida humana estão interpenetrados no dia-a-dia da existência e, somente eles, como coloca o autor, resgatarão a humanidade “deste terremoto que ameaça a condição humana.” (2008, p. 13). Assim, como seu olhar preocupado está direcionado ao cotidiano, o foco de sua crítica, nessa carta, é à alienação<sup>73</sup>, causada pelos “vícios” mantidos pelas pessoas que se habituaram demasiadamente aos aparelhos e meios midiáticos, tecnológicos, que as aproximam, ou melhor, “as conectam com o mundo” e, ao mesmo tempo, as distanciam, tanto da realidade ao seu redor, quanto da sua própria condição humana. O autor critica o comodismo dos que se acostumaram a ver, perceber e sentir a vida por meio das “luzes e imagens”, anestesiando a sensibilidade, vivem como autômatos. Eles se habituaram à realidade que os cerca, aceitaram passivamente o decorrer da história, da vida, como que presos a um fatalismo, em que a visão de mundo vai se tornando engeguecida e, além de faltar criticidade, enfraquece o aguçamento dos sentidos. Como ele destaca neste fragmento:

É urgente reconhecermos os espaços de encontro que podem nos salvar de ser uma multidão massificada assistindo isoladamente à televisão. O paradoxal é que essa tela nos dá a sensação de estarmos ligados ao mundo inteiro, quando na verdade ela nos rouba a possibilidade de convivemos de forma humana e, o que é igualmente grave, nos predispõe à abulia. Tenho dito em muitas entrevistas, em tom de ironia, que “a televisão é o ópio do povo”, alterando a famosa frase de Marx. (SABATO, 2008, p. 14).

---

<sup>73</sup> Vale ressaltar que a crítica do autor não se restringe apenas aos aparelhos midiáticos e à tecnologia, mas à **Alienação (automatismo humano)** gerada nessa interação que deixa de ser entre as pessoas e acaba sendo, muitas vezes, entre os produtos tecnológicos, questão essa devidamente tratada em seus outros ensaios, com os quais essa carta, como outras partes da obra, mantém diálogos intratextuais. **Hombres y Engranajes** (1951): La velocidad de nuestras comunicaciones ha valorizado hasta las fracciones de minuto y ha convertido al hombre en un enloquecido muñeco que depende de la marcha del segundero. [...] En nuestras grandes ciudades desapareció ya esa sensación del tiempo cósmico: nuestros edificios nos impiden seguir el crecimiento y el decrecimiento de la luna, la marcha de las constelaciones, la salida y la puesta del sol. (SABATO, 2006, p. 67-69). **Antes del fin** (1998 - memórias do autor): La memoria fue muy valorada pos las grandes culturas, como resistencia ante el devenir del tiempo. No el recuerdo de simples acontecimientos, tampoco esa memoria que sirve para almacenar información en las ahora computadoras: hablo de la necesidad de cuidar y transmitir las primigenias verdades. (SABATO, 1998, p. 18).

No fragmento acima, percebemos que o autor se utiliza da palavra *abulia* para caracterizar o efeito ocasionado no ser humano, por meio de sua exposição direta à “caixa encantada”, que parece ser sua única alternativa de ver, perceber e sentir o mundo e a vida. Ao aprofundarmos o significado da palavra *abulia*, constatamos que ela possui a conotação inversa do princípio da resistência. Se a última parte de um sentido ético, que é a *força de vontade*, não somente para o sujeito se opor à força exterior a ele mesmo, mas também para o mesmo *existir* (em seu sentido profundo), levantar-se para realizar algo, a qual parte de sua consciência-cumplicidade, dessa forma, identificamos a oposição desse termo à abulia, que significa diminuição da força de vontade, do ânimo, da iniciativa, ela está próxima à desistência. Vale ressaltar novamente que não estamos “separando” a resistência individual da coletiva, nossa intenção é evidenciar que ambas se encontram intimamente interligadas.

Nessa perspectiva, ao iniciar sua crítica às pequenas atitudes cotidianas geradoras de grandes desumanizações, o autor *d'a Resistência* procura apontar, também, simples e singelas alternativas, estratégias de resistência. Alternativas essas que estão penetradas pelo resgate e ressignificação dos pequenos valores, que se encontram banalizados no dia-a-dia, e que são os principais propulsores das grandes mudanças. Por isso, em seu entendimento, a resistência parte internamente do indivíduo, ela não é absorvida, *a priori*, de fora para dentro, mas o seu inverso.

Por meio desse enfoque, o seu apelo para que a vida possa ser reavaliada por outras perspectivas, bem como sua provocação aos que “dormem o sono encantado do cotidiano”, parte, justamente, de sua não-conformação. Assim, percebemos que o próprio autor, dentro de sua obra, posiciona-se como um ser inconformado, consciente de que a resistência é um processo contínuo. O posicionamento fica evidente nas partes em que ele se coloca como penetrado, atravessado, também, pelas crises e conflitos da *Modernidade Líquida*. Nesse sentido, a sua ensaística permite que a sua análise da condição humana, suas experiências, suas memórias, infiltrem-se em seu discurso provocativo e reflexivo. Elas, incorporadas e acomodadas em suas cartas, geram uma relação mais íntima entre o autor e o leitor, algo próximo a uma “troca de experiências”, que informa, aconselha e ensina o ouvinte/leitor.

Sua voz dentro dessas cartas reflete sua condição de ser humano, que tem consciência de que muitas vezes fraqueja, desanima e, tomado pelos perigos de seu pessimismo, também pensa em *desistir*. Ele não inicia a obra apenas pedindo a “*coragem*” dos demais, palavra que vem do latim e quer dizer força e vontade do coração, mas, juntamente, coloca-se como um “navio a ponto de afundar”, como alguém que sai para a rua “pedindo ajuda diante a uma ameaça de incêndio”. A partir da primeira carta, ele já deixa claro que os seres humanos precisam uns dos outros para encarnarem a resistência. Assim, o autor não impõe seu discurso, ele realiza um convite e, ao partir dos valores cotidianos, seu reclame preocupado é pela revalorização do pequeno lugar em que vivemos e convivemos, bem como pela ressignificação dos pequenos valores, seu olhar se volta ao ser humano concreto e a transformação não é do “mundo” e sim da realidade humana.

O inconformismo não se determina no egoísmo, mas parte para a solidariedade. Por isso, *A Resistência* não se restringe a uma confissão melancólica de um “autor que sofre” as invasões e inundações dos problemas gerados pela liquidez, contudo parte para a aventura de todos, em busca de outras pessoas que não se conformam com a desumanização. Assim, a obra, além de constatar a situação, o momento em que vivemos, página a página, palpita o convite do autor para que a realidade possa ser revertida.

Nesse enfoque, sua preocupação parte do cotidiano, no qual ele também se vê inserido, por isso considera urgente *reconhecer* (voltar a conhecer) os espaços de encontro, os quais poderão salvar as pessoas de serem “uma multidão massificada assistindo isoladamente à televisão.” (2008, p. 14). Na crítica inconformada aos meios midiáticos, que *aproximam* e *distanciam* os seres humanos, percebemos que o que lhe perturba não é somente o desenfreado “progresso tecnológico”, mas, principalmente, as relações abstratas, em que a vida concreta parece não ter mais sentido, até porque não oferece a intensidade que a tecnologia e as “imagens” propõem. Essa carta enfoca a exposição excessiva à televisão como sendo um dos meios propulsores de alienação, considerando que a maioria das pessoas tem acesso a ela, que além de anestesiar os sentidos, subtrai a força de vontade. Como podemos ver no fragmento:

Mas de fato acho que estamos ficando entorpecidos diante da tela, e

mesmo quando não encontramos nada do que procuramos, continuamos lá, incapazes de nos levantar e ir fazer algo de bom. [...] É um tédio, um fastio que nos acostumamos “por falta de coisa melhor”. Ficar monotonamente sentado diante da televisão anestesia a sensibilidade, torna a mente lerda, prejudica a alma. (SABATO, 2008, p. 15).

A crítica de Sabato, em sua primeira carta, aos aparelhos midiáticos, mais precisamente à televisão, nos pode parecer que é uma crítica até mesmo não muito relevante, comparada ao seu contínuo comprometimento em discutir questões mais problemáticas da macroestrutura como a política, o poder estabelecido, a ditadura. Porém, como adverte Bauman (2001), não podemos nos enganar, pois, na fluidez, os líquidos se misturam e tornam-se diluídos aos lixos da modernidade, avançam como fortes enxurradas e enchentes, invadindo e inundando o caminho de cada um. Dessa forma, pode ser que não haja mais sistema ditatorial, no sentido metodológico do termo, mas suas dissoluções estão penetradas, infiltradas em muitos outros sistemas, em outros modos de vida. Como o pensamento uniformizado, ditado pelas diversas mídias, no que se refere ao comportamento humano, influenciando e direcionando o seu modo de ver, perceber e sentir o mundo. A tecnologia, muitas vezes, invade violentamente a vida humana, condicionando o modo de pensar, sentir, raciocinar e relacionar das pessoas. A relação humana que deveria haver, e ser, entre as pessoas, na perspectiva de coexistência, bem como com os outros seres vivos, a natureza, acaba se tornando apenas uma relação com os produtos tecnológicos. Os pequenos lugares, em que pulsa a verdadeira vida cotidiana, que dá plenitude à existência do ser humano, tornam-se parte de uma relação abstrata, ocasionando o esfacelamento da resistência.

Dessa forma, a violência apresentada pela mídia se torna violência ao próprio espectador; o divertimento converte-se em alienação, no sentido de indiferença ao que se refere à própria vida humana. Nesse enfoque, além dos sentidos se habituarem a um novo ritmo, como reflete Sabato (2008), a contínua exposição aos impactos intensos gerados pelas “luzes e imagens”, juntamente com seus conteúdos, muitas vezes, violentos e alienados, mesmo que de maneira sutil, anestesia a sensibilidade, tornam a mente lerda e prejudicam a alma. A crítica, numa relação intratextual, também se encontra em *Antes del fin* (1998), em que os ditos “formadores de opinião” acabam se tornando “os profetas da humanidade”:

La solidaridad adquiere entonces un lugar decisivo en este mundo acéfalo

que excluye a los diferentes. Cuando nos hagamos responsables del dolor del otro, nuestro compromiso nos dará un sentido que nos colocará por encima de la fatalidad de la historia. Pero antes habremos de aceptar que hemos fracasado. De lo contrario volveremos a ser arrastrados por los profetas de la televisión, por los que buscan la salvación en la panacea del hiperdesarrollo. El consumo no es un sustituto del paraíso. (SABATO, 2006, p. 164).

O autor, em tom de ironia, compara a necessidade de estar em frente a uma “tela iluminada” com a tendência dos insetos estarem em volta de uma lâmpada. A luz os hipnotiza, mantendo-os ali, praticamente, até o fim do ciclo de suas vidas, até a morte, sem nada fazerem, a não ser pregar seus olhos numa claridade que os cega. Da mesma forma, acontece com os seres humanos, a cegueira é ainda mais grave, pois é existencial, as pessoas sobrevivem em sua condição de zumbis. A crítica do autor à alienação causada por alguns meios midiáticos e às relações abstratas não se encontram apenas em seus ensaios, elas estão presentes, de maneira significativa, em suas ficções, sobretudo, em *Abadon o exterminador* (1974).<sup>74</sup> Essa é mais uma evidência de que essa questão está de maneira latente em outros escritos do autor, sobretudo ficcionais, em que ele se utiliza de uma estética questionante e desafiante,<sup>75</sup> para colocar em crise o próprio conceito de realidade, forjado numa determinada época, e que se torna atual pelo motivo de o presente também ser uma extensão desse passado. Por isso, ele absorve as reflexões do personagem Bruno, no contexto dos anos 70, e transforma em componente para prosseguir sua discussão sobre o século XXI. Os contextos, e os textos, não são os mesmos, porém a preocupação do autor é pensar as modificações ocorridas e o que ainda prossegue ocorrendo, que é, até mesmo, um sutil processo contínuo de desumanização.

A partir das reflexões e das denúncias da modernidade, infiltrada por problemas advindos do intenso século XX, e trazidas à *luz da ribalta*, podemos, então, nos perguntar: ainda é possível resistir? Nessa perspectiva, a própria carta

---

<sup>74</sup> Como podemos perceber também no fragmento de *Abadon* que mantém diálogo intratextual com essa carta, na voz do personagem Bruno: [...] el pueblo se ha transformado, y la escuela donde aprendimos a leer ya no tiene aquellas láminas que nos hacían soñar, y los circos han sido desplazados por la televisión, y no hay organitos, y la plaza de infancia es ridículamente pequeña cuando la volvemos a encontrar... y está vacía. (SABATO, 2006, p. 429). N'A *Resistência*, Sabato escreve que: Estaremos perdidos se não revertermos, com energia, com amor, essa tendência que nos reduz a adoradores da televisão, que idiotiza as crianças, que já não brincam nos parques. (SABATO, 2008, p. 26-27).

<sup>75</sup> Rancière (2009).

carrega a resposta, em que a relação restrita somente com os produtos tecnológicos, aparelhos midiáticos ocasionam o esfacelamento, a deterioração da resistência, em que as pessoas se acostumam a aceitar passivamente uma contínua invasão sensorial e uma avalanche de informações, que se tornam “uma servidão mental, uma verdadeira escravidão.” (SABATO, 2008, p. 16). Contudo, o autor acredita que é possível reverter o cenário, para isso ele sugere a seguinte alternativa: “[...] há um jeito de contribuir para a proteção da humanidade, e é não se conformar. Não assistir com indiferença ao desaparecimento da infinita riqueza que forma o universo que nos rodeia [...]” (SABATO, 2008, p. 17).

A revalorização do pequeno lugar em que vivemos, bem como os singelos e simples valores gerados no cotidiano que sobressaem durante os encontros humanos, o diálogo, o cuidado com a vida que nos cerca, as pequenas atitudes humanizadas. A manifestação da natureza percebida pelos sentidos: o pôr-do-sol, o toque num aperto de mão, num abraço, etc., o som das músicas e das vozes que amamos, o cheiro das plantas e das flores, o sabor de um alimento numa mesa compartilhada. São pequenos valores que, muitas vezes, não são percebidos por algumas pessoas por causa da “cegueira existencial” em que se encontram e do embrutecimento dos sentidos, mas somente eles darão plenitude à existência. Fortalecerão o ser que parte para enfrentar, encarar adversidades mais complexas e, no decorrer, pode se munir de outras formas de resistência que se integrarão às primeiras. Por isso a carta está permeada pela percepção da sensibilidade, do aguçamento dos sentidos, que nos possibilitam ver, perceber e sentir a vida cotidiana que se encontra impregnada dos pequenos valores que nos constituem, bem como da consciência da revalorização do lugar em que estamos inseridos e da vida ao nosso redor. Por isso, a preocupação que sobressai na obra é com o ser humano concreto e a realidade humana.

No pensamento ensaístico do autor, a crise da concepção do ser e do mundo embasada na idolatria à técnica e na exploração do ser humano, precisa ser superada e revertida. Precisamos urgentemente buscar o diálogo<sup>76</sup> entre o *apolíneo* e o *dionisíaco*, concepção criada por Nietzsche para que o *humano* não escape de nossas mãos. A mente e o corpo devem andar juntos, até porque, o pensamento

---

<sup>76</sup> Blanchot (1984).

ocidental embasado, mais precisamente, na racionalização do homem e da vida, não consegue mais dar conta da condição humana e da existência. Nesse sentido, podemos verificar na primeira carta que a crítica e a provocação refletida nela, relacionada aos aparelhos midiáticos, à tecnologia e à própria televisão estão intimamente interligadas a sua crítica e preocupação com a alienação, a abstração das relações e o automatismo humano, que trataremos com maior profundidade na quinta carta *A resistência*.

Na reflexão do autor, a insensibilidade, provocada pelo embrutecimento dos sentidos, está afastando tragicamente as pessoas do diálogo e do reconhecimento do mundo ao seu redor. Assim, suas críticas em relação à perda de sensibilidade, que gera a desumanização, estão permeadas pelo desejo de um mundo mais humano: “Porque, à medida que nos relacionamos de forma mais abstrata, vamos nos afastando do coração das coisas, e uma indiferença metafísica se apossa de nós, enquanto entidades sem sangue nem nome tomam o poder.” (SABATO, 2008, p. 14). Então, por meio de sua ensaística, constata os problemas da modernidade, recorre à memória para ressignificar a si mesmo e as coisas, instiga e provoca à reflexão, apontando caminhos, alternativas, saídas, bem como a resistência à liquidez.

Na crítica realizada à alienação, às relações abstratas e ao automatismo humano, o autor busca constatar os excessos causados pela modernidade, bem como pelo “progresso” midiático e tecnológico. O bombardeio de informações “sons e imagens” das mais diversas mídias, muitas vezes, substituem, encobrem, abafam, misturam, subtraem, cegam a verdadeira existência cotidiana e a interação humana entre as pessoas. Por isso, seu apelo nessa carta é pelo não conformismo perante a realidade que se apresenta, bem como pela ousadia e coragem, que situa a todos na verdadeira dimensão humana para que o pequeno lugar em que vivemos e no qual convivemos com outras pessoas possa ser *redescoberto* e *revalorizado*, e as relações e interações possam ser mais humanizadas. A partir desse apelo para a constatação dos problemas causados pela modernidade, o autor também se opõe a ela, interrogando-a, ou melhor, por meio de sua ensaística, busca questioná-la, provocando as pessoas para que também questionem a realidade e a si próprias, no intuito de exercitarem a reflexão.

Os relatos, as provocações críticas, as alternativas de resistência, encontradas nessa carta, bem como nas sucessivas, estão intimamente interligadas com a experiência de vida do próprio autor, ou seja, atravessadas pela sua memória individual, em sintonia com a coletiva. Como o próprio autor destaca:

[...] a memória é o que resiste ao tempo e aos seus poderes de destruição, e é como se fosse a forma que a eternidade pode assumir neste trânsito incessante. E embora nós (nossa consciência, nossos sentimentos, nossa dura experiência) mudemos com o passar dos anos e também nossa pele e rugas se tornem prova e testemunho desse trânsito, há algo no ser humano, bem lá no fundo, em regiões muito escuras, aferrado com unhas e dentes à infância e ao passado, à raça e à terra, à tradição e aos sonhos que parece resistir a esse trágico processo, preservando a eternidade da alma na humildade de uma prece. (SABATO, 2008, p. 16).

No fragmento acima, em que o autor escreve sobre a memória, percebemos novamente sua consciência da proximidade da morte, pois, sabendo que vai morrer, só pode se defender com a lembrança. Curiosamente, esse fragmento se encontra, quase que na íntegra, em seu romance *Sobre Heróis e Tumbas* (1961, p. 195), na voz do personagem Bruno ao meditar sobre a vida do velho D’Arcângelo, imigrante italiano, durante a crise e queda do primeiro Peronismo (1945-1955). Partes desse fragmento também se encontram na obra *Antes del fin* (1998, p. 30), e estão complementando o pensamento do autor sobre a riqueza das coisas simples da vida durante o relato de suas memórias/autobiografia e, que também é retomado na obra *A Resistência*, dentro de sua proposta, mantendo uma profunda relação intratextual com as obras anteriores. No fragmento a seguir, por exemplo, o autor assume a reflexão presente na voz do personagem Bruno de *Sobre Heróis*: “[...] a comunhão do homem com tudo o que é simples e familiar se acentua ainda mais na velhice, quando vamos nos despedindo de projetos e nos aproximamos mais da terra da nossa infância [...] a irrecuperável magia da irrecuperável infância.” (SABATO, 2008, p. 25).<sup>77</sup>

Essa constatação de como a obra escolhida mantém profundas relações intratextuais, nos permite verificar que certos fragmentos, praticamente na íntegra, percorrem vários corpos textuais do autor. Em certos momentos são absorvidos e

---

<sup>77</sup> *Sobre Heróis e Tumbas*: (personagem Bruno) E como não entender o velho D’Arcângelo? Pois à medida que nos aproximamos da morte também nos aproximamos da terra, e não da terra em geral, mas daquele pedaço de terra em que transcorreu a nossa infância, em que tivemos nossos jogos e nossa magia, a irrecuperável magia da irrecuperável meninice [...] o homem que vai morrer só pode defender-se com a memória. (SABATO, 1980, p. 195).

transformados em seus ensaios, em outros, em sua ficção, e *vice-versa*, bem como podem fazer parte de suas memórias, como é possível constatar em seu livro autobiográfico *Antes del fin*, como já citado acima. Contudo, como já esclarecemos, esses fragmentos, que percorrem suas obras, somente são identificados a partir de leitura prévia e conhecimento de suas outras produções. Assim sendo, é uma análise estética minuciosa que exige cuidado, porque não se trata apenas de constatá-los e compará-los, e sim de ressaltar, também, a estratégia criativa do autor que constrói seu texto, incorporando partes retiradas de seus outros textos, dando a essa estratégia o princípio, e o desenvolvimento, da textualidade que ele se propõe a tecer. Nesse sentido, deixa de ser, juntamente, um mero “resumo do resumo”, ou uma “colagem da colagem”, pois os recortes, dessa “colcha de retalhos”, são incorporados e corporificados em outros gêneros, transformando-se numa “nova” textualidade, com propósitos mais discernidos e definidos. Por mais que *A Resistência* abrigue certa confluência de textos e assuntos, já tratados pelo autor, ela carrega a originalidade do que se propõe a apresentar, manifestar, que é a questão da resistência de uma forma mais explícita, isso é, se antes ela estava esboçada, sobretudo, nas vozes de seus personagens, nos romances; nas cartas, o autor incorpora essas vozes em sua própria voz de ensaísta.

No momento em que as cartas são “assinadas”, ou seja, identificamos quem as escreve, então “se anula a *ficcionalidade* do texto que assume a sua *funcionalidade*.”<sup>78</sup> Por isso, Sabato discerne suas reflexões dentro de sua ensaística e as retoma em sua ficção e *vice-versa*. Assim, a meditação de Bruno sobre o velho D’Arcangelo em *Sobre Heróis e Tumbas* (1961), é retomada na sua obra autobiográfica *Antes del fin* (1998) como parte de suas memórias, tornando-se, posteriormente, um dos germes da sua reflexão temática da primeira carta: *O Pequeno e o grande*, que dá início à configuração de sua proposta e estratégias para que a resistência possa ser encarnada. Nesse sentido, em sintonia com suas obras anteriores, percebemos que o autor, com quase um século de vida, busca se defender da dissolução moderna por meio de suas lembranças, principalmente da infância, recordações míticas e sagradas de um ser que está redescobrimo o mundo.

---

<sup>78</sup> Valverde (2001, p. 9). Cf. p.76.

Sabato, nessa carta, busca investigar a existência, considerando que ela não se refere a um tratado filosófico sobre a condição humana e as coisas, contudo, acredita, que se a mentalidade humana se transformar a crise em que vivemos será uma oportunidade de mudança. Se o trabalho do intelectual<sup>79</sup> também se vincula a sua preocupação em apresentar outras narrativas da história que sejam desintoxicadas e sóbrias, então, é possível verificar, na carta, que o autor tende a manifestar esse desejo: “[...] poderemos recuperar esta casa que nos foi miticamente entregue. A história sempre oferece novidades.” (SABATO, 2008, p. 25). Dessa forma, o autor escreve que, apesar das desilusões e frustrações acumuladas, não existem motivos autênticos para desacreditar “do valor das proezas cotidianas. Embora simples e modestas, são elas que estão gerando uma nova narrativa da história, abrindo um novo curso para a torrente da vida.” (SABATO, 2008, p. 25).

Sua inconformação, angústia e até mesmo desespero, perante as realidades que subtraem a dignidade e a solidariedade humana, gerando a desumanização, também deixam fendas para que a esperança se incorpore. Sua crença é na capacidade do ser humano em continuar cumprindo a sua vocação e destino, reflexão também presente em *Abaddon*, quase na íntegra, na voz do personagem Bruno, em que esse chamado interior que permeia e trilha o caminho de cada ser humano, sem cair numa concepção fatalista, é que possibilitará a consciência-cúmplice da vida, ajudando a devolver a liberdade e a dignidade ao indivíduo por meio do compromisso consigo mesmo e com os demais.

Como o próprio autor evidencia, nessa primeira carta, a resistência deve ser incorporada no “aqui e agora” e, novamente assumindo a voz do personagem Bruno<sup>80</sup>, ele reflete que as palavras não devem ser meras relações abstratas, entre

---

<sup>79</sup> Said (2007).

<sup>80</sup> A reflexão sobre palavras, objetos e experiência humana, desenvolvida nessa carta, encontra-se na íntegra na voz do personagem Bruno em *Sobre Heróis e Tumbas*, no final da obra, quando ele pensa sobre sua experiência no mundo e nas vidas de Ana Maria e Georgina: Dizemos “cadeira”, mas não queremos dizer “cadeira” e nos entendem. [...] Assim que este par de tamancos, esta vela, esta cadeira não querem dizer nem estes tamancos, nem esta vela macilenta, nem aquela cadeira de palha, mas Van Gogh, Vincent (sobretudo Vincent): sua ansiedade, sua angústia, sua solidão; de modo que são mais seu auto-retrato, a descrição de suas ansiedades mais profundas e dolorosas. Servindo-se daqueles objetos deste mundo rígido e frio que está fora de nós, que talvez estivesse antes de nós e que provavelmente continuará permanecendo, indiferente e gelado, quando tenhamos morrido, como se esses objetos não fossem mais que trêmulas e transitórias pontes (como as

as coisas, o ser e o mundo, mas devem ser pontes, que nos unem uns aos outros, bem como encurtam o abismo que existe entre nós e o universo: “Como se esses objetos fossem trêmulas e transitórias pontes para transpor o abismo sempre aberto entre nós e o universo [...], apagados pra quem não é capaz de entender a chave, mas cálidos, tensos e cheios de intenção secreta para quem a conhece.” (SABATO, 2008, p. 17).

A mesma questão também está refletida em sua obra *Uno y El Universo*<sup>81</sup> (1945), na qual o autor busca pensar a integração do corpo, do espírito/mente, ou seja, o ser humano por completo, bem como a integração e reintegração do ser, consigo mesmo, o mundo e o universo. Em espanhol, a palavra *uno* quer dizer “a gente”, mas também significa *indivísivel*, dessa maneira, a existência do ser e o universo são indissociáveis. Por isso, aprofundar-se no instante, na circunstância, no “aqui e agora”, é atingir a eternidade, é a forma de se chegar à universalidade. Para o autor, isso se dá pela liberdade e responsabilidade, o compromisso com a vida e os outros, com o mundo que nos pertence e nos coube viver, porque a vida está impregnada de valores.

A partir da primeira carta vai se materializando a sua *Proposta de Resistência*, que está permeada por uma *práxis contemporânea*. Portanto, podemos inferir que a *práxis* que permeia essa carta parte da não-conformação com as múltiplas realidades que se apresentam e que subtraem os pequenos valores, bem como o questionamento às mesmas, assim, a sua ensaística é provocativa, crítica, principalmente nessa carta em relação aos aparelhos midiáticos e aos “avanços” tecnológicos, a catadupa de informações das mais diversas mídias, que geram a alienação, e induzem às relações abstratas, ao automatismo humano. Dessa forma, é por meio do resgate dos pequenos e verdadeiros valores da vida cotidiana que se desenvolverá outros modos de se ver, perceber e sentir a vida e o mundo,

---

palavras para o poeta) para salvar o abismo que sempre se abre entre nós e o universo; como se fossem símbolos daquilo profundo e recôndito que refletem; indiferentes e objetivos e grises para os que não são capazes de entender a chave, mas cálidos e tensos e cheios de intenção secreta para os que a conhecem. (SABATO, 1980, p. 472-473).

<sup>81</sup> *Uno y el Universo* (1945): Las reflexiones que aparecen aquí [...] no son producto de la vaga contemplación del mundo: se refieren a entes que he encontrado en el camino hacia mí mismo. [...]. El universo es diverso pero también en uno: por debajo de la infinita diversidad ha de haber una trama unitaria que debe ser descubierta mediante esfuerzos de síntesis [...]. (SABATO, 2006, p. 13, 108).

possibilitando que a vivência e a convivência das pessoas possam ser restauradas com relações e interações mais humanizadas. Assim, a resistência também é uma esperança no sentido de fé e crença na capacidade humana de transformar a si e sua realidade, por isso “o pequeno e o grande”, no sentido de que as pequenas atitudes podem gerar as grandes mudanças: “Acredito nos cafés, no diálogo, acredito na dignidade da pessoa, na liberdade. Sinto saudade, quase ansiedade de um infinito, mas humano na nossa medida.” (SABATO, 2008, p. 28).

## 2.2 Segunda carta: *Os antigos valores*

Eu estava diante da vasta e rica terra, mas tinha olhos apenas para o mais humilde e o mais diminuto... Onde estaríamos nós, pobres homens, se não existisse a terra fiel? Que teríamos se não contássemos com essa beleza e essa bondade?

R. Walser

Primeiramente, a partir de uma análise estética mais ampla, podemos verificar que a segunda carta possui poucos fragmentos retirados da ficção do autor. Para escrevê-la, ele parte de sua própria vivência que não se encontra muito ficcionalizada. Assim, nessa carta, identificamos que o autor também se utiliza da memória, como fez na anterior, para apresentar e desenvolver a sua reflexão, bem como propor o resgate dos *Os antigos valores*. No momento histórico da presente fase em que vivemos, e de muitas maneiras *nova* para a história da modernidade<sup>82</sup>, as inúmeras esferas da sociedade (vida pública, privada, relacionamentos humanos) passam por uma série de transformações, cujas consequências resultam no esgarçamento dos tecidos sociais. Essas alterações fazem com que as instituições sociais percam a solidez, liquificando-se e tornando-se amorfas, paradoxalmente, como os líquidos. O estado *amorfo* não se restringe apenas às instituições, mas também à própria arquitetura e história das cidades. Por isso, o autor inicia discutindo as modificações da modernidade que aconteceram nas grandes metrópoles, bem como nos pequenos vilarejos e cidadelas. Desse modo, a sua ensaística parte de fragmentos de sua memória, breves relatos sobre a sua viagem realizada por entre alguns lugarejos e cidades da Argentina, como podemos

---

<sup>82</sup> Bauman (2001).

constatar nas primeiras linhas da segunda carta:

Depois de percorrermos durante horas a imponente Quebrada de Humahuaca, voltamos à antiga cidade de Salta, em outros tempos tão linda, hoje quase irreconhecível, infestada de letreiros e prédios modernos que destruíram a beleza de suas ruas coloniais. [...] como se ninguém a olhasse, como se a ela também tivesse chegado o desencanto moderno que não põe empenho em nada, que constrói as casas para serem derrubadas no dia seguinte, já sem fachadistas nem velhos letreiros. (SABATO, 2008, p. 33).

No fragmento citado, percebemos que o autor mantém viva em sua memória a lembrança de uma cidade, de um lugar de outrora que resiste à imagem que ele observa agora. A resistência está permeada pela inconformação perante o “desencanto moderno”, na visão do autor, que dilui a beleza de que o lugar era constituído: com suas ruas coloniais, fachadas, velhos ferreiros. Atualmente, em seu relato, a pequena cidade se encontra infestada pelos letreiros que se referem à “invasão propagandista”, estimuladores do *consumismo voraz*<sup>83</sup> que devora os seres e os lugares.

Ao analisarmos o início dessa carta, percebemos que Sabato segue sua reflexão por meio de fluxos de pensamento. O autor sai de sua primeira carta, que ao final perpassa sua memória de infância, suas recordações de sua ida à Patagônia e, no começo da segunda, já se encontra entre lembranças de Humahuaca. Para o seu propósito, isso é possível, até porque a sua intenção não é realizar uma autobiografia, contudo, a partir das recordações e esquecimentos, busca ressignificar<sup>84</sup> a vida e as coisas no intuito de *reconhecê-las* e *reinterpretá-las*. Utilizando-se de relatos formais e informais, faz da memória, que se funde entre a individual e a coletiva, um poderoso instrumento de resistência<sup>85</sup>, que permite a preservação da identidade própria de um povo, bem como a análise entre o passado e o presente que leva à denúncia dos perigos do enfraquecimento da memória para o planejamento do futuro que está por vir. Nessa perspectiva, a proposta de resistência, permeada por uma *práxis contemporânea*, vai se configurando também por meio do resgate dos valores que se encontram em desuso, na visão do autor e

<sup>83</sup> Expressão de Bauman (*idem*).

<sup>84</sup> Ricoeur (2007).

<sup>85</sup> Para Said: A memória é um poderoso instrumento coletivo para se preservar a identidade. E é algo que pode ser transmitido não só por meio de livros e narrativas oficiais, mas também por meio da memória informal. É uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência. (SAID, 2003, p. 184).

que permitem o encorajamento dos seres humanos para que eles possam encarar a desintegração da sociedade ocidental.<sup>86</sup>

O desejo pela integração do homem concreto, como saída ao futuro, torna-se ainda mais evidente e exigente na obra *A Resistência*. Considerando que ela condensa a experiência do autor e que confluem nela temas e textos já tratados por ele em suas obras anteriores, a obra carrega, de maneira mais intensa e explícita, o seu desejo de encarnação da resistência, que não é apenas discutida na obra, sobretudo, está constituída em uma proposta, com suas correlativas estratégias.

A partir da análise, podemos refletir que a segunda carta não se refere em “transplantar” valores do passado para o presente, mas sim resgatá-los para que possam ser ressignificados e integrados à vida contemporânea que, muitas vezes, se encontra “leve”, superficial e incapaz de sustentar a existência humana. Em sua ensaística provocativa, o autor lamenta, desculpa-se, em ter que utilizar a expressão “em outra época era diferente” com ar arqueológico, contudo, ele se justifica dizendo que quando se tem a idade de um século: como se dirigir às novas gerações? Assim, nas suas recordações de “outras épocas”, realizando um “balanço sombrio” da contemporaneidade, ele confessa que “como se por baixo de um mundo ressecado”, diluído e desintegrado pelo consumismo, competitividade e individualismo: “[...] onde não há lugar para os sentimentos nem para o diálogo entre os homens, subsistissem, como antigas ruínas, o resto de um tempo mais humano.” (SABATO, 2008, p. 34).

A sua crítica, nessa carta, aos “desencantos modernos” está justamente na questão de que o próprio ser se encontra perdido em meio a uma vertigem. Aqui, novamente se apresenta outra crítica às relações abstratas e alienadas, como na primeira carta. Nesse sentido, os valores reivindicados por ele se concentram no propósito de fortalecer os seres humanos “flutuantes” na liquidez, que, muitas vezes,

---

<sup>86</sup> Como enfatiza Mariana Petrea: De acuerdo a la secuencia RESISTIR – ENCARAR – RECUPERAR, el conjunto novelístico, y ensayístico, de Sabato implica en paso más en su acercamiento a la decadencia del PRESENTE: ENCARAR la desintegración de la sociedad occidental. La Resistencia ha revelado la odisea espiritual de Sabato al denunciar el abismo de la NADA y el examen de su víctima, la criatura humana que experimenta incomunicación, soledad y alienación de la sociedad caótica en que vive y de sí misma. Pero Sabato, el pensador como el ser inquieto anhelan una salida AL FUTURO: la integración del hombre concreto. (PETREA, 2005, p. 155).

perdem sua consciência de posicionamento, compromisso mútuo e com os valores banalizados, oscilam em um relativismo estéril. Por meio desse enfoque, essa carta, semelhante às outras, está permeada pela concepção do comprometimento que parte dos princípios de liberdade, responsabilidade e inconformação, princípios sartreanos e camusianos.<sup>87</sup> Dessa forma, os “antigos valores” tratados nessa se referem à: dignidade, desprendimento, a grandeza diante da adversidade, as alegrias simples, a coragem, a integridade moral, a valorização dos mitos e dos rituais. A exclusão desses valores da vida cotidiana e em sociedade, em suas palavras, torna-se mais um grande passo para o automatismo humano, a desumanização. Em seu entendimento, sem responsabilidade as pessoas perdem a liberdade:

Do ponto de vista do homem moderno, as pessoas de antigamente tinham menos liberdade. As possibilidades de escolha eram menores, mas, sem dúvida, sua responsabilidade era muito maior. [...] Uma coisa notável era o valor que aquela gente dava às palavras. De modo algum eram uma arma justificativa. Hoje todas as interpretações são válidas, e as palavras servem mais para desonerar da responsabilidade sobre nossos atos do que para responder por eles. (SABATO, 2008, p. 38).

Por meio da sua colocação, podemos refletir que o autor reclama pelo “peso” das palavras, que devem carregar a responsabilidade do que significam, seus valores e sentidos, bem como aqueles que as pronunciam devem ter essa consciência, só assim, elas serão verdadeiramente encarnadas e farão parte dos seres que resistem diante das adversidades e dissoluções da modernidade. Os valores ressaltados pelo autor, nessa carta, não são meras palavras apresentadas de maneira solta, sucessivamente. Elas portam as responsabilidades de seus significados e possuem uma razão de ser e estarem na configuração de sua proposta. A preocupação dele não se encontra na volta ao passado como “tempos idealmente melhores” e sim como o resgate dos “antigos valores” espirituais e humanos, deste sentido existencial que parece ter se perdido, para que, retomados, possam ser ressignificados, renovados, reconhecidos no presente, impulsionando a caminhada dos seres humanos para uma vida mais humana.

Ao seguirmos a nossa análise, verificamos que, além do consumismo, individualismo e competitividade, criticados pelo autor, a sua ensaística também se abre para outro questionamento que também está interligado a estes três primeiros:

---

<sup>87</sup> Cf. p. 22-23.

a *globalização*. Como podemos analisar, ela permite a aproximação e a multiplicidade de culturas, contudo, relativiza valores, impondo às pessoas uma uniformidade que, em suas palavras, esmaga a originalidade dos povos e a riqueza de suas diferenças.

A partir dessa crítica, podemos constatar, juntamente com a nossa caminhada reflexiva, o quanto os pensamentos dos autores eleitos confluem para a *questão da resistência*, que daremos maior profundidade no decorrer desta análise, em outras palavras, praticamente todos *partem do local para o global*<sup>88</sup>, e não o inverso, bem como de um princípio ético para discutir as diversas realidades, como forma de resistência a essas, buscando propor fórmulas para atuarem na moral e na vida em sociedade. No momento, ressaltando alguns dos mais relevantes, podemos constatar que tanto Camus, Said, Sabato partem de seus lugares de enunciação para então pensarem a sociedade/humanidade em um sentido mais amplo. Said, com sua luta em prol da Palestina. Sabato, além de presidir a CONADEP, com sua reflexão ensaística e criação literária parte do povo argentino, considerando que a obra *A Resistência*, além de discutir questões e problemas que tangem a própria condição humana e a humanidade, como veremos à frente, também está voltada aos problemas e à crise da Argentina, na virada do século. Desse modo, podemos inserir a essa confluência de pensamentos e pensadores da *questão da resistência* Camus, que ao lado de Sartre, lutou contra o nazismo na França, na chamada *Resistência francesa*<sup>89</sup> e, posteriormente, pela causa argelina, destacando que Camus era da Argélia.

Como a proposta de resistência vai se configurando no desenvolver da obra, não pretendemos aqui intensificar e aprofundar mais agudamente a *questão*, até porque retomaremos muitas das reflexões nas cartas seguintes; porém, deixar evidente que os autores e pensadores citados partem dos problemas locais para refletirem os problemas globais, bem como apresentarem propostas e alternativas de resistência, de mudanças e transformações. Assim, partem das realidades que os cercam para então buscar refletir os problemas vividos por grande parte da humanidade.

---

<sup>88</sup> Bauman (2001).

<sup>89</sup> No Jornal *Combat* 1943.

A crítica do autor frente à globalização se dá por meio da resistência à ela, que, além de, muitas vezes, dar uniformidade ao pensamento e esmagar com seu poder a originalidade e a riqueza da diversidade dos povos no mundo, de modo parecido, relativiza os valores, deixando-os estéreis. Nesse sentido, o autor de *A Resistência* evita criar reducionismo ao se referir à interação das culturas, contudo acentua o seu reclame pelo resgate dos verdadeiros valores humanos e espirituais que se encontram, muitas vezes, soterrados pela massificação cultural. Se a resistência possui um cognato próximo à *insistência*<sup>90</sup>, então, percebemos que o autor, durante essa carta, como em outras, não *desiste* em discutir, provocar, resgatar, ressignificar, propor maneiras de criação e recriação do que podemos entender e concretizar sobre e dentro da existência, da vida em sociedade.

Dentro do enfoque sobre *Os antigos valores*, Sabato também discute o sentimento de orfandade em que vivemos hoje, como fruto das mudanças processadas no cotidiano. Desse modo, embasado em Camus, questiona se é possível vivermos sem que a vida tenha um sentido perdurável. Por meio dessa reflexão, abre novamente a sua ensaística, agora para a questão religiosa na *Modernidade Líquida*. A problematização não se restringe a religiões certas ou erradas, convencionais ou não, contudo, busca o seu sentido profundo, pois a palavra religião surge do latim *religare*, que quer dizer religação do ser com o transcendente. Por isso, o autor discute que desde que os seres humanos se viram em pé sobre a terra buscaram acreditar em um *Ser superior*, como ele evidencia no fragmento: “O ateísmo é uma novidade dos tempos modernos; antes o “Ves llorar la biblia junto a un calefón”<sup>91</sup> jamais poderia ter sido dito. Quem duvida, que releia Homero ou os mitos da América.” (SABATO, 2008, p. 36). O autor salienta que os homens da antiguidade acreditavam serem filhos de Deus e acrescenta que os seres humanos que sentem semelhante filiação podem até mesmo serem escravos, servos, porém jamais uma *engrenagem*<sup>92</sup>, questão essa que mantém diálogo

---

<sup>90</sup> Bosi (2002).

<sup>91</sup> “Você vê a Bíblia chorar junto a um aquecedor”; verso do tango “Cambalache” de Enrique Santos Discépolo. (N.T).

<sup>92</sup> Essa análise do autor mantém diálogo intratextual com *Hombres y Engranajes* (1951): Los patronos, o el Estado Patrono, buscaron la forma de aumentar el rendimiento mediante la densificación de la labor humana: cada segundo, cada movimiento del operario, fue aprovechado al

intratextual com *Hombres y Engranajes* (1951).

Desse modo, podemos verificar que essa carta absorve as reflexões do autor, realizadas em meados do século XX, e transforma em discussão atual, em outra textualidade. Nesse sentido, podemos evidenciar que a sua resistência, ademais de estar voltada frente a sistemas e poderes desumanizadores, também, por ser multifacetada, encontra-se na *insistência* e *persistência* em aprofundar questões que ele vem pensando e discutindo em seus ensaios por muito tempo, bem como esteticamente desenvolvidos em suas ficções. Se ele retoma a questão do ser humano, enquanto engrenagem de sistemas desumanizadores, pensada no período pós-guerra, é possível perceber que seu pensamento resiste, no sentido de não querer acreditar, que as realidades atuais estão extremamente diferentes das vividas na época do lançamento de sua segunda obra ensaística, no sentido da desumanização. Por isso, ao pensar a *Modernidade Líquida*, ele parte de ideias e concepções pré-formadas, principalmente em sua própria obra.

Diante do absurdo da vida, expressão criada por Sartre e Camus, e que ele retoma nessa carta, bem como frente à idolatria da técnica e à exploração do ser humano, discutida em *Hombres y engranajes* pela primeira vez, e incorporada para pensar a atualidade, conforme o autor, pode-se dizer que são poucos os que conseguem resistir. Dessa forma, é um reducionismo *encaixá-lo* dentro da concepção de intelectual comprometido, engajado, de Sartre, na vertente existencialista, até porque o próprio autor questiona esse pensamento, buscando refleti-lo, como podemos verificar na seguinte parte:

Camus, percebendo a magnitude do que se perdeu, diz que o grande dilema do homem é saber se é possível ou não ser santo sem Deus. Mas, como Kirilov já havia genialmente proclamado, “se Deus não existe, tudo é permitido”. Sartre deduz dessa famosa frase a total responsabilidade do homem, ainda que, como ele próprio disse, a vida seja um absurdo. Esse ápice do comportamento humano tem sua máxima expressão na solidariedade, mas quando a vida é sentida como um caos, quando já não há um Pai que nos faça sentir irmãos, o sacrifício é despojado do fogo que o alimenta. (SABATO, 2008, p. 37).

Nessa colocação instigante, Sabato não está negando a capacidade humana de assumir a sua liberdade e responsabilidade, em que, por mais que a vida possa

---

máximo, y el hombre quedó finalmente convertido en un engranaje más de la gran maquinaria. (SABATO, 2006, p. 67-68).

ser um absurdo, ainda o ápice do comportamento humano se expressa na solidariedade. Caso estivesse em um processo de negação, poderíamos afirmar que essa carta é contraditória em relação à primeira, na qual ele inicia confessando que acredita em um mundo mais humano construído, resgatado e recriado pelo próprio ser e não apenas por uma “força divina”. A partir de leituras mais aprofundadas, podemos perceber que essa carta, ao tratar dos *antigos valores*, também reclama pelo resgate deles, considerando que foram criados por outros seres humanos em outras épocas. Nessa perspectiva, o questionamento do autor se incorpora na seguinte problematização: “Se tudo é relativo, de onde o homem pode tirar forças para o sacrifício?” (*idem*).

Em entrevista dada por Elvira Gonzáles Fraga<sup>93</sup>, ela declara que esse questionamento perturbou Sabato por muito tempo e que, há cerca de alguns anos, antes de escrever *A Resistência*, ele a acompanhou até Paris e, pela primeira vez em sua vida, entrou na catedral *Notre Dame*. Em silêncio, chorou por aproximadamente uma hora, como nunca havia feito e, ao sair do santuário, comentou que jamais havia entendido, como naquele dia, o quanto o ser humano, principalmente na proximidade da morte, precisa de algo em que acreditar e que essa crença em um *Ser Superior* não substitui a fé no ser humano, no sentido humanista; contudo, em comunhão à essa, transcende, no sentido metafísico. Assim sendo, se torna a religação (religião) do homem com o mistério da criação.

A religação, como é possível observar na segunda carta, não se restringe a seitas, ou determinadas religiões: católica, budista, entre outras, e sim aos sagrados valores que constituem a própria existência como os mitos, os rituais, bem como os inerentes valores à condição humana, como a beleza, a verdade, a solidariedade, a coragem. Nessa reflexão, percebemos que o autor já vai explicitando uma das mais relevantes estratégias de sua proposta de resistência, a arte, que aprofundaremos na quarta carta, como podemos analisar a partir do seguinte fragmento:

Mas como podem ser uma falsidade as grandes verdades que revelam o coração do homem por meio de um mito ou de uma obra de arte? Se as desventuras e façanhas daquele cavaleiro maltrapilho de La Mancha ainda continuam a nos comover, é porque uma coisa tão risível como sua luta contra os moinhos de vento revela uma desesperada verdade da

---

<sup>93</sup> Esposa de Ernesto Sabato. Entrevista concedida à autora desta dissertação. *Buenos Aires*, 25/02/2009.

condição humana. A mesma coisa acontece com os sonhos: deles se pode dizer qualquer coisa, menos que sejam mentira. [...] O mito, assim como a arte, exprime um tipo de realidade da única forma como ela pode ser expressa. (SABATO, 2008, p. 42).

O fragmento em que o autor reflete sobre sonhos e arte mantém diálogo intratextual com *Abadon o exterminador*, na voz do personagem Sabato em conversa com a personagem Silvia e outros jovens estudantes:

- Pero debe tenerse cuidado de repudiar a los grandes y desgarrados creadores que son el más terrible testimonio del hombre. Porque también ellos luchan por valores como la dignidad y la salvación [...], los pocos que cuentan, los que obedecen a la oscura condena de testimoniar su drama, su perplejidad en un universo angustioso, sus esperanzas en medio del horror, la guerra o la soledad. Son los grandes testigos de su tiempo, muchachos. Son seres que no escriben con facilidad sino con desgarramiento. Hombres que un poco sueñan el sueño colectivo, expresando no sólo sus ansiedades personales sino las de la humanidad entera...Esos sueños pueden incluso ser espantosos. Pero son sagrados. Y sirven porque son espantosos.
- Usted ha dicho a menudo que el arte y el sueño tienen parentesco – dijo Silvia.
- Claro, al menos en el primer momento. En el momento en que el artista se sumerge en el inconsciente, como cuando te dormís. Pero luego sucede un segundo momento, que es de expresión, observá bien: de expresión, de presión hacia fuera. Por eso el arte es libertador [...]. El arte sí es un intento de comunicación con otros. Gritás tus obsesiones y verdades a otros, aunque sea con símbolos. Lo que pasa es que ya estás despierto y a esos símbolos se mezclan entonces lecturas, ideas, voluntad creadora, espíritu crítico. [...] ¿Comprendés? (SABATO, 2006, p. 160).

Queremos deixar claro que ficção não é sinônimo de mentira, ou mera fantasia, ela pode ser uma problematizadora de questões mais profundas. Como nesse caso, o autor se utiliza de sua obra ficcional para esboçar e incorporar suas reflexões críticas sobre determinados assuntos, por isso ele enfatiza que na arte, juntamente aos símbolos: “[...] se mezclan entonces lecturas, ideas, voluntad creadora, espíritu crítico.” (*idem*). No pensamento do autor, tanto em sua ficção quanto nessa carta, mesmo estando em corpos textuais diferentes, é o desligamento com o que nos integra à própria condição humana que faz com que sintamos o forte sentimento de orfandade que assola o nosso tempo, que, muitas vezes, não nos permite que reconheçamos a riqueza dos mitos, dos rituais, da arte, enfim, a vida preta de poesia, como ressalta o próprio autor<sup>94</sup>. Por isso, a sua proposta de

<sup>94</sup> A reflexão de Sabato, aprofundada no fragmento a seguir da segunda carta, encontra-se praticamente na íntegra na voz do personagem Sabato em *Abadon*, em sua carta ao jovem Bruno, no capítulo *Querido y remoto muchacho* (SABATO, 2006, p. 117). *A Resistência*: Mediante essas manifestações do espírito, o homem toca os fundamentos últimos de sua condição e consegue que o mundo em que vive adquira o sentido do qual carece. Por isso, todos os filósofos e artistas, sempre que quiseram atingir o absoluto, tiveram de recorrer a alguma modalidade do mito ou da poesia.

resistência não se remete a uma utopia, um mundo meramente idealizado que se pretende atingir, mas a uma *práxis contemporânea*, que busca reconhecer e dar sentido a um mundo sem sentido<sup>95</sup>. Assim, o que se propõe nas cartas, é algo simples e singelo: “[...] algo que nos ajude a esperar” (2008, p. 87), bem como resistir à vida sentida como um caos.

Ao tratar ainda d’*Os antigos valores*, o autor esclarece que ele não é saudosista de um *tempo lendário*: “[...] do qual aqueles que o vivemos pudéssemos nos vangloriar.” (SABATO, 2008, p. 45). Ele esclarece que muitos desses valores só eram respeitados porque outras possibilidades não eram vislumbradas. Assim, ele reconhece a importância do conhecimento de outras culturas, de outros modos de viver, bem como olhar o mundo por meio de outros ângulos e perspectivas, principalmente na contemporaneidade. Contudo, procura alertar, como um intelectual em sentinela, sobre os perigos da homogeneização, uniformidade, e massificação do pensamento e das próprias culturas. Esses perigos que são gerados pela *fluidez* e toxinas da *Modernidade Líquida*, sendo uma delas a globalização: “Assim como uma casa cujos alicerces se desmancham, as sociedades começam a desmoronar quando seus mitos<sup>96</sup> perdem a riqueza e o valor.” (SABATO, 2008, p. 43). O autor ainda enfatiza que o empobrecimento gerado pela massificação das culturas e da vida, atrofia capacidades profundas da alma, tão essenciais à vida humana: “[...] como os afetos<sup>97</sup>, a imaginação, o instinto, a intuição, para desenvolver ao extremo a inteligência operacional e as capacidades práticas e utilitárias.” (*idem*).

Nessa perspectiva, a segunda carta também acentua a incapacidade dos

---

Jaspers sustentou que os grandes dramaturgos da antiguidade vertiam em suas obras um saber trágico, que não apenas emocionava os espectadores como também os transformava, e por isso os dramaturgos se tornavam profetas do *ethos* de seu povo. (SABATO, 2008, p. 43).

<sup>95</sup> Bosi (2000).

<sup>96</sup> *Antes del fin*: En las comunidades indígenas, los hechos esenciales de la existencia estaban vinculados al ritmo del cosmos y la naturaleza. Y aún hoy, muchos de ellos conservan sus ritos, como los mapuches, que se preparan para recibir el Año Nuevo con ceremonias acompañadas de danzas y oraciones, en las que ruegan a los dioses para que les den salud y buenos augurios, para que el año que comienza sea óptimo en lluvias y cosechas. En cambio, los ritos y las tradiciones de nuestras sociedades se han desvirtuado, o se han convertido en simulacros que ya nadie cree, consecuencia del barbarismo tecnológico. (SABATO, 2006, p. 109).

<sup>97</sup> Aprofundaremos a questão dos **afetos** na quinta carta.

discursos filosóficos, teológicos ou matemáticos para responder a esses grandes questionamentos que se remetem ao sentido da vida e à própria condição humana. Nas palavras do autor, esses estudos revelam que: “[...] a condição última do homem é transcendente e, por isso, misteriosa, inapreensível.” (SABATO, 2008, p. 43). Por meio desse enfoque, a sua provocação ensaística também abarca outros problemas da modernidade como a negação da morte, a dessacralização dos ritos, mitos e tradições. Esses valores que, às vezes, são negados nas grandes metrópoles, ainda são mantidos, em sua essência, em algumas pequenas cidades e lugarejos distantes, conforme o autor, nos lugares que ainda não chegaram os mais profundos “desencantos modernos”. Essa carta acentua que o relativismo estéril dos valores, pois o ser humano já não sabe em quê ou em quem acreditar, é que impulsiona a própria solidão estéril, porque o ser humano ao perder a sua comunhão com a vida, os seus semelhantes, e os valores transcendentais, perde a meditação e a reflexão sobre as coisas e si mesmo, como o escritor explicita neste fragmento:

O forte sentimento de orfandade que assola nosso tempo se deve à derrocada dos valores compartilhados e sagrados. Se os valores são relativos [...], como eles poderão nos salvar em face da desgraça ou do infortúnio? [...] Por isso a solidão se torna tão terrível e opressiva. Em cidades monstruosas como Buenos Aires há milhões de seres angustiados. As praças estão cheias de homens solitários e, o que é ainda mais triste, de jovens abatidos que muitas vezes se reúnem para beber ou para se drogar [...]. (SABATO, 2008, p. 44).

A percepção do autor sobre a solidão impregnada nas praças de Buenos Aires também foi esteticamente desenvolvida em *Sobre Heróis e Tumbas* (1961), nas vozes dos personagens Bruno e Martín, transparecendo o diálogo intratextual entre os dois fragmentos destacados, o anterior e esse por meio da meditação de Bruno:

De modo que (pensava Bruno) temos em um primeiro momento os homens sentados e pensativos das praças e parques de Buenos Aires. [...] Mas nem sempre os homens sentados e pensativos são velhos ou aposentados. Às vezes são homens relativamente jovens [...]. Pois que pode haver de mais pavoroso que um jovem sentado e pensativo em um banco de praça, oprimido por seus pensamentos, calado e alheio ao mundo que o rodeia? (SABATO, 1980, p. 23).

Tanto na carta-ensaística quanto na obra ficcional, sobressai a reflexão de que estar sozinho, muitas vezes, não significa total abandono, desamparo, pois a oportunidade de encontro do ser consigo mesmo possibilita a ele contemplar e refletir o sentido da própria existência. Contudo, o autor questiona como o silêncio

sereno e misterioso pode nos revelar as interpretações dos nossos mais profundos questionamentos, se nos tornarmos vazios? Essa é mais uma intensa provocação que encontramos nessa carta e que desenvolveremos melhor na quinta *com o tema A Resistência*, ao analisarmos a segunda estratégia de resistência, depois da *arte*, que também consideramos ser de grande relevância na obra: *A Serenidade* (por ambas serem as mais enfatizadas pelo autor dentro da obra).

Assim, prosseguindo para o desfecho de nossa análise da segunda carta, podemos constatar que, apesar do “balanço sombrio” dessa época, o autor ainda mantém sua “esperança demencial” em um mundo mais humano, que ele vem desenvolvendo esteticamente e eticamente em seus ensaios e ficções, ou seja, mudam-se os corpos textuais, contudo sua obsessão em aprofundar determinados assuntos, como a resistência, se aprofunda: “[...] apesar disso, a fé que me possui se baseia na esperança de que o homem, na iminência de um grande salto, volte a encarnar os valores transcendentais, escolhendo-os agora com a liberdade que este tempo lhe dá, providencialmente.” (SABATO, 2008, p. 46). Nesse sentido, essa carta prossegue desenvolvendo e configurando a sua proposta e estratégias para que a resistência possa ser encarnada. Como ela se apresenta permeada por uma *práxis contemporânea*, podemos inferir que essa carta também parte do inconformismo e do questionamento de algumas realidades que nos cercam e que se encontram, muitas vezes, ressecadas pelo individualismo, competitividade, consumismo e pela própria globalização, com certa massificação e dissolução da vida e dos valores que constituem a diversidade. Por isso, nela acentua-se o resgate dos antigos valores que constituem e integram a condição humana, bem como seus princípios para dar sentido à própria existência, transformando-os na *arte de resistir*, como um meio de fertilizar as múltiplas realidades que se encontram infrutíferas. Para que assim, com o olhar voltado ao passado, reconhecendo o presente e vislumbrando o futuro, tornemo-nos conscientes da história, à qual pertencemos e pela qual também somos responsáveis.

### **2.3 Terceira carta: *Entre o bem e o mal***

O humano do homem é dar a vida por outro homem.

E. Levinas

A terceira carta *Entre o Bem e o Mal*, como as demais, também porta descrições de quem sente e observa a natureza e o ambiente ao seu redor. A descrição, por meio dos sentidos, permeada pela sabedoria de quem se imagina conhecedor do tempo, induz as primeiras páginas dessa carta para uma profunda e emocionada reflexão sobre a velhice. Nesse enfoque, considerando que o autor escreve a obra tendo consciência de sua idade avançada e da proximidade da morte, então, possui apenas a memória, a lembrança como defesa contra o tempo. Assim sendo, destacamos o trecho a seguir, carregado de reflexão existencial, bem como penetrado por uma descrição poética sobre as lembranças que ele possui de sua mãe, comentando sobre suas desesperadas buscas, penetradas de anseios e angústias existenciais. As recordações do autor se encontram, praticamente na íntegra, na obra *Abaddon*<sup>98</sup>, nas memórias do personagem Sabato, mantendo diálogo intratextual com sua ficção. No romance citado o autor se torna ficção de sua própria ficção, realizando um percurso dentro de suas produções onde se depara face a face com os seus personagens criados. O personagem Sabato é criado tanto de dentro para fora (espelho que o escritor tem de si mesmo) quanto de fora para dentro (ele sendo visto pelos outros). A partir da ficcionalização do seu íntimo, suas experiências pessoais, bem como de sua imagem pública, o autor desnuda o seu complexo *ser*, em que sua narrativa é atravessada por fragmentos autobiográficos, tornando-se uma descida ao inferno do autoconhecimento. Por isso, no fragmento a seguir, ele retoma essas impressões e desvendamentos numa perspectiva de culpa e expiação:

Hoje pela manhã eu dava como certo que teríamos sudestada<sup>99</sup>, mas me

<sup>98</sup> *Abaddon, el exterminador. (na voz do narrador em terceira pessoa)* Las cúpulas plateadas del observatorio comenzaban a destacarse con su sereno misterio en la oscuridad que bajaba suavemente, como callados vínculos con el espacio cósmico. Caminaba por los senderos entre los introvertidos árboles del Bosque de la Plata. El universo armonioso de los astros en sus eclípticas. Los exactos teoremas de la mecánica celeste. SINTIO LA NECESIDAD DE VOLVER A LA PLATA a la casa ahora ajena, para espiarla como un intruso, como un ladrón de recuerdos. Y volvió a recordar aquella tarde de verano en que llegó y entró silenciosamente, y la vio allí de espaldas, sentada a la gran mesa solitaria del comedor mirando a la nada, es decir a sus memorias, en la oscuridad de las persianas cerradas, en la sola compañía del tic-tac del viejo reloj de pared. [...] - "El que dijo que la vida es sueño hijo mío". (SABATO, 2006, p. 85).

<sup>99</sup> Forte vento invernal que sopra do sudeste contra as costas do Rio da Prata, geralmente acompanhado de chuvas persistentes.

enganei. O cinza foi atenuando, e de tardezinha já não se via mais nenhum traço plúmbeo no céu. Esse erro simples e inofensivo me levou, imperceptivelmente, a pensar nos grandes equívocos que cometemos na vida. E daí, através de um vasto território de sonhos e lembranças, minha alma chegou até a imagem de minha mãe naquela tarde, quando fui visitá-la em La Plata e a encontrei de costas, sentada à grande mesa vazia da sala de jantar, fitando o nada, isto é, suas próprias memórias, no escuro das persianas fechadas, na única companhia do tique-taque do velho relógio de parede. [...] Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas ao me ver, e algo em mim repetiu aquela sentença de que a vida é um sonho. [...] Tão desesperadas eram as minhas buscas que então não pude perceber que essa era a última vez que eu veria a minha mãe com saúde, em pé, e que essa dor duraria para sempre, como agora, nesta noite em que a recordo entre lágrimas. (SABATO, 2008, p. 52).

No seguir da terceira carta, o autor retomará, em outros instantes, a imagem de sua mãe sozinha, como se abandonada por causa de suas buscas e anseios desesperados. Nesse impasse, a ensaística se abre para os motivos que o levaram a se tornar surdo aos apelos de sua mãe, em que a vida transcorria entre as *febris* utopias, que o levavam a pensar que dessa maneira estava cumprindo a sua mais profunda missão. Por meio das recordações, expressa seus encantos e desencantos com algumas ideologias do seu século. A observação nos remete à análise de Sabato como *El símbolo del siglo XX*<sup>100</sup>, um homem que viveu intensamente as contradições do seu século, com a busca insaciável pelo absoluto. Nesse sentido, ao mergulharmos nas leituras das obras anteriores d'*A Resistência*, podemos observar um autor que viveu apaixonadamente muitas ideologias, tendências e movimentos do seu século, desde *Uno y el Universo* (1945), passando por seus três romances, até a sua última obra do segundo milênio *Antes del Fin* (1998). Assim, refletindo seus encantos e desencantos, o autor confessa: “E embora nem a Ciência, nem o surrealismo, nem o compromisso com o movimento revolucionário tenham satisfeito minha sôfrega sede de absoluto, orgulho-me de ter vivido entregue àquilo que me apaixonou.” (SABATO, 2008, p. 52-53).

O autor, a partir de Camus, em diálogo com a obra *O Homem Revoltado*<sup>101</sup>, reflete sobre a responsabilidade de ser humano, essa angústia de quem vive e oscila em vários mundos, conflitos e afazeres, distanciando-se, muitas vezes, das “simples relações humanas” do seu cotidiano, como ele mesmo confessa: “[...]”

<sup>100</sup> Sauter (2005).

<sup>101</sup> Cf. p. 74.

nossas buscas, nossos projetos ou trabalhos nos privam de ver os rostos que mais tarde se revelarão os verdadeiros mensageiros daquilo que procurávamos e, ao mesmo tempo, as pessoas que deveríamos ter acompanhado ou protegido.” (SABATO, 2008, p. 53). No fragmento, podemos perceber um autor que não somente declara seus encantos e desencantos, bem como as suas paixões, contudo, um ser humano que reavalia sua trajetória carregada de contradições.

Desde sua velhice reflete sobre o que deveria ter feito, pois, ao ver-se com a idade de 89 anos, quando escreveu *A Resistência*, emociona-se com as lembranças de sua mãe, da vida de outrora e pensa: “É tão pouco o tempo que dedicamos aos velhos! Agora que eu sou também um deles, quantas vezes, na solidão das horas que inevitavelmente acompanham a velhice lembro [...] o desamparo que os anos trazem [...]” (SABATO, 2008, p. 53). Ao prosseguir, a carta se abre para a reflexão da sociedade contemporânea, que é vista como tão “avançada”, mas que exclui quem não produz. Entre as várias consequências do esgarçamento social na *Modernidade Líquida*, sobressai, sobretudo, uma das mais trágicas: a *descartabilidade*<sup>102</sup>, até como característica principal da liquidez.

Os indivíduos dessa liquidez se constituem por inúmeros mal-estares, sentimentos de abandono, aflição, insegurança, depressão, ansiedade, pois são permanentemente ameaçados pela possibilidade de se tornarem supérfluos, descartáveis (lixo) e, portanto, terem suas vidas desperdiçadas desde o nascimento<sup>103</sup>. Frente a esse vazio impenetrável, em que o *outro* também é mercantilizado, enquanto produto descartável, algumas vezes, torna-se possível compreender melhor a *insistência*, a *persistência*, a *resistência* do autor em dizer, desde a primeira carta, que o mundo pelo qual somos responsáveis é este aqui em que vivemos, que nos pertence e nos coube viver. Por isso, suas cartas-ensaísticas, ademais de serem provocativas, instigando o pensamento crítico por meio de reflexões saídas de suas ficções e ensaios, também estão compostas por trechos autobiográficos.

---

<sup>102</sup> Bauman (2005).

<sup>103</sup> *Idem*.

Assim, a autobiografia<sup>104</sup> não se resume apenas em apresentar dados e relatos da vida do seu autor; ela, por meio da memória, da vida compartilhada com o leitor, juntamente: *informa, ensina e aconselha*. Nesse caso, não estamos afirmando que a obra *A Resistência* também é um relato autobiográfico de Sabato, mas constatando que ele se utiliza de sua própria experiência de vida para tentar delinear a sua proposta.

Na terceira carta, o autor também se utiliza dos personagens Martín, Hortensia e o velho D'Arcángelo, da obra *Sobre Heróis e Tumbas*, para exemplificar, no sentido profundo da palavra, a sua proposta de resistência, assim, é nesse romance que se encontra o cerne, mais precisamente, da ficcionalização da resistência que desenvolveremos na quinta carta. No romance, esses personagens são exemplos de seres humanos resistentes, que, com força de vontade, coragem, persistência buscam reconstruir e recriar suas vidas e a realidade ao redor, mesmo durante e depois dos conflitos gerados pelo Primeiro Peronismo (1945-1955), com sua crise e queda. Se em vários momentos das cartas podemos constatar diálogos intratextuais com suas ficções, juntamente com fragmentos retirados na íntegra dessas, que se encontram ocultados na tecitura de sua textualidade, então, somente nessa carta o autor irá explicitar um fragmento retirado de sua ficção, com os personagens destacados acima. Contudo, ele explicita em forma de *citação* no corpo da carta, mas não referencia o leitor em relação de qual obra o fragmento foi retirado. Só é possível constatar a partir do conhecimento/leitura dos seus romances. Nesse sentido, o trecho citado não se encontra incorporado na voz do autor, como os outros identificados. Ele faz questão de deixá-lo em destaque para explicitar rapidamente que a resistência também se encontra ficcionalizada, assim, essa é a chave para que possamos aprofundar a ficcionalização na quinta carta.

Os personagens utilizados pelo autor, na citação, são imagens de resistência: um adolescente/jovem, Martín, um velho, D'Arcángelo e uma mulher humilde, Hortensia, bem como um cachorro “vira-lata”, que, após o conflito, só lhe resta perambular esfomeado entre os escombros e as ruas, de certa maneira desertas, com seu pequeno coração, apesar das adversidades, batendo, resistindo. Por isso, o autor, após se utilizar de um fragmento do seu romance, que retrata as várias

---

<sup>104</sup> Valverde (1991).

faces da resistência, dá ênfase à frase: “Um cachorro, basta!” (SABATO, 2008, p. 58)<sup>105</sup>, isso é, apesar das catástrofes, em suas palavras, a vida ainda resiste e encontra “brechas” para florescer, ou melhor, para continuar pulsando.

Desde a primeira carta, percebemos que o autor insiste em expressar, por diversas vezes, sua esperança e crença no ser humano, bem como nas novidades trazidas pela História, por meio de outras narrativas desintoxicadas, para que a vida e a humanidade possam continuar resistindo. São essas “fagulhas de luz”, em meio à escuridão, como discute Sabato, que impulsionarão as pessoas a permanecerem resistentes, com a consciência de serem seres livres e responsáveis. A convicção do autor sobre a necessidade do compromisso crítico e humano das pessoas na atualidade e que está aprofundada no fragmento a seguir, mantém relação intratextual com *Abaddon*, ele se encontra, praticamente na íntegra, durante a análise do narrador<sup>106</sup> ao descrever as memórias do personagem Sabato quando de sua passagem e saída do universo da Ciência:

Porque o mundo não está apenas fora de nós, mas também no mais recôndito de nosso coração. E cedo ou tarde aquela alta montanha incorruptível acaba por nos parecer um triste simulacro, uma fuga, porque o mundo de que somos responsáveis é este aqui: o único que nos fere com a dor e o único que nos dá a plenitude da existência, este sangue, este fogo, este amor, esta espera da morte. O único que nos oferece um jardim no crepúsculo, o contato da mão que amamos. (SABATO, 2008, p. 54).

Por meio de suas memórias e de suas lembranças, o autor prossegue a discussão da terceira carta, que se abre para o resgate das profundas relações humanas, bem como para a responsabilidade<sup>107</sup> que cada um possui diante de si, da

---

<sup>105</sup> *Sobre Heróis e Tumbas*: Quando (Martín) chegou a seu quarto, amanhecia. Abriu a janela. Pelo oeste, o Kavanagh ia se recortando pouco a pouco sobre um céu cinzento. Como havia dito Bruno, certa vez? A guerra podia ser absurda ou equivocada, mas o pelotão ao qual pertencemos era algo absoluto. D’Arcángelo, por exemplo. Ou a própria Hortensia. Um cachorro, basta. (SABATO, 1980, p. 495).

<sup>106</sup> *Abaddón, el exterminador*: Cada vez que había sentido el dolor, porque esa torre era invulnerable; cada vez que la basura ya era insoportable, porque esa torre era límpida [...] Encerrarse en la torre. Pero el remoto rumor humano había terminado siempre por alcanzarlo [...]. Porque el mundo no sólo estaba fuera sino en lo más recóndito de su corazón, en sus vísceras e intestinos, en sus excrementos. Y tarde o temprano aquel universo incorruptible concluía pareciéndole un triste simulacro, porque el mundo que para nosotros cuenta es éste aquí: el único que nos hiere con el dolor y la desdicha, pero también el único que nos da la plenitud de la existencia, esta sangre, este fuego, este amor, esta espera de la muerte; el único que nos ofrece un jardín en el crepúsculo, el roce de la mano que amamos [...]. (SABATO, 2006, p. 325).

<sup>107</sup> Compromisso: Pizarro (2009) e Said (2007). Cf. p. 66.

vida e perante o outro. Assim, se existe uma “crise”, ela não está ligada apenas a um “grupo dominante”, mas cabe a cada um repensar o seu papel dentro desse contexto, distanciando-se para refletir, mas também se conectando para transformar. Em uma época em que as relações se tornam fragilizadas, porque se esvai o comprometimento mútuo, e a cultura em que vivemos é, muitas vezes, a do descartável, cabe-nos pensar um pouco como se dá a resistência frente à descartabilidade das relações, valores, conhecimentos e do próprio ser humano, pois, a sociedade e a vida atual requerem posicionamentos e compromissos críticos e humanos. Desse modo, prosseguindo por meio de suas recordações, ele ressalta: “Tempos atrás escrevi que a vida é feita em rascunho, o que sem dúvida lhe dá transcendência, mas nos impede, dolorosamente, reparar nossos erros e abandonos.” (SABATO, 2008, p. 54).

A partir da análise ponderada da existência, o autor se volta para uma meditação da infância, que se abrirá para uma análise crítica do sistema educacional da contemporaneidade. Antes, em diálogo intertextual com sua reflexão da infância, ele incorpora, em forma de citação, um poema de Höderlin, no qual o poeta também recorda os dias que se passaram; a casa, a terra em que viveu e as pessoas que conviveram com ele, seus sonhos, suas brincadeiras de meninice, acentuando em seu último verso, em tom de uma prece: “Que, assim, o homem mantenha o que prometeu em criança.” (HÖDERLIN *apud* SABATO, 2008, p. 55). Mergulhado nessas imagens poéticas, o autor confessa que, no desespero angustiante de ver o mundo, em vários instantes, quis parar o tempo da infância, das crianças reunidas numa esquina, confabulando seus sonhos e desejos em conversas herméticas, que não possuem nenhuma importância para os adultos. Diante das cenas que lhe vêm à mente, e que também fazem parte da observação dos personagens Sabato e Bruno<sup>108</sup> de *Abadon*, ele sentiu vontade de deter o curso do tempo, como se pudesse:

Deixar essas crianças para sempre lá, naquela calçada, naquele universo

---

<sup>108</sup> Mantendo relação intratextual com a obra *Abadon*: (na voz do narrador) El niño parecía ser un hijo de Van Gogh de la oreja cortada, y me miraba con los ojos enigmáticos y verdosos. Un niño que en cierto modo me recordaba a Martín [...]. (Paralizar el tiempo en la infancia, pensaba Bruno. Los veía amontonados en alguna esquina, en esas conversaciones herméticas que para los grandes no tienen ningún sentido. [...]) Sí sentía necesidad de paralizar el curso del tiempo. [...]. (SABATO, 2006, p. 18-19).

encantado. Não permitir que as sujeiras do mundo adulto as machuquem, as derrubem. A ideia é terrível, seria como matar a vida, mas muitas vezes me perguntei o quanto a educação contribui para adulterar a alma das crianças. É verdade que a natureza humana vai transformando os traços, as emoções, a personalidade. Mas é a cultura que dá forma à visão que elas vão tendo do mundo. (SABATO, 2008, p. 55).

Para essa carta, se é a cultura que dá forma ou formata a visão de mundo das crianças e de todas as pessoas em geral, ela não é estática, pois a cultura está sempre em movimento e sofrendo transformações. O indivíduo é um ser social e sua experiência está profundamente interligada ao convívio da sociedade em que ele se encontra inserido, porém isso não se torna apenas em um invólucro hermético, porque, assim como a memória, a cultura pode ser resistência à própria cultura, é uma forma de memória contra a aniquilação<sup>109</sup>, que subtrai a dignidade e a solidariedade humana. Para ele só é possível resistir por meio do conhecimento, caso contrário, não se sabe *como, a quem ou a quem* se está resistindo.

O escritor-intelectual, a partir do seu contradiscurso e contramemória e também, com sua contraideologia, não permitirá que a consciência sucumba ao sono. Desse modo, mantém-se em vigília, alertando a si e aos outros sobre a perda de humanidade. Por meio desse estado vigilante, o escritor-intelectual resistente não está apenas “constatando” os problemas da realidade e as dissimulações desumanizadoras do sistema social, cultural, nesse caso específico, o educacional, contudo, está transformando o seu pensamento em espécie de *antídoto* contra: “[...] as ideologias que envenenam, a indiferença e o silêncio que é cúmplice desta realidade.” (SABATO, 03/1987). Se a resistência parte de um princípio ético, que discute os valores, as crenças geradas em determinadas culturas, ela também, por sua vez, se opõe a essas e as questiona. Como podemos perceber no fragmento a seguir, por meio do apelo e alerta do autor, sobre a urgência de se pensar em uma educação diferente:

É urgente encararmos uma educação diferente, ensinarmos que vivemos numa terra da qual devemos cuidar, que dependemos da água, do ar, das árvores, dos pássaros e de todos os seres vivos, e que qualquer dano que causemos a este universo grandioso prejudicará a vida futura e pode até destruí-la. Que coisa ótima poderia ser o ensino, se, em vez de despejar uma imensidão de informações que ninguém nunca conseguiu reter, fosse vinculada à luta das espécies, à necessidade urgente de preservar os mares e oceanos! É preciso advertir as crianças do risco planetário e das atrocidades que as guerras perpetraram nos povos. É importante que elas

---

<sup>109</sup> Said (2003).

se sintam parte de uma história ao longo da qual os seres humanos fizeram grandes esforços e também cometeram tremendos enganos. (SABATO, 2008, p. 56).

Na terceira carta podemos perceber a preocupação do autor com o estado do sistema educacional vigente, com a convicção de que ele pode ser transformado. Por isso, sua crítica também recai no excesso de informações que são “despejadas” nas mentes das crianças, que não conseguem reter tudo e impossibilitam o desenvolvimento da consciência crítica. Elas saem da escola, diversas vezes, “informadas”, porém nem sempre formadas, preparadas para atuarem e agirem na sociedade, enquanto cidadãos livres, autônomas, emancipadas e críticas.

O sistema educacional da atualidade está, muitas vezes, embasado na concepção “bancária”<sup>110</sup> da educação, levando as crianças e jovens a “aprenderem” tanto e, ao mesmo tempo, saberem tão pouco. Ao analisarmos as críticas de Sabato em relação à educação tanto em meados do século XX, quanto na “virada do século”, surge um instigante questionamento: a crítica à cultura não seria uma constante a ponto de tornar-se gratuita? Partindo dessa reflexão, não existe cultura sem resistência<sup>111</sup> e *vice-versa*, elas são indissociáveis no sentido de que, juntamente e, em contínua *tensão*, mantêm vivos os movimentos e transformações da própria cultura. Portanto, o conformismo não apenas reproduz massificações, intolerâncias, barbáries, entre outros desatinos, mas também não impulsiona como a resistência, enquanto força de vontade contra a “preguiça no coração”<sup>112</sup>, o desenvolvimento da consciência crítica e humana.

Freire enfatiza, em sua análise crítica à educação, que as relações educador-educandos são, fundamentalmente, relações narradoras. Ele critica a educação que *informa*, mas não *forma*, muito menos *transforma*. Por meio desse olhar aguçado do pensador, retomamos as palavras de Sabato ao dizer que as crianças e jovens,

<sup>110</sup> Termo criado por Freire (2002).

<sup>111</sup> Para Sabato em *Antes del fin* (1998): Toda educación depende de la filosofía de la cultura que la presida; y debido a estos obsecuentes imitadores de los “países avanzados”- ¿avanzados en qué? – corremos el peligro de propagar aún más la robotización. Debemos oponernos al vaciamiento de nuestra cultura, devastada por esos economicistas que sólo entienden del Producto Bruto Interno – jamás una expresión tan bien lograda -, que están reduciendo la educación al conocimiento de la técnica y de la informática, útiles para los negocios, pero carente de los saberes fundamentales que revela el arte. (Sabato, 2006, p. 102-103).

<sup>112</sup> Benjamin (2006).

algumas vezes, apenas reproduzem informações do ensino/escola/cultura, ademais disso, eles também são “vasilhas”, “recipientes”<sup>113</sup> das informações bombardeadas pelas mais diversas mídias. A preocupação do autor com as crianças, de maneira mais intensa na terceira carta, que mantém diálogo intratextual com *Apologías y rechazos*<sup>114</sup> (1979), também é acentuada em outros pontos da obra. Por isso, o autor acredita que a busca de uma vida mais humana deve iniciar-se na educação, desenvolvendo a consciência crítica e de cidadania das crianças e dos jovens. Ele tem a confiança de que, por meio de uma educação responsável, crítica e humanizada, a criança pode aprender a valorizar o que é bom, para isso é necessário conhecer e desvendar as faces trocadas: “Nesse sentido, é crucial entendermos que a primeira marca que a escola e a televisão imprimem na alma da criança é a competição, a superação dos colegas e o mais veemente individualismo, ser o primeiro, o vencedor.” (SABATO, 2008, p. 56).

A partir desse fragmento, percebemos que a carta se abre justamente ao foco de sua temática *Entre o bem e o mal*, pois, conforme o autor, os problemas da *Modernidade Líquida*, supracitados por ele, consumismo, individualismo, competitividade, por diversas vezes são apresentados com as máscaras trocadas: o *Mal* com a face do *Bem* e *vice-versa*, isso demonstra, na concepção do autor, a inversão de valores que subverte a sociedade e o ser humano nessa liquidez.

A crítica e a provocação (provoca a ação, mudança), que também encontramos na carta é para que a educação não se torne apenas embasada no *consumismo* das ideias, informações, na *competitividade* de um superar o outro e no *individualismo* que visa apenas a realização e o interesse próprios. Como já evidenciamos, é a cultura que vai dando forma à visão que as crianças, os jovens e os adultos vão tendo sobre o mundo. Pois, o *Mal*<sup>115</sup> surge a partir das circunstâncias

---

<sup>113</sup> Metáforas criadas por Freire (2002).

<sup>114</sup> *Apologías y rechazos*: El mundo está gravemente enfermo de incredulidad y correlativamente de feroces dogmatismos. Y la educación no puede ser ajena a esos padecimientos, pues, en desdicha dialéctica es su raíz y su consecuencia; porque no sólo se manifiesta en las escuelas, en las universidades, sino también en la calle, en las fábricas, en los estadios deportivos y dentro de cada hogar, a través de esas pantallas cuasirradiactivas que en la oscuridad fascinan y trastornan el alma de los niños. Así, la educación no puede ser extraña al drama total de esa civilización, no puede no participar de las fallas esenciales que agitan el universo espiritual de nuestro tiempo y amenazan con su derrumbe. (SABATO, 2006, p. 105).

<sup>115</sup> Arendt (1990).

como: ignorância, educação, cultura, enfim, o ser humano cria e constrói o *Mal*. Ele, em si, é a supressão da dignidade humana, que gera o “esvaziamento moral” – a alienação – em que o senso crítico enfraquece e se banaliza.

Por isso, a terceira carta questiona o sistema educacional, mais precisamente a educação, tanto escolar, quanto familiar, como sendo, muitas vezes, propulsoras da disseminação das faces trocadas entre o Bem e o Mal. Assim, considerando que o *Mal*<sup>116</sup> é a supressão da dignidade humana que gera a alienação, ou seja, o enfraquecimento e a banalização do senso crítico, como será possível resistir? Ou, nas palavras do autor: como achar um modo para que se possa criar ou realizar atividades próprias do espírito? Na modernidade existem outras faces ditatoriais, como as já supracitadas pelo autor: competitividade, individualismo, consumismo, etc. Dessa maneira, como pensar que é a partir da educação que se iniciará a busca por uma vida mais humana? É importante pensarmos que, assim como a cultura, permeada pela resistência, a história também está em movimento e, ambas, sempre trazem novidades e novas perspectivas.

A terceira carta apresenta que a educação não está desligada do poder, isso é: “[...] dirige a sua tarefa à formação de pessoas adequadas às demandas do sistema. Em certo sentido, isso é inevitável, caso contrário ela formaria magníficos ‘desempregados’, [...] ‘excluídos’ do mundo do trabalho.” (SABATO, 2008, p. 57). Por isso, é necessário ter consciência de como ela funciona, bem como outras tantas ideologias dominantes disseminadas pelas diversas mídias e o próprio poder, que também são criadas a partir da cultura e nela agem. O *Mal*, surgido a partir da cultura, educação, ignorância, cria as diversas máscaras ditatoriais que encontramos na contemporaneidade e que, ao suprimirem a dignidade humana, geram o “esvaziamento moral”, tanto por parte de quem sofre quanto por quem o pratica. Neste “jogo enceguedo” a desumanização atinge os dois lados, tanto os seres humanos que são afetados, quanto os poderes estabelecidos e ideológicos, que compactuam, fundamentam e exercem esse jogo e também o manipulam.

Nessa perspectiva, como um escritor-intelectual contraideológico<sup>117</sup>, no

---

<sup>116</sup> Enquanto cegueira existencial.

<sup>117</sup> Bosi (2010).

sentido de mostrar o outro lado, o autor reivindica um contrabalanço, pois: “[...] se isso não for contrabalançado com uma educação que mostre o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, promova o desenvolvimento das faculdades em deterioração, então o que se perderá é o próprio ser humano.” (SABATO, 2008, p. 57). Desse modo, só é possível resistir por meio do conhecimento, caso contrário, não se sabe *como*, *a quem* ou *a quem* se está resistindo.

O autor, além de criticar a cultura, a educação, investe contra o pensamento ocidental pautado no racionalismo exacerbado, que não dá mais conta da realidade, da vida, e da própria condição humana. Por isso, devemos aceitar uma história contraditória da modernidade, bem como do ser humano carregado de conflitos: “[...] quanto mais complexo é o indivíduo, mais contraditório ele é. A mesma coisa ocorre com os povos.” (SABATO, 2008, p. 60).

Ainda nessa carta, ele reflete que o desenvolvimento do romance está correlacionado com o desenvolvimento dos tempos modernos: “Nos tratados, o escritor deve ser coerente e unívoco, e por isso o ser humano escapa de suas mãos. No romance o personagem é ambíguo como na vida real, e a realidade que aparece numa grande obra de ficção é realmente representativa.” (2008, p. 60). Ele ainda acrescenta que o romancista é todos e cada um de seus personagens, com a totalidade das contradições que essa multidão comporta. Curiosamente, a afirmação do autor pode ser analisada no fragmento a seguir, em que, em diálogo intratextual com *Abaddon*, ele faz uma síntese das reflexões que se encontram nas vozes de seus três personagens<sup>118</sup> desse romance: Bruno, Palo e Sabato, para acentuar sua proposta:

---

<sup>118</sup> *Abaddón, el exterminador*. **Personagem Palo:** (contando para Marcelo a proposta de Che Guevara) - Un día algunos de ustedes tendrán que ser dirigentes, si triunfamos en esta guerrilla. El cuadro, decía, tiene que tener no sólo coraje, tiene que desarrollarse ideológicamente, tiene que ser capaz de análisis rápido y de decisiones justas, tiene que ser capaz de fidelidad y disciplina. Pero sobre todo, decía, tiene que constituir el ejemplo del hombre nuevo que queremos en una sociedad justa. (SABATO, 2006, p. 202). **Personagem Bruno:** Pocas soledades como la del ascensor y su espejo (pensaba Bruno), ese silencioso, pero implacable confesor, ese fugaz confesionario del mundo desacralizado, el mundo del Plástico y la Computadora. [...]. (SABATO, 2006, p. 41). **Personagem Sabato:** (em diálogo com o personagem Marcelo Carranza) - No es una casualidad que el desarrollo de la novela coincida con el desarrollo de los tiempos modernos. ¿Dónde se iban a refugiar las Furias? Se habla mucho del Hombre nuevo, con mayúscula. Pero no vamos a crear a ese hombre si no lo reintegramos. Está desintegrado por esta civilización racionalista y mecánica de plásticos y computadoras. En las grandes civilizaciones primitivas las fuerzas oscuras eran reverenciadas. (Sabato, 2006, p.228).

Onde as fúrias poderiam buscar refúgio? Quando uma cultura as reprime, elas explodem, e o estrago é muito maior. Fala-se muito no Homem Novo, com maiúsculas. Mas não poderemos criar esse homem se não o reintegrarmos. Ele está desintegrado por esta civilização racionalista e mecânica de plásticos e computadores. **As grandes culturas, assim como a arte, sabem atentar para as forças escuras**, por mais vergonha ou nojo que se tenha delas. (SABATO, 2008, p. 60, grifo nosso).

No prosseguir de sua proposta, o autor também retoma algumas palavras do personagem Bruno do seu romance *Sobre Heróis e Tumbas*, isso é, ele incorpora a voz dele em seu discurso. Assim, utiliza-se, no decorrer da terceira carta, de outros pensamentos do personagem para refletir sobre as máscaras que cada um usa em seu cotidiano e que nunca são as mesmas, pois, são trocadas para cada um dos papéis que nos cabem na vida: a do intelectual, a do amante, a do professor, a do herói, etc. Contudo, a pergunta provocativa que se faz é: “[...] que máscara usamos, ou que máscara nos resta quando estamos na solidão, quando achamos que ninguém, ninguém mesmo, nos observa, controla, escuta, exige, suplica, intima ou ataca”? (SABATO, 2008, p. 61). O autor, em sua meditação, reflete quanta tristeza e lágrimas há por trás das máscaras; se as pessoas se aproximassem mais umas das outras: “[...] se parássemos de nos mostrar auto-suficientes e nos atrevêssemos a reconhecer a grande necessidade que temos do outro [...], quanto mal poderia ser evitado.” (SABATO, 2008, p. 61).

Por isso, ao final da carta, o autor assume parte do discurso do seu personagem Fernando Vidal do romance *Informe sobre cegos*, ou melhor, ele incorpora as palavras do seu romance, ditas por trás das máscaras de Vidal ou será que o autor, na solidão da velhice e proximidade da morte, como ele mesmo fala, assume a sua própria voz? Como podemos perceber no fragmento do final da terceira carta, e que também é encontrado na obra *Sobre Heróis e Tumbas* (1961), no capítulo *Informe sobre cegos*, na voz do personagem Fernando Vidal:

Os seres humanos oscilam entre a santidade e o pecado, entre a carne e o espírito, entre o bem e o mal. E o grave, o estúpido é que desde Sócrates se quis proscriver seu lado escuro. Essas potências são incríveis. E quando se quis destruí-las, elas se esconderam e por fim se rebelaram com maior violência e perversidade. (SABATO, 2008, p. 62).

A reflexão de Sabato sobre o *TODO* que constitui a condição humana, evitando cair em maniqueísmos e em diferenças categóricas entre carne e espírito, pecado e santidade, bem e mal nos remete à questão de que a *Modernidade* precisa

urgentemente estabelecer um diálogo entre o espírito *apolíneo* e o *dionisíaco*. Os termos eram usados por Nietzsche<sup>119</sup> para se referir à condição humana. No mundo antigo, a racionalidade, a lógica, o pensamento questionador (representados por Apolo, deus do sol, clareza, artes e nobreza) existiam no homem em equilíbrio com o impulso, a natureza primitiva e os instintos naturais (representados pelo deus do vinho, Dionísio, senhor das festas, do prazer e do exagero). Porém, com a criação da filosofia nos tempos clássicos, o pensamento lógico foi tido como mais importante e, desde então, o homem está em *desequilíbrio*, pois, ciência, sociedade e religião baseiam-se no espírito apolíneo e condenam a individualidade do espírito dionisíaco. O desequilíbrio estaria, na concepção de Nietzsche, levando a sociedade ocidental à decadência, assim, é no diálogo entre o espírito apolíneo e o dionisíaco que a arte é criada, como Sabato ressalta, é a partir da integração e reintegração do ser que se dá a sua humanização, bem como a sua volta à arte.

Ao concluir essa carta, o autor explicita: “A vida é um tremendo equilíbrio entre o anjo e a besta. Não podemos [...] falar do homem como se fosse um anjo. Tampouco como se fosse uma besta, porque o homem é capaz das piores atrocidades, mas também dos mais puros heroísmos.” (SABATO, 2008. p. 62). Nesse sentido, o autor confessa que se inclina com reverência perante as pessoas que morreram sem revidar o golpe. Retoma os personagens Hortensia<sup>120</sup> e Sargento Sosa<sup>121</sup>, de seu romance *Sobre Heróis e Tumbas*, como exemplos de bondade suprema e faces da resistência. Por fim, complementa: “Como já disse, o ser humano não poderia sobreviver sem heróis, santos e mártires, porque o amor, assim como o verdadeiro ato de criação, é sempre a vitória sobre o mal.” (SABATO, 2008, p. 63).

Por meio dessa carta, podemos verificar a continuidade do desenvolvimento

---

<sup>119</sup> Vale esclarecer que Sabato é um leitor de Nietzsche, por isso seu pensamento dialoga muito com as obras desse autor.

<sup>120</sup> *Sobre Héroes y Tumbas*: (Encontro de Martín com Hortensia Paz) - Martín empezaba a tener más lucidez. La miró: los sufrimientos y el trabajo, la pobreza y la desgracia no habían podido borrar del rostro de aquella mujer una expresión dulce y maternal. (SABATO, 2006, p. 391).

<sup>121</sup> *Sobre Héroes y Tumbas*: (Sargento Sosa em sentinela velando o sono de Capitán Lavalle) -Y Frías y Lacasa y Olmos miran a su jefe, temerosos de que haya despertado, pero felizmente sigue soñando, cuidado por su sargento Sosa, el sargento invariable y eterno, inmune a todos los poderes de la tierra y del hombre, estoico y siempre callado. (SABATO, 2006, p. 379).

da sua proposta de resistência, que vai se configurando e prossegue permeada por uma *práxis contemporânea*. Seu questionamento às formas de cultura, ao sistema educacional, à educação, enquanto formadores da visão de mundo dos indivíduos, bem como seu reclame à integração e reintegração do ser humano, (que oscila entre o bem e o mal, a santidade e o pecado, entre a carne e o espírito), leva-o a instigar o leitor para que pense em outros modos de viver e ver o mundo. Essas outras perspectivas possibilitarão ao ser humano desenvolver atividades próprias do espírito, no intuito de permitir que renasça uma humanidade mais digna, crítica e solidária, começando pelo “aqui e agora”.

#### **2.4 Quarta carta: Os valores comunitários**

Cada um de nós é culpado perante todos, por todos e por tudo.

Dostoiévski

Com um aguçado olhar sobre a “vida moderna”, o autor, nessa carta, novamente parte do *local* para o *global*. Inicia lamentando sobre o modo de vida em Buenos Aires, uma grande metrópole que representa o que é a vida dos conglomerados onde vivem e sobrevivem milhões de pessoas. Sabato não mora na capital argentina, reside em Santos Lugares, contudo, fala de Buenos Aires porque a reconhece como sua cidade também, por esse motivo é que sofre por ela, como ele acentua neste fragmento:

[...] insistirei sobre o atual estado das coisas, que é de conhecimento de todos, na esperança de que pela repetição, como a gota de água ou o martelo contra a porta fechada, um dia, vejamos a situação reverter. Na verdade, isso talvez já esteja acontecendo: a luz já se infiltra entre as frestas da velha civilização. (SABATO, 2008, p. 69).

Podemos verificar que essa carta também se inicia com o equilíbrio sabatiano, “balanço sombrio” e “fagulhas de luz”. Sua ensaística constata e discute os problemas das diversas realidades, deixando penetrar a sua esperança e alternativas de transformação. O cerne de sua crítica está na questão de que a cultura ocidental está em um processo de falência e a ironia disso tudo é que ela

resulta da vontade do próprio ser humano, com seu intenso esforço de exploração e dominação, que agora se vê explorado e dominado pelas próprias coisas que criou, influenciou e disseminou. A carta-ensaio não possui uma verdade indiscutível, isso é, por meio de tentativas o autor pensa a modernidade, contudo, deixa brechas para que o leitor também reflita a partir de sua visão de mundo. Desse modo, ela é um convite para algumas reflexões.

A mente moderna, ao nascer com o pensamento de que o mundo pode ser transformado, a partir do seu inconformismo com a *mesmidade*, com o desejo de desafiar a *mêmeté*<sup>122</sup> também desenvolveu o seu desejo de se refazer e continuar se refazendo, por isso, a condição moderna é estar em movimento. Assim, a mente moderna em seu anseio e esforço de conquistar, dominar e criar, se encontra perante conflitos e desatinos gerados por seu próprio desejo. Agora, o esforço humano é buscar soluções para reverter, de certa forma, algumas de suas próprias obras que viraram contra si.

O ser humano é a própria vítima e o carrasco, ele constrói e também destrói, contudo, é capaz de desconstruir o que construiu e reconstruir novamente, para que possa reinventar, ressignificar a si e as coisas e continuar criando e recriando, em um movimento contínuo de transformar a si e a sua própria realidade. O ser humano e a realidade são inconclusos, o ser consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca *de ser mais e melhor*, pode cometer muitos enganos, porém somente ele pode almejar e concretizar com seu esforço, força de vontade – persistência, resistência diante das adversidades – os projetos humanizadores da nossa história. Devemos ter consciência das tentativas, entre erros e acertos, do próprio ser humano, a partir de um enfoque problematizador, este que possibilitará a *denúncia* e o *anúncio*<sup>123</sup>. Denúncia de uma realidade e ações desumanizadoras, bem como o anúncio e formulação de propostas, alternativas para que aconteça a mudança.

---

<sup>122</sup> Ricoeur (*apud* BAUMAN, 2001).

<sup>123</sup> Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico. (FREIRE, 2002, p. 73).

Por meio dessas reflexões, podemos verificar que as cartas-ensaísticas, ao partirem da denúncia dos problemas causados pela *Modernidade Líquida*, também oferecem, anunciam, propõem estratégias de resistência frente a estes. Desse modo, critica/denuncia o totalitarismo da globalização, bem como sua selvagem força massificadora, que causam absolutas assimetrias no acesso aos bens produzidos socialmente, a perda dos traços diferenciais que caracterizam cada povo e a própria originalidade humana. A exclusão das pessoas que se mantêm do outro lado do abismo, que existem entre as classes, torna-se cada vez mais acentuada, principalmente no que se refere ao acesso à cultura, aos produtos e ao próprio curso dessa “ação global”, da mesma maneira como o autor critica/denuncia nesse fragmento:

Continuamos mergulhados na miséria junto a altos níveis tecnológicos, assombrosas possibilidades de vida a par de milhões de homens sem emprego, sem casa, sem assistência médica, sem educação. [...] As pessoas evitam tomar decisões no sentido de humanizar a própria vida por medo de perderem o emprego, de serem excluídas e virem a engrossar essas multidões que correm aflitas atrás de um trabalho que as impeça de cair na miséria, que as salve. [...] Não demora, será impossível estudar ou assistir a um concerto com algum prazer, pois, serão mais prementes os nossos valores supremos. Pela responsabilidade de sermos homens. (SABATO, 2008, p. 70).

O convite do autor para a ousadia de avaliar a vida de outro jeito, a partir de uma visão mais aguçada sobre a realidade, demonstra a resistência de um escritor de quase um século de vida diante de ideologias dominantes que não reconhecem, tantas vezes, o ser humano e os valores que o constitui. Na reflexão, é importante ressaltarmos o verbo *re-conhecer* (retornar a conhecer), como se os poderes e sistemas ideológicos, culturais e sociais enceguedos estivessem desconhecendo a própria face humana. Com a visão distorcida e conspirações desvairadas, as ideologias que predominam buscam homogeneizar o pensamento, impossibilitando o próprio ser de construir a ideia de si e do outro, a consciência-cúmplice<sup>124</sup>, bem como da face, como expressão do que é e do que nos qualifica como humanos: “Esta crise não é a crise do sistema capitalista, como muitos imaginam: é a crise de toda uma concepção do mundo e da vida baseada na idolatria da técnica e na exploração do homem.” (SABATO, 2008, p. 71). Essa reflexão de Sabato, mantém

---

<sup>124</sup> Zea (1953) e Camus (1996).

diálogo intratextual com *Hombres y Engranajes* (1951)<sup>125</sup> e *Antes del fin* (1998)<sup>126</sup>.

A partir da reflexão da quarta carta sobre a concepção do mundo e da vida em crise, fundamentada na “idolatria da técnica” e na “exploração do homem”, questão devidamente discutida em *Hombres y Engranajes* (1951) e retomada em *Abadon*<sup>127</sup> na voz do personagem Sabato, torna-se relevante pensar que o autor não está defendendo o capitalismo como um sistema inocente. Mas, a partir de uma análise mais ampla, busca discutir outros fatores que ajudaram a convergir para a edificação desse sistema, como o autor discute nesse fragmento:

As crenças e o pensamento, os recursos e as invenções foram postos a serviço da conquista. Colonialismos e impérios de todos os tipos, por meio de lutas sangrentas, pulverizaram tradições inteiras e profanaram valores milenares, primeiro coisificando a natureza, e depois os próprios desejos dos seres humanos. (SABATO, 2008, p. 71).

O autor expõe suas críticas em seus ensaios e depois as distribui nas vozes de seus personagens. Como também retoma algumas críticas esteticamente elaboradas nas vozes desses e incorpora em sua própria voz. É uma estratégia criativa que demonstra certa unidade literária do autor, que ao longo de seus escritos, procura realizar uma decantação de suas ideias, demonstrando que são tênues as fronteiras entre realidade e ficção. Até porque, se a realidade é uma mistura de real e fantasia<sup>128</sup>, a ficção deixa de ser apenas “ilusória” e se torna uma problematizadora que coloca os contextos histórico-sociais, culturais e existenciais em causa, bem como o ser humano inserido neles.

---

<sup>125</sup> Em *Hombres y Engranajes*: Este derrumbe que los comunistas imaginan un mero derrumbe del sistema capitalista, sin advertir que es la crisis de toda la civilización basada en la explotación del hombre, en la razón y la máquina, civilización de la que ellos mismos y su sistema hacen parte. (SABATO, 2006, p. 11).

<sup>126</sup> Em *Antes del fin*: Hoy no solo padecemos la crisis del sistema capitalista, sino de toda una concepción del mundo y de la vida basada en la deificación de la técnica y la explotación del hombre. (SABATO, 1998, p. 95).

<sup>127</sup> A questão da concepção do ser e da vida em crise é discutida no diálogo entre o personagem Sabato e a jovem Silvia, em *Abadon*. Mais à frente analisaremos melhor como esse pensamento do autor se encontra ficcionalizado na obra, como o próprio **personagem Sabato** enfatiza: - Soy poco más que un escritor que me vengo planteando desde hace casi treinta años el problema del hombre. De la crisis del hombre. La poca filosofía que conozco la aprendí a tumbos, a través de mis búsquedas personales en la ciencia, en el surrealismo, en la revolución. No es resultado de una biblioteca sino de mis desgarramientos. Tengo lagunas inmensas, las mismas que tengo en literatura, en todo. (SABATO, 2006, p. 169).

<sup>128</sup> Bauman (2001).

Sabato percebe a realidade atual não apenas como geradora de desumanizações, porém como vítima de uma avalanche e terremoto das contradições e percalços do passado, em que: “[...] em meio ao caos, cada um tenta saquear o que pode.” (SABATO, 2008, p. 71). Considera, assim, as crenças e o pensamento da contemporaneidade como simbólicos tentáculos de uma concepção do ser e do mundo, embasadas na exploração do ser humano e na idolatria à técnica, que foi concebida nas profundezas da existência histórica, social e cultural da humanidade e que se encontra fortalecida nos dias atuais.

Aqui, novamente, percebemos a pertinência de ressaltarmos a intenção de Sabato em se valer de suas cartas-ensaísticas para apresentar o que ele entende por resistência, bem como seus desdobramentos, pois, se a carta é, em certo ponto, o veículo, o ensaio, por sua vez, incorporado ao gênero epistolar, torna-se o condutor das ideias, o jeito que o escritor elege para problematizar a sua proposta. Assim, a voz do ensaísta, no caso de Sabato, constrói-se a partir de concepções pré-formadas culturalmente que ele coloca em crise e, em seu exercício de tentativas, denuncia o ideal de certeza, de verdade absoluta, livre de dúvidas sobre o que ele se propõe a criticar e apresentar. O autor discerne algumas das questões que se propõe a discutir em sua ensaística e depois as retoma em suas ficções, como também desenvolve alguns discursos elaborados esteticamente nas vozes dos seus personagens em seus ensaios posteriores. Como podemos verificar a seguir no diálogo “conversa” entre o personagem Sabato e a estudante de Letras Silvia, no romance *Abadon o exterminador* (1974), em que ambos discutem a concepção do ser e do mundo em crise, as desigualdades geradas pelos denominados “Progressos tecnológicos” e “Revoluções”:

(Sabato dijo a Silvia)

- Vení, caminemos un poco. Mientras caminaban le explicó:

- Casi al mismo tiempo que me metí en la física me metí en el marxismo. Y se puede vivir las dos experiencias más transformadoras de nuestra época. En 1951 publiqué lo que podría llamar el balance de esas dos experiencias. *Hombres y engranajes*. Casi me crucifican.

Su risa era dolorosa.

- ¿Te das cuenta? Hablaba de la otra alienación, de la tecnológica. Y de la tecnolatría. [...] Resulta que para ser partidario de la justicia social tenés que arrodillarte ante una pila de volta. [...]

Su voz era amarga.

- Pero la alienación tecnológica se debe al mal uso de la máquina - adujo Silvia. [...]

- La pobreza, la injusticia social deben ser abolidas. Lo que te digo es que no se debería pasar de la calamidad del subdesarrollo a la calamidad del

hiperdesarrollo. De la miseria a la sociedad de consumo.

- Pero, ¿qué es lo que propone, entonces?

- No lo sé. Lo que sé es que debemos hacer consciencia de este tremendo problema. [...] Nunca aprobé la explotación, lo sabés. Lo que he dicho y seguiré diciendo, aunque ahora no es fácil ni simpático, es que no vale la pena hacer sangrientas revoluciones para que un día las cosas se llenen de chirimbolos inútiles y de chicos idiotizados por la televisión. (SABATO, 2006, p. 170).

Ao prosseguir a conversa com Silvia, o personagem Sabato, em *Abadon*, no qual o autor se torna ficção de sua própria ficção, critica as ideologias tanto de esquerda quando de direita, afirmando que as duas possuem profundas contradições: a primeira, por pensar o ser humano apenas na esfera coletiva e a segunda por restringi-lo apenas ao individual. Assim como o personagem Sabato em *Abadon*, o próprio autor Sabato, cidadão, confessa em *Antes del fin* (1998) e em diversas entrevistas<sup>129</sup>, que é um anarquista, considerando-se, nos últimos anos, um “anarquista-cristiano”, filiando-se a uma única causa: a do ser humano concreto. Para isso reivindica a conscientização de todos na luta pela justiça social, para que o poder adquira a forma da solidariedade e da libertação. A sua ideologia “anárquica” se funde com a sua resistência em apoiar movimentos de moda, tanto no plano político quanto literário. Como o autor enfatiza no fragmento a seguir, que mantém relação intratextual com *Antes del fin*<sup>130</sup> (1998, p. 164), em que ele já inicia a explicitação de sua proposta de resistência, que se encontra aprofundada nessa de “virada de milênio”:

Devemos exigir que os governos dirijam todas suas energias para que o poder adquira a forma da solidariedade, para que promova e estimule os atos livres, pondo-se a serviço do bem comum, nunca entendido como uma soma de egoísmos individuais, mas como o supremo bem de uma comunidade. Devemos fazer surgir, até com veemência, um modo de conviver e de pensar que respeite até as mais profundas diferenças. (SABATO, 2008, p. 72).

O autor acrescenta, que por mais frágil e falível que possa ser a democracia, nenhum outro sistema provou dar ao homem mais justiça social e liberdade e, em diálogo intertextual com o pensamento de Maria Zembrano, ele acentua: “Como tão belamente definiu Maria Zembrano, a democracia é a sociedade em que é não

<sup>129</sup> No tópico *Ideologia sabatiana* p. 98.

<sup>130</sup> *Antes del Fin*: La solidaridad adquiere entonces un lugar decisivo en este mundo acéfalo que excluye a los diferentes. Cuando nos hagamos responsables del dolor del otro, nuestro compromiso nos dará sentido que nos colocará por encima de la fatalidad de la historia. [...]. (SABATO, 2006, p. 164).

apenas possível, mas imprescindível, sermos pessoas.” (SABATO, 2008, p. 72).<sup>131</sup> Por isso, se na modernidade muitos se apresentam como “atores sem papéis”, o autor convoca a todos para o compromisso, que está embasado na liberdade, responsabilidade, bem como na inconformação diante dos poderes e sistemas desumanizadores. Para que a política<sup>132</sup> continue viva, em movimento, mantendo seu verdadeiro sentido amplo e clássico, que é a arte de discutir, isso é, o campo que discute as questões relacionadas ao bem estar público, a vida humana em sociedade, é necessário que haja dissenso. Essa *práxis* permite que a política, os diversos sistemas e poderes e ideologias não se tornem “verdades absolutas”, que colocam o ser humano como pertencente a outro *corpus*, menos o social. Por isso, o autor d’*A Resistência* convoca a todos para ficarem em *alerta*, principalmente, em uma fase em que a economia predominante certifica que a superpopulação mundial não pode ser assimilada pela sociedade atual, essa questão lhe perturba porque se torna um bom motivo para os poderes maléficos justificarem uma guerra<sup>133</sup>, como ele acrescenta a seguir:

As guerras sempre contaram com o apoio de grandes setores da população que, de um jeito ou de outro, se beneficiaram dela. Como sentinela, todo homem deve permanecer alerta. Isso nunca pode acontecer. O “salve-se quem puder” não é apenas imoral, mas insuficiente. (SABATO, 2008, p. 71).

No fragmento, o autor discute a questão a partir de quem passou por experiências profundas em relação a sistemas totalitários e à guerra. Como já destacamos no tópico *A posição de Sabato frente à CONADEP*, o autor permaneceu em seu país, Argentina, durante a ditadura (1976-1982), uma das mais macabras da América Latina e acompanhou uma das guerras mais insanas, não que haja alguma sensata, contudo, que lançou ao campo de batalha, jovens totalmente despreparados: *Guerra das Malvinas* (1982). Desse modo, a sua ensaística é uma contínua provocação para que a consciência crítica, histórica e social não adormeça; assim, atravessada pela memória, suas cartas-ensaios mantêm um ritmo

---

<sup>131</sup> Da obra *Persona y Democracia* (2004) de Maria Zembrano, filósofa espanhola que foi aluna de Ortega y Gasset.

<sup>132</sup> Cf. p. 90.

<sup>133</sup> A preocupação do autor não parte apenas de sua consciência ampla sobre as causas que levam uma nação a uma guerra, contudo, ele fala a partir de uma recente experiência passada por seu país: a Ditadura Militar que culminou com a Guerra das Malvinas (1976-1982).

descontínuo de reflexão, resgatando o passado e refletindo o presente em busca de traçar perspectivas futuras,<sup>134</sup> nem sempre nessa ordem, porém, na tentativa de, por meio da conversa, diálogo com o leitor, poder desenvolver o que ele também entende por *resistir*, no intuito de ressignificar a si mesmo e às coisas.

Como o ensaio é descontínuo, ele é todo flexível, pois permite que o autor salte de um tema ao outro com sua devida liberdade, possibilitando-o trafegar em temas diversos. Nesse sentido, a partir de sua convocação para o compromisso, que dá sentido à própria existência humana, bem como da inquietação que seus questionamentos provocam, ele deixa transparecer que a resistência é um processo contínuo, que requer o entendimento humano primeiramente na escala individual para que então possa se realizar na escala coletiva. Assim sendo, não se trata de separá-las, sobretudo, de mantê-las intimamente interligadas.

O inconformismo com a face de resistência frente às injustiças sociais e à hipocrisia dos diversos poderes e sistemas também está presente em suas ficções, nas vozes de vários personagens como Martín e Bruno, de *Sobre Heróis e Tumbas*, porém, de modo mais incisivo, na percepção ácida de Fernando Vidal, o protagonista do *Informe sobre cegos*. Por isso, podemos analisar um diálogo intratextual bem acentuado entre as críticas de Sabato na quarta carta e o discurso eufórico de Vidal contra os poderes enceguecidos que “regem o mundo”, nas palavras do personagem:

[...] isto me faz pensar na necessidade de inventar previamente algum sistema que permita detectar a canalhice em personagens respeitáveis e medi-la com exatidão para descontar de cada um a quantidade que merece que se lhe desconte. (SABATO, 1980, p. 304).

No fragmento acima podemos verificar a conversão mútua entre o ético e o estético<sup>135</sup>, isso é, quando o narrador e/ou personagens colocam em causa os valores constituídos dentro da sociedade sem se limitarem a reproduzi-los. Na resistência, permeada pela tensão crítica, o discurso do personagem torna-se uma denúncia ética, por isso, a existência do diálogo intratextual entre essa carta de

<sup>134</sup> PETREA, M. *Del ¿Por qué? Al ¿Para quién?: Pasado, Presente y Futuro en la creación artística de Ernesto Sabato*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

<sup>135</sup> Bosi (2002).

Sabato e o discurso de Vidal, pois ambos se pautam na denúncia e na inconformação. Porém, na carta em foco, o autor vai além e propõe a incorporação da resistência no cotidiano, na vida em sociedade, que se encontra permeada por uma *práxis contemporânea*, atitudes e modos alternativos de proceder que visam o ser humano concreto, a justiça social, para que, assim, devolvendo a dignidade ao ser humano, ele possa exigir e lutar para que os diversos poderes e sistemas adquiram a forma da solidariedade.

Na quarta carta, dentro de sua proposta de resistência, Sabato aponta uma das estratégias mais relevantes de resistência: A arte<sup>136</sup>, em suas várias manifestações, com ênfase na literatura. O autor sugere a arte resistente<sup>137</sup>, que se diferencia dos produtos comercializados, muitas vezes, pela indústria cultural, que se torna em uma “arte consoladora”, deixando de ser uma atividade criadora e crítica aos valores vigentes, no sentido de resgatar o ser humano, ou seja, propulsora da consciência crítica e humana.<sup>138</sup>

Ademais de suas cartas estarem dirigidas aos seus diversos leitores, o seu olhar preocupado recai, principalmente, na condição da juventude nos dias atuais, como podemos observar no fragmento a seguir:

Ontem recebi a carta de um rapaz, que nela me diz “tenho medo do mundo”. Dentro do mesmo envelope, mandou-se (*sic*) uma fotografia, e nela pude perceber algo, em seu jeito de olhar, em suas costas encurvadas, que revelava uma desproporção entre seus recursos e a terrível realidade que o perturba. Sempre houve ricos e pobres, salões de dança e masmorras, mortos de fome e faustosos banquetes. Mas, neste século, o niilismo se difundiu de tal maneira que a transmissão de valores às novas gerações vai se tornando impossível. (SABATO, 2008, p. 75).

O autor sempre demonstra a sua preocupação com as novas gerações, que, muitas vezes, se encontram sem parâmetros diante da realidade, que tornam a vida “sem sentido”. Assim, tanto em seus ensaios quanto em suas ficções, podemos constatar sua intenção em sempre dar ênfase ao diálogo com a juventude por meio

---

<sup>136</sup> Vale ressaltar que elegemos a *Arte* e a *Serenidade* para analisarmos como estratégias de resistência por serem as mais enfatizadas dentro da obra e por receberem maior relevância.

<sup>137</sup> Cf. p. 55 e p. 89.

<sup>138</sup> Mariana Petrea também observa essa questão: El descenso del escritor al estrato más profundo del ser implica incorporar el arte a la vida diaria porque en el inconsciente todavía existe la síntesis. (PETREA, 2005, p. 155).

de cartas. Por exemplo, em *Antes del Fin*: “Recibo cantidad de cartas de muchachos que se sienten al borde del abismo, no sólo de nuestro país, sino del mundo entero [...]” (SABATO, 1998, p. 154). Na própria *A Resistência*, na quarta carta: “Ontem recebi a carta de um rapaz, que nela me diz “tenho medo do mundo” [...]” (SABATO, 2008, p. 75). Podemos ver também, em suas ficções, no capítulo-carta *Querido y remoto muchacho*, de *Abadon*, que mais tarde foi lançado como obra autônoma, esta carta foi enviada pelo personagem Sabato ao jovem escritor, personagem Bruno: “Me pedís consejos, pero no te los puedo dar en una simple carta [...]” (SABATO, 2006, p. 99). Ainda em *Abadon*, existe a interação do personagem Sabato com a jovem estudante de Letras, a personagem Silvia, por meio de conversas pessoais e cartas:

-No, Silvia, no me molestan sus cartas [...]. Estoy cansado, Silvia. Son las 2 de la madrugada y ando muy mal [...]. Si logro hacer la novela de este tumulto, entonces podrás intuir algo de mi realidad, de toda mi realidad: no la que ves en las discusiones filosóficas. (SABATO, 2006, p. 213).

Em entrevista dada pela atual esposa de Ernesto Sabato, Elvira González Fraga, na *Fundación Ernesto Sabato*, em Buenos Aires, ela comenta sobre a paixão do autor em sempre se corresponder com as pessoas por meio de cartas, sobretudo, com os jovens, por isso a obra *A Resistência* também se manifesta em cartas, ou seja, dentro do gênero epistolar:

[...]... y sobre las cartas, esta es la otra intención de Sabato. A Ernesto siempre le gustó escribir y cambiar cartas con varias personas, principalmente, con los jóvenes que siempre lo procuraran en conversas personales y por medio de cartas - esto claro, cuando su visión y estado de salud aún permitían. Por eso que otro objetivo de Ernesto en escribir *La Resistencia*, en forma de cartas, fue justamente por su costumbre y pasión en escribirlas y cambiarlas, entre varios amigos, conocidos, lectores. Pero, principalmente entre los jóvenes angustiados que siempre lo buscaran. (FRAGA, 2009).<sup>139</sup>

Assim, sendo a carta atravessada pela memória, ela deixa transparecer alguns traços autobiográficos do autor, que a partir de sua experiência vivida, não apenas informa, contudo, ensina e aconselha. Dessa perspectiva, ele abre novamente a sua ensaística para refletir, questionar, meditar sobre a importância da

<sup>139</sup> Entrevista concedida à autora desta dissertação. Buenos Aires, 25/02/2009.

arte<sup>140</sup> na vida cotidiana, na tentativa de discutir e pensar o porquê dessa necessidade.

A arte nasce da insatisfação<sup>141</sup>, da inconformação, caso contrário, de onde viria a angústia humana em continuar criando e recriando? No fragmento a seguir, numa relação intratextual, o autor assume novamente a voz de Bruno, de *Sobre Heróis e Tumbas* (1980, p. 470) e reflete sobre os conflitos que perpassam a existência como sendo, unicamente, uma angústia do ser humano. Para o autor, os seres humanos são criaturas bem mais complexas, inquietas e ansiosas, do nascimento até a morte vivem em dilemas, dilacerados pelo desespero metafísico. Por isso, sentem necessidade de ser, fazer, realizar, criar:

Os animais não necessitam de nada disso: basta-lhes viver. Porque sua existência flui em harmonia com as necessidades atávicas. Para o pássaro bastam algumas sementinhas ou minhocas, uma árvore onde construir seu ninho, grandes espaços para voar; e sua vida transcorre desde o nascimento até a morte num venturoso ritmo que nunca é dilacerado pelo desespero metafísico nem pela loucura. Ao passo que o homem, ao se levantar sobre as patas traseiras e transformar em machado a primeira pedra lascada, instituiu as bases de sua grandeza, mas também as origens de sua angústia; pois com suas mãos e com os instrumentos feitos com suas mãos ele viria a erigir essa construção tão poderosa e estranha chamada cultura. (SABATO, 2008, p. 78).<sup>142</sup>

A busca angustiante e insaciável do ser humano é o que o torna capaz de ver na arte a sua redenção ou, nas palavras de Sabato, salvação, pois não se satisfaz apenas como criatura, por isso, deseja ser criador e interagir com a criação, porque o mundo, como lhe é apresentado, não basta. Desse modo, há várias maneiras do ser em conflito canalizar as suas angústias. Os entorpecidos pela alienação se

---

<sup>140</sup> Em 1992, em entrevista ao jornal El País da Espanha, Sabato também declara sua ideologia “anarcocristiana” e reivindica a volta à arte por parte da humanidade: “Aunque fui comunista activista, el anarquismo siempre me ha parecido una vía de conseguir justicia con libertad plena. Y valoro el cristianismo del Evangelio. Este siglo es atroz y va a terminar atrozmente. Lo único que puede salvarlo es volver al pensamiento poético, y ese anarquismo social, y al arte”. (SABATO, 09/04/1992).

<sup>141</sup> Camus (1996) e Bataille (1989). Em *Abaddón, el exterminador*. (personagem Sabato) - ¿Para qué crear si esta realidad que nos fue dada nos satisface? Dios no escribe ficciones: nacen de nuestra imperfección, del defectuoso mundo en que nos obligaron a vivir. Yo no pedí que me nacieran, ni vos: nos trajeron a la fuerza. (SABATO, 2006, p. 107).

<sup>142</sup> Essa colocação de Sabato n'A *Resistência* se encontra praticamente na íntegra na voz do personagem Bruno, em *Sobre Heróis*, e realiza um diálogo intertextual com a citação bíblica encontrada no evangelho segundo Mateus: “As raposas têm suas tocas, as aves têm seus milhos, e o Filho do Homem não tem onde reclinar sua cabeça.” (MATEUS, 8:20).

entregam ao consumismo, como uma maneira de preencher o vazio que se instaura em sua alma, bem como para desvirtuar as suas reflexões. A dor da angústia incomoda e provoca, portanto, é necessário anestesiar o corpo, a mente/espírito com a morfina dos produtos descartáveis para saciar vidas desperdiçadas<sup>143</sup>. Por outro lado, existem ainda os inconformados, para os quais a realidade cotidiana não é suficiente, porque necessitam existir (que do latim quer dizer levantar-se para realizar algo). Dentro dessa reflexão, queremos deixar claro que Sabato não está sugerindo que a saída para os *conflitos existenciais* esteja na intenção de todos se tornarem escritores de literatura, etc., contudo, voltar-se à arte, em um sentido consciente de que apenas “sobreviver” nessa vida não basta. Assim, resistir por meio da arte é torná-la parte da vida cotidiana, para que o ser humano possa aguçar a sua percepção de mundo, de existência. A partir daí, penetrado na *fruição*, também possa criar e recriar as diversas realidades que o envolvem, tanto no sentido estético, por meio da produção artística, quanto no sentido ético, sua reflexão crítica e humana sobre o universo cultural que o abriga, e que gera transformações.

Na visão do autor, criticar o individualismo, a competitividade e o consumismo, não é somente uma postura ética, com a qual o escritor-intelectual está comprometido. Também pousa no desejo de compartilhar a existência por meio da consciência-cúmplice de si e do outro no compromisso solidário em prol da dignidade humana, do ser humano concreto e da justiça social. Por isso, conforme o autor, a verdadeira arte, em suas várias manifestações, é a síntese da condição humana, em que se abarcam, numa conversão mútua entre o ético e o estético, os conflitos humanos, sociais, históricos, culturais e espirituais. Como o próprio autor enfatiza neste fragmento:

Quantas vezes aconselhei àqueles que, em sua angústia e seu desalento, me procuram pedindo orientação que se dediquem à arte e se deixem tomar pelas forças invisíveis que operam em nós. Toda criança é um artista que canta, dança, pinta, conta histórias e constrói castelos. Os grandes artistas são pessoas estranhas que conseguiram preservar no fundo da alma essa ingenuidade sagrada da infância e dos homens que chamamos primitivos, e por isso provocam o riso dos imbecis. Em diferentes graus, a capacidade pertence a todos os homens, não necessariamente como uma atividade superior ou exclusiva. Quanto temos a aprender com os povos antigos, em que todos, para além das desgraças ou dos infortúnios, se reuniam para dançar e cantar! A arte é um dom que repara a alma dos fracassos e

---

<sup>143</sup> Bauman (2005).

desgostos. Ela nos anima a cumprir a utopia a que somos destinados. (SABATO, 2008, p. 79).

Assim, nos cabe pensar, como o próprio autor enfatiza na carta, como a arte pode resistir ao grande "supermercado da arte". A *Indústria cultural* não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, como também, tiranicamente, determina o seu consumo. Ao massificar e homogeneizar certos gostos e necessidades de consumo, esse mercado aprofunda a alienação, desdobrando-se em passividade e conformismo. Apesar das contradições geradas pela *Indústria Cultural*, Sabato ainda acredita que é possível resistir se acontecer mudanças na mentalidade humana, que não é somente vítima desses meios, mas, ao aceitar tudo passivamente e comodamente, torna-se reprodutora desse comércio artístico, tantas vezes esvaziado de conteúdo estético, crítico, filosófico e literário. A arte se torna apenas um bem de consumo frenético, perdendo o seu caráter singular de provocadora e transformadora de múltiplas realidades.

Ao realizar um contrabalanço, o autor acredita que a arte resiste, tanto perante o "supermercado da arte", quanto diante das ideologias homogeneizadas que tentam domesticá-la, bem como de ideologias que até podem apresentar grandes alternativas políticas, mas que se distanciam da plenitude da condição humana, do ser humano concreto. No romance *Abaddon o exterminador* (1974), o personagem Sabato em diálogo com a personagem Silvia também refletem a questão:

- Dejemos esto de lado, Silvia. Prefiero hablar de otro asunto que quedó en el aire, en la reunión. Claro que el marxismo acierta con ciertos hechos sociales y políticos de esta sociedad. Pero hay otros hechos que resisten.

- ¿Resisten? - Silvia adelantó su cabeza de sarracena.

- Claro: el arte, los sueños, el mito, el espíritu religioso. [...] Para el pensamiento ilustrado el hombre progresaba a medida que se alejaba del estadio mito-poético. En 1820 lo dijo de modo ilustre un cretino, Peacock: un poeta en nuestro tiempo es un bárbaro en una comunidad civilizada. ¿Qué te parece?

Silvia estaba pensativa.

- [...] pasó lo que tenía que pasar: expulsado por el pensamiento, el mito se refugió en el arte, que así resultó una profanación del mito, pero al mismo tiempo una reivindicación. Lo que te prueba dos cosas: primero, que es imbatible, que es una necesidad profunda del hombre. Segundo, que el arte nos salvará de la alucinación total, de esa segregación brutal del pensamiento mágico y del pensamiento lógico. El hombre es todo a la vez. Por eso la novela, que tiene un pie en cada lado, es quizá la actividad que mejor puede expresar al ser total. (SABATO, 2006, p. 173-174).

A resistência da arte não é um equívoco de linguagem possível de se livrar,

isso é, mandando a consistência da arte e o protesto político cada um para o seu lado, porque há muito tempo a arte vive dessa tensão. A arte resiste conforme dois sentidos de termos que aparentemente podem soar como contraditórios: como a coisa que persiste em seu ser e como os homens que se recusam a persistir na situação deles. Nesse sentido, não se trata de separar entre duas resistências, arte e política, mas de mantê-las em tensão, numa conversão mútua entre o ético e o estético, impulsionando uma política da arte e uma poética da política. A partir dessa tensão entre as duas resistências é que se pode vislumbrar, criar e recriar outros modos de perceber, sentir, ver, agir e ser tanto da arte quanto da própria vida em sociedade. Assim sendo, se para Aristóteles o homem é um animal político, na concepção de Rancière, o ser humano é um ser político e literário.<sup>144</sup>

Nesse sentido, não se trata de separar o individual do coletivo, e sim de mantê-los intimamente interligados, porém, o entendimento humano só pode ser realizado na escala coletiva, se antes acontecer na escala individual. Assim, a *arte* ao ser incorporada ao cotidiano se tornará, enquanto estratégia de resistência, em via para o processo de humanização do ser humano em sua vida diária e resistência diante dos sistemas e poderes desumanizadores. Se Ortega y Gasset (1998) defende que a arte se encontra desumanizada, Sabato, ao contrário, acredita que são as pessoas que se encontram em processo de desumanização. Por isso, para o autor, somente com a volta do ser humano à verdadeira arte, propulsora da consciência crítica e humana e não “produto consolador”, é que será possível uma maior consciência-cúmplice de si e do outro, para que, então, as pessoas possam afiliar-se à causa do ser humano concreto<sup>145</sup>, integrado e reintegrando, da justiça social e da liberdade, no intuito de continuar recriando a existência.<sup>146</sup> A literatura, na função de arte, dentro da concepção humanista de Said<sup>147</sup>, apresenta-se como

---

<sup>144</sup> A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer.” (RANCIÈRE, 2009, p. 59).

<sup>145</sup> Conforme Sabato em *O escritor e seus fantasmas*: A arte como o sonho, faz incursões nos territórios arcaicos e, por isso, pode ser e está sendo o instrumento para resgatar aquela unidade perdida; aquela da qual inseparavelmente faz parte a realidade e a fantasia, a ciência e a magia, a poesia e o pensamento puro. (SABATO, 1985, p. 113).

<sup>146</sup> Como acentua Said: verdadeira literatura, expressão digna de ser declarada e apreciada, história e ação humana em condições de proteger e encorajar. (SAID, 2007, p. 105).

<sup>147</sup> Para Said: [...] entre o espaço das palavras e suas várias origens e desenvolvimento no espaço

moduladora da consciência crítica que, assim como a visão de Sabato, permite a resistência da humanidade frente aos vários poderes e sistemas desumanizadores, pois ela protege e encoraja os seres humanos. A verdadeira arte, ressaltada pelos dois autores, e refletida nesse trabalho, quebra a nulidade da vida, assim, enquanto criação e doação, a arte não se define em mercadoria, mas resgata o humano, o indivíduo contra a máquina de consumo. Por ser propulsora da consciência crítica e humana, leva o indivíduo a se pensar dentro do contexto, instigando-o a criar o sentido da vida. Desse modo, a arte resistente é uma fundamental via humanizadora e transformadora, que no seu aspecto social intensifica a interação humana, a vida em sociedade, provocando o compromisso mútuo.

O autor conclui sua reflexão sobre a arte e os valores comunitários com o fragmento a seguir, que se encontra na íntegra na voz do personagem Bruno de *Sobre Heróis e Tumbas* (1980, p. 206) e em *O escritor e seus fantasmas* (1985, p. 127), mantendo uma relação intratextual com ambas as obras: "O homem não é feito só de morte, mas também de vontade de viver; nem só de solidão, mas também de comunhão e amor." (SABATO, 2008, p. 79).

O autor finaliza a carta com uma citação longa retirada de *Sobre Heróis e Tumbas* (1980, p. 158), que se encontra na voz do personagem Bruno, que também é um escritor. O fragmento não possui referência, só é possível reconhecê-lo a partir da leitura do romance supracitado. Como já comentados, o ensaísta, no caso Sabato, não realiza nenhuma relação ou diálogo intratextual ou intertextual por acaso. Cada citação, alusão e até mesmo fragmentos na íntegra, saídos das vozes de seus personagens e assumidos na voz do próprio autor, possuem uma razão de ser e de estar dentro da obra, pois eles acompanham o desenvolvimento de sua proposta e estratégias de resistência. Desse modo, a citação que "fecha" a quarta carta, pressagia o epílogo da obra: *A decisão e a morte*, pois é uma meditação do personagem-escritor Bruno sobre o sentido da existência e a própria morte. Cabe aqui esclarecer que agora não analisaremos esse fragmento, deixaremos para

---

físico e social, do texto para o local efetivo da apropriação ou da resistência, para a transmissão, para a leitura e interpretação, do privado para o público, do silêncio para a explicação e declaração, e de volta mais uma vez, quando encontramos nosso próprio silêncio e mortalidade; tudo ocorrendo no mundo, no campo da vida diária, da história e das esperanças, da busca de conhecimento e justiça, e talvez também de libertação. (SAID, 2007, p. 109).

retomá-lo durante a análise do epílogo.

Assim, nessa carta, constata-se o seguimento da configuração da proposta de resistência do autor, que se encontra permeada por uma *práxis contemporânea*. Podemos analisar que nela também se apresenta o inconformismo e o questionamento do autor aos diversos sistemas e poderes políticos, culturais e ideológicos, que geram a massificação e a homogeneização do pensamento, que levam à desumanização. Assim, é possível verificar que nela sobressai o resgate e a ressignificação dos valores humanos, espirituais salvaguardados pela verdadeira arte, debruçada na experiência humana e propulsora da consciência crítica e humana (que é fundamental para o processo de humanização do ser e da vida). Esse resgate permitirá que os seres humanos vislumbrem e conquistem outros modos de ver, sentir, fazer, ser e agir, que permitirão a recriação da existência e da vida em sociedade, impulsionando a luta/resistência humana para que o poder adquira a forma da solidariedade. Podemos dizer que essa é a poética da política do autor.

## 2.5 Quinta carta: *A resistência*

São os expulsos, os proscritos, os ultrajados, os despojados de sua pátria e de seu torrão, os empurrados com brutalidade aos mais profundos abismos. É entre eles que se encontram os catecúmenos de hoje.

E. Jürger

Se, nas cartas anteriores, o autor vem desenvolvendo a sua proposta e estratégias de resistência, é na quinta carta que ele dá a conhecer, de maneira mais evidente, o que entende por resistir. Assim, pensando essa questão, por meio das relações e diálogos intertextuais com outros conjuntos textuais e, de forma mais acentuada, intratextuais que ocorrem dentro da obra com a sua própria produção, podemos verificar que o cerne da *ficcionalização* do que o autor entende por resistência se encontra em *Sobre Heróis e Tumbas*, que analisaremos mais adiante.

Primeiramente, dentro de uma análise formal, a quinta carta é a mais breve em relação às anteriores; o autor, por meio de sua ensaística, utiliza-se de poucas

palavras para revelar, em seu entendimento, o que é resistir. Porém, ao analisarmos mais profundamente, podemos identificar uma decantação de ideias e pensamentos que há muito tempo ele vem apresentando em seus ensaios e romances, numa contínua conversão mútua entre o ético e o estético.

Assim, a partir de leituras de suas outras produções, sobretudo as ficcionais, percebemos sua contínua preocupação com o ser humano que experimenta a incomunicação, a solidão e a alienação. Se, em suas obras anteriores, sobretudo em suas ficções, o autor critica a concepção do ser e do mundo embasada na “idolatria à técnica” e na “exploração humana”, na carta em foco, ele acrescenta outros fatores já discutidos, que são: o individualismo, a competitividade e o consumismo, como também sendo responsáveis pela vertigem contemporânea. No fragmento ele destaca que:

O pior é a velocidade vertiginosa.  
Nesta vertigem, nada frutifica nem floresce. E o medo é próprio dela: o homem adquire um comportamento de autômato, deixa de ser responsável, deixa de ser livre e de reconhecer os outros.  
Sinto um aperto no coração ao ver a humanidade nesse vertiginoso trem em que avançamos, ignorantes e temerosos, sem conhecermos a bandeira desta luta, sem tê-la escolhido. (SABATO, 2008, p. 85).

Atualmente, as pessoas vivem em meio a uma ansiedade constante e o medo está infiltrado nos pensamentos e ações do cotidiano. Na reflexão de Bauman, utilizando-se da imagem literária da obra *Les testaments trahis*<sup>148</sup>, de Milan Kundera, os seres humanos vivem hoje envoltos na neblina, não na escuridão total, que não se pode ver qualquer coisa, nem se mover: “[...] na neblina a pessoa é livre, mas é a liberdade de uma pessoa na neblina.” (KUNDERA *apud* BAUMAN, 2006, p. 19). O “viver na neblina” permite breves certezas e a precaução de alguns problemas “visíveis”, porém impossibilita uma visão mais aguçada da própria condição humana, da face do outro, facilitando a incorporação do automatismo na vida cotidiana, como o autor enfatiza: “O clima de Buenos Aires mudou. Nas ruas, homens e mulheres apressados avançam sem se olhar, preocupados em cumprir horários que ameaçam a humanidade.” (SABATO, 2008, p. 85). Esse fragmento mantém diálogo intratextual com a obra *Sobre Heróis e Tumbas*, no primeiro capítulo, por meio do pensamento do personagem Bruno, ao refletir sobre o desamparo de Martín e das pessoas em

<sup>148</sup> *Os testamentos traídos* (1990).

geral na grande metrópole Buenos Aires:

Ali estava agora aquele pequeno desamparado, um entre os tantos naquela cidade de desamparados. Porque Buenos Aires era uma cidade em que eles pululavam, como acontecia em todas as gigantescas e espantosas babilônias. (SABATO, 1980, p. 20).

É interessante percebermos que o autor retoma as angústias do personagem Martín, em meio ao caos da metrópole e os reflete na quinta carta, na sua crítica à velocidade vertiginosa da contemporaneidade. Em várias entrevistas concedidas por Sabato<sup>149</sup> ele comenta sobre os ditos “progressos” e as “involuções” da modernidade, em que a tecnologia avançou e os valores humanos e espirituais foram banalizados. Por isso, durante todas as cartas, pudemos analisar sua contínua convicção resistente de que somente o resgate dos valores humanos e do espírito salvará o *ser* das crises atuais e, para isso, ele ressalta a importância do resgate dos mitos e rituais e a incorporação da arte na vida cotidiana.

A crítica de Sabato à vertigem contemporânea está intimamente relacionada ao seu intuito de que tanto as inter-relações quanto o próprio trabalho possam ser mais humanizados. Na perspectiva de que as pessoas se reconheçam como seres livres, responsáveis e parte de uma humanidade que interage, mutuamente, em prol de uma sociedade mais justa e humana e não um aglomerado de autômatos que “avançam sem se olhar”, “perdidos na neblina”. Por isso, sua carta-ensaio não pousa somente no pessimismo e sim gera questionamentos: “Alguma coisa pode florescer a tal velocidade? Uma das supostas metas dessa correria é a produtividade, mas quem diz que seus produtos são verdadeiros frutos?” (SABATO, 2008, p. 85).

Na quinta carta apresenta-se a segunda estratégia de resistência dentro da proposta da obra, sendo a primeira: a *arte*, analisada na carta anterior. A *arte* e a *serenidade* foram eleitas como as principais alternativas para serem analisadas, pois são as que se encontram melhor enfatizadas pelo próprio autor.

Retomando a reflexão sobre o individualismo de nossa época, gerado pela competitividade exacerbada e pelo consumismo voraz<sup>150</sup>, em que o “ter” se sobrepõe ao “ser”, Sabato reflete sobre a condição do ser humano, que acaba se

<sup>149</sup> Constenla (2000).

<sup>150</sup> Termo utilizado por Bauman (2005).

tornando vítima e reprodutor dessa vertigem, um campo fértil para o niilismo, o aniquilamento dos valores. Assim, para que a reflexão possa fazer parte da vida, principalmente da febril vida agitada que vivenciamos atualmente, é necessário percorrer o caminho da serenidade para que as interações possam ser mais humanizadas: “[...] é impossível o homem permanecer humano a essa velocidade [...]. A serenidade, uma certa lentidão, é tão indissociável da vida do homem quanto a sucessão das estações para as plantas.” (2008, p. 86). O percurso em busca de atitudes serenas, enquanto resistência, que se remete à vida humana exterior, parte da reflexão da vida interior de cada ser humano, porque “a vertigem da velocidade não está somente fora, nós já a assimilamos à mente que não pára de emitir imagens, como se ela também fizesse zapping.” (*idem*).

Nesse sentido, Sabato reflete ao dizer que: “[...] talvez a aceleração tenha chegado ao coração, que já pulsa em ritmo de urgência para que tudo se passe rápido e não permaneça [...] perdemos o silêncio e também o grito.” (SABATO, 2006, p. 86). As pessoas, retidas numa condição de inatividade, e não se reconhecendo mais como seres humanos, deixam de ser livres, responsáveis, e não mais percebem a humanidade em seus semelhantes: “[...] na vertigem da velocidade tudo é temível e o diálogo entre as pessoas desaparece.” (*idem*).

Dentro desse enfoque, a *serenidade* proposta pela obra como estratégia, permite a análise da vida, a reflexão da realidade, que se transforma em resistência diante da vertigem, para que a arte possa ser incorporada na vida cotidiana, enquanto propulsora da consciência crítica e humana. As atitudes serenas intensificam as relações humanas, tornando os seres mais resistentes diante das contradições ideológicas, geradas por vários sistemas e poderes, que o desumanizam cotidianamente e que, às vezes, passam “despercebidos”.

Assim, desenvolvendo mais a questão: como incorporar a serenidade no novo ritmo da vida moderna? Devemos considerar que não é fácil ser sereno perante as exigências do mundo contemporâneo. Porém ao aprofundarmos o conceito de *serenidade* percebemos que ele não está ligado apenas ao sentido de contemplação. Por advir do termo *mitezza*, vocábulo que somente a língua italiana herdou do latim e que significa algo próximo à *moderação* e *suavidade*, refere-se também à disposição do espírito conhecedor que compreende e medita sobre si, o

mundo e as coisas, um profundo conhecimento. Ela é, também, uma virtude<sup>151</sup> adquirida pelo hábito e com o tempo, a serenidade é um exercício, por isso ela não está ligada somente à contemplação, em que se corre o risco de se desdobrar em comodismo e alienação, porém, desperta, ela é capaz de manter um espírito crítico resistente. Desse modo, um pouco de serenidade ou “um pouco de moderação”, é essencial para que a reflexão existencial, histórica, social e cultural faça parte da resistência cotidiana do ser humano e da vida em sociedade. O autor<sup>152</sup> não apresenta a *serenidade* como uma norma, mas a sugere como uma estratégia moderada, um exercício contínuo.

As estratégias sugeridas pelo autor para que a humanidade possa resistir são alternativas incorporadas por ele também, no intuito de seguir resistindo, por isso, a resistência proposta em sua obra de “virada do milênio” se apresenta enquanto um processo contínuo, um compromisso do autor consigo mesmo e, na sua proposta, com a humanidade. Assim, ao analisarmos o percurso de intensas produções de Sabato, percebemos seu comprometimento com as diversas realidades vividas por ele, sendo, muitas vezes, criticado por determinadas posturas diante dos acontecimentos sociais e, simultaneamente, tido como uma voz ativa em prol dos direitos humanos.

Como a preocupação do autor é sempre com o ser humano concreto<sup>153</sup>, de “carne e osso”, percebemos que, na obra em foco, ele também se coloca como tal e, por meio das cartas, aproxima-se do leitor, cria um espaço de intimidade que lhe permite confessar seus equívocos, desilusões e fraquezas. Como podemos verificar na abertura da primeira carta: “[...] peço a nós essa coragem que nos situa na verdadeira dimensão do ser humano. Todos, repetidas vezes, fraquejamos.” (SABATO, 2008, p. 13, grifo nosso). Nesse sentido, se ele propõe alternativas de

---

<sup>151</sup> Bobbio (2002).

<sup>152</sup> Nas palavras de Saramago: Yo conozco la obra de Sabato desde los años cincuenta; del siglo XX, claro. [...] En esa época yo estaba leyendo mucho a Montaigne, y me di cuenta de que entre Sabato y Montaigne había una similitud por encima de las distancias de tiempo, cultura, de lugar. [...], la diferencia que yo encontré entre uno y otro, y que los años confirmaron, es que mientras Montaigne tiene un tipo sereno de escepticismo – pues Montaigne es un escéptico –, Sabato es también escéptico, a veces pesimista, pero no tiene serenidad. (SARAMAGO *in* SABATO, 2004, p. 231).

<sup>153</sup> A proposta de resistência de Sabato mantém um diálogo intertextual com a proposta de revolta de Albert Camus, apresentada, principalmente, no capítulo *Além do Nihilismo* e que analisaremos a seguir, pois também parte do “ser humano concreto de carne e osso”. (CAMUS, 1996, p. 349).

resistência, não as sugere no intuito de “dar lições de moral” às novas gerações, assim o faz porque também as necessita para continuar resistindo.

Ao dizermos que a questão da resistência já se encontra de maneira latente nas obras anteriores das supracitadas, queremos evidenciar que ela somente emerge à superfície do texto em forma de proposta e, de modo breve, em *Antes del fin* (1998) e se desenvolve mais profundamente n’*A Resistência* (2008). Assim, é na quinta carta que será revelado, mais precisamente, o que ele entende por resistir, cujo cerne (do seu entendimento) se encontra ficcionalizado em *Sobre Heróis e Tumbas*. Em seu labor ensaístico, o autor denuncia o ideal de certeza, da verdade absoluta, e procura apresentar o seu entendimento de resistir como algo mais simples, menos formidável, longe de ser, em suas próprias palavras, “uma crença delirante de salvação”. Por isso ele a define como sendo algo mais modesto:

Acredito que é preciso resistir: esse tem sido meu lema. Hoje, contudo, muitas vezes me pergunto como encarnar essa palavra. Antes, quando a vida era menos dura, eu teria entendido por resistência um ato heróico, como negar-se a continuar sobre este trem que nos leva à loucura e ao infortúnio. [...] a situação mudou tanto, que devemos reavaliar com mais atenção o que entendemos por resistência. Não posso lhes dar uma resposta. Se eu a tivesse, sairia por aí como o Exército da Salvação, ou como esses crentes delirantes - quem sabe os únicos que realmente acreditam no testemunho -, proclamando-a pelas esquinas, com a urgência que nos deveriam dar os poucos metros que nos separam desta catástrofe. Mas não. Intuo que é algo menos formidável, mais modesto, algo como a fé num milagre, o que quero transmitir a vocês nesta carta. Algo condizente com a noite em que vivemos, não mais que uma vela, algo que nos ajude a esperar. (SABATO, 2008, p. 87).

O autor apresenta a *resistência* como sendo algo mais simples, modesto, uma esperança, tal como ele abre em sua primeira carta, na qual se inicia mais explicitamente a sua proposta, uma “esperança demencial” em um mundo mais humano. Ele coloca que não possui uma “resposta salvadora”, porém medita como ela possa ser, de maneira próxima à atitude do personagem Sabato frente ao questionamento de Silvia em *Abadon*, sobre qual seria a melhor alternativa para a humanidade deixar de ser vítima de poderes e sistemas desumanizadores:

- La pobreza, la injusticia social deben ser abolidas – dijo Sabato. [...].  
 - ¿Pero, qué es lo que propone, entonces?  
 - No lo sé. Lo que sé es que debemos hacer conciencia de este tremendo problema. [...] es que no vale la pena hacer sangrientas revoluciones para que un día las cosas se llenen de chirimbolos inútiles [...]. [...] el Vietnam ¿con que venció al país más tecnificado del mundo? Con fe, espíritu de sacrificio, amor a su tierra. Valores espirituales. (SABATO, 2006, p. 171).

Desse modo, podemos dizer que a proposta de resistência do autor, possui ecos acentuados da proposta de *revolta* de Camus, que ele explicita mais claramente no capítulo *Além do Nihilismo*, da obra *O Homem revoltado*:

A revolução sem honra, a revolução do cálculo, que, ao preferir o homem abstrato ao **homem concreto, de carne e osso**, nega a existência tantas vezes quanto necessário, coloca o ressentimento no lugar do amor. [...] no fim destas trevas, é inevitável, no entanto, uma luz, que já se advinha - basta lutar para que ela exista. Para além do nihilismo, todos nós, em meio aos escombros, preparamos um renascimento. Mas poucos sabem disso. E já a revolta, na verdade, sem pretender tudo resolver, pode pelo menos tudo enfrentar. (CAMUS, 1996, p. 349, grifo nosso).

A ideia de que a resistência e a revolta estão permeadas de diversos modos para encorajar as pessoas a que enfrentem e encarem a realidade, encontra-se presente na proposta dos dois autores citados: Sabato e Camus. Nesse enfoque, não se trata de reduzi-los a uma mera comparação, porém de constatar as aproximações e diálogos existentes entre o que cada um propõe, dentro de uma análise intertextual entre seus discursos textuais. Isso nos possibilita verificar que na obra, em foco, o autor convoca o pensamento de Camus para compor e desenvolver a sua proposta.

Ao resgatarmos as últimas palavras sobre o que ele entende por resistir, na quinta carta, verificamos que escreve o seguinte: “Intuo que é algo menos formidável, mais modesto, algo como a fé num milagre, o que quero transmitir a vocês nesta carta. Algo condizente com a noite em que vivemos, não mais que uma vela, algo que nos ajude a esperar.” (SABATO, 2008, p. 87).<sup>154</sup>

Na obra *Sobre Heróis e Tumbas*, os personagens Bruno e Martín refletem sobre a existência, como dois desamparados frente aos problemas que afetam a condição humana. Porém, Bruno, por ser um homem mais maduro que Martín, medita que o ser humano não é feito somente de desesperação e, por meio de suas leituras e vivências, tenta explicar para o jovem que a vida está impregnada de valores:

- Muitas vezes imaginei Saint-Exupéry lá em cima, com seu pequeno avião, lutando contra a tempestade, em pleno Atlântico, heróico e taciturno, com seu telegrafista atrás, unidos pelo silêncio e a amizade, pelo perigo comum, mas também pela comum esperança; [...]

<sup>154</sup> Repetimos a citação para dar ênfase a nossa análise.

O companheirismo frente à morte. [...] [...] aquele pelotão (numa guerra), aquele sono vigiado, aquela fé dos nossos companheiros, estes serão sempre valores absolutos.

Martín o olhava com olhos opacos, estaticamente. E Bruno pensou para si: ¿Bom, ao final não estamos todos em uma espécie de guerra? ¿E eu não pertenço a um pequeno pelotão? **¿E Martín não é, de certo, alguém cujo sono eu velo e cujas angústias tento suavizar e de cujas esperanças cuido como uma chamazinha em meio de uma furiosa tormenta?** (SABATO, 1980, p. 207-209, grifo nosso).

É importante observarmos que Bruno coloca que, devido aos conflitos e crises do seu país, as pessoas parecem viver em uma espécie de guerra, porém, sua meditação leva a um questionamento: o que se pode fazer durante essa espera, nos momentos que precedem o perigo e talvez a morte? Ele medita sobre alguns valores absolutos como a amizade, o companheirismo, a esperança que denota a fé na vida e de um em relação ao outro, enfim, dos que fazem parte de um pelotão em meio a uma guerra. O personagem também acentua outro valor absoluto que é o *cuidado*, a relação afetuosa entre os integrantes do pelotão e ressalta o estado de vigília, de sentinela que é revezado entre eles para que o “sono”, a própria vida do grupo, possa ser protegido. A partir dessas reflexões, Bruno pensa na vida de Martín, que também deve ser “cuidada”, protegida: “E Martín não é, de certo modo, alguém cujo sono eu velo [...] e de cujas esperanças cuido como uma chamazinha em meio de uma furiosa tormenta?” (SABATO, 1980, p. 209). A meditação do personagem Bruno sobre seu estado de vigília, em sentinela, em relação à vida de Martín, cujas esperanças ele cuida como uma “chamazinha em meio de uma furiosa tormenta” nos remete ao fragmento em que Sabato revela o que ele entende por resistir: “Algo condizente com a noite em que vivemos, não mais que uma vela, algo que nos ajude a esperar.” (SABATO, 2008, p. 87).

De maneira parecida com a reflexão de Bruno, o autor apresenta a resistência como sendo “uma luz” em meio à escuridão, porém essencial para que o curso da existência humana possa ser “iluminado”, possibilitando que a humanidade vislumbre outros horizontes e prossiga, persista e, nas palavras de Petrea (2005), encare a realidade, em busca da humanização do ser e da vida. Se na obra *Sobre Heróis e Tumbas*, Bruno vela o sono de Martín e tenta suavizar suas angústias, n’*A Resistência*, o autor, como um intelectual em vigília, contudo consciente da importância do compromisso humano e crítico de cada um, coloca a responsabilidade como sendo o papel de todos. Como o próprio autor enfatiza em

sua quarta carta, analisada anteriormente, em que todo o ser humano deve permanecer em alerta:

As guerras sempre contaram com o apoio de grandes setores da população que, de um jeito ou de outro, se beneficiaram dela. Como sentinela, todo ser humano deve permanecer em alerta. Isso nunca pode acontecer. O “salve-se quem puder” não é apenas imoral, mas insuficiente. (SABATO, 2008, p. 71).

Nessa perspectiva, mesmo “velando o sono” de Martín, Bruno procura manter acesa, no espírito do jovem, a chama da esperança que evitará que ele cometa suicídio e encare a realidade. Assim, a esperança “cuidada” por Bruno, um escritor em sua maturidade, porém desamparado como o jovem rapaz, tornar-se-á esperança para ele próprio e lhe permitirá retomar sua fé no ser humano, bem como em toda a humanidade, tal como o narrador de *Sobre Heróis e Tumbas* acentua, em relação à *esperança*, a partir do pensamento de Bruno:

Porque felizmente (pensava) o homem não está só feito de desesperação, mas também de fé e esperança. [...] o que demonstrava, a seu juízo, a pouca importância da razão, já que não é razoável manter esperanças neste mundo em que vivemos. Nossa razão, nossa inteligência, constantemente nos estão provando que este mundo é atroz, motivo pelo qual a razão é aniquilada e conduz ao ceticismo, ao cinismo e finalmente à aniquilação. [...] E se a angústia é a esperança do NADA, algo assim como a prova antológica do NADA, **não seria a esperança a prova de um sentido oculto da existência**, algo pelo qual vale à pena lutar? (SABATO, 1980, p. 207, grifo nosso).<sup>155</sup>

Assim, podemos dizer que a quinta carta mantém um profundo diálogo intratextual com essas passagens analisadas de *Sobre Heróis e Tumbas*. Se Bruno compara a realidade, vivida por ele e Martín, como sendo uma espécie de guerra, devida a crise da época no país, na quinta carta essa imagem será retomada pelo autor em sua análise da contemporaneidade. Por meio de sua ensaística, ele expõe que as dificuldades da vida moderna, o desemprego e a superpopulação incutiram no ser humano uma dramática preocupação com o econômico: “[...] assim como na

<sup>155</sup> Essa reflexão mantém diálogo intratextual com *Hombres y Engranajes*: ¿Por qué buscar lo absoluto fuera del tiempo y no en esos instantes fugaces pero poderosos en que, al escuchar algunas notas musicales a al oír la voz de un semejante, sentimos que la vida tiene un sentido absoluto? Todo el horror de los siglos pasados y presentes en la larga y difícil historia del hombre es inexistente además para cada niño que nace y para cada joven que comienza a creer. [...] **Esa cándida esperanza** se va manchando, es cierto, deteriorando míseramente [...]. **Pero lo admirable es que el hombre siga luchando a pesar de todo y que, desilusionado o triste, cansado o enfermo, siga trazando caminos, arando la tierra, luchando contra los elementos y hasta creando obras de belleza en medio de un mundo bárbaro y hostil.** (SABATO, 2006, p. 140-141, grifo nosso).

guerra, a vida se debate entre ser soldado ou permanecer ferido em algum hospital.” (SABATO, 2008, p. 88).

O autor, na sua proposta de resistência, acentua que a autodepreciação do ser humano, que constitui o princípio da submissão e da massificação, transformando-o em mera engrenagem<sup>156</sup>, é a primeira tragédia que deve ser urgentemente reparada. A violação dos direitos e valores humanos, só pode ser impedida e reparada com o olhar que cada um dirige aos demais: “[...] não para avaliar os méritos de sua realização pessoal nem para analisar seus atos, mas como o abraço capaz de nos dar a satisfação de pertencermos a uma grande obra que inclua a todos.” (SABATO, 2008, p. 88). Dentro do enfoque, ao discutirmos, no tópico *Ideologia sabatiana*, sobre a questão da ideologia do autor, constatamos a sintonia com a sua proposta.

Assim, podemos verificar que o autor em suas ficções e por meio de seus personagens, coloca em causa os valores constituídos dentro da sociedade, como pudemos constatar no diálogo entre Bruno e Martín, em *Sobre Heróis e Tumbas*, quando discutiam sobre a realidade que se parecia a uma guerra, em que somente os valores absolutos como a amizade, o companheirismo, a lealdade e a esperança seriam capazes de resgatá-los daquela “furiosa tormenta”. O resgate dos valores humanos e espirituais se apresenta, no romance de 1961, como formas, maneiras de resistir. Desse modo, o personagem Bruno, que também é escritor, ao refletir sobre a realidade, as angústias de Martín e sua própria desolação, coloca em crise os “laços apertados”<sup>157</sup>, permeando a escrita resistente do autor. Como podemos perceber no fragmento a seguir, na voz do narrador, a partir das meditações de Bruno sobre a resistência dos seres humanos diante das calamidades ocasionadas e sofridas por eles:

[...] esses precários seres humanos já começam de novo, como formiguinhas tontas, mas heróicas, a levantar seu pequeno mundo de todos os dias: mundo pequeno, é verdade, mas por isso mesmo mais comovedor. De modo que não eram as ideias que salvaram o mundo, não era o intelecto nem a razão, mas justamente o contrário: aquelas insensatas esperanças dos homens, sua fúria persistente de sobreviver, seu anelo de respirar enquanto seja possível, seu pequeno, teimoso e

<sup>156</sup> Questão devidamente discutida em *Hombres y Engranajes*, vide análise da segunda carta.

<sup>157</sup> Bosi (2002).

grotesco heroísmo de todos os dias frente ao infortúnio. (SABATO, 1980, p. 207).

As cartas-ensaísticas de Sabato procuram refletir os diversos conceitos, ideias e ideais, sem muitos limites estáticos e fronteiras ilusórias. Sua obra se desenvolve entre recordações e esquecimentos, atravessada pela memória, busca no passado, uma tentativa de ressignificar as coisas e a si mesmo e, por meio da consciência crítica, histórica e social, resgatar o passado para compreender o presente. Nessa perspectiva, é na quinta carta, *A Resistência*, que ele resgata e divide com o leitor a sua experiência vivida durante a investigação da CONADEP, por ele presidida:

Eu vivi sob o risco de morte durante anos. Sem medo? Ao contrário, tive medo até a temeridade, mas não podia recuar. Não fosse por meus companheiros, pela pobre gente que me comprometera, sem dúvida teria desistido. A coragem nos falta quando estamos sozinhos e isolados, mas não quando mergulhados na realidade dos outros de tal maneira que é impossível voltar atrás. Quando trabalhei na CONADEP, à noite eu tinha sonhos terríveis com aquelas torturas, as quais teria preferido a morte, e neles eram sempre as pessoas mais queridas que os sofria. Impávido no pesadelo, em seguida eu acordava angustiado, sem saber como prosseguir meu trabalho, mas poucas horas depois não podia me negar a receber quem me pedia que o escutasse. Não podia, era inadmissível dizer não àqueles pais cujos filhos, na verdade, também tinham sido massacrados. (SABATO, 2008, p. 88).<sup>158</sup>

Em seu breve romance<sup>159</sup> *Informe sobre Cegos*, Ernesto Sabato se torna um escritor de um escritor, pois é Fernando Vidal Olmos quem “escreve” o *Informe* e investiga a *Seita Secreta dos Cegos*. Sabato cria um personagem, como Vidal, um “herói ao inverso”, crítico ácido e mordaz do contexto social e histórico que a Argentina estava penetrada naquele momento (Primeiro Peronismo, com sua crise e queda, 1945-1955), incumbindo o protagonista da missão de ser *Investigador do Mal* e da *Seita Secreta dos Cegos*.

Nesse sentido, percebemos, fora do romance, uma *ironia do destino* entre a vida de Fernando Vidal e a de Ernesto Sabato, que, após a ditadura, recebeu do

<sup>158</sup> Fragmentos do relato da experiência do autor junto à CONADEP também se encontram na obra *Antes del fin*. (2006, p. 105-106).

<sup>159</sup> Ao escrever a obra *Sobre Heróis e Tumbas* (1961), o autor cria um dos personagens mais instigantes e polêmicos da literatura. O personagem, Fernando Vidal Olmos, protagoniza o terceiro capítulo denominado *Informe sobre cegos*, que mais tarde foi lançado como uma obra autônoma.

presidente da república Raul Alfonsín<sup>160</sup>, a missão de investigar o *Mal*, as torturas, as mortes e os paradeiros das pessoas desaparecidas, por meio da CONADEP e, da mesma forma, investigar os militares envolvidos nos genocídios e sequestros durante uma das mais cruéis ditaduras da América Latina. Sabato publicou toda a investigação em sua obra *Nunca Más* (1984), conhecida também como *Informe Sabato*, assim como Vidal, em *Informe sobre Cegos*, denunciou a *Seita Secreta dos Cegos*, organizada pelos componentes da ditadura militar argentina.

Essa análise nos permite ir ao encontro da definição realizada por muitos críticos como Sauter, Urbina, Yudicello, entre outros, e escritores como Saramago, Vargas Llosa, etc., de que Sabato é um escritor visionário e apocalíptico, sem ironia, mas no sentido etimológico da palavra: *revelação, revelador*. Sabato previu, de certa forma, por meio de sua visão literária, as crises vindouras da Argentina, em seus romances.

Nas palavras de Sabato, o artista sonha desperto os sonhos e os pesadelos dos demais, assim sendo, o escritor d'*A Resistência* não apenas tinha seus sonhos atormentados durante o tempo que presidiu a Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas, mas também apresentou em *Abaddon* seus pesadelos, como uma espécie de vaticínio à realidade que estava por vir na Argentina. Em sua última ficção (1974), Sabato abre a obra, escrevendo sobre o caso de tortura do jovem Marcelo Carranza:

Mientras tanto, en los sórdidos sótanos de una comisaría de suburbio, después de sufrir tortura durante varios días, reventado finalmente a golpes dentro de una bolsa, entre charcos de sangre y salivazos, moría Marcelo Carranza, de veintitrés años, acusado de formar parte de un grupo de guerrilleros. (SABATO, 2006, p. 9).

No decorrer de *Abaddon*, por diversas vezes, os personagens discutem entre si a questão das guerras, ditaduras e torturas. Quando o personagem Sabato é entrevistado em um programa de televisão, dentro da obra, o apresentador realiza várias perguntas, de concepção estética, que parecem superficiais ao personagem Sabato, que então contesta:

<sup>160</sup> *Antes del Fin*: [...] Cuando el país amaneció de esa pesadilla, el presidente Alfonsín, en su condición de jefe supremo de las Fuerzas Armadas, ordenó a los tribunales militares enjuiciar a los culpables de ese histórico horror. Luego, como estatuye la Constitución, el fuero civil daría la última palabra. Finalmente se nombró una comisión de civiles que, a través de una investigación paralela, aportó pruebas a la labor de los tribunales. (SABATO, 2006, p. 105).

- Vea amigo, dejémonos de tonterías y de una vez por todas digamos la verdad. Pero eso sí: toda la verdad. Quiero decir hablemos de catedrales [...], de campos de concentración, de torturas y además de esperanzas. Yo, por lo menos, no estoy para bromas porque me voy a morir. (SABATO, 2006, p. 222).

Curiosamente, o autor escreve o seu último romance<sup>161</sup> em 1974, ou seja, dois anos antes de se iniciar no país uma das mais macabras ditaduras da América Latina, que culminou com a Guerra das Malvinas (1982). Nas últimas páginas de *Abaddon*, o autor descreve profundamente o sofrimento de Marcelo Carranza e alguns companheiros, em meio às torturas que os levaram à morte. Sabato, durante sua atuação na CONADEP, não só investiga o paradeiro dos desaparecidos durante a ditadura, contudo, ele investiga o destino daqueles que foram seus “**fantasmas**”, seus próprios modelos ficcionais.<sup>162</sup> Mesmo sendo criticado por diversos artistas e intelectuais da época, durante o lançamento de *Abaddon*, que recebeu o prêmio de melhor romance na França (1975) e, mais tarde, por ter se envolvido na CONADEP, o autor parece não ter titubeado em suas convicções, pois na quinta carta ele acentua:

Não podia, era inadmissível dizer não àqueles pais cujos filhos, na verdade, tinham sido massacrados. Quero dizer que eu não podia fazer isso porque já estava dentro, envolvido. É assim mesmo: depois que ousamos chegar à dor do outro, a vida se transforma num absoluto. (SABATO, 2008, p. 89).

O questionamento que se apresenta é: Sabato foi um visionário<sup>163</sup>, por meio

---

<sup>161</sup> Conforme Horácio Gonzáles, crítico argentino e professor da UBA (Universidad de Buenos Aires): (Sabato como personagem) discute sobre a violência, a luta armada, os critérios para julgar a eficácia da ação política e se, em nome dessa eficácia, se podem sacrificar vidas humanas. O personagem Sabato, é claro, reitera os critérios “camusianos” de que a luta, quando necessária, ninguém pode nem deve impedir, mas que há valores transcendentais, vinculados à preservação da vida, sem os quais um mundo, mesmo transformado, nem valerá a pena ser vivido. Essas pessoas estão hoje na lista dos desaparecidos, de tal modo que, os “violentos” de 74 e desaparecidos de hoje estão presentes em um dos romances maiores de Sabato. Como o “camusionismo” coloca apenas uma fina película entre a moral da escritura e a moral que estabelece valores na sociedade, o mínimo que se pode fazer é interpretar como um decisivo acontecimento político-literário no Rio da Prata o fato de que a Comissão dos Desaparecidos seja presidida pelo escritor que investiga o destino daqueles que foram seus “**fantasmas**”, seus próprios modelos ficcionais. (GONZÁLES, 06/01/1985, grifo nosso).

<sup>162</sup> Gonzáles (06/01/1985).

<sup>163</sup> Para Horácio Gonzáles: Quem poderia ver este fato como digno de ironia? Evidentemente: Borges. A polêmica surda sobre a fundamental participação de Sabato na Comissão de Desaparecidos prosseguiu até no Brasil, quando Borges esteve por aqui. “Não entendo Sabato”, ele disse. “O que tem a fazer um escritor em uma Comissão que trata de questões políticas? Só se depois pensa utilizar isso para escrever um romance.” Quem conhece Borges [...] percebe as implicações dessa frase dita com fingida e distante despreocupação. O que Borges não pensou é no fato de que **Sabato já tinha escrito sobre os personagens que agora procura a Comissão que ele preside**. Por outro lado, Borges só trata de questões políticas com o charme de quem faz isso

de suas ficções, das crises vindouras da Argentina, bem como de outras questões tratadas em seus romances ou ele é um escritor-intelectual que há muito tempo vinha acompanhando os problemas e a política de seu país? A partir da leitura de seus ensaios e da pesquisa que realizamos da trajetória e posicionamentos do autor, podemos constatar que, por muito tempo, ele vem pensando a política, as ideologias, os vários sistemas e poderes, bem como a própria cultura de seu país e de parte da humanidade. Assim, a *questão da resistência* já se encontra de maneira latente em suas diversas produções, tanto ensaísticas quanto ficcionais<sup>164</sup>. Podemos observar nas obras de Sabato, tanto ficcionais, quanto ensaísticas, uma contínua tensão crítica. A sua criação fala por si mesma, a interação entre a sua vida e obra é característica de um escritor visionário, que discerne os conflitos sociais, culturais, históricos e espirituais em sua ensaística e os retoma em sua ficção e *vice-versa*. Dentro desse enfoque, dois exemplos desta perspectiva visionária do autor é que em *Sobre Heróis e Tumbas* ele já reflete algumas crises vindouras da Argentina, bem como em *Abadon o exterminador*, ao discutir a questão da tortura, justamente dois anos antes do Golpe Militar (1976) e de suas mortes e torturas.

Assim, retomando as palavras de Saramago, não há como apenas pronunciar “*nunca más*”, porque os desatinos do poder, as violações dos direitos humanos, a desumanização do ser e da vida ainda estão penetrados no cotidiano. Talvez, de maneira mais sutil, imperceptível por muitos, pois a *Seita Secreta dos Cegos* vela para que a duração do delito seja um espetáculo prolongado e “divertido”. Por isso, o intelectual deve estar em vigília, alertando a si e aos outros para que não caiam no “sono profundo” e não enfraqueçam o senso crítico. Ele provoca-os para que não sucumbam ao “esvaziamento moral”, a supressão da dignidade humana, mas que resistam, buscando no passado uma forma de entender o presente e planejar o futuro, numa contínua interação com diversos fios existenciais.<sup>165</sup>

---

protegido por um formidável “sistema de palavras” que sustenta uma literatura sem aparentes referências à marcha dos tempos históricos. [...]. Assim, quando pressionado pelas *Madres de la Plaza de Mayo* decidiu condenar o governo que antes tinha considerado como “de cavalheiros”[...]. (GONZÁLES, 06/01/1985, grifo nosso).

<sup>164</sup> Como também observa Sauter: [...] Sabato es uno de los escritores cuya vida y escritura se entrecruzan e influyen mutuamente, así es como lo reconoce gran parte de su crítica. (2005, p. 08).

<sup>165</sup> Conforme Benjamin: [...] não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? Se assim é, existe um encontro marcado, secreto, entre as gerações precedentes e a nossa. (BENJAMIN, 1993, p. 38).

Para o autor, dentro de sua proposta de resistência, para que a realidade humana possa ser transformada, bem como a dignidade devolvida ao ser, é necessário outro olhar sobre a existência: “[...] isso, porém, exige criação, novidade em face do que estamos vivendo, e a criação só é possível em liberdade, está estreitamente ligada ao senso de responsabilidade, é o poder que vence o medo.” (SABATO, 2008, p. 89).

Na perspectiva da quinta carta, permeando a proposta de resistência do autor: “Do nosso compromisso em face da orfandade pode surgir outra maneira de viver, em que fechar-se em si mesmo seja escandaloso, em que o homem possa descobrir e criar uma existência diferente.” (SABATO, 2008, p. 90). A revolta, o inconformismo, não se refere a uma atitude solitária, ela parte da esfera individual e se torna a aventura de todos. Nesse sentido, ela é a consciência de si e do outro, da própria condição humana. Como as cartas do autor se encontram atravessadas pela memória, na carta em foco, ele se utiliza de reflexões realizadas em *Abadon* (2006, p. 342), para compor sua proposta de resistência, no intuito de exemplificar, também, o porquê de sua incorporação:

A história é o maior conjunto de aberrações, guerras, perseguições, torturas e injustiças, mas, ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, milhões de homens e mulheres se sacrificam para cuidar dos mais desfavorecidos, **eles encarnam a resistência**<sup>166</sup>. (SABATO, 2008, p. 90, grifo nosso).

No decorrer da carta, o autor incorpora o pensamento de Camus, discutido em nossa caminhada reflexiva.<sup>167</sup> O seu questionamento, a partir do pensador, e em diálogo intertextual, refere-se justamente: “por quem” e “pelo quê” o ser humano se sacrifica.<sup>168</sup> Por isso, sua crítica se volta novamente ao individualismo, consumismo e competitividade, que acabam sendo, tantas vezes, os motivos pelos quais o ser se “sacrifica”, ou seja, aos quais dedica a sua vida. Esse acaba sendo, nas palavras de Camus, um *sacrifício estéril*, assim, para Sabato:

Trata-se de saber, como disse Camus, se seu sacrifício é estéril ou fecundo, e essa é uma questão que deve ser formulada em cada coração,

---

<sup>166</sup> O fragmento grifado não se encontra em *Abadon*.

<sup>167</sup> Cf. p. 80-90.

<sup>168</sup> Uma reflexão próxima à de Said sobre o comprometimento do escritor intelectual, e humanista, bem como do enfoque de Pizarro, sobre o compromisso crítico e humano de cada um.

com a gravidade dos momentos decisivos. Nesta decisão reconheceremos o lugar em que cada um de nós é chamado a opor resistência; então serão criados espaços de liberdade capazes de abrir horizontes antes inesperados. (SABATO, 2008, p. 90).

Da mesma maneira que é possível ocorrer uma conversão mútua entre o ético e o estético dentro das narrativas literárias, também podemos pensar como essa conversão ocorre na vida cotidiana, na convivência dentro da sociedade. Tanto em *Abaddon* quanto em *Sobre Heróis*, os personagens buscam outros modos de viver, sentir, ver, perceber, agir e pensar a vida e o mundo, eles resistem aos condicionamentos massificantes provindos de várias esferas: sociais, históricas, culturais, etc. Desse modo, a arte possui uma dimensão política, bem como a política uma dimensão estética. Assim como a arte, a política dá visibilidade ao modo de ser, pensar, agir e fazer de determinada comunidade. Por meio de uma conversão mútua, ética e estética, tornam-se potencialidades críticas e desafiadoras da cultura, dos valores morais, enfim, da própria realidade que se encontra estabelecida.

Nesse caso, é importante esclarecermos, que não se trata de confundir todo e qualquer pensamento do povo com obra de arte, porém, de refletir como a arte se encontra debruçada na experiência humana. Dentro dessa perspectiva, enfatizamos a pertinência de buscarmos os diálogos intratextuais e intertextuais que ocorrem na obra eleita. O autor se utiliza de fragmentos de suas próprias ficções para refletir, exemplificar e compor a sua proposta de resistência, isso é, numa conversão mútua entre o ético e o estético, ele assume as vozes de seus personagens dentro de sua obra de “virada de milênio”, e manifesta ainda mais a comprovação de que a *resistência* se encontra ficcionalizada em seus romances, com ênfase em *Sobre Heróis* e *Abaddon*.

A consciência de levar a vida para a arte, bem como de trazer a arte para a vida é que vai ampliando os tempos e os espaços, reduzidos pelos recortes realizados por aqueles que estão bem posicionados na esfera do sensível, impedindo, muitas vezes, a visibilidade dos que se encontram excluídos, “invisíveis”. O reconhecimento permitirá trazê-los para o espaço do dizível para que suas vozes não permaneçam apenas como murmúrios, meros ruídos. Torna-se pertinente

resgatarmos o pensamento de Jünger<sup>169</sup>, que o autor se utiliza para abrir a quinta carta: “[...] são os expulsos, os proscritos, os ultrajados, os despojados de sua pátria e de seu torrão, os empurrados com brutalidade aos mais profundos abismos. É entre eles que se encontram os catecúmenos de hoje.” (in SABATO, 2008).<sup>170</sup> A citação é uma espécie de chave para entendermos o que o autor está propondo, dessa forma, para isso, já que a resistência se encontra ficcionalizada, de maneira mais evidente em *Sobre Heróis e Tumbas*, é importante entendermos o desenlace do drama de Martín. Se o personagem/escritor Bruno, é quem mantém acesa “a chama da esperança” no espírito tumultuado de Martín, contudo, é por meio da jovem marginalizada Hortensia Paz que ele encontra sua redenção, ou seja, que ele encarna a resistência e encontra um sentido para a vida.

O encontro dos dois personagens se dá pelo motivo que Martín<sup>171</sup>, certo dia, saiu perambulando pelas ruas de Buenos Aires, carregado de conflitos, questionando o sentido da existência. O rapaz caminha sem rumo e, aos poucos, o mundo vai perdendo sua forma e solidez, então, ele adormece e acorda numa peça qualquer, em que vive a jovem Hortensia e seu pequeno bebê. Martín fica impressionado com as dificuldades vividas pela mulher e ao mesmo tempo com sua vontade de continuar lutando:

Martín começava a adquirir mais lucidez. Olhou-a: os sofrimentos e o trabalho, a pobreza e a desgraça não haviam conseguido borrar o rosto daquela mulher uma expressão doce e maternal.  
 - Sem ir muito longe, olhe para mim, veja tudo que tenho. Martín olhou a mulher, sua pobreza e solidão naquela pocilga infecta.  
 - Tenho o nenê - prosseguiu ela tenazmente - tenho uma vitrola velha [...], não há nada tão lindo como a música.  
 - Como se chama você?

<sup>169</sup> Romancista alemão que escreveu *Sobre as falésias de Mármore* (1939), romance alegórico que denuncia a barbárie perpetrada pelo nazismo.

<sup>170</sup> *Catecúmeno*: Indivíduo que se prepara para iniciar uma atividade, receber/cumprir uma missão.

<sup>171</sup> Martín, sem encontrar sentido para a sua existência, estava pensando em suicídio e Bruno o ajuda a entender algumas razões da vida, apesar das adversidades enfrentadas pelo ser humano. Porém, o objetivo da obra *Sobre Heróis* não se resume apenas em revelar a busca de sentido por parte de Martín, mas se abre para uma reflexão mais profunda, por meio das meditações do personagem Bruno e discutidas pelo narrador, apresenta-se como sendo uma busca da própria humanidade: **Toda consideração abstrata, embora se referisse a problemas humanos, não servia para consolar homem algum, para mitigar nenhuma de suas tristezas e angústias que pode sofrer um ser concreto de carne e osso, um pobre ser com olhos que olham ansiosamente (para quê ou para quem?).** Porque felizmente (pensava) o homem não está só feito de desesperação, mas também de fé e esperança [...]. Porque se prevalecesse a desesperação, nos deixaríamos morrer todos ou nos mataríamos e, isso não é de modo algum o que ocorre. (SABATO, 1980, p. 206, grifo nosso).

- Hortensia Paz, às suas ordens.

- Eu me chamo Martín. [...].

Tirou o anel que usava no dedo mingo, presente de sua avó. Presenteou-lhe o anelzinho. A moça ficou vermelha e recusou.

- Você não me disse que na vida há tantas alegrias? - perguntou Martín? - se aceita esta lembrança terei uma grande alegria. É a única alegria que tive nos últimos tempos, você não quer que eu fique contente?

Hortensia continuava hesitando. Então ele o pôs em sua mão e saiu correndo. [...].

Quando chegou a seu quarto, amanhecia. Abriu a janela. Pelo oeste, a Kavanagh ia se recortando pouco a pouco sobre um céu cinzento. Como havia dito Bruno, certa vez? A guerra podia ser absurda ou equivocada, mas o pelotão ao qual pertencemos era algo absoluto. D'Arcangelo, por exemplo. Ou a própria Hortensia. Um cachorro, basta. (SABATO, 1980, p. 493-94-95).

Sabato sempre enfatiza a arte que resiste como via de resgate da condição humana, a qual se debruça na experiência humana e também permite, muitas vezes, visibilidade aos invisíveis e trazem os ruídos, os “sem voz”, para o espaço do dizível. Por meio dessa concepção, a arte deixa de ser apenas ficção, enquanto *mentira*, tornando-se um espaço em que se coloca uma verdade exigente, que questiona se a realidade, em que vivemos e acreditamos ser verdadeira é de fato verídica ou ficcional. Assim, podemos dizer que a obra *A Resistência* possui uma dimensão política, por envolver questões que se referem à condição humana e a vida em sociedade, bem como sua proposta está penetrada pela poética da política de Sabato, por uma *práxis contemporânea*, que instiga e propõe outros modos de ver, pensar, agir, etc., para que a *Partilha do sensível* possa ser melhor compartilhada.

Nessa perspectiva, o que o autor propõe em sua obra de “virada de milênio”, articula-se não somente ao âmbito das atividades políticas formais e administrativas, mas também e, principalmente, propõe que se inicie pelas práticas informais e cotidianas: “[...] neste caminho sem saída que hoje enfrentamos, a recriação do homem e seu mundo surge não como uma escolha entre outras, mas como um gesto impreterível quanto ao nascimento de uma criança quando é chegada a hora.” (SABATO, 2008, p. 90).

Dentro do seu entendimento sobre o que é resistir, como algo singelo e mais modesto, ele sugere estratégias que podem ser concretizadas no cotidiano, na vida em sociedade, são os pequenos valores que geram grandes mudanças, em suas próprias palavras. Nesse sentido, a Arte que resiste e a *Serenidade* são alternativas

de humanização do ser e da vida para que as interações e relações humanas e afetivas, não se tornem frágeis laços que podem ser desfeitos perante qualquer desagrado ou mera dificuldade, isso é, dissolvidos com a liquidez contemporânea.

Nas palavras do autor, ao concluir a quinta carta:

Os homens encontram nas próprias crises a força para a sua superação. Assim o demonstraram tantos homens e mulheres que, contando apenas com a sua tenacidade e sua valentia, lutaram e venceram as sangrentas tiranias do nosso continente. O ser humano sabe fazer dos obstáculos novos caminhos, porque à vida basta o espaço de uma fresta para renascer. Nessa tarefa, o primordial é negar-nos a sufocar a vida que podemos dar à luz. Defender, como heroicamente fazem os povos ocupados, a tradição que nos revela quanto de sagrado há no homem. Não deixarmos desperdiçar a graça dos pequenos momentos de liberdade de que podemos desfrutar: uma mesa compartilhada, umas criaturas que amparemos, uma caminhada entre as árvores, a gratidão de um abraço. Gestos de coragem como saltar de uma casa em chamas.<sup>172</sup> Não são atos racionais, mas isso não importa: nós nos salvaremos pelos afetos. (SABATO, 2008, p. 90-91).

O fragmento, principalmente as primeiras linhas, mantém diálogo intratextual com o pensamento de Bruno, em *Sobre Heróis*. Bruno, em conversa com Martín, silencia por um momento, seu olhar se torna abstrato e se sente desamparado frente a um universo minucioso e rico, então medita sobre o ser humano concreto, de carne e osso, essa criatura que só sobrevive pela esperança. Então pensa nas grandes guerras, barbáries, que parecem não arrefecer a força de vontade, a resistência humana em continuar lutando, criando e recriando a si e a sua realidade, por isso, a esperança renasce sempre outra vez em meio às calamidades, como o próprio personagem enfatiza: “E este mesmo renascer de algo tão absurdo, tão sutil e tão intimamente absurdo, tão desprovido de todo fundamento é a prova de que o homem não é um ser racional.” (SABATO, 1980, p. 206). A partir dessa reflexão, o personagem Bruno medita sobre os valores absolutos que renascem a partir do compromisso mútuo entre os seres humanos. Podemos observar que, em diálogo com Martín, ele recorda do valor da amizade entre Exupéry e seu companheiro telegrafista, da esperança e cumplicidade de um pelotão em meio a uma guerra, bem como da confiança e do zelo existentes em um grupo de bombeiros que arriscam suas vidas para salvarem outras. Nessa perspectiva, se a questão da resistência já se encontra de maneira latente, bem como ficcionalizada nos

---

<sup>172</sup> Cf. p. 172 sobre o desejo de Bruno em se entregar a algo comunitário, em pertencer a um grupo, como sendo um bombeiro ou integrante de um pelotão em sentinela, que o personagem tanto se refere, enfim, a algo em que seja possível realizar um esforço pelos demais.

romances do autor, sobretudo em *Sobre heróis*, é somente na obra *Antes del fin* que ele explicitará pela primeira vez o termo *resistência* dentro de sua proposta do que é resistir:

Yo reafirmo a diario mi confianza en ustedes. Son muchos los que en medio de la tempestad continúan luchando, ofreciendo su tiempo y hasta su propia vida por el otro. [...] mostrándonos que, en estos tiempos de triunfalismos falsos, **la verdadera resistencia es la que combate por valores que se consideran perdidos.** [...] les propongo entonces, con la gravedad de las palabras finales de la vida, que nos abracemos en un compromiso: salgamos a los espacios abiertos, arriesguémonos por el otro, esperemos con quien extiende sus brazos, que una nueva ola de la historia nos levante. Quizá ya lo está haciendo, de un modo silencioso y subterráneo, como los brotes que laten bajo las tierras del invierno. [...] **sólo quienes sean capaces de encarnar la resistencia serán aptos para el combate decisivo, el de recuperar cuanto de humanidad hayamos perdido.** (SABATO, 1998, p. 167-172, grifo nosso).

Sabato acreditava que *Antes del fin*, sua obra de memórias, dentro do gênero autobiográfico, seria seu último escrito, devido a sua idade avançada e saúde fragilizada, por isso, o que observamos no fragmento acima é apenas o embrião de sua proposta de resistência, que ele desenvolve mais profundamente na obra em foco. A partir do que o autor propõe nas últimas páginas de *Antes del fin*, podemos verificar uma das metas principais que sua proposta pretende atingir: o resgate dos verdadeiros valores humanos e espirituais. A reflexão de Sabato, em *Antes del fin*, permeada pelo compromisso crítico e humano, acentua que o que ele propõe é: “[...] algo por lo que todavía vale la pena sufrir y morir, una comunión entre hombres, aquel pacto entre derrotados. Una sola torre, si, pero refulgente e indestructible.” (SABATO, 1998, p. 171).

A palavra no plural “*derrotados*” possui uma conotação muito forte nas ficções do autor, pois seus personagens se encontram em contínua tensão entre si e o mundo e, são os mais desamparados, desiludidos, fracassados, nas palavras de Fernando Vidal, os “*héroes al revés*”, que procuram um sentido mais pleno da existência e estão sempre em busca do absoluto. Parece contraditório, porém, são eles que encarnam mais efetivamente a resistência, por isso, o autor acentua que sua proposta é como um “*pacto entre derrotados*”, em que, apesar do sentimento de orfandade que assola grande parte da humanidade, é possível resistir e, com essa convicção, entra em cena a importância dos afetos. Em seu ponto de vista, são as pessoas que mais sofrem no mundo e que mais vivem os conflitos de seus enganos

e desenganos que parecen transmitir mais intensamente os seus afetos.

Nessa perspectiva, podemos verificar, nos romances do autor, uma intensa preocupação com os sentimentos e as emoções, bem como com os afetos<sup>173</sup>. Por isso, seus personagens sempre demonstram os conflitos entre “las luces y las tinieblas”, em que a afetividade se torna uma maneira de resistência à alienação, incomunicação e solidão.

Por meio do percurso de análise realizado, podemos constatar que a questão da resistência já se encontra de maneira latente nas obras que antecederam *A Resistência*, sobretudo, nas obras ficcionais. Dessa maneira se configura a proposta de resistência do autor, bem como suas estratégias, que está permeada, como já viemos analisando em outras cartas, por uma *práxis contemporânea* e pensada por um escritor intelectual que se coloca em contínuo estado de sentinela em meio ao pelotão composto pela humanidade, assim como Bruno se imaginava em *Sobre Heróis*. Se o autor assume a voz do personagem-escritor Bruno, em vários instantes da carta e no decorrer de toda a obra, podemos verificar, então, a existência da ficcionalização da resistência. Nessa perspectiva, Martín<sup>174</sup> deixa de ser apenas um

<sup>173</sup> Conforme Maria Rosa Lojo: De Sabato se puede afirmar cada vez más un ataque decidido contra la modernidad, [...] donde el territorio nocturno de lo inconsciente, de la afectividad es superado con violencia de la zona 'racional'. (LOJO, 2005, p. 125).

<sup>174</sup> Entrevista concedida por Ernesto Sabato à *Página 12* (1998), Buenos Aires:

**P.12-** *¿Con cuál de sus personajes se identifica hoy? ¿Martín, Bruno, Juan Pablo? ¿O tal vez con alguna de las mujeres?*

**E.S-** *¿Por qué hoy?*

**P.12-** *Porque han pasado muchos años y es posible que usted haya descubierto en ellos cosas nuevas que no había visto antes, cuando los creó. Usted cambió; ellos también cambiaron.*

**E.S-** [...] todos salieron de mi corazón. Todos son emanaciones de mi propia inconsciencia, que jamás engaña. –Se sentó, miró hacia el techo y quedó en silencio. Finalmente añadió -: El corazón de cualquier mortal es un conjunto de contradicciones, algunas aterradoras, como sucede con las pesadillas. Todos somos, no digo algunos, sino todos, una mezcla de bondad, maldad, ateísmo y espíritu religioso, generosidad y egoísmo, valentía y cobardía.

**P.12-** *¿Cuál de esos seres de ficción creados por usted le resulta el más querido?*

**E.S-** Hay varios, sí, sí varios – dice, y poniéndose de pie vuelve a mirar hacia afuera por la ventana -. Martín adolescente en *Sobre Héroe y Tumbas*. Y la sirvienta de la calle Reconquista, hotel de marineros (Hortensia Paz). *¿Recuerda algo de eso?*

**P.12-** *Sí, claro, la que lo salva del suicidio.*

**E.S-** Vive en un altílo, pobrecita, con un retrato de Gardel en la pared y una lámina de ésas que parecen de un retrato de anatomía de Testut, donde Cristo muestra su corazón en el centro de su pecho abierto.

**P.12-** *También hay un retrato de Evita.*

**E.S-** Sí, le da un mate cocido caliente y trata de reanimarlo. “Niño, hay tantas cosas lindas en la vida, dice mostrándole el cajón de verduras donde duerme su hijito. Mire, aquí me dejan tenerlo conmigo. Tengo esta victrola vieja y unos discos de Gardel. Hay tantas cosas lindas. Las flores, los perros, los pájaros.” Cuando el pobre Martín se levanta ya no se suicidará como pensaba.

**P.12-** *¿Es ese pequeño personaje uno de los que más ama?*

adolescente de sua ficção e passa a simbolizar a própria humanidade fragilizada<sup>175</sup>, que encontra em Hortência Paz a encarnação da resistência, que simboliza a força de vontade humana em continuar resistindo frente às adversidades. Assim, podemos refletir que a ficção não trabalha diretamente com o acontecido, ela vai além, e desenvolve o acontecível, desse modo, é aí que permeia a utopia, o desejo de um mundo diferente. Até porque, se a arte, às vezes é um espelho, esse espelho é mágico<sup>176</sup>, pois transforma a realidade, em que ela deixa de ser apenas representação e contemplação e se torna, também, intervenção sobre a mesma. Considerando que *Sobre Heróis e Tumbas* foi escrito durante uma crise na Argentina, podemos dizer que os personagens carregam os conflitos dessa crise, mas também repensam seu contexto e a si próprios: reinventam-se e recriam-se para continuar vivendo, resistindo. Nesse enfoque, a ficção do autor carrega essa potencialidade problematizadora e desafiadora das diversas realidades eleitas, questionando-as e interrogando-as, atravessada por seus ideais, convicções e ideias, continuamente aprofundadas, a sua ficção se torna o *núcleo propulsor* da questão que se materializa em proposta na obra de “virada de milênio”: *A Resistência*.

Desse modo, podemos constatar que a *práxis contemporânea*, que prossegue permeando a sua proposta, está constituída em seu contínuo questionamento e inconformismo *da/perante* as realidades que se apresentam. Na crítica, o individualismo, o consumismo e a competitividade são fatores contemporâneos,

---

**E.S-** Claro que sí, no se puede mentir en cosas tan graves, y mucho menos en personajes de ficción. A menudo he sido duro, sarcástico, peleador, pero también he podido sentir cosas tan sencillas y fundamentales como ésta de la pobre sirvientita inventada. Esta posibilidad es la que desde que era un adolescente me ha inclinado hacia los pobres, los humillados, las razas perseguidas. (*Página 12*, 1998 in CONSTENLA, 2000).

<sup>175</sup> Em *Antes del fin* Sabato escreve: Diego Curatella, que en estos últimos años trabaja conmigo, me recuerda lo que dice Camus: “No hay más que un problema filosófico verdadero serio: el suicidio. Juzgar que la vida vale o no la pena de que se la vida es responder a la pregunta fundamental de la filosofía”. Y en momentos en que cavilo sobre la vida, sobre este enigmático final, cuando ya no tengo fuerzas para seguir escribiendo, cuando todo me parece absurdo e inútil, y este libro, sobre todo este libro, ¿qué clase de ánimo podría darles a quienes desesperadamente me piden auxilio? [...]. Él me recordó lo que Bruno dice en una de mis novelas: “**Cualquier historia de las esperanzas y desdichas de un solo hombre, de un simple muchacho desconocido, podía abarcar a la humanidad entera.** Escribir sobre ciertos adolescentes, los seres que más sufren en este mundo implacable, los más merecedores de algo que a la vez describa su drama y el sentido de sus sufrimientos”. (SABATO, 2006, p. 155, grifo nosso).

<sup>176</sup> Octavio Paz (1984).

toxinas da modernidade líquida, que se acrescentam e são discutidos junto a outros problemas tratados pelo autor em seus romances: solidão, incomunicação, alienação. Por isso ele acredita que somente os valores humanos e espirituais que humanizam e criam laços de comprometimento mútuo, poderão regatar a humanidade do “terremoto” que ameaça a condição humana. Portanto, ele convida os seres humanos para a recriação da própria existência, bem como a criação de outros modos de ver, pensar, agir, fazer, que também estão presentes em sua ficção, para que as modificações necessárias voltadas à transformação da realidade humana possam ser efetivamente concretizadas, para que a *Partilha do sensível* possa ser melhor compartilhada.

## 2.6 Epílogo: *A decisão e a morte*

O morrer, essa intangível ação que se cumpre obedecendo,  
ocorre para além da realidade, em outro reino.  
M. Zembrano

Ao chegarmos ao epílogo, como a própria palavra já diz, a recapitulação das ideias do autor, dando o desfecho da obra, percebemos que o autor retoma muitas das reflexões realizadas durante as cinco cartas. Por isso, não nos deteremos em analisá-las novamente, buscaremos compreender um pouco mais o que levou o autor a escrever essas cartas ensaísticas na “virada do milênio”.

O autor inicia o epílogo a partir de uma meditação sobre a existência, em que a tensão da vida reside justamente no fato de que cada dia, cada hora, em suas palavras, é insubstituível. O ser humano é a sua experiência vivida, por isso, é da razão de existir do ser estar sempre em busca, ousando, criando, recriando. Nesse desfecho se manifesta também o porquê de suas cartas-ensaísticas estarem sempre criticando a massificação do pensamento, os vários sistemas e poderes ideológicos e culturais que homogeneizam e banalizam a consciência crítica e os valores que constituem o ser e a vida humana. Como ele enfatiza:

Penso que o essencial da vida é a fidelidade ao que acreditamos ser o nosso destino [...]. Há momentos decisivos na vida dos povos, assim como na dos homens. Hoje estamos atravessando um desses momentos, com todos os riscos inerentes; mas toda desgraça é frutífera, quando o homem é capaz de suportar o infortúnio com grandeza, sem claudicar em seus

valores. (SABATO, 2008, p. 97-99).

Sabato acredita que, apesar da crise, ainda é possível criar novos espaços de liberdade e solidariedade para que outros horizontes possam ser vislumbrados. A crítica do autor, à pós-modernidade<sup>177</sup>, encontra-se no intuito de pensar a condição humana que foi “retalhada” pelo racionalismo exacerbado e o abismo que se estabeleceu entre o diurno e o noturno, “las luces y las tinieblas”, o racional e o irracional. Desse modo, tanto a sua criação ensaística, quanto a ficcional implicam em refletir e propor alternativas para a humanidade *encarar* a desintegração da cultura e da sociedade ocidental.

Se, por um lado, Sabato faz uma reflexão desencantada com a cultura humanista gerada com o *Renascimento*, por outro, ele reclama por sua ressignificação, pois, desde a primeira carta, ele confessa a sua crença na capacidade humana de transformar a si e ao mundo ao seu redor. Essa elucubração leva o autor a escrever que, por muito tempo, acreditou que esse era um tempo final, principalmente diante dos acontecimentos atuais e de seu estado de espírito, que o fizeram ter “pensamentos catastróficos, que não deixam lugar para a existência humana sobre a terra.” (SABATO, 2008, p. 101). Porém, seu espírito resistente, por vezes, ao contrário do pessimismo que imobiliza, faz com que ele perceba que a vida é capaz de encontrar brechas surpreendentes e criativas: “[...] como quem percebe que a vida nos ultrapassa, superando tudo o que podemos pensar sobre ela.” (*idem*).<sup>178</sup> O “balanço sombrio” de nossa época e, ao mesmo tempo, carregado de esperança, faz de Ernesto Sabato um intelectual ativo e crítico, preocupado sempre com a inquietante condição humana que acaba por se deparar com frequentes crises existenciais, culturais, sociais, etc. Se, a consciência e a criação nascem da revolta, da insatisfação, elas provêm do espírito inconformado diante do “suposto real”, assim, a não-conformação induz à consciência crítica que propõe alternativas de transformações: “[...] sinto entusiasmo ante essa possibilidade de encontrarmos outra maneira de viver.” (SABATO, 2008, p. 102).

---

<sup>177</sup> Lojo (2005).

<sup>178</sup> A partir das meditações de Bruno, o narrador de *Sobre Heróis e Tumbas* enfatiza: Nossa razão, nossa inteligência, constantemente nos estão provando que este mundo é atroz, motivo pelo qual a razão é aniquiladora e conduz ao ceticismo e finalmente à aniquilação. Mas, por sorte, o homem não é quase nunca um ser razoável, e por isso a esperança renasce uma e outra vez em meio às calamidades. (SABATO, 1980, p. 206).

Criticar, atacar ou apontar os abusos de algo não significa o mesmo que desconsiderá-lo ou destruí-lo.<sup>179</sup> A partir desse pensamento, podemos constatar que a elucubração de Sabato sobre o humanismo, o fato de ele criticar alguns exageros cientificistas e supremacistas humanos, não significa uma negação. Até porque, no decorrer do epílogo, ele afirma continuamente a crença no ser humano e na capacidade que todos têm de criar, bem como de se unir em torno da celebração da fé na humanidade. Dessa maneira, todos são capazes de ler a história, a cultura; de entendê-las, criticá-las, pensá-las e, ao refletir sobre as mesmas, construir, criar e recriar parte delas. O ser humano vive numa sociedade com um sistema condicionante e não há como subverter tudo, porém, a consciência crítica permitirá a resistência perante os sistemas e poderes ideológicos (não somente político-partidários, mas também midiáticos, culturais, etc.) que, muitas vezes, impossibilitam o ser humano de refletir sobre sua história, cultura e a si próprio, de utilizar sua aguçada capacidade de criar, recriar e transformar a própria realidade. Nas palavras de Sabato:

Não podemos esquecer que nestes velhos tempos, já gastos em seus valores, há quem não acredite em nada, mas também há milhões de seres humanos que trabalham e permanecem à espera como **sentinelas**. [...]. Quem dera, em vez de alimentarmos os caldos do desespero e da angústia, avançássemos com paixão, revelando um entusiasmo pelo novo que expressasse a confiança que o homem pode ter na própria vida, justamente o contrário da indiferença! Parar de erguer muros em volta de nós mesmos, desejar um mundo mais humano e já estar a caminho dele. (SABATO, 2008, p. 103, grifo nosso).

Nos últimos parágrafos do epílogo, o autor realiza uma meditação sucinta sobre a morte, consciente da brevidade da vida e da impossibilidade de deter o inefável transcurso da existência, reflete sobre a intensidade que procura vivê-la “a cada segundo”. A meditação do autor sobre a morte nos remete às reflexões de seus personagens sobre essa *passagem existencial*. Em suas três ficções, Sabato cria, basicamente, quatro personagens que são escritores: Juan Pablo Castel (*O Túnel*), Bruno e Fernando Vidal (*Sobre Heróis e Tumbas*) e o personagem Sabato (*Abadon o exterminador*). Curiosamente, os quatro procuram realizar profundas reflexões sobre o sentido da existência e da morte; alguns, assim, como o próprio autor, discutem os conflitos da condição humana em suas várias esferas: sociais, culturais, existenciais, espirituais, de uma perspectiva da proximidade da morte; é o

<sup>179</sup> Said (2007), vide aprofundamento no tópico *Aproximações entre Sabato e Said* p. 41.

que ocorre com os personagens Vidal e Sabato. Essa análise permite constatar a unidade de pensamento do autor que percorre e constitui a sua obra. No fragmento a seguir, de *Abaddon*, podemos verificar uma reflexão sobre a existência e a proximidade da morte, por meio do personagem-escritor Sabato ao conceder uma entrevista para a TV de Buenos Aires:

- Señor Sabato, me encantaría pudiese contestarme algunas preguntas: ¿qué opina del boom latinoamericano? [...] ¿Prefiere los días de sol o los nublados? [...] ¿qué piensa de Borges? [...]  
 - Veá, amigo, dejémonos de tonterías y de una vez por todas digamos la verdad. Pero eso sí: toda la verdad. Quiero decir hablemos de catedrales y prostíbulos, de campos de concentración, de torturas y además de esperanzas. Yo, por lo menos, no estoy para bromas porque me voy a morir. El que sea inmortal que se permita el lujo de seguir diciendo pavadas. Yo no: tengo los días contados (pero qué hombre, amigo periodista, no tiene los días contados, dígame: con la mano sobre el corazón). (SABATO, 2006, p. 221-222).

No final da quarta carta, o autor incorpora um fragmento retirado na íntegra da obra *Sobre Heróis e Tumbas*, em que o narrador descreve a meditação do personagem-escritor Bruno sobre a morte e o sentido da existência:

Mais um dia terminou em Buenos Aires: algo irrecoverável para sempre, algo que inexoravelmente o aproximava mais um passo de sua própria morte. E tão rápido, enfim, tão rápido! [...] e pensando em seguida, como diante de um abismo, como era pouco, miseravelmente pouco o que restava daquela caminhada em direção ao nada. E então, para quê? E quando chegava a esse ponto e parecia que nada mais tinha sentido, topava por acaso com um desses cachorrinhos vira-latas, faminto e carente de carinho, **com seu pequeno destino (tão pequeno quanto seu corpo e seu pequeno coração que corajosamente resistirá até o final**, defendendo aquela vida pequena e humilde como dentro de uma mínima fortaleza), e, então, recolhendo-o, levando-o até uma casinha improvisada onde pelo menos não passasse frio, dando-lhe alguma coisa de comer, **convertendo-se em sentido da existência daquele pobre bicho, algo mais enigmático e mais poderoso que a filosofia parecia voltar a dar sentido a sua própria existência**. Como dois desamparados em meio à solidão que se deitam juntos para se aquecerem mutuamente. (SABATO, 2008, p. 80, grifo nosso).<sup>180</sup>

Na finalização do epílogo, o autor acentua que cada vez mais os exercícios “ditos racionais” vão perdendo a importância, como se já não tivessem muito a oferecer. Por isso, põe-se a escrever às apalpadelas, em tom de desespero lúcido e a pintar em *frenesi*, consciente de ser incapaz de parar o fluxo do tempo, porém como se pudesse enganar a morte: “[...] como se a morte pudesse entender as minhas razões, e eu bancar a Penélope para detê-la.” (SABATO, 2008, p. 104). Ele ainda

<sup>180</sup> Esse fragmento, incorporado na quarta carta, encontra-se na íntegra em *Sobre Heróis e Tumbas* (1980, p. 158).

relata que, em outros tempos, a morte lhe representava a prova da crueldade da existência e via, na sua atitude contra essa passagem misteriosa, uma forma de continuar realizando suas prometidas lutas cotidianas, contudo, agora que a morte se aproxima, outra compreensão penetrou em sua consciência, a qual nunca tivera. Entre recordações e esquecimentos, acentua que, às vezes, um tempo que ele julgava desperdiçado se mostra com mais luz e intensidade que algum outro, que ele tinha como sublime. Por esse motivo, em suas cartas-ensaísticas, dentro de sua proposta de resistência, Sabato sempre está insistindo, ademais do resgate dos valores humanos e espirituais, na necessidade de relações e interações humanizadas, bem como na importância do diálogo, enfim, do encontro humano. Ele conclui o epílogo destacando que se esqueceu de grandes trechos de sua vida, porém, em compensação: “[...] ainda palpitam em minhas mãos os encontros, os momentos de perigo e o nome daqueles que me resgataram das depressões e amarguras.” (SABATO, 2008, p. 105).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O mundo parece feio, mau e sem esperança. Esse é o desespero tranquilo de um velho que sabe que vai morrer ali dentro. Mas justamente eu resisto e eu sei que vou morrer na Esperança. Mas essa esperança é preciso construí-la.*

Jean Paul Sartre

Os caminhos de reflexão, traçados juntamente com os autores eleitos, nos serviram para que pudéssemos analisar como se configura a proposta de resistência do autor dentro da obra escolhida: *A Resistência*.

Durante o nosso percurso de análise das cartas, pudemos constatar que a *questão da resistência* que se explicita na obra de “virada de milênio”, em forma de proposta, já se encontra de maneira latente em outras obras que a precederam, sobretudo, nas ficcionais. Desse modo, podemos dizer que a *resistência* sugerida pelo autor se encontra ficcionalizada em seus romances, com ênfase em *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e em *Abaddon o exterminador* (1974).

Na primeira carta, o autor abre a sua proposta dizendo que em certos dias ele acorda com uma “esperança demencial” num mundo mais humano, porém essa “espera” que ele se refere não tende ao comodismo, ela incita as pessoas para que trabalhem pela transformação da realidade humana. Podemos dizer que o pensamento a seguir de Sartre reflete um pouco sobre a proposta encontrada na obra que nos dispomos a analisar: “O mundo parece feio, mau e sem esperança. Esse é o desespero de um velho que sabe que vai morrer ali dentro. Mas justamente eu resisto e eu sei que vou morrer na *Esperança*. Mas essa esperança é preciso construí-la.” (SARTRE, 1986, p. 76). Assim como nas palavras de Sartre, Sabato também acredita que essa esperança deve ser construída. Por isso a sua proposta está permeada por uma *práxis contemporânea*: negação/interrogação (inconformação) diante da realidade que se apresenta, bem como perante os diversos poderes e sistemas desumanizadores. Ela também é composta por resgate/ressignificação dos verdadeiros valores humanos e espirituais que constituem o ser e a vida; e projetada pela criação/recriação de outros modos de ver, pensar, agir o/no mundo que impulsionarão a recriação da existência e a transformação da realidade humana.

A resistência proposta na obra não se encontra separada entre individual e coletiva, porque ela entende que ambas as escalas interagem mutuamente, em outras palavras, o entendimento humano só poderá ser realizado numa escala coletiva, se antes for realizado numa escala individual. A reflexão do autor dialoga com o pensamento de Camus quando este enfatiza que a revolta gera a solidariedade, o inconformismo não é uma atitude egoísta e sim uma partida que almeja a tomada de consciência de todos. Dessa maneira, a partir de uma análise mais profunda d'*A Resistência* pudemos constatar que a proposta aí presente parte da vida cotidiana, do que cada um pode realizar a si e ao mundo ao seu redor, para, então, atingir de modo mais preciso outras escalas, como a coletiva, considerando que elas dialogam sempre porque a resistência é um processo contínuo.

Como verificamos em nossa análise, a proposta da obra de “virada de milênio” apresenta alternativas para que a resistência possa ser incorporada ao cotidiano, à vida em sociedade, para que a *práxis* que a permeia possa ser efetivada. Entre as várias estratégias, elegemos a *arte* e a *serenidade*, até por serem as que se encontram melhor enfatizadas pelo autor dentro da obra.

A *arte resistente*, sugerida pela obra, apresenta-se como propulsora da consciência crítica e humana, tornando-se nicho de resistência, que salvaguarda os verdadeiros valores humanos e espirituais que contribuem para a humanização e transformação do ser e da vida. Em sintonia com essa primeira estratégia, a obra oferece a *serenidade*, enquanto via para que a reflexão humana possa ser restabelecida, permitindo que a arte se incorpore ao cotidiano, em condições de proteger e encorajar a humanidade.

Se a proposta da obra é a resistência, as alternativas sugeridas são a *arte* e a *serenidade* que irão munir a humanidade para que ela possa encarar a realidade e partir para a sua transformação, em que essa ação ativa é pensada pelo autor como sendo uma *práxis contemporânea*.

Sabato é um escritor-intelectual que se apresenta de maneira comprometida, em que procura, constantemente, manter seu estado de vigília, do qual busca alertar as pessoas sobre o processo de desumanização que ocorre no cotidiano, na vida em sociedade. Durante os caminhos de reflexão, bem como no percurso de nossa

análise, foi possível perceber, por meio dos diversos pronunciamentos do autor e de suas obras, seu contínuo comprometimento com a realidade argentina e, de certa parte, com a humanidade. Por mais que tenha sido, muitas vezes, criticado por outros artistas e intelectuais, devido seu envolvimento com questões polêmicas, como no caso da CONADEP, ele parece não ter titubeado muito em suas convicções, pois na “virada do milênio” insiste em discutir os diversos problemas e “toxinas” gerados na *Modernidade Líquida*, apresentando uma proposta de resistência perante a liquidez. Assim, é nesse sentido que podemos perceber a unidade literária do autor, que no decorrer de suas produções vem aprofundando a questão da resistência. Por isso que muitas questões e assuntos, abordados na obra *A Resistência*, são sínteses e absorções de ideias e ideais que Sabato vem discutindo há muito tempo em seus ensaios e em suas ficções. Isso nos leva a constatar que a *questão da resistência* se encontra de maneira latente em suas obras anteriores, desde *Uno y el Universo* (1945). Contudo, apenas surge em forma de proposta, brevemente, em *Antes del fin* (1998) e se desenvolve mais profundamente n’*A Resistência* (2000). Nessa perspectiva, as obras de Sabato são uma: “[...] profundización progresiva de una obsesión primera.”<sup>181</sup>

Desse modo, a obra em foco, mantém relações intertextuais e intratextuais, isto é, dialoga com conjuntos textuais de outros autores, mas, sobretudo, com o conjunto textual do próprio autor. Como pudemos ver em nossa análise, além de ela dialogar com suas produções anteriores, também está composta por fragmentos retirados, praticamente na íntegra, de suas ficções, com ênfase de *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadón o Exterminador* (1974). Essa constatação tornou ainda mais instigante a nossa análise e reflexão, pois além de analisarmos a intratextualidade que ocorre n’*A Resistência*, é possível perceber que o autor transforma as vozes dos seus personagens, retirados da ficção, em sua própria voz.

Dentro dessa perspectiva, se em *O escritor e seus fantasmas* Sabato (1985, p. 43) escreve que: “É só com máscaras, no carnaval ou na literatura, que os homens se atrevem a dizer suas (tremendas) verdades últimas”, então, podemos dizer que, nessa obra de “virada de milênio”, o autor arrisca revelar algumas de suas “verdades últimas” e se desfazer de algumas de suas máscaras. Posiciona-se dessa

---

<sup>181</sup> De acordo com o pesquisador Antonio Melis. (apud MARTÍN, 2007, p. 692).

forma, assumindo os conflitos, as angústias, as fraquezas, encantos e desencantos, meditações, experiências, críticas mordazes, bem como a esperança e sua perspectiva de resistência, distribuídos entre seus personagens, dentro de suas ficções.

Em várias entrevistas e obras ensaísticas, o autor sempre enfatiza que: “[...] o romance é noturno e o ensaio diurno.” (SABATO, 1993, p. 96). Assim refletido, o que se apresenta, na obra em foco, não é estritamente um pensamento noturno ou somente diurno, contudo, nela se manifesta um “crepúsculo sabatiano”, o encontro de realidades translúcidas, entre “las luces y las tinieblas” como o autor frequentemente se refere. Assim, *A Resistência*, escrita de maneira ensaística dentro do gênero literário *epistolar*, podendo ser denominada também de carta-ensaio, condensa a experiência do autor, por isso nela se apresenta a sua odisséia espiritual, existencial e intelectual. Toda essa análise, das relações e diálogos existentes dentro do seu conjunto de textualidade, e com os demais textos que se apresentam na obra escolhida, esteve intimamente interligada ao propósito de pensar, refletir e analisar como se dá e se desenvolve a *questão da resistência*, que se encontra de maneira latente em obras anteriores do autor, emergindo mais explicitamente dentro de uma proposta n’*A Resistência*.

Como pudemos ver em nossa análise, nessa obra sobressai, juntamente, a postura crítica e comprometida de um intelectual que apresenta o seu “balanço sombrio” da época que vivemos e, contudo, com a sua proposta para resistir, oferece estratégias para que ela possa ser concretizada, incorporada ao cotidiano, à vida em sociedade.

Sabato acredita que, apesar da crise, ainda é possível criar novos espaços de liberdade e solidariedade para que outros horizontes possam ser vislumbrados. Se a consciência e a criação nascem da revolta, da insatisfação, elas provêm do espírito inconformado diante do “suposto real”, assim, a não-conformação induz à consciência crítica e humana que propõe alternativas de transformações: “Do nosso compromisso em face da orfandade pode surgir outra maneira de viver, em que fechar-se em si mesmo seja escandaloso, em que o homem possa descobrir e criar uma existência.” (SABATO, 2008, p. 90).

Sabato (2002), em entrevista ao jornal *El Clarín*, enfatiza que n'A *Resistência* habita a esperança e ela é insensata, por isso ele abre a primeira carta confessando a sua “esperança demencial” num mundo mais humano. Assim como reflete o narrador de *Sobre Heróis e Tumbas*, a partir das meditações do personagem Bruno, sobre a resistência humana frente às várias adversidades:

[...] não eram as ideias que salvaram o mundo, nem o intelecto, nem a razão, mas justamente ao contrário: aquelas **insensatas esperanças** dos homens, sua fúria persistente de sobreviver, seu desejo [...], seu pequeno, teimoso e grotesco heroísmo de todos os dias frente ao infortúnio. (SABATO, 1980, p. 207, grifo nosso).

Nessa perspectiva, a voz do ensaísta, no caso de Sabato, constrói-se a partir de concepções pré-formadas, que ele coloca em crise e, em seu exercício de tentativas, enquanto provocações, denuncia o ideal de certeza, da verdade absoluta livre de dúvidas, sobre o que ele se propõe a criticar e apresentar. Por isso, o ensaio é uma abertura para múltiplas maneiras de se pensar, isto é, ele não apresenta conclusões. O ensaísta, em seu labor crítico, leva o leitor a pensar e refletir e, nessa circunstância, por estar incorporado no gênero epistolar, manifestando-se em cartas-ensaios, permite certa intimidade entre autor e leitor. Assim, sendo o ensaio uma projeção do pensamento do autor, ele se torna uma especulação, com a qual o leitor está convidado a concordar ou não.

Nesse sentido, podemos dizer que não chegamos a conclusões definitivas, pois, essa breve, intensa e complexa obra *A Resistência*, permite-nos realizar outras relações, bem como reconhecer outros diálogos. Contudo, acreditamos que pudemos constatar e refletir o que nos propusemos a fazer, que foi analisar como se configura a proposta de resistência e suas estratégias presentes na obra de Ernesto Sabato, bem como a *questão da resistência* que se encontra latente em suas obras anteriores, sobretudo, ficcionalizada em seus romances. Essa pesquisa nos possibilitou verificar e refletir a extensa trajetória intelectual e artística do autor, que se encontra permeada por intensas produções e que nos aguça o desejo de continuar pesquisando-o, bem como nos incentiva a prosseguir as nossas reflexões em torno do escritor-intelectual latino-americano no passado e na contemporaneidade.

Como foi possível discutir em nossos *caminhos de reflexão*, o posicionamento

dos intelectuais nos dias de hoje não é o mesmo da época em que prevalecia os poderes autocráticos, as ditaduras, na América Latina. Contudo, vivemos um curso histórico que exige pronunciamentos e comprometimentos críticos e humanos. Nessa perspectiva, não é papel da literatura, na função de arte, representar e narrar a História, os problemas políticos, sociais, culturais, existenciais, etc., mas de manter seu permanente questionamento e interrogações dessas múltiplas realidades que constituem a própria condição humana e a sociedade na qual estamos inseridos, juntamente dos períodos de barbáries e opressões; até porque o presente é produto direto do passado. Pensando no papel da literatura, enquanto provocadora e crítica dessas realidades, é que podemos perceber que, atualmente, a literatura hispano-americana se encontra penetrada de autores que buscam desenvolver a conversão mútua entre o ético e o estético em suas obras (arte resistente), principalmente num momento em que vários países da América Latina estão reabrindo muitos arquivos e revisando seus períodos ditatoriais. Assim, cabe-nos refletir: qual o papel dos intelectuais e da literatura nesses contextos de resgate, ressignificação e reconstrução da memória? Se a arte resiste, ela está debruçada na experiência humana e é propulsora/provocadora da consciência crítica e humana, isto é, a verdadeira literatura resistente é história e ação humana em condições de proteger e encorajar. Desse modo: como ela se manifesta nesses diversos contextos, em que vivemos, enquanto nicho de resistência perante os diversos poderes e sistemas desumanizadores, impedindo que a memória se esvaneça? Qual é a dimensão política dessa arte, e a dimensão poética da política pensada e exercida também pelas representações do intelectual na contemporaneidade? São questões pontuais e atuais, que nos permitem aprofundarmos ainda mais as discussões iniciadas nesse trabalho de dissertação, e que pretendemos seguir pesquisando, pois: “[...] é vasto o campo de pesquisas para quem vê o texto literário como uma formação simbólica grávida de sentimentos e valores de resistência.” (BOSI, 2002, p. 132).

## ANEXOS

As entrevistas que se seguem foram realizadas no início da pesquisa sobre o tema de minha dissertação:

\* Entrevista com Elvira Gonzáles Fraga (esposa de Ernesto Sabato e presidente da *Fundación Ernesto Sabato*): 25/02/2009 na *Fundación Ernesto Sabato*, em Buenos Aires.

\* Entrevista com Janer Cristaldo (tradutor de Sabato no Brasil e estudioso de sua obra da década de 70 até fins de 80): 19/02/2010, primeiramente por e-mail e após em conversa informal em sua casa em São Paulo. É importante ressaltar que Cristaldo é o autor de *Mensageiros das Fúrias* - obra, e autor, que Elvira Gonzáles Fraga irá citar por várias vezes durante a sua entrevista.

**IMPORTANTE:** Durante a entrevista que eu realizei com Janer Cristaldo, por e-mail, ele comentou que ainda não conhecia as obras *Antes del Fin* e *La Resistencia*. Sua tese sobre Ernesto Sabato, defendida na Sorbonne, França, é da década de 80 e seu enfoque foi, sobretudo, nos romances do autor. Em relação às traduções, Janer traduziu até *Abadón, o exterminador*, em 1981. Seu último encontro com Sabato foi durante uma entrevista realizada por ele com o autor no *Programa Roda Viva*, da TV Cultura, em 1994, depois Cristaldo perdeu o contato com Ernesto Sabato e interrompeu suas pesquisas das obras do autor de Santos Lugares.

## ENTREVISTA COM ELVIRA GONZÁLES FRAGA

*Buenos Aires, 25/02/2009*

Esta entrevista que se segue foi concedida por Elvira González Fraga, esposa de Ernesto Sabato, na *Fundación Ernesto Sabato* que se localiza no bairro Palermo em Buenos Aires, Argentina, no dia 25 de fevereiro de 2009, numa quarta-feira. Elvira nos recebeu gentilmente, na fundação, em nome de Sabato: eu (Inês Skrepetz), meu esposo (André Bueno) e minha amiga argentina (Adriana Remys Añido) que reside em Buenos Aires.

**IMPORTANTE:** É de suma importância que eu deixe de maneira evidente que Elvira González Fraga autorizou a gravação desta entrevista, registrada em filmagem de vídeo, bem como a utilização desta no meu trabalho de pesquisa. A entrevista que se segue, em tom de conversa “informal”, foi transcrita na íntegra sem alterações na espontaneidade do discurso, respeitando as interrupções e os silêncios.

**Elvira González Fraga** – Últimamente algunas personas procuran a mí para saber de Sabato porque él ya no recibe más a nadie, ni al presidente Raul Alfonsín que es su gran amigo, y que lo invitó para presidir la CONADEP. El estado emocional de Ernesto se encuentra muy fragilizado así como su salud, la visión está cada vez más fragilizada también, ya no reconoce muy bien las personas. Por eso solo recibe a los más íntimos, que son sus familiares, a él le gusta mucho sus nietos. Hace pocos días su casa fue asaltada y algunos periodistas intentaran hablar con él, pero Ernesto se niega a dar entrevistas, no está bien.

**Inês Skrepetz** – Pienso entonces que te busqué ayer en un momento delicado para hablarnos. ¡Quizá yo fui un poco insistente!... pero yo cometí la osadía de por lo menos intentar y quedo muy feliz que tenga aceptado hablar conmigo ayer y, principalmente, tener marcado este encuentro de hoy.

**EGF** – Ayer cuando me llamó por teléfono yo había acabado de hablar con mis nietos que residen en España. Así, en relación al momento, no decía que fue mejor o peor sino simplemente porque toca que en un momento que uno se acerca rumo ¿qué se acerca? A mí me resultó muy cálida tu manera de hablar, quiero decir, en este tiempo en que el hablar es un arma casi ¿no?, tu hablar era vulnerable ¿entendéis de lo que te digo?

**IS** – ¡Sí!

**EGF** – Tenías un hablar vulnerable, y eso me gustó mucho... y eso me dio vergüenza decirte que no ¿entendéis me dio vergüenza?

**IS** – ¡Sí!

**EGF** – Le comenté a Ernesto, él sabe que a los miércoles yo vengo aquí (Fundación Ernesto Sabato), y hablé así a él "esta mañana me voy a encontrar con una chica que estudia a vos". Bueno ¿tu idea es hacer un trabajo?

**IS** – ¡Sí! ... muy profundo.

**EGF** - ¿Para presentarlo como tesis universitaria?

**IS** – ¡Sí! es como una tesis, en Brasil llamamos de *dissertação de mestrado* ¿comprende?

**EGF** – ¡Sí, sí!

**IS** – Una tesis para la Universidad... que yo tengo esos dos años para profundar, estudiar, entonces es algo bien serio. Serio que yo hablo... porque no es solo una pesquisa... perdón, estudio superficial...

**EGF** – ¡Sí, sí! te entiendo, una investigación, no es solo una investigación sino es un trabajo profundo.

**IS** – ¡Sí! profundo y serio con mucha lectura y sensibilidad, por eso yo cometí la osadía de te llamar ayer.

**EGF** - ¿De qué?

**IS** – de llamarte por teléfono.

**EGF** – ¡No, no, no! ¡Mira!... yo te digo lo que te puedo ofrecer en este inicio... eh... de algunas de las características de Ernesto te voy a decir, lo que yo más he amado en Ernesto es que tuvo siempre una tremenda prioridad en las emociones, en los afectos. Ernesto no hacía nada que no estuviera cargando emocionalmente, tanto para equivocarse, como para no equivocarse, es lo que llamaría una persona sumamente emotiva, ahora está menos, quiero decir, soportablemente que fuéramos... la gente hace veinte y siete años que estamos... que estoy a su lado... yo siempre decía a Ernesto menos... menos... calma... porque en todo ponía un exceso de: "te quiero o no te quiero, me está queriendo o no me está queriendo", eh... como decirte, es como se el plan emocional estuviera siempre adelante: "me da vergüenza, estoy enojado", o sea, estaba siempre con muchas emociones encima. A mí eso fue siempre que más me gustó de Ernesto, porque a mí personalmente me dirigen las emociones, y es difícil que alguien me convenza que es posible hacer

alguna cosa que parece racionadamente lo correcto se las emociones están en contra de esto, sea lo que sea ¿Comprende?

**IS** – ¡Sí!

**EGF** – ¡Bueno! En este sentido, Ernesto es un escritor a la manera de Dostoiévski, de esta personalidad, quiero decir, en Dostoiévski los personajes tienen esa riqueza emocional enorme, y además de tener una riqueza... viven sufriendo y equivocándose porque las emociones uno no las puede balancear, ¿no?, eh... quiero decir, hay grandes escritores, enormes escritores que no tienen una predominancia emocional, unos tienen más, otros tienen menos. Por eso a mí me gustaba el título que no pude acordarme como se llama el autor, pero tu debía buscar... él que escribió sobre Ernesto, y el libro se llama *Mensageiros das Fúrias*, te lo debía buscar porque es muy bueno...

**IS** - ¿Es un autor brasileño?

**EGF** – ¡Sí, sí!

*(O autor brasileiro que escreveu **Mensageiros das Fúrias: uma leitura camusiana de Ernesto Sabato**, e que Elvira se refere, trata-se de Janer Cristaldo, e que ela não consegue recordar o nome. Janer Cristaldo foi o primeiro tradutor das obras de Sabato no Brasil e em 1981 defendeu sua tese de doutorado sobre Ernesto Sabato em SORBONNE, França, com o título de sua obra publicada no Brasil: Mensageiros das Fúrias...).*

**EGF** – Es más... en un momento a Ernesto le hicieron una biografía acá que a él le pareció casi todo mentira. En la que Ernesto parece un hombre mucho sereno, ingenuo... que son como una cosa que él de algún modo no solo permitió, sino que autorizó ¡Que era como se te dijese un Ernesto no tremendo y conflictivo...! Un Ernesto sin grandes pasiones, ¿no?... sereno, pacífico, y habiendo a caminado su vida con su familia normalmente ¿entendéis? Eso no es así...

**IS** – ¿Es un hombre en búsqueda de serenidad, o sea, no es totalmente sereno?

**EGF** – No, no es un hombre así (Elvira se refere à biografía de Sabato realizada por um autor argentino, recentemente). No, no es un hombre...

**IS** –... de la manera de la biografía argentina...

**EGF** – No, no... yo le tenía que convencer (Elvira se refere a Sabato) de que se amigue con su hijo de una manera tipo: ¡“Mira Ernesto, yo te desprecio por esto”!,

así, yo tuve que decir... porque uno de sus hijos se murió, una familia se crió monótona... no es así... ¿Esto está grabando ahora?

*Como Elvira está falando voltada para a câmara digital, que está filmando a entrevista, ela percebe que a câmara “apaga”. Então, rapidamente, eu peço uma PAUSA para que possamos programá-la novamente. Afinal, câmeras de entrevistadoras não-profissionais, como eu, são assim mesmo. Como a minha ousadia de procurá-la foi extremamente repentina..., confesso que eu não estava muito bem preparada com os equipamentos, mas o que vale é a tentativa, o encontro, e em dez segundos programamos a câmara novamente e continuamos a conversa.*

→ O filho morto de Ernesto Sabato, que Elvira se refere, é Jorge Federico Sabato, que morreu em acidente de automóvel alguns anos atrás.

→ O filho que sempre teve uma relação conflituosa com Sabato, citado por Elvira, é Mário Sabato que reside na Espanha e é cineasta – recentemente ele lançou um documentário, na Argentina, sobre a vida do autor: **Ernesto Sabato: Mi Padre**.

*Na continuação a seguir, Elvira prossegue discordando da biografia de Sabato, escrita por um autor argentino, e das demais análises que sempre consideram Ernesto Sabato um homem sem conflitos, dentro de certo “ideal” de escritor passivo ou pacífico, como ela mesmo critica.*

**EGF** – Lo que quiero decir es que Ernesto es un hombre que siempre ha vivido atormentado ¡¡atormentado!! ¿No? Te digo que esta misma persona que escribió esa biografía en que Ernesto parece así... así... muy “tranquilo”...

**IS** – muy sereno...

**EGF** – Sí... ha dicho que “Elvira es la única persona que ha puesto un cambio a tierra a Ernesto”, porque al que me parezca mentira Ernesto y yo nunca jamás hemos discutido en la vida... pero yo soy bastante dócil... de muy aceptar el espacio que la vida me pueda a dar... no soy de luchar por espacio. Entonces lo que yo te puedo ofrecer es... decirte... o tener una entrevista más larga o que me mande... eh, suponerme un cuestionario y entonces yo puedo hacer más...

**IS** – ¡Sí!

**EGF** – De los otros libros de Ernesto ¿cuál es lo que más te gusta? o ¿cuáles son

los momentos de los libros que más le gustan?

**IS** – Ahora que tengo más contacto con las obras porque empecé mi investigación a poco tiempo, pero mi obra de estudio es *La Resistencia*, que yo estoy estudiando más profundamente... que me interesó de principio... y también las novelas como *El Tunel*...

**EGF** – Acá... mira, están todas las versiones de los libros de Sabato, traducidos en varias lenguas, por varios autores... (Elvira apunta para os quadros da parede que molduram as capas dos romances de Sabato, estes que foram traduzidos para vários idiomas, e estão registrados na *Fundación Ernesto Sabato*, no local do nosso encontro).

**IS** – Además de las novelas leí también *Antes del Fin*, que son las memorias del autor...

**EGF** – Sí, yo lo conozco fue yo que puse el nombre del libro...

**IS** – ¡¿Sí?! ¡Qué interesante! Entonces, estoy leyendo ahora más profundamente, para mi investigación, *La Resistencia* y *Antes del Fin*, leí esta obra de las memorias para comprender un poco más Ernesto Sabato, su vida... saber sobre lo que pasó...

**EGF** – Te cuento un poquito, cuanto a la obra... nada más. Ernesto se parecía de carácter... bastante a Juan Pablo Castel (personagem do romance O Túnel), el hombre del túnel ¡bastante...! tenía este modo de ser... que se puede pasar de la mayor vulnerabilidad (indefensión) - esto que yo te decía sobre vos - a ponerse una fiera ¿no?... Su obra principal es *Sobre Héroes y Tumbas*, ¿no sé si vos has leído?

**IS** – ¡Sí, ya!

**EGF** – *Sobre Héroes y Tumbas* es su obra principal. Allí el personaje que más se le acerca es... mira... son varios: Bruno, Martín, Vidal, Alejandra... Por ejemplo, me acuerdo alguna vez que él me preguntó: “¿cuál es el personaje de mujer que más te gusta de mi obra?” - Él estaba supuesto a que yo iba a contestar “Alejandra”, de *Héroes y Tumbas*, y yo le dice: “no, es María Iribarne”, la *d’El Túnel*, y él me dijo “me estás en una contrariedad enorme”, entonces yo le digo “¿por qué?”, y él contesta: “porque María Iribarne es capaz de mentir... ¿no?”. Y yo ya le había dicho una vez que a mí me gusta actuar... y él me había dicho: “para actuar es necesario mentir...” (risos). Entonces juntó los dos ¿no? - le dice: “Bueno a María Iribarne le gusta, necesita mentir; Elvira necesita mentir, pero Castel es capaz de matar”, ¿entendéis?

**IS** – Sí, porque al final Juan Pablo Castel mata a María Iribarne.

**EGF** – ¡Sí!... y él (Sabato) habló: “¡Tienes razón, a lo mejor ella debías que mentir!”

(risos). Sí... Sabato... él está muy relacionado con la literatura de una manera muy apasionada. Ernesto no es nada una persona moderna... de modo de pensar... de modo de pensar no es moderno. Acá trabajamos, un proyecto de Sabato, con los jóvenes “drogadictos”... ¿me hablabas vos que trabajas en un orfanato?

**IS** – ¡Sí! En Brasil yo soy profesora y trabajo con chicos que vivían en la calle y ahora están en un orfanato.

**EGF** – ¿Allí en este orfanato donde vos trabajáis es una orden, qué?

**IS** – Una orden religiosa, cristiana, y quien mantiene el instituto no es el Brasil, es la Italia... “¡perché io parlo italiano!”

**EGF** – ¡Ernesto *anche sei* italiano ! La mamá de Ernesto pero viene de una familia albanesa, yo he ido a Albania con Ernesto... el padre, cambio, es de familia italiana... ¡calabrese, como se denota, como se denota!

**IS** – De la Calabria.

**EGF** – ¡Sí, sí! ¡De la Calabria...! eh... digamos que para tu trabajo yo te podría ayudar tanto en darte bibliografía o decirte... tienen computadora ¿hoy?

**IS** – ¡Sí!

**EGF** – *Mensageiros das Fúrias*, tú tendrías que buscar en el *google*.

**IS** - Usted me habló que fue un brasileño que escribió este libro ¿no?

**EGF** – ¡Sí! ¿Cómo se dice en brasileño *Mensageiros das Fúrias*?

**IS** - ¡Es así mismo! ¿Se acuerda del autor?

**EGF** – ¡No, no me acuerdo!

**IS** - ¡Tranquilo, yo busco!

**EGF** – En el momento que estaba haciendo esta biografía de Sabato, acá en la Argentina, que no tiene mucha verdad. Por eso se había pensado en hacer otra biografía más cercana de la realidad. **Saramago** me había pedido a mí que le hiciera con él, pero “yo le dicho que no”, yo no me querría poner... a hacer una biografía de Ernesto, y **Saramago** me decía: “no, no, no tiene razón, hay que mostrar lo que es un gran hombre, un gran artista y todas las cosas que pasa”. Pero, yo dice que “no podría, no, no, no podría sobre Ernesto... escribir una biografía. Entonces Ernesto me dijo, me dijo, se yo podría escribir y yo le dije que no, entonces me preguntó: ¿“y a quién te parece”? - Y yo le dije “mira, yo le escribiría al autor de *Mensageiros das Fúrias* a ver se él no puede escribir. Pero este libro (nueva biografía de Sabato) que iba a ver para alguien hacer, y no lo hice, porque Ernesto ye se enfermó y ya no iba más a dar entrevistas, y ya me pareció “mejor, no”. Este libro, *Mensageiros das*

*Fúrias*, es un libro que habla sobre distintas modalidades de Ernesto y que pesca que Ernesto es muy acelerado, muy apasionado, y eso está pescado en el tema, muy bien.

**IS** - Sí, uno siente, percibe esto en sus obras, en las novelas...

**EGF** – Sí, sobretodo, cuando lo pone en personajes... es una intensidad de sentimientos, emociones, afectos... ¿Ustedes han visto, leído, un disco que se llama *El Romance de Juan Lavalle*?

**IS** - ¡No! ¿Cómo es?

**EGF** – Es una cantata que Ernesto escribió sobre un argentino que la Historia lo ha señalado como *El Malo*, que es Juan Lavalle, se llama *Romance Muerte de Juan Lavalle*, en el cual también se ve... porque yo pregunté a Sabato: ¿"por qué elegiste a Juan Lavalle"? porque mucha gente se le opuso a los que se hicieran a favor de Lavalle, porque Lavalle mató, en su posibilidad (em sua função), a Don Rego que es una persona que fue mucho más querida, esto estoy te hablando de 1830.

**IS** - ¿Es un personaje de la Historia de la Argentina, no? Que también está presente en el romance *Sobre Héroes y Tumbas* de Sabato.

**EGF** – ¡Sí! Entonces Ernesto me dijo que a él le había llamado poderosamente lo que era "la vida de un perdedor".

*Elvira resume a vida e a história de Juan Lavalle e nos entrega uma fita de vídeo com a apresentação desta contata Romance y Muerte de Juan Lavalle, uma peça que foi escrita por Ernesto Sabato e interpretada na voz de Mercedes Sosa, no teatro de Buenos Aires, 1998.*

**EGF** – A Ernesto siempre le interesó pensar en el hombre, en el ser humano concreto. Antes de me conocer Sabato no era creyente, su vida era con base en el pensamiento de Sartre de que "la vida es una pasión inútil"... pero después percibió que vale la pena hacer el *Bien*. A poco tiempo de escribir *Antes del Fin* me acompañó a Francia, porque todos los años me voy a Francia... y a la catedral de Notre Dame. En este viaje Ernesto me acompañó hasta la iglesia... quedó el tiempo todo en silencio y solo lloraba con sus pensamientos... ¡fue una experiencia inolvidable! En sus novelas, Ernesto siempre está preocupado con el ser humano, en sus varios conflictos, le interesa investigar sobre la presencia del *Mal*...lo qué significa la atracción sobre la presencia del Mal. ¡Procure esto en *Sobre Héroes y*

*Tumbas!* Lo que Sabato siempre está queriendo decir, también, es “no dejes para mañana lo que puedes hacer hoy”, o sea, cambiar la realidad... humanizarse.

**IS** - ¡Sí! yo voy a investigar esto.

**EGF** – De ahora ¿tiene más alguna cosa de que deseas saber?

**IS** - ¡Sí! Como toda obra es intencional, me gustaría saber ¿cuáles son los motivos que llevaron Sabato a escribir la obra *La Resistencia*, en 2000?

**EGF** – ¡Bueno! Uno de los principales objetivos de Sabato, al escribir *La Resistencia*, en 2000, es que seamos capaces de iniciar un nuevo milenio en búsqueda de alternativas para superar nuestras crisis y cambiar la nuestra realidad, o sea, conseguir modificaciones necesarias, sin que, para esto, tengamos que pasar por otra guerra.

**IS** - Conforme el traductor de esta obra de Sabato, en Brasil, Sérgio Molina: “La Resistencia es su mensaje en la botella en búsqueda de interlocutores que aún no se deshumanizaran” ¿qué piensas sobre esto?

**EGF** – ¡Sí, sí! yo conozco esta traducción... y sobre las cartas, esta es la otra intención de Sabato. A Ernesto siempre le gustó escribir y cambiar cartas con varias personas, principalmente, con los jóvenes, que siempre lo procuraran en conversas personales y por medio de cartas \_\_ esto claro, cuando su visión y estado de salud aún permitían. Por eso que otro objetivo de Ernesto en escribir *La Resistencia*, en forma de cartas, fue justamente por su costumbre y pasión en escribirlas y cambiarlas, entre varios amigos, conocidos, lectores. Pero, principalmente, entre los jóvenes angustiados que siempre lo buscaran.

**André Bueno** - ¡Quizá sea por su comprensión a ellos... y la serenidad!

**EGF** – Permítame contestarlo... Sabato no es sereno, es un hombre furioso... ¡Ernesto es un hombre en búsqueda de serenidad! Bueno, yo la puedo ayudar más, vamos mantener contacto...

*No início desta entrevista, Elvira já havia me informado que só poderia me receber por meia hora, pois tinha alguns compromissos e assuntos para resolver. Enfim, o que era para ser em meia hora acabou se tornando em uma hora de conversa bastante proveitosa. Ao final, pedi para que ela autografasse a obra A Resistência em nome de Sabato e ela assinou com todo prazer e acrescentou:*

**EGF** – Sabato ahora ni siquiera pinta más cuadros casi, esta que... la pintura

siempre fue una de sus grandes pasiones... mucho menos escribe porque le tiembla la mano y su visión está cada vez peor, es un proceso de ceguera avanzada.

*Agradecei à Elvira a dedicatória que ela me fez, e no momento que ela escreveu “en nombre de Ernesto Sabato” fiquei curiosa porque ela não acentuou o sobrenome do autor “Sábato”, então perguntei o porquê, e ela me respondeu rapidamente, pois um telefonema estava aguardando por ela:*

**EGF** – Después que Ernesto escribió *Abadón*, él prefiere firmar sin acento: SABATO, que es uno de los personajes de esta novela.

*Elvira voltou do telefonema e eu pedi a ela para que pudéssemos tirar algumas fotos da Fundación Ernesto Sabato, gentilmente consentiu e até pousou para algumas ao nosso lado, registrando, assim, este profundo momento, que me permitiu conhecer Ernesto Sabato, e suas obras, um pouco mais intimamente.*

*Buenos Aires, fevereiro de 2009.*

## FRAGMENTO DA ENTREVISTA COM JANER CRISTALDO

*São Paulo, 19/02/2010.*

**Inês Skrepetz** - Quem é Sabato para Janer Cristaldo?

**Janer Cristaldo** - Foi um bom acontecimento em minha vida. Em Buenos Aires, certo dia, comprei **Sobre Héroes y Tumbas**. Fui a um bar, creio que na Lavalle com Suipacha, para um "trago largo". Abro o livro e me deparo com a nota policial que abre o livro: um crime e um suicídio ocorridos em circunstâncias misteriosas, frutos aparentemente de um gesto de loucura. Mas certas inferências conduziam a uma hipótese mais tenebrosa, em virtude de um estranho **Informe sobre Ciegos** que Fernando Vidal Olmos havia concluído na noite de sua morte. Não interrompi mais a leitura. Mais ainda, comprei todos os demais livros do autor. Passei aqueles dias todos em Buenos Aires, mergulhado na leitura de Sábato. E ainda mais: comprei outros exemplares de cada livro para presentear amigos. Em **Abbadón, el Exterminador**, encontrei esta mensagem jogada ao mar, dirigidas a "un querido y remoto muchacho": "Te desanimás porque no sé quién te dijo no sé qué. Pero ese amigo o conocido (que palabra más falaz!) está demasiado cerca para juzgarte, se siente inclinado a pensar que porque comés como el es tu igual; o, ya que te niega, de alguna manera es superior a vos. Es una tentación comprensible: si uno come con un hombre que escaló el Himalaya, observando con suficiencia como toma el cuchillo, uno incurre en la tentación de considerarse su igual o superior, olvidando (tratando de olvidar) que lo que está en juego para ese juicio es el Himalaya, no la comida. Y por eso tan pocas veces el creador es reconocido por sus contemporáneos: lo hace casi siempre la posteridad, o al menos esa espécie de posteridad contemporánea que es el extranjero. La gente que está lejos. La que no ve cómo tomás el café o te vestis". Isso foi em 75. Na época, eu andava um tanto desbussolado. Estava pensando em isolar-me do mundo e cheguei a fazer concurso para trabalhar em um farol na costa brasileira. Escrevia, mas sem muita convicção. Escrevi a Sabato, pedindo permissão para traduzir aquele capítulo de **Abbadón**. Enviei-lhe junto um artigo que escrevi sobre a descoberta de sua obra. Não tinha muita esperança de resposta. Para minha surpresa, uma semana depois, daquele

homem que eu imaginava encerrado em algum hospício, com camisa-de-força, recebi uma afável carta:

*Santos Lugares, 1 de agosto de 1975*

*Mil gracias, querido y generoso Cristaldo, por su hermosa carta, por sus buenos deseos, por todo. Y además por su artículo en el diário.*

*Espero que en próxima correspondencia me envíe algo de lo que escribe, aunque, lamentablemente, mi conocimiento del português es muy precario: puedo leer con pleno sentido un ensayo, pero difícilmente una obra narrativa, en que el lengua es mucho más rico y sutil.*

*Lo que recomienda su amigo argentino ("Deixe de pesquisar Sabato e pesquise seu próprio interior") es válido en algun sentido, no en outro. Entiéndame que no hablo de mi obra, pues podría ser la obra de todos los escritores que sobre usted han tenido y tienen influencia: el conocimiento de uno mismo pasa por el conocimiento de los demás, y particularmente por el de los seres que han ahondado en la condición del hombre; esa es la dialéctica existencial que nos rige y que Kierkegaard expresó diciendo, más o menos: "Más ahondamos em nuestro corazón, mas ahondamos em el corazón de los otros". Y reciprocamente, cabría agregar. En lo su amigo tiene plena razón es que no debe limitarse a un autor.*

*Sí, mi obra no es conocida en Brasil. Pues la edición de EL TUNEL está agotada y no se reedito jamás. Y HEROES salió en Portugal. De la edición brasileira nada sé, pues parezco condenado por alguna maldición. Fuera de lo sobrenatural, hay algo muy simple: no pertenezco a ninguna logia o máfia literária, vivo en un Rincón del mundo y no tengo um agente literario como la senõra Carmen Balcells, que promueve casi militarmente las obras del grupo de Cortázar, Fuentes, V. Llosa y G. Márquez.*

*Qué le puedo hacer, así es mi destino. Hace tiempo que me he resignado a este destino de soledad, al que yo mismo me he condenado por mi independencia política e por **mi resistencia** a apoyar movimientos de moda, tanto en lo político como en lo literário. Si relee la "carta a un remoto joven" lo comprenderá.*

*Si usted puede hacer algo para que esa misteriosa editorial brasileira Artenova acelere la edición de HÉROES, le quedaré muy agradecido. En cuanto a lo que me propone com EL ESCRITOR Y SUS FANTASMAS, le mandaré pronto las pruebas de galera de una edición totalmente rehecha, que es la que será traducida en*

*algunos países europeos. Mientras tanto, te envío un librito mío como pequeño testimonio de profundo reconocimiento y de afectuosa amistad.*

*E. Sabato*

Fiquei perplexo com a atenção que o escritor me concedia. Ao que tudo indicava, o homem não estava em camisa-de-força. Daí decorreu uma longa amizade, encontros em Santos Lugares, Buenos Aires, Paris e São Paulo. E uma correspondência de meia centena de cartas, de parte a parte. Quando me candidatei a uma bolsa em Paris, decidi que estudaria sua obra. Antes de partir, como tomava um navio em Buenos Aires, fui visitá-lo. O convite de traduzir toda sua obra ocorreu quando estava em Paris. Comecei com **Sobre Héroes y Tumbas**, retraduzi **El Túnel** e avancei por **Abbadón** e seus ensaios. Traduzir um autor complexo como Sábato - pelo menos que diz respeito à sua ficção – é sempre um desafio. Para mim era uma forma de unir o útil ao agradável. Se pretendia desenvolver uma tese sobre o argentino, a tradução me obrigava a lê-lo vírgula a vírgula. A tradução de Sábato no Brasil teve muitos percalços. Os direitos autorais estiveram em mãos de pelo menos duas editoras, sem que nada fosse publicado. Sábato acabou assinando contrato com a Francisco Alves, do Rio e convidou-me para traduzi-lo. Eu estava terminando a tradução de **Héroes**, quando o professor Deonísio Toledo me envia uma nota do **Jornal do Brasil**, que dizia este livro já estar em fase de impressão. Comuniquei-me com Sábato. Sua resposta:

*11 de setiembre*

*Mi querido Cristaldo:*

*La condición que puse a Editora Alves es que se empleará su traducción o ninguna otra. Estoy esperando ahora la respuesta, pero sin duda será así. Estaremos en Paris desde el 1º de noviembre hasta el 10, em el Hotel d'Isly. Um abrazo muy fuerte y cariñoso para los dos,*

*E. Sabato*

Sei lá que intrigas ocorreram, mas foram conjuradas. Meu orientador jamais ouvira falar nem do autor nem de sua obra. Depois de minha tese, escreveu um livro sobre Sabato e saiu a fazer palestras sobre ele na Europa. Ou seja, contribui um pouco para a educação de meu professor e para uma maior difusão de Sabato no velho

continente. Que representa hoje Sabato para mim? Foi uma boa experiência conhecê-lo, foi um belo desafio traduzi-lo. Foi um interlocutor fascinante e muito me honra ter merecido sua amizade.

**IS** - Dentro da sua autoridade como tradutor de Sabato, como você compreende a produção literária deste autor, tão marcada pelos seus romances e, no entanto, que produziu muito mais ensaios e críticas do que propriamente Literatura?

**JC** – É um dos mais importantes escritores latino-americanos, que por muito tempo foi sabotado pelas esquerdas, por ter ousado denunciar o comunismo. Houve época em que, ao falar-se em literatura latino-americana, dizia-se: Borges, Cortázar, Garcia Márquez, Vargas Llosa, etc. E só. Cheguei um dia a perguntar a Sábato se não estava escrevendo com o pseudônimo de Etc. Tendo escrito apenas três ficções em sua vida, conseguiu um grande momento na ficção latino-americana, com **Sobre Hérois y Tumbas**. Mas cometeu um grave equívoco em **Abbadón**, ao fazer o hagiológico de um dos mais frios assassinos do continente, seu conterrâneo Ernesto Che Guevara. Pelo jeito foi uma recidiva de seus dias de marxismo. Em minha tese, dediquei um capítulo a este capítulo do livro. Na época, eu considerava que um escritor, uma vez que toma um personagem histórico como personagem, tem todo direito de pintá-lo a seu modo. Hoje, não penso assim. Embarquei no equívoco do outro Ernesto. Sabato nasceu em 1911, seis anos antes da Revolução de 17, que se pretendia a redenção da humanidade. Em sua juventude, não se tinha conhecimento dos crimes de Lênin e muito menos, mais tarde, dos crimes de Stalin. Estes só começaram a ser conhecidos em meados dos anos 30. Ora, em 1930, Sabato participava ativamente do Partido Comunista argentino. Em 1934, começam suas discordâncias políticas e filosóficas com o marxismo, o que faz com que os dirigentes do partido o enviem às Escolas Leninistas de Moscou, mas antes deve participar do Congresso contra o Fascismo e a Guerra, em Bruxelas, presidido por Henri Barbusse. Encontra-se com dirigentes do mundo todo e confirma suas suspeitas, que culminam com o começo dos "processos" de Moscou. Decide fugir do congresso e vai para Paris, onde passa o inverno de 34-35 na clandestinidade e na miséria. Rompe com o Partido, que abandona lá por 35 ou 36, por ocasião das primeiras purgas de Stalin. Foi quando desceram do barco Camus, Koestler, Gide, Ignazio Silone, Louis Fischer, Stephen Spender, Richard Wright. **Desde então**,

**Sabato tem sido um crítico feroz dos regimes totalitários socialistas. Foi um homem que viveu as contradições do século que percorreu desde o início.** Foi honesto quando passou a militar no Partido e mais ainda quando o abandonou.

Sua ruptura: "Enojado com a escravidão moral, intelectual e física que o stalinismo impunha, consciente do divórcio que provocava entre a realidade de nosso país e o regime soviético e, enfim, tendo tomado consciência de que muito pouco restava da teoria marxista na escolástica que se injetava na Rússia, inclusive com tortura e morte, acabei por deixar o movimento pelo qual havia abandonado família, estudos e segurança. Nos quase quarenta anos então transcorridos, jamais reneguei os ideais de justiça social e de liberação nacional, como creio ter provado através de minhas atitudes públicas".

*É escritor que não morre. **Sobre Héroes** é definitivamente um clássico da literatura do continente.*

Um abraço, querida Inês.

Janer Cristaldo.

*São Paulo, 19/02/2010*

## REFERÊNCIAS

### Obras do autor *Ernesto Sabato*:

- SABATO, E. **Uno y El universo**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **La Resistencia**. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.
- \_\_\_\_\_ **A Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_ **Abaddón, el exterminador**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Antes del fin**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Apologías y rechazos**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **El escritor y sus fantasmas**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **El Túnel**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **O Túnel**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- \_\_\_\_\_ **Heterodoxia**. Campinas: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_ **Hombres y engranajes**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Informe sobre ciegos**. Buenos Aires: Emecé, 2008.
- \_\_\_\_\_ **La cultura en la encrucijada nacional**. Buenos Aires: Sudamericana, 1982.
- \_\_\_\_\_ **Nunca mais!** Porto Alegre: L&PM, 1984.
- \_\_\_\_\_ **Sobre Heróis e Tumbas**. Buenos Aires: Seix Barral, 1980.
- \_\_\_\_\_ **Querido y remoto muchacho**. Buenos Aires: Losada, 1998.
- \_\_\_\_\_ **España en los diarios de mi vejez**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.
- \_\_\_\_\_ **La convulsión política y social de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Edicom, 1969.

### Críticas sobre Sabato:

- BARONE, O. **Borges e Sabato: diálogos**. São Paulo: Globo, 2005.
- CONSTENLA, J. **Medio siglo con Sabato: Entrevistas**. Buenos Aires: Textos libres, 2000.
- CORREA, M. **Genio y figura de Ernesto Sabato**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.
- CRISTALDO, J. **Mensageiros das Fúrias**. Florianópolis: UFSC, 1983
- DELLEPIANE, A. **El concepto de postmodernidad y la obra de Ernesto Sabato**. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- GONZÁLES, H. **Historia crítica de la literatura argentina**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

- LOJO, M. **Modernidad, postmodernidad y transgresión en la estética sabatiana**: Diseminación poética, derrota de la utopía, cuerpos que retornan. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- LOJO, M. **Sabato: en busca del original perdido**. Buenos Aires: Corregidor, 1997.
- LONGONI, E. **Sabato – Fotografías de Eduardo Longoni**. Buenos Aires: Seix-Barral, 1994.
- MARTÍN, A. **Ernesto Sabato y la técnica novelesca cervantina**. Org. BARCHINO, M. **Territórios de la Mancha**: versiones y subversiones cervantinas en la literatura hispanoamericana. La Mancha: Servicio de publicaciones de la Universidad de Castilla – La Mancha, 2007.
- PETREA, M. **Del ¿Por qué? Al ¿Para quién?:** Pasado, Presente y Futuro en la creación artística de Ernesto Sabato. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- SAMPAYO, C. **Ensayo: informe sobre ciegos**. Barcelona: Seix Barral, 1993.
- SAUTER, S. **Sabato: símbolo de un siglo**. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- URBINA, N. **Ernesto Sabato: Representante del siglo XX**. Buenos Aires: corregidor, 2005.
- YUDICELLO, L. **La utopia negra de Ernesto Sabato**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

#### **Obras e demais fontes de apoio:**

- ADORNO, T. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_ **Notas de Literatura**. Barcelona: Ariel, 1985.
- \_\_\_\_\_ & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALBERTI, V. **Literatura e Autobiografia**: a questão do sujeito na narrativa. In **Estudos Históricos**, volume 4, número 7. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- ANDRADE, C. **Primeiros Versos de “Nosso Tempo”**. São Paulo: Scipione, 1991.
- ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_ **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BATAILLE, G. **A literatura e o mal**. São Paulo: L&PM, 1989.
- BAUDELAIRE, C. **Coletâneas: poetas malditos**. Lisboa: Verbo, 1972.
- BEIRED, J. **Breve História da Argentina**. São Paulo: Ática, 1996.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_ **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_ **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- \_\_\_\_\_ **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Medo Líquido.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BOBBIO, N. **Elogio da serenidade e outros escritos morais.** São Paulo: UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_ **Os intelectuais e o poder:** Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1996.
- BORGES, J. **Ernesto Sabato.** *La Gaceta de Hoy*, 20/12/1984. In: STORTINI, C. **Dicionário de Borges.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- BOSI, A. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_ **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_ **Ideologia e Contraideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_ **Preces de resistência.** *Entrevistas carta Capital.* Disponível em: <<http://write4.net/1tb>>. Acesso em: 05/07/2010.
- \_\_\_\_\_ **Dialética da Colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_ **Entrevista ao Jornal da USP.** Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003>>. Acesso em: 18/04/2010.
- CAMUS, A. **O homem revoltado.** Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1989.
- CAZUZA. **Ideologia.** Disponível em: <<http://www.letras.terra.com.br>>. Acesso em: 25/11/2010
- CHAUÍ, M. **O que é Ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COLETTE, J. **Existencialismo.** Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DISCÉPOLO, S. **Cambalache** . Disponível em: <<http://www.patriagrande.net/argentina.htm>>. Acesso em: 10/01/2010.
- FANLO, L. **¿Qué es la argentinidad?** Disponível em: <http://luisgarciafanlo.blogspot.com/2009/11/que-es-la-argentinidad-1.html>>. Acesso em: 03/01/2010.
- FIORIN, J. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1999.
- FRANCO, J. **Historia de la Literatura Hispanoamericana.** Barcelona: Ariel, 2006.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a libertação.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREITAG, B. **A teoria crítica: ontem e hoje.** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GIECO, L. **La memória.** Disponível em: <<http://fmeduccion.com.ar/Escritos/Letras.htm>>. Acesso em: 05/01/2010.
- GOMBROWICZ, W. **Diário 1.** Madri: Alianza, 1988.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos, o breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- KAFKA, J. **O Processo**. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LAW, S. **Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LEJEUNE, P. **O Pacto Autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LE GOFF, J. **Memória – História**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- \_\_\_\_\_ & SCHMITT, J. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.
- MACHADO, A. **Extractos de Provérbios y cantares (XXIX)**. Disponível em: <<http://www.poemas-del-alma.com.htm>>. Acesso em: 03/06/2010.
- MANDELA, N. **Apartheid na África do Sul**. In: *História Viva*, 2010.
- MARKUN, P. **O melhor do Roda Viva**. São Paulo: Cultura, 2005.
- MATTELART, NEVEAU, E. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MELQUIOR, J.G. **Situação do escritor**. In: **América Latina em sua Literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MATEUS. In: **BÍBLIA Sagrada**. 91. ed. São Paulo: Ave Maria, 1993. Cap. 8, vers. 20.
- MENTON, S. **Historia verdadera del realismo mágico**. Tierra firme, 2002.
- NOVAES, A (org.) **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NOVARO, M; PALERMO, V. **A Ditadura Argentina 1976-1983. Do golpe de estado à Restauração Democrática**. São Paulo: Edusp, 2007.
- OLIVEIRA, L. **Do nunca mais ao eterno retorno: uma reflexão sobre a tortura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTEGA y GASSET, J. **La deshumanización del arte**. Barcelona: Editorial Optima, 1998.
- PAZ, O. **Os filhos do barro: do Romantismo à Vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PESSOA, F. **O eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PIZARRO, A. **Entrevista com Ana Pizarro: o intelectual e a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, 2009.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível. Estética e Política**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_ **Será que a arte resiste alguma coisa?** In: LINS, D. (org.) **Nietzsche e Deleuze. Arte e Resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2005. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- \_\_\_\_\_ **Política da Arte**. In: LINS, D. (org.) **Nietzsche e Deleuze. Arte e Resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2005. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

RICOEUR, P. “**O Perdão pode curar?**” in HENRIQUES, F. (org.) **Paul Ricoeur e a simbólica do Mal**. Porto: Afrontamento, 2005.

\_\_\_\_\_ **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_ **O percurso do reconhecimento** São Paulo: Unicamp, 2007.

RIMBAUD, A. **Rimbaud por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ROMERO, L. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SAID, E. **Cultura e resistência**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

\_\_\_\_\_ **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_ **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ **Entrevista**. Disponível em: <http://www.planetaeducação.com.br>. Acesso em: 20/08/2010.

\_\_\_\_\_ **Palabras de José Saramago en la recepción del *Honoris Causa* que se le otorgó a Ernesto Sabato por la Universidad Carlos III**. In: SABATO, E. **Espanña en los diários de mi vejez**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

SARLO, B. **Una modernidad periférica**. Buenos Aires: Nueva visión, 1998.

SARTRE, J. **Existencialismo e Liberdade**. São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_ **O testamento de Sartre**. Porto Alegre: L & PM Editores, 1986.

\_\_\_\_\_ **Existencialismo**. Porto Alegre: L & PM, 2009.

SEIXAS, R. **Ouro de tolo**. Disponível em: <<http://www.letras.terra.com.br>>. Acesso em: 12/05/2010.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 2009.

\_\_\_\_\_ **Literatura não é teoria, é Paixão**. In *Revista Bravo*. Disponível em: <<http://bravoonline.abril.com.br>>. Acesso em: 08/07/2010.

TOSCANO, A. **Os últimos anos da literatura argentina**. Lisboa: *Jornal das Letras*, 2003.

VALVERDE, M. **Carta, um gênero ficcional ou funcional?** Évora: Universidade de Évora, 2001. Disponível em: <[www.eventos.uevora.pt/comparada/volume1/htm](http://www.eventos.uevora.pt/comparada/volume1/htm)>. Acesso em: 09/07/2008.

VERGARABAT, B. **Argentinidad al palo**. Disponível em: <http://www.cancionerolatino.com.ar>. Acesso em: 15/01/2010.

ZEA, L. **América como consciência**. México: Cuadernos Americanos, 1953.

### **Entrevistas e pronunciamentos concedidos por Sabato a diversas mídias:**

CONSTENLA, J. **Medio siglo con Sabato. Entrevistas.** Buenos Aires: textos libres, 2000.

EL COMERCIO. **Corte argentina declaró inconstitucional indulto a los dictadores.** 13/06/2010.

FILHO, A. **O balanço existencial de Sabato.** *Estado de São Paulo, Caderno Cultura.* São Paulo, 04/05/2008.

GONZÁLES, H. **Camus no Rio da Prata: A presença do autor de *O Estrangeiro* na obra e nas intervenções públicas do escritor argentino Ernesto Sabato.** *Folhetim.* São Paulo, 06/01/1985.

SABATO, E. **O mundo inconformista de Ernesto Sabato: louco trágico, heróico.** *Estado de S. Paulo.* São Paulo, 29/08/1981.

\_\_\_\_\_ **Sabato acusa militares argentinos de incompetência,** *Jornal do Brasil,* 04/07/1982.

\_\_\_\_\_ **O escritor em seu ofício.** *Revista Isto é.* São Paulo, 05/05/1982.

\_\_\_\_\_ **Sigam os sonhadores.** *Veja.* São Paulo, 10/11/1976.

\_\_\_\_\_ **Sabato reportado por Vargas Llosa.** *Periódico Clarín.* Buenos Aires, 11/08/1981.

\_\_\_\_\_ **Política.** Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br>>. Acesso em: 05/06/2010.

\_\_\_\_\_ **Desaparecidos, uma ferida aberta na história argentina.** *Folha de São Paulo.* São Paulo, 23/09/1984.

\_\_\_\_\_ **Nunca más.** *Periódico El País.* Barcelona-España, 1985.

\_\_\_\_\_ **Política.** *Bravo.* São Paulo, 11/1999.

\_\_\_\_\_ **Ideologías.** *Periódico El País.* Barcelona-España, 03/1987.

\_\_\_\_\_ **O fogo purifica.** *Veja.* São Paulo, 22/07/1987.

\_\_\_\_\_ **Ernesto Sabato se califica de “anarcocristiano”.** *Periódico El País.* Barcelona-España, 09/04/1992.

\_\_\_\_\_ **Entrevista/Sabato.** *Periódico El Tiempo.* Bogotá-Colombia, 22/06/1997.

\_\_\_\_\_ **Encontro com Sabato.** *O Globo.* Rio de Janeiro, 06/12/1981.